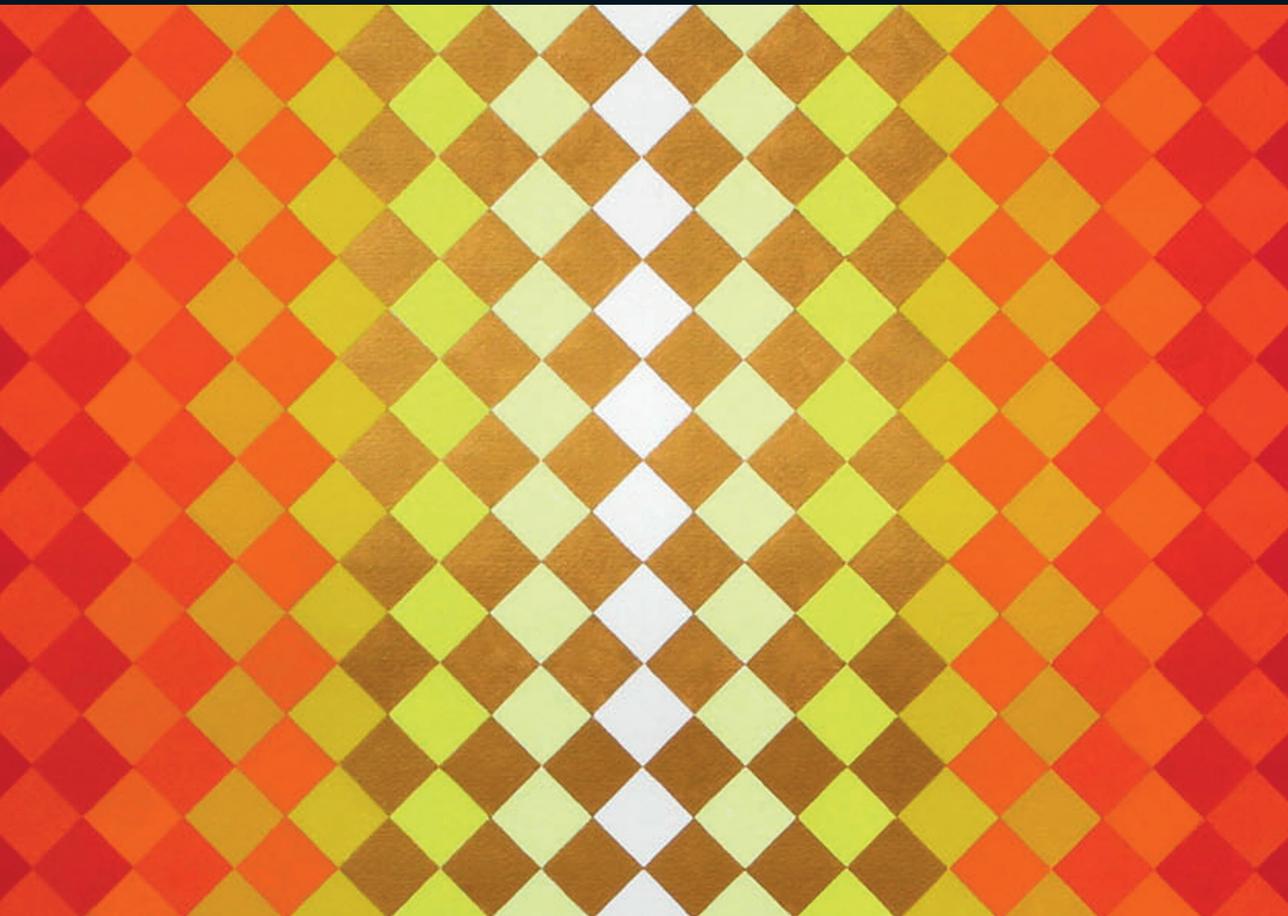


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



A RELÍQUIA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021 *Carlos Reis, Maria Eduarda Borges dos Santos e Imprensa Nacional-Casa da Moeda*

Título: A Relíquia

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Série «Cor-luz», 2008,
da autoria de Eduardo Nery
guache sobre papel;
56,5 cm × 74 cm;
coleção do autor

Data de impressão: dezembro de 2021

ISBN: 978-972-27-2943-7

Depósito legal: 487 153/21

Edição n.º 1024846



IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- * O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarin
- * A Relíquia
- * Os Maías
- * Contos I

Semipóstumos e póstumos

- * A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.^a
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- * Textos de Imprensa I
- * Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas Públicas
- Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

- * Almanques e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

- * Philidor
- * As Minas de Salomão

- * Volumes publicados

A RELÍQUIA

Frontispício da 1.ª edição d'*A Relíquia* (1887)

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EÇA DE QUEIROZ

A RELIQUIA

Sobre a nudez forte da Ver-
dade — o manto diaphano da
Phantasia.

PORTO

TYP. DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA

Rua da Cancellia Velha, 70

1887

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Não-póstumos

A Relíquia

Sobre a nudez forte
da Verdade — o manto
diáfano da Fantasia.

Edição de
Carlos Reis
e Maria Eduarda Borges dos Santos

Imprensa Nacional
2021

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nota prefacial

A edição crítica d'*A Relíquia* que agora se publica integra-se numa série editorial que chega ao seu 20.º volume. A presente publicação é, então, o resultado parcial de um projeto de investigação designado como Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, projeto desenvolvido desde há quase três décadas, com a colaboração de alguns dos mais destacados estudiosos em matéria queirosiana; trata-se, como é sabido, de rever e de fixar o cânone textual queirosiano, objeto de percalços vários, desde o tempo de Eça e por razões que os títulos já publicados têm procurado esclarecer. Para além disso, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós propõe-se fazer a história de cada texto, entendida como contributo decisivo para incutir segurança e fundamento àquela revisão.

O romance *A Relíquia*, publicado pela primeira vez em 1887, ocupa um lugar singular na produção literária queirosiana. Estamos perante uma obra que se situa na linha da literatura e do pensamento anticlericais, muito férteis no século XIX, e que diretamente se relaciona com as resistências e com as contradições que a laicização da vida pública portuguesa enfrentou, desde o advento do Liberalismo. Por isso, a história do texto, no caso d'*A Relíquia*, não pode deixar de contemplar esta que é uma questão com larga tradição na cultura portuguesa.

O relato em que Eça quis pôr «o manto diáfano da Fantasia» sobre «a nudez forte da Verdade» tem uma outra história, esta de caráter pessoal. Liga-se ela à experiência do escritor como viajante e à digressão que, ainda jovem, fez por terras do Egito e da Palestina. Muito do que ficou dessa jornada está projetado no texto d'*A Relíquia* e em abundantes e quase sempre saborosas notas de viagem, muitas delas deixadas inéditas. Na época, estava ainda bem viva uma sensibilidade romântica que não resistia ao forte apelo das origens do Cristianismo,

nos lugares exóticos que foram o seu berço. Eça não desprezou esse apelo.

A história literária d'*A Relíquia* envolve também as reações que a burlesca história de Teodorico Raposo provocou no Portugal conservador, sisudo e beato da época. A polémica do escritor com Pinheiro Chagas, por causa do prémio da Academia Real das Ciências de Lisboa, é um testemunho eloquente da incomodidade que o quase blasfemo romance provocou, na cena cultural portuguesa. Uma incomodidade que, evidentemente, era acentuada pela corrosiva ironia queirosiana, levada ao extremo neste texto.

Em vida de Eça de Queirós, *A Relíquia* teve duas edições em livro e uma publicação na imprensa, mais propriamente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro. Este era um procedimento corrente na época — ou seja, a inserção num jornal brasileiro, pouco antes ou em simultâneo com a edição em livro —, por razões que a introdução, que adiante pode ler-se, circunstanciadamente explica. Para além disso, a 2.^a edição não terá conhecido, quase seguramente, a intervenção direta do escritor, sempre desejoso, como se sabe, de voltar sobre textos publicados e de reescrever (e corrigir e voltar a corrigir...) o que fora publicado. Coisa que, evidentemente, perturbava o calendário dos editores e os respetivos interesses comerciais.

Tal como aconteceu com outros títulos desta série editorial, a edição crítica d'*A Relíquia* decorre do trabalho conjugado de dois investigadores. Neste caso, o autor desta nota prefacial contou com a colaboração de Maria Eduarda Borges dos Santos, uma estudiosa com provas dadas no campo dos estudos queirosianos; atesta-o bem a sua tese de doutoramento, intitulada *Da Identidade Feminina na Ficção Portuguesa de Oitocentos: Voz(es) de Mulher, Perspetiva(s) de Autor*, defendida na Universidade de Salamanca, em 2012, bem como diversas publicações em revistas e em atas de congressos. À edição crítica d'*A Relíquia* trouxe Maria Eduarda Borges dos Santos o rigor, a concentração e a ética da responsabilidade que distinguem os verdadeiros investigadores.

Por fim, reitera-se o que foi feito noutros textos prefaciais desta coleção, ou seja, expressar o agradecimento do coordena-

dor desta série editorial à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a quem preside aos seus destinos e a quantos nela vêm tornando possível, com o seu labor, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Sem essas vontades e sem o sentido patrimonial que nelas transparece, seria muito difícil fazer avançar e levar ao seu termo este projeto.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	17
1. <i>A RELÍQUIA</i> EM CONTEXTO ANTICLERICAL	17
2. HISTÓRIA LITERÁRIA E GÊNESE D' <i>A RELÍQUIA</i>	26
3. A PUBLICAÇÃO D' <i>A RELÍQUIA</i>	45
4. OS COMEÇOS DA FORTUNA CULTURAL D' <i>A RELÍQUIA</i>	60
5. CRITÉRIOS EDITORIAIS	69
TEXTO CRÍTICO	73
A RELÍQUIA [PRÓLOGO]	75
[CAPÍTULO] I	79
[CAPÍTULO] II	129
[CAPÍTULO] III	177
[CAPÍTULO] IV	257
[CAPÍTULO] V	275
<i>Notas biobibliográficas</i>	313

INTRODUÇÃO

1. *A RELÍQUIA* EM CONTEXTO ANTICLERICAL

1.1. A história do texto d'*A Relíquia*, estágio de análise indispensável para uma sua edição crítica fundamentada, é parte de uma outra história mais vasta: a da questão religiosa e clerical, objeto de importante bibliografia crítica e motivo de controvérsia, também por causa deste romance. Torna-se necessário darmos alguma atenção aos termos em que Eça de Queirós se colocou perante aquela questão, para entendermos a gênese d'*A Relíquia*, no seu adequado enquadramento histórico-literário.

Note-se, antes de avançarmos, que estão aqui em equação dois temas autónomos, se bem que correlatos. Um daqueles temas, mais abrangente e, por assim dizer, genérico, diz respeito à religião, particularmente ao catolicismo, tema de reflexão crítica por uma parte da chamada Geração de 70; a conferência de Antero de Quental no Casino Lisbonense, em 27 de maio de 1871 (a conhecida «Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos») é bem expressiva, neste aspeto, ao apontar «a transformação do 'catolicismo', pelo Concílio de Trento», como um dos fenómenos em «que se devem buscar e encontrar as causas da decadência da Península»¹.

¹ Antero de Quental, «Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos», *apud* C. Reis, *As Conferências do Casino*, Lisboa, Alfa, 1990, p. 106. A questão da religião em Eça está abundantemente representada na

Neste contexto, o anticlericalismo é um domínio específico de debate e de crítica, com larga tradição na cultura e no imaginário português². Com as mudanças políticas e ideológicas operadas em Portugal, no período que vai da instauração do Liberalismo até ao Estado Novo, acentuam-se as tensões entre a Igreja e o Estado, com todas as repercussões sociais que essas tensões inevitavelmente provocaram³. Para de novo nos restringirmos ao âmbito da Geração de 70, adiantamos que o anticlericalismo de Eça de Queirós, como o de Guerra Junqueiro, n'*A Velhice do Padre Eterno* (1885), remete para os perigos sociais da revitalização do poder temporal do clero; tal revitalização era, afinal, uma consequência indireta, mas efetiva, da estabilização política e social a que a Regeneração conduziu, a partir de meados do século XIX, e da recuperação de poderes fácticos que, nos tempos liberais mais radicais, haviam sido postos em causa⁴.

bibliografia queirosiana; refiram-se dois trabalhos académicos sobre esta matéria, ambos transcendendo a problemática do anticlericalismo: Aparecida de Fátima Bueno, *As Imagens de Cristo nas Obras de Eça de Queirós*, Campinas, UNICAMP, 2000; Antônio A. Nery, *Santidade e Humanidade: Aspectos da Temática Religiosa em Obras de Eça de Queirós*, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2005.

² O teatro de Gil Vicente não inaugura o anticlericalismo na literatura portuguesa, mas acolhe-o como motivo frequente, por exemplo, no *Auto da Barca do Inferno* ou no *Auto dos Físicos* (cf. J. A. Cardoso Bernardes, *Sátira e Lirismo. Modelos de Síntese no Teatro de Gil Vicente*, Coimbra, Por ordem da Universidade, 1996, pp. 219-225). Joel Serrão estabeleceu uma espécie de periodização para o anticlericalismo em Portugal, com destaque para o tempo romântico e pós-romântico (cf. J. Serrão, *Portugueses Somos*, Lisboa, Livros Horizonte, s. d., pp. 167-210).

³ O estudo de Vítor Neto, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998, traça um panorama circunstanciado das referidas mudanças, incidindo sobre matérias frequentemente tematizadas na literatura da segunda metade do século XIX (casamento civil, reintrodução das ordens religiosas, ensino religioso, receção do *Syllabus*, reacções ao pensamento de Pio IX, etc.).

⁴ Em tempo de crise do Liberalismo, nos anos do cabralismo, Garrett retoma e publica *O Arco de Sant'Ana* (1845), para denunciar uma tendência em desenvolvimento: «De repente, em dous anos, a oligarquia eclesiástica levantou a cabeça. [...] Hoje é útil e proveitoso lembrar como os povos e os reis se uniram para debelar a aristocracia sacerdotal e feudal» («Ao leitor benévolo, na

Em sintonia com o que fica dito, Fernando Catroga, um reputado estudioso desta matéria, localizou no tempo de Eça algumas das manifestações mais significativas do anticlericalismo literário oitocentista: «E a denúncia da dimensão ‘padresca’ ou ‘fradesca’ da Igreja foi prolongada pelas correntes realistas e naturalistas, conforme se pode inferir dos romances de Eça de Queirós (*O Crime do Padre Amaro* e *A Relíquia*), de muitos escritos de Ramalho Ortigão em *As Farpas*, de *A Velhice do Padre Eterno*, de Junqueiro, do *Anticristo*, de Gomes Leal, do *Amor Divino* (1877), de Teixeira de Queirós, e [...] dos temas que a poesia e o teatro da atualidade [...] privilegiaram no decurso das décadas de 70 e 80: entre outros, Silva Pinto (*O Padre Maldito*, 1873, *Homens de Roma*, 1875, *O Padre Gabriel*, 1877), Cunha Belém (*O Pedreiro Livre*, 1873), António Enes (*Os Lazaristas*, 1877), Guilherme Braga (*Falsos Apóstolos*, 1872, *O Bispo*, 1874).»⁵

1.2. Alguns textos queirosianos dos primeiros anos da sua vida literária prenunciam aquilo que *A Relíquia* há de erigir como sentido estruturante do relato e ilustram o caminho desde cedo encetado por Eça de Queirós, enquanto «militante anticlerical». Alguns desses textos encontram-se n’*As Farpas*, como parte importante das posições fortemente críticas que o então jovem escritor assumia, no tocante a diversos aspetos da sociedade portuguesa. Assim, em maio de 1871, logo no texto de abertura d’*As Farpas*, Eça debruça-se sobre a questão do poder temporal do clero; em junho, refere-se ao jornal *A Nação*⁶, como «jornal de arqueologia

primeira edição», *O Arco de Sant’Ana. Crónica Portuense*, edição de Maria Helena Santana, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 59).

⁵ Fernando Catroga, «Cientismo, política e anticlericalismo», in *História de Portugal. Direção de José Mattoso. Quinto volume. O Liberalismo (1807-1890)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, p. 590. Merecem referência também os trabalhos de Luís Machado de Abreu, especificamente os que dizem respeito à noção de anticlericalismo e ao discurso anticlerical, de meados do século XIX a 1926 (cf. L. Machado de Abreu, *Ensaios Anticlericais*, Lisboa, Roma Ed., 2004, pp. 25-68).

⁶ O jornal *A Nação* publicou-se de 15 de setembro de 1847 a 23 de setembro de 1928 (cf. Gina G. Rafael e Manuela Santos, coords., *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2002, pp. 117-118) e afirmou-se como órgão de pensamento reacionário, antiliberal e antirrepublicano;

e piedade», que publicita a venda de água circassiana; em outubro, também de 1871, ocupa-se do comércio de relíquias; em abril de 1872, volta a atacar o poder secular do clero e o exercício da confissão; em junho/julho, denuncia aquilo a que chama o «sermão político»; em setembro/outubro do mesmo ano, já no final da sua colaboração n'*As Farpas*, disserta brevemente sobre o celibato sacerdotal⁷.

Evidentemente que, antes d'*A Relíquia*, a obra emblemática em que se concentra o fundamental da reflexão queirosiana sobre a religião, sobre o Catolicismo e sobre as suas práticas é *O Crime do Padre Amaro*; nele, a atuação do clero e da sua ação perniciosa sobre as famílias e sobre os devotos (e em especial sobre as mulheres) é objeto de atenção especial. Trata-se de um campo temático amplamente visado pelos estudos queirosianos, pelo que não se justifica, neste momento, voltar a ele, a não ser para notar aqueles aspetos que foram retomados pel'*A Relíquia*.

chegou a ostentar o subtítulo «jornal religioso e político» (cf. M. Matos e Lemos, *Jornais Diários Portugueses do Século XX. Um Dicionário*, Coimbra, Ariadne Editora/CEIS20, 2006, pp. 443-446). *A Nação* é frequentemente referida n'*A Relíquia*, em tom paródico: ao ser expulso de casa da Titi, Teodorico embrulha os chinelos num número d'*A Nação*; no mesmo jornal Teodorico acondiciona as relíquias que vende; nas suas páginas, exorta os fiéis a apegarem-se aos objetos «religiosos» que *A Nação* «certifica».

⁷ Cf. Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, *As Farpas. Crónica Mensal da Política, das Letras e dos Costumes*, coord. geral e introd. M. Filomena Mónica, notas, tabela onomástica e glossário M. José Marinho, São João do Estoril, Principia, 2004, pp. 45-47, 84-90, 220-222, 441-445, 485-486 e 564-566. Ramalho acompanha, quanto a esta matéria, o seu coautor. Por exemplo, em dezembro de 1875 («Nossa opinião acerca da água de Nossa Senhora de Lourdes») e em novembro/dezembro de 1882 («Congressos católicos e ideias clericais»). A. Augusto Nery ocupou-se do anticlericalismo e da religião n'*As Farpas*, visando «proposições, presentes em alguns textos, que ultrapassam a crítica voltada simplesmente às atuações da instituição religiosa, ou dos religiosos na sociedade, e apontam para indagações mais minuciosas, que se relacionam aos fundamentos da religiosidade e ao caráter transcendente da Religião». («Anticlericalismo e antirreligiosidade em *As Farpas* (Eça de Queirós)», in *XI Congresso AIL. Julho de 2014*, s. p.; em <<https://www.unicv.edu.cv/images/ail/44Nery.pdf>>; acesso a 15 de janeiro de 2019).

Um desses aspetos: a figuração de personagens com propensão caricatural. Antecipando-se ao romance de 1887, *O Crime do Padre Amaro* oferece-nos uma galeria admirável (e até mais alargada do que na história das desventuras de Teodorico) de clérigos e de beatas, todos eles, com uma exceção, personalidades para quem o sacerdócio era entendido como poder social e até sexual. A referida exceção é o abade Ferrão, exemplo do sacerdote modelarmente empenhado num labor pastoral identificado com os mais genuínos valores evangélicos⁸.

A par disso, a temática das relíquias, da sua falsificação e do seu comércio é retomada em diversos passos do romance, em conjugação com o tratamento idolátrico dos santos: é o caso da «imensa armazenagem de santaria e de *bric-à-brac* devoto» guardada por D. Maria da Assunção, tudo avaliado em «alguns centos de mil réis. Sem contar o que está no relicário...»:

Ah, o famoso relicário de sândalo forrado de cetim! Tinha lá uma lascazinha da verdadeira Cruz, um bocado quebrado do espinho da Coroa, um farrapinho do cueiro do Menino Jesus. E murmurava-se com azedume, entre as devotas, que coisas tão preciosas, de origem divina, deviam estar no sacrário da Sé. D. Maria da Assunção, temendo que o senhor chantre soubesse daquele tesouro seráfico, só o mostrava às íntimas, misteriosamente. E o santo sacerdote, que lho obtivera, fizera-a jurar sobre o Evangelho de não revelar a procedência «para evitar falatórios».⁹

⁸ É significativo que o abade Ferrão apareça só na terceira versão (1880), como se se tratasse, nessa versão mais elaborada, de mostrar que não era o sacerdócio que era atacado e menos ainda a religião; o próprio abade Ferrão explica a Amélia, a propósito do artigo de João Eduardo: «O rapaz não escreveu contra os sacerdotes, escreveu contra os fariseus!» (Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, 2.^a e 3.^a versões, edição de C. Reis e de M. do Rosário Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 907). Registe-se que, na primeira versão (de 1875, versão que Eça desautorizou), aparecia um cônego Silva, com função semelhante à do abade Ferrão.

⁹ *O Crime do Padre Amaro*, ed. cit., pp. 665 e 667.

A isto importa acrescentar o seguinte: em determinados passos, *O Crime do Padre Amaro* integra, no plano do diálogo e das representações simbólicas, alguns dos temas mais prementes do debate sobre o Catolicismo em tempos liberais, sobre a mensagem primordial do Cristianismo, sobre o clero e sobre as injunções decorrentes da encíclica *Quanta Cura* e do seu apêndice, o famoso *Syllabus Errorum*¹⁰. O capítulo VII acolhe um episódio revelador, deste ponto de vista: num jantar em casa do abade da Cortegaça — jantar em que se exhibe a gula incontinente dos clérigos —, são discutidas questões como a influência eleitoral dos sacerdotes, o seu poder sobre as mulheres, a confissão auricular e os seus desvios¹¹.

É nesse contexto que lemos uma descrição em que fica claro o contraste entre uma imagem idealizada e quase poética do Cristianismo e dos santos (de certa forma antecipando o Eça finissecular das *Lendas de Santos*) e o comportamento dos padres:

Sobre a cómoda, entre *in fólhos*, na sua peanha um Cristo perfilava tristemente contra a parede o seu corpo amarelo, coberto de chagas escarlates: e, aos lados, simpáticos santos sob redomas de vidro, lembravam legendas mais doces de religião amável: o bom gigante S. Cristóvão atravessando o rio com o divino pequerrucho que sorri, e faz saltar o mundo sobre a sua mãozinha como uma pela; o doce pastor S. Joãozinho coberto com uma pele de ovelha, e guardando os seus rebanhos, não com um cajado, mas com uma cruz; o bom porteiro S. Pedro,

¹⁰ Ambos foram promulgados por Pio IX em 1864. A ação d'*O Crime do Padre Amaro* tem lugar na segunda metade dos anos 60 e em 1871 (epísódio final), quando se viviam os efeitos daqueles controversos documentos antiliberais, contra a laicização dos Estados e a secularização da vida pública. O Concílio Vaticano I (1869-1870), iniciativa do mesmo pontífice, teve lugar no arco temporal em que decorre a história contada no romance em apreço.

¹¹ Argumenta o padre Natário: «O que eu quero dizer é que é um meio de persuasão, de saber o que se passa, de dirigir o rebanho para aqui ou para ali... E quando é para o serviço de Deus, é uma arma. Aí está o que é — a absolvição é uma arma!» (*O Crime do Padre Amaro*, ed. cit., p. 313).

tendo na sua mão de barro as duas santas chaves que servem nas fechaduras do Céu! Nas paredes, em litografias de coloridos cruéis, o patriarca S. José apoiava-se ao seu cajado onde florescem lírios brancos; o cavalo empinado do bravo S. Jorge pisava o ventre dum dragão surpreendido; e o bom Santo António, à beira dum regato, sorria, falando a um tubarão. O *tlim-tlim* dos copos, o ruído das facas animavam a velha sala de teto de carvalho defumado, duma alegria desusada.¹²

Aquela antecipação das *Lendas de Santos* conduz, depois d'*A Relíquia*, a um reajustamento da posição queirosiana quanto às questões religiosas, em geral, e quanto ao clero, em particular. N'*Os Maias*, a educação religiosa estabelece uma fratura clara entre Carlos da Maia e Eusebiozinho, conforme pode ler-se no capítulo III do romance; e se, nele, o abade Custódio é visto (por Vilaça, note-se) como uma figura conservadora, mas simpática, o padre Vasques, que educara Pedro da Maia cerca de 30 anos antes, representava um ensino submetido à cartilha: em vez do «forte rumor da vida livre», o sacerdote fazia ouvir a sua «voz dormente» e impunha-se como «inimigo da sua alma [...] obeso e sórdido, arrotando do fundo da sua poltrona, com o lenço do rapé sobre o joelho...»¹³

Depois disso, os padres e a vida clerical que aparecem ou que são apenas mencionados n'*A Correspondência de Fradique Mendes* e n'*A Ilustre Casa de Ramires* obedecem a dinâmicas de representação e de valoração distanciadas das motivações ideológicas dos anos 70, prolongadas, com modulações, até à composição d'*A Relíquia*. O padre Salgueiro, que é tema de uma carta de Fradique Mendes a Madame de Jouarre, exemplifica o procedimento irónico que atinge outras figuras que integram o epistolário fradiquista (p. ex., Pacheco ou o comendador Pinho); assim, o anticlericalismo queirosiano não desaparece, mas é submetido a uma espécie de

¹² *O Crime do Padre Amaro*, ed. cit., pp. 303 e 305.

¹³ Eça de Queirós, *Os Maias. Episódios da Vida Romântica*, edição de C. Reis e M. do Rosário Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional, 2017, p. 72.

redução crítica que requer uma atitude de leitura consentânea com a lógica do fradiquismo.

Deste padre diz Fradique Mendes: «Por fora, na casca, padre Salgueiro é o costumado e corrente padre português [...]. Por dentro, porém, como miolo, padre Salgueiro apresenta toda uma estrutura moral deliciosamente pitoresca e nova»¹⁴; o retrato do sacerdote «burocrático» culmina numa notícia que merece um comentário significativo: «Ouço que vai ser nomeado cónego. Larguissimamente o merece. Jesus não possui melhor amanuense.»¹⁵ E contudo, a carta não termina sem uma reorientação do discurso num sentido que, compensando a ironia de Fradique, evoca a mensagem e o comportamento evangélicos como alternativa àquele sacerdócio destituído de efetiva vivência cristã. Para tal, recorre-se a uma palavra outra, que não a de Fradique:

E nunca realmente compreendi por que razão outro amigo meu, frade do Varatojo, que, pelo êxtase da sua fé, a profusão da sua caridade, o seu devorador cuidado na pacificação das almas, me faz lembrar os velhos homens evangélicos, chama sempre a este sacerdote tão zeloso, tão pontual, tão proficiente, tão respeitável — «o horrendo padre Salgueiro!»¹⁶

N'*A Ilustre Casa de Ramires*, o padre é mais do que isso: capelão e arquivista da torre, a figura de padre Soeiro nada tem a ver com os sacerdotes d'*A Relíquia* e demais figuras homólogas, em textos queirosianos de propósito anticlerical. Neste relato quase final de *Eça*, a imagem bondosa e erudita do padre associa-se ao trajeto de restauração da memória familiar levado a cabo por Gonçalo Mendes Ramires; assim, «através das sentenças evangélicas que lhe escapavam», nas poucas vezes

¹⁴ *A Correspondência de Fradique Mendes (Memórias e Notas)*, edição de Carlos Reis, Irene Fialho e Maria João Simões, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014, pp. 297-298.

¹⁵ *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. cit., p. 305.

¹⁶ *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. cit., pp. 305-306.

em que faz ouvir a sua voz, padre Soeiro é «o santo e douto velho»¹⁷, que bem se ajusta à moderação ideológica do chamado último Eça. Neste cabem também o conto «Outro Amável Milagre» (alargado em «O Suave Milagre!»)¹⁸, a apologia de um socialismo cristão de recorte franciscano ou o já mencionado projeto hagiográfico (afinal inconcluso) das *Lendas do Santos*, em que avulta a figura do bom gigante Cristóvão, solidário com os pobres e com os fracos¹⁹.

Em resumo e conforme nota Luís Machado de Abreu, «as representações do clero que povoam a obra de Eça não são todas negativas e desenhadas com traços repulsivos»; o escritor «atende à complexidade conjunta da Igreja, da sociedade, da política e filtra-a nas diversidades e gradações do que parece desprezível ou inaceitável, traduzindo-as em traços múltiplos de múltiplos tipos de padre que foi anotando ou descrevendo»²⁰.

¹⁷ *A Ilustre Casa de Ramires*, edição de Elena Losada Soler, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, pp. 178 e 453.

¹⁸ Conforme informa Guerra da Cal, aquela primeira versão foi publicada em *Um Feixe de Penas*, editado por Maria Amália Vaz de Carvalho (cf. Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografia Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografia Artística del Hombre y la Obra*, t. 1.º, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, p. 227). Ambos os contos encontram-se em *Contos I*, edição de Marie-Hélène Piwnik, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, pp. 219-224 e 385-393.

¹⁹ Em «Positivismo e idealismo» (*Gazeta de Notícias*, 16, 17 e 19 de julho de 1893), Eça aceita o advento de «uma fé renovada e transformada, acomodada às exigências da civilização e da própria ciência, que poderá ser chamada neocristã» [*Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)*], edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, p. 356]. Sobre o significado ideológico e social dos santos queirosianos, continuam pertinentes observações de Jaime Cortesão, em particular acerca de São Cristóvão: «O cristianismo de S. Cristóvão permanece, desde o começo até o fim, alheio à dogmática e à hierarquia da Igreja; e realiza-se por forma imediata a Cristo, assumindo plenamente, com exclusão de um sacerdócio mediato, a responsabilidade da fé no Evangelho. Cristóvão identifica-se diretamente com Jesus» (*Eça de Queiroz e a Questão Social*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001, p. 132).

²⁰ L. Machado de Abreu, *Ensaios Anticlericais*, ed. cit., p. 131.

2. HISTÓRIA LITERÁRIA E GÊNESE D'*A RELÍQUIA*

2.1. A história literária d'*A Relíquia* compreende vários episódios de natureza distinta, mas articulados entre si: a escrita e a reescrita do texto, as diligências no sentido da sua publicação, os formatos e os *media* em que o relato apareceu e a constituição de uma tradição impressa, em vida do escritor. Antes disso ou em simultâneo, *A Relíquia* vai sendo construída pela aquisição, por parte do escritor, de leituras, de referências culturais e de elementos informativos de natureza diversa. E também, é claro, pelo que terá ficado — observações, apontamentos, etc. — da viagem ao Egito e à Palestina e das experiências de escrita que ela propiciou.

Tendo em atenção aquilo que aqui interessa, não estão em causa os incidentes e os pormenores concretos dessa viagem, na minuciosa reconstituição do seu desenrolar, mas sim as projeções escriturais que ela terá suscitado. Longe de conduzirem direta e linearmente à história genética d'*A Relíquia*, na aceção estrita que a expressão envolve, tais projeções atestam, todavia, o impulso narrativo e descritivo que a viagem potencia²¹; ela pode, com efeito, ser entendida como contributo remoto para um relato com o fôlego daquele que aqui está em causa.

Seja como for, não é possível ignorar que, em 1869, Eça empreendeu uma jornada com repercussões decisivas no seu futuro literário. Ocorreu essa jornada num momento histórico conhecido: a 17 de novembro daquele ano, era inaugurado o canal de Suez, gigantesca obra de engenharia que haveria de mudar os equilíbrios estratégicos mundiais, nos planos político e económico e no que toca às relações da Europa com o Oriente. Eça estava lá, com o seu amigo e futuro cunhado, o conde de Resende, e disso deixou registo, em vários textos, em esboços de textos ou apenas em projetos, que tiveram desenvolvimentos e sortes diferentes.

Procedendo como repórter de viagem, Eça deu notícia dos episódios da inauguração do canal de Suez no *Diário de Notícias*.

²¹ Cf. C. Reis, *Dicionário de Estudos Narrativos*, Coimbra, Almedina, 2018, verbete «Narrativa de viagem», pp. 309-313.

Em quatro números do jornal, de 18 a 21 de janeiro de 1870, o romancista ainda em formação fez, como ele mesmo disse, «a narração trivial, o relatório chato das festas de Port Said, Ismailia e Suez»²². Publicado pela primeira vez em livro por Luís de Magalhães, no volume de dispersos *Notas Contemporâneas* (1909), este conjunto de crónicas integra o volume *O Egito e Outros Relatos* desta edição crítica. Na abertura daquelas crónicas, Eça anunciou um projeto: «Talvez em breve diga o que é o Cairo e o que é Jerusalém na sua crua e positiva realidade, se Deus consentir que eu escreva o que vi na terra dos seus profetas.»²³ De acordo com um testemunho de Ramalho Ortigão, o jovem escritor perspetivava então um livro de título prometedor, *Jerusalém e o Cairo*, livro esse que nunca chegou a ser publicado²⁴.

Daquele projeto sobreviveram um fragmento publicado em 1871, no *Almanaque das Senhoras para 1872* (depois inserto, com variantes, n' *O Egito. Notas de Viagem*, 1926), bem como materiais relativamente abundantes, esboçados no registo temático e discursivo da narrativa de viagem. Esses manuscritos foram postumamente publicados pela família do escritor, com omissões e com imprecisões importantes, no volume *O Egito. Notas de Viagem* e em *Folhas Soltas* (de 1966). Neles transparece o trabalho de um observador muito atento a espaços, a figuras e a fenómenos sociais novos para ele, a par de um evidente fascínio pelo Oriente, em particular por aquele que exibia a aura de ter sido o berço do Cristianismo. Não é garantido que a totalidade destes textos tenha sido redigida durante a viagem, sendo plausível que, em muitos

²² Eça de Queirós, «De Port Said a Suez», in *Notas Contemporâneas*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d., p. 5.

²³ Eça de Queirós, «De Port Said a Suez», *loc. cit.*, p. 5.

²⁴ Foi Ramalho Ortigão quem deu notícia deste livro (ou projeto de livro), em carta de 7 de outubro de 1870, publicada por Júlio de Oliveira, em *Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. Rememoração e Esclarecimento de Factos de Ordem Literária e Jornalística*, Porto, s. e., 1945, pp. 47-48. Júlio de Oliveira opina (em termos muito discutíveis) que Eça abandonou aquele projeto «para só pensar na elaboração da sua mais retumbante produção literária e a que mais preocupava a sua grande intuição artística: *A Relíquia*» (*op. cit.*, pp. 48-49).

casos, tal tenha ocorrido somente depois do regresso a Portugal, conforme opina João Gaspar Simões²⁵.

De outro teor é o relato «A morte de Jesus», publicado no *Diário de Notícias*, em folhetins, de 13 de abril a 8 de julho de 1870²⁶ e, mais tarde, na primeira edição de *Prosas Bárbaras* (1903), preparada por Luís de Magalhães para a editora Lello & Irmão. Em certos aspetos, «A morte de Jesus» está próxima d'*A Relíquia*, antes de mais pelo que toca ao registo enunciativo adotado (um narrador autodiegético, em regime memorial) e também no tocante à reconstituição de cenários, de gentes e de costumes.

2.2. Antes de passarmos adiante, devemos sublinhar que os apontamentos de Eça relativos à sua viagem ao Egito, à Palestina e à Síria são decisivos para a composição dos capítulos II e III d'*A Relíquia*. Trata-se de observações de viagem registadas pelo autor em «cadernos de bolso», com anotações «rabiscadas, mais do que escritas», que «parecem ter sido tomadas ao acaso do descanso» pelo escritor, «peregrino e moço, ardente e curioso»²⁷.

Assim, nos manuscritos publicados nas *Folhas Soltas*, o «peregrino e moço» descreve, com apreciável pormenor e tonalidade impressionista, diversos aspetos da geografia física e humana dos espaços visitados. No que respeita à primeira, é o relevo que prende a atenção do viajante: o monte Atlas, «o áspero rochedo do Gólgota», «o velho monte histórico e sagrado» do Líbano, o Moriah e o Moab. A par disso, o deserto de Judá, onde «um pobre lavrador luta com a áspera esterilidade da terra», a planície de Saron,

²⁵ Cf. *Vida e Obra de Eça de Queirós*, 3.ª ed. novamente revista, Amadora, Livraria Bertrand, 1980, pp. 201-202.

²⁶ Cf. *Bibliografía Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., pp. 174-175. Noutro passo e com base no testemunho de Jaime Batalha Reis a que mais adiante voltaremos, Guerra da Cal afirma que os capítulos d'«A morte de Jesus» que ficaram inéditos «deben considerarse perdidos sin remisión» (p. 420). Aquele relato incompleto encontra-se em *Contos I*, ed. cit., pp. 117-165.

²⁷ Palavras de D. Maria d'Eça de Queiroz, na apresentação de *Folhas Soltas: Palestina, Alta Síria, Sir Galabad, Os Santos*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1966, pp. 10, 11 e 15. É justo reconhecer que o texto introdutório preparado pela filha do escritor revela uma intuição apreciável, no tocante ao processo escritural do jovem Eça e à sua relação com a viagem e com os lugares que visitou.

de onde o viajante deduz uma atmosfera evangélica que permite concluir: «É verdadeiramente ali que devia ter nascido a ideia da unidade divina». A extensão infinita parece ter sido assolada pela desolação: «Tudo morto, seco, triste, um silêncio infinito pesa.» E também os rios Jordão e Nahr el-Kalb e ainda o mar Morto, cuja água «é amarga e cáustica»²⁸.

Por outro lado, a componente humana está presente nas referências a diversos povos: Árabes, Arménios, Beduínos, Coptas, Judeus e Turcos; às mulheres («são mulheres quase negras com pinturas a carvão na face») e aos seus costumes; às danças que «algumas acompanham [...] com um gluglu bárbaro»; às crianças; aos camponeses de Siloé, de Samaria e da Galileia; aos peregrinos, que «são padres gregos, de barbas ao vento, com as suas famílias»; e ainda à diversidade dos cultos (padres franciscanos, gregos, arménios, abissínios com «o turbante escuro»²⁹).

Também as cidades merecem atenção: Betânia, onde «viviam Marta e Maria» e onde «vinha Cristo, às vezes, durante a noite», Belém, Beirute, Jafa, em «silêncio e solidão tristes», com «a luz, a doce luz que tudo aclara, pinta, alegre»; Jerusalém «escondida dentro das muralhas sem torres», Josafat, Jericó e Ramleh. Nos bazares de rua, «a multidão toma quase o aspeto de uma decoração». Outros elementos integram as cidades: os bairros (judeu, cristão, muçulmano e arménio, em Jerusalém), as capelas (da Coroa de Espinhos, da Flagelação, da Paixão, da Partilha dos Vestidos, do Anjo), os conventos de Abissínios e de Arménios, a igreja da Natividade, o jardim de Gethsemani «fechado como um quintal de cidade» e as mesquitas. Por fim, em Jerusalém está o Santo Sepulcro, «o ponto mais perto do Céu», descrito como «uma vasta construção de mármore, pesada, feia, sem arquitetura, sem elegância, sem pensamento, sem espiritualidade», a Via Dolorosa e o Calvário³⁰.

O significado destes manuscritos e a função que eles desempenham na génese d'*A Relíquia* tornar-se-ão mais evidentes

²⁸ *Folhas Soltas*, ed. cit., respetivamente pp. 45, 111, 77, 26 (duas citações), 81 e *passim*.

²⁹ *Folhas Soltas*, ed. cit., respetivamente pp. 87, 89, 29, 43 e *passim*.

³⁰ *Folhas Soltas*, ed. cit., pp. 54, 22, 31, 37, 55, 40, 44 e *passim*.

quando se proceder à sua edição, no quadro da edição crítica das obras de Eça de Queirós. Desde já, fica ressaltado que a natureza destes materiais obriga a ressaltar três distâncias que vão da viagem de Eça à escrita d'*A Relíquia*: a distância temporal entre uma coisa e a outra (mais de 10 anos); a distância espacial, uma vez que o romancista estava longe dos lugares percorridos, quando escreveu *A Relíquia*; a distância funcional, da ordem da mediação literária e ficcional, uma vez que Eça não é Teodorico, do mesmo modo que a recolha de elementos para um relato não se confunde com a sua enunciação, para mais em regime autodiegético.

2.3. Na sua monumental *Bibliografia Queirociana*, Ernesto Guerra da Cal traça um percurso genético deste romance que se enquadra na respetiva história literária³¹. Para isso e também para aquilo que aqui nuclearmente interessa: a definição de um texto-base para esta edição. Se, nalguns aspetos, aquele percurso está documentado (sobretudo no epistolário do romancista), noutros ele assenta em conjeturas que, salvo o devido respeito, nem sempre podemos acompanhar. Assim e segundo o grande mestre dos estudos queirosianos:

- A génese d'*A Relíquia* remontaria a 1880 (talvez até a 1879), sendo, por isso, contemporânea d'*O Mandarin*. A sua escrita (e reescrita) decorreu em paralelo com a d'*Os Maias*.
- Originariamente, o romance destinar-se-ia a ser publicado em folhetins, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, conforme, de facto, aconteceu.
- Eça teria trabalhado intensiva e extensivamente o texto (coisa usual no escritor, como se sabe); no decurso desse trabalho, o romance «sufrió tres refundiciones sucesivas» (Guerra da Cal fala também em três versões), destinando-se a primeira delas («casi lista en 1882») à *Gazeta de Notícias*; acrescenta Guerra da Cal

³¹ Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., pp. 66-70.

que «debió de ser un cuento largo o una novela corta de unas 150 págs.»³².

- A exemplo da anterior, uma alegada segunda versão, terminada em setembro de 1884, não chegou a ser publicada. Seria a tal terceira versão a que foi serializada na *Gazeta de Notícias*.

Nada a objetar, relativamente ao que é dito quanto ao arrasamento da composição e escrita d'*A Relíquia*. Todavia, mesmo com o apoio da correspondência de Eça para os editores e para amigos de confiança, não dispomos de informação segura que ateste a existência de três versões d'*A Relíquia*.

O sentido que atribuímos ao termo «versão» (sentido que a história literária d'*O Crime do Padre Amaro* bem ilustra) tem uma especificidade que, em nosso entender, não está confirmada no caso d'*A Relíquia*³³. A tese das três versões d'*A Relíquia* baseia-se no testemunho de António Nobre, na conhecida carta a Alberto de Oliveira em que o poeta do *Só* relata uma sua visita a Eça, em Paris: «*A Relíquia* representava três 'Relíquias'; três vezes a refundiu, três vezes a emendou para, afinal, vir a dar uma só.»³⁴

De «refundição» a «emenda» vai uma certa distância (ou seja: não são termos homónimos); e nenhum daqueles conceitos corresponde exatamente a «versão», entendida como estádio autónomo e estruturalmente diferenciado de um relato a que outro (outra versão) se sucede. Além disso, o testemunho de Nobre dá conta de um encontro um pouco tenso, em que parece ter havido alguma pose por parte do escritor consagrado (e nem sempre rigoroso,

³² A hipótese de este ser um texto inicialmente destinado às *Cenas da Vida Real* propostas ao editor Chardron não parece ser confirmada por aquilo que a correspondência com o referido editor dá a conhecer (cf. a introdução à edição crítica d'*Os Maias*, ed. cit., pp. 18-23).

³³ Sobre o conceito de «versão», veja-se a introdução à edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro*, pp. 69-70.

³⁴ António Nobre, *Correspondência*, org., introd. e notas de Guilherme de Castilho. 2.^a ed., ampliada e revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 131.

quanto ao tempo que o seu processo criativo demorava), para impressionar o escritor jovem. Além do mais, a inexistência de manuscritos autógrafos ou de textos impressos que evidenciem a autonomia relativa de cada uma das tais versões impede-nos de chegar, quanto a este ponto, a conclusões seguras. Note-se que, no tocante a manuscritos, Guerra da Cal informa que teria existido uma versão inédita do sonho de Teodorico (correspondendo ao capítulo III do romance), de que se perdeu o rasto³⁵; a isto acrescenta que, em 1964 ou 1965, foi vendido no Porto um manuscrito autógrafo completo da obra (perguntamos nós: da alegada terceira versão?) cujo paradeiro igualmente se desconhece³⁶.

Ressalve-se, entretanto, que, para a presente edição crítica, a existência de manuscritos seria um componente documental certamente significativo, mas não absolutamente decisivo. Sê-lo-ia, isso sim, para uma edição genética ou crítico-genética, opções que estão fora do horizonte deste trabalho; tais opções, por força do que acima foi dito, seriam sempre difíceis (ou até inviáveis), enquanto persistirem as lacunas documentais que foram apontadas. Diferentemente disso, a tradição impressa, por aquilo que aqui está em causa, tem um significado que trataremos de realçar.

Antes de lá chegarmos, importa chamar a atenção para vários testemunhos acerca da composição d'*A Relíquia* que se encontram em cartas queirocianas remetidas a amigos e ao editor Jules Genelioux. Desses testemunhos reteremos, para já, os seguintes:

- Uma carta ao conde de Ficalho, de 4 de setembro de 1884, em que o escritor afirma: «Felizmente, apesar de fraco, tenho *piochado* a *Relíquia*.»
- Ao mesmo conde de Ficalho, em carta de 15 de junho de 1885; nela, o escritor anuncia uma viagem a Londres onde foi «indagar sobre pedras, nomes de ruas, mobília e *toilettes* para a minha Jerusalém». É nesta

³⁵ Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., p. 432; no espólio de Eça de Queirós, guardado na Biblioteca Nacional, não existem materiais que correspondam àquela versão inédita do sonho.

³⁶ Cf. E. Guerra da Cal, *Bibliografia Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., p. 70.

muito citada carta que Eça desenvolve uma reflexão sobre a representação ficcional da história e sobre a prevalência da primeira sobre a segunda: «Reconstruir é sempre inventar.»

- Ao editor Jules Genelioux, de 3 de outubro de 1886, comentando que começa a estar liberto d'*A Relíquia*: «Maintenant que je suis un peu plus dégage de la *Relíquia*, et que les *Maias* marchent plus rondement [...]»
- Ao mesmo destinatário, a 16 de fevereiro de 1887, informando que «la campagne de la *Relíquia* [était] presque finie [...]»³⁷

2.4. O caminho por onde Eça de Queirós chegou ao texto d'*A Relíquia* está balizado por elementos informativos e por opções culturais que devem ser agora recordadas. Uma dessas opções pode ser designada como atração orientalista, muito forte no tempo de Eça, mas, de facto, oriunda da cosmovisão e do *ethos* românticos, pelo lado dos cenários exóticos e de uma visão humanizada da figura de Cristo e dos lugares por onde ele andou.

Pode dizer-se que, no tempo de Eça e da génese d'*A Relíquia*, o Oriente estava na moda para a elite cultural que se abalançava a fazer turismo (ou *tourisme*, como então se dizia). E também na ordem do dia, do ponto de vista político, pois que por lá se decidiam questões relevantes de que dependiam poderes imperiais, equilíbrios políticos e interesses económicos. Nesse mesmo tempo, o Oriente era vastíssimo e incluía muitas terras, muitas gentes e muitas culturas. Do chamado Próximo Oriente ao Japão, dito Império do Sol Nascente para quem o considerava a partir de um lugar de observação eurocêntrico, iam distâncias consideráveis. Entre a Europa e o Japão estava o Império do Meio, ou seja, a China que resistia aos ventos da Revolução Industrial e que só pela força militar usada nas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860) se foi abrindo ao comércio com o Ocidente.

³⁷ Eça de Queirós, *Correspondência*, org. e anotações de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 2008, vol. 1, respetivamente pp. 351, 369-370, 484 e 487.

O Oriente — e sobretudo o mais longínquo dele — conservava, na época, um exotismo e um mistério a que só raros viajantes acediam. Não espanta, por isso, que, afastando-se de uma Lisboa que assistira ao trágico colapso moral da família dos Maias, Carlos Eduardo e João da Ega, os dois «simpáticos *touristes*»³⁸ tenham alargado os passos até à China e ao Japão, conforme se lê no capítulo final d'*Os Maias*³⁹.

Ao viajar pelo Egipto, pela Síria e pela Palestina, nas circunstâncias a que acima se aludiu, Eça não levava consigo apenas um companheiro, mais a bagagem material que qualquer viajante transporta; uma outra bagagem, esta de natureza literária, acompanhava o escritor em formação. Referimo-nos sobretudo a modelos e a nomes franceses: por exemplo, à *Voyage en Orient*, de Gérard de Nerval, de 1851, a *Constantinople*, de Théophile Gautier, de 1853, ou a *Le Nil (Égypte et Nubie)*, de Maxime du Camp, este último tendo resultado de uma viagem realizada entre 1849 e 1851, na companhia de Flaubert, viagem que deu lugar àquele volume, publicado em 1854. Ao volume e a fotografias, novidade importante na época, sobretudo se pensarmos que Du Camp viajou com uma máquina calótipo, câmara portátil que, gerando negativos (diferentemente do daguerreótipo), permitia a reprodução da imagem fixada. Noutros termos: o misterioso Oriente começava a ser visível, a mais do que um título.

Não se estranha, por isso, que este Oriente observado e intensamente vivido em anos decisivos para a aprendizagem literária queirosiana tenha entrado, em vários momentos, nas ficções depois compostas e no trajeto das personagens que as povoam. *A Relíquia* é uma dessas ficções, sendo sabido que, também neste caso, as

³⁸ Eça de Queirós, *Os Maias*, ed. cit., p. 671.

³⁹ Quando regressa a Portugal, João da Ega exhibe uma familiaridade com o Oriente bem própria de quem queria embasbacar os concidadãos: «Vinha esplêndido, mais forte, mais trigueiro, soberbo de verve, num alto apuro de toilette, cheio de histórias e de aventuras do Oriente, não tolerando nada em arte ou poesia que não fosse do Japão ou da China, e anunciando um grande livro, o 'seu livro', sob este título grave de crónica heroica — *Jornadas da Ásia*.» (*Os Maias*, ed. cit., p. 672.) Não anda longe desta atitude a que Teodorico adota quando regressa da sua viagem.

ditas personagens não se libertavam dos estereótipos que faziam do Oriente (e em especial do que chamamos o Médio Oriente) um espaço com grande capacidade de apelo⁴⁰. Recorde-se o episódio d'*A Relíquia* em que o pomposo Dr. Margaride confessa a D. Patrocínio o seu desejo de uma viagem nunca realizada:

— Ia à Terra Santa, D. Patrocínio! Ia à Palestina, minha senhora! Ia ver Jerusalém e o Jordão! Queria eu também estar um momento, de pé, sobre o Gólgota, como Chateaubriand, com o meu chapéu na mão, a meditar, a embeber-me, a dizer: «Salve!» E havia de trazer apontamentos, minha senhora, havia de publicar impressões históricas. Ora aí tem Vossa Excelência onde eu ia... Ia a Sião! [p. 120.]⁴¹

É isso (mas não só isso...) que faz Teodorico Raposo. E depois da viagem, como ele mesmo diz no prólogo, «uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral» (p. 75). Curiosamente, no regresso, é ainda um certo imaginário romântico da viagem ao Oriente que o viajante exhibe e que seguramente contribui para refigurar uma imagem não isenta de traços satíricos:

Que fora eu até aí no Chiado, entre os meus concidadãos? O Raposito, que tinha um cavalo. E agora? O grande Raposo, que peregrinara poeticamente na Terra Santa, como Chateaubriand, e que, pelas remotas estalagens em que pousara, pelas roliças circassianas que

⁴⁰ Até mesmo a «burguesinha» Luísa tivera como «desejo viajar [...] ir ao Oriente. Queria andar em caravanas, balouçada no dorso dos camelos»; por Jerusalém andou Basílio, em pose estudada: «Ia pela manhã um bocado ao Santo Sepulcro; depois do almoço montava a cavalo... [...] Mas o melhor do dia era de tarde — dizia — no Jardim das Oliveiras, vendo defronte as muralhas do templo de Salomão, ao pé a aldeia escura de Betânia onde Marta fiava aos pés de Jesus, e mais longe, faiscando imóvel sob o sol, o mar Morto! E ali passava sentado num banco, fumando tranquilamente o seu cachimbo!» (Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d., pp. 64 e 65.)

⁴¹ As citações d'*A Relíquia* referem-se já ao texto desta edição.

beijocara, podia parolar com superioridade na Sociedade de Geografia ou em casa da Benta Bexigosa... [pp. 275-276.]

Não se limita às aventuras e às desventuras de Teodorico a representação ficcional do Egito e da Terra Santa. Tal como ele (mas em termos bem diversos, é claro) também Fradique Mendes foi permeável ao encanto daquelas paragens: é na companhia de Théophile Gautier — «Gautier! Teófilo Gautier! O grande Teo! O mestre impecável! Outro ardente enlevo da minha mocidade!», como diz o narrador das «Memórias e Notas» — que Fradique Mendes é visto no Hotel Sheperd, no Cairo. E é o mesmo Fradique que depois disserta sobre o Oriente, para concluir, com sobrançeria e desencanto: «Está tão medíocre como o Ocidente.»⁴²

2.5. Quando chega à escrita d'*A Relíquia*, Eça de Queirós traz consigo a já comentada orientação anticlerical que partilhava com companheiros de geração, mas acrescenta-lhe elementos próprios. Tendo em vista o romance que agora nos ocupa, distinguiremos dois planos de aquisição de conhecimentos, no tocante a uma certa visão do Cristianismo, da sua fundação, do seu passado e das instituições (designadamente a Igreja Católica) que dele decorreram. Por um lado, falamos em leituras de formação relacionadas com o referido contexto geracional, leituras essas que se projetam sobre *A Relíquia*, mas que lhe eram anteriores e que, naturalmente, permaneceram para além dela. Por outro lado, temos em atenção leituras de informação, ou seja, a consulta de autores e de obras necessárias para se atingir um conhecimento que fosse o mais amplo e rigoroso possível do que era a Palestina, Jerusalém e o ambiente social em que se formou o Cristianismo.

⁴² *A Correspondência de Fradique Mendes*, ed. cit., pp. 117 e 128. Recorremos, neste passo da presente introdução, a uma parte do ensaio de C. Reis, «Eça de Queirós e o Oriente», in *Portugal-China: 500 Anos*, Lisboa, Biblioteca Nacional/Babel, 2014, pp. 221-225. O interesse de Eça pelo Oriente mereceu já atenção crítica por parte de diversos estudiosos (p. ex., A. Coimbra Martins, Beatriz Berrini, Isabel Pires de Lima, Orlando Grossegeesse e Luís Manuel Araújo, entre outros).

No que se reporta a este último plano, está em causa, para Eça, a recolha de componentes de um mundo que ele não podia conhecer *de visu*, como acontecera com os espaços que visitara e com as gentes com que se cruzara, na viagem de 1869. Algumas cartas do epistolário queirosiano são significativas, deste ponto de vista. Por exemplo, aquela em que Eça pede a Oliveira Martins que lhe mande «outro Friedlaender [*sic*] (que trate do luxo, das belas-artes)» e uma outra em que, certamente pouco depois, diz ao mesmo destinatário:

Excelente, o Friedlaender! [*sic*] Já tenho a minha estradinha romana, com a sua estalagem, a sua tabuleta *À Grande Cegonha*, a sua inscrição convidativa invocando Apolo; e já tenho o aspeto da estrada, com as carroças de viagem, os arrieiros númeradas, e os pagens favoritos com o rosto coberto duma máscara de miga seca de pão, para não sofrerem no acetinado da tez, com a humidade ou com o pó! Grande gente!⁴³

Era, evidentemente, *A Reliquia* que exigia ao ficcionista conhecimentos necessários para o desenho de um enquadramento social, paisagístico e humano facilitado pela ajuda do amigo historiador; parece até deduzir-se do tom usado por Eça um certo comprazimento na reconstituição daquele mundo, com o apoio do autor consultado. Aponta no mesmo sentido uma carta datada de 18 de julho de 1885; nela, Eça pede a Mariano Pina que lhe obtenha dois livros de Félicien de Saulcy, um sobre Jerusalém,

⁴³ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., respetivamente pp. 348 e 349. Ludwig Henrich Friedländer (1824-1909) foi um filólogo alemão cuja obra mais famosa, *Darstellungen aus der Sittengeschichte Roms in der Zeit von August bis zum Ausgang der Antonine* (3 vols., 1862-1871) trata do tempo e da sociedade romanas, na época de Cristo. Em vida de Eça, a obra foi publicada em francês (tradução livre de Charles Vogel): *Mœurs romaines du règne d'Auguste à la fin des Antonins*, Paris, C. Reinwald, 1865-1874, 4 vols. (os volumes 3 e 4 intitulam-se *Civilisation et mœurs romaines du règne d'Auguste à la fin des Antonins*).

outro sobre Herodes⁴⁴: «Se ambos forem, cada um, inferiores em numerário a 7 fr. 50 — quer V. ter a bondade de mos fazer chegar cá?» (Eça escrevia de Londres); e a isto acrescenta: «Se forem mais que isso, dispenso-me de saber o que diz Saulcy sobre o grande Herodes.»⁴⁵

Diferente destas é a presença de outros autores na preparação d'*A Relíquia* e na cultura de Eça, uma presença subsumida pela designação convencional (e hoje, em boa parte, ultrapassada) de influência. Pensamos aqui sobretudo em Renan, sabendo que ele não aparece ao lado daqueles autores (Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Victor Hugo, etc.) mencionados por Eça no admirável texto que escreveu para o *In Memoriam* de Antero, como referências de inovação cultural absorvidas pela sua geração, ainda em Coimbra.

Aquela omissão não é, contudo, muito significativa. No seu texto, Eça reporta-se ao início dos anos 60 («Foi isto, creio eu, em 1862 ou 1863»), quando, sob o magistério de Antero, «Coimbra vivia [...] numa grande atividade, ou antes num grande tumulto mental»⁴⁶. A *Histoire des origines du Christianisme*, de Renan, começou a ser publicada em 1863, sendo desse ano o 1.º volume, *Vie de Jésus*, aquele que causou, desde logo, controvérsia e agreste resistência por parte da Igreja; o considerável êxito comercial da *Vie de Jésus* (dezenas de milhares de exemplares vendidos em poucos meses) evidencia a projeção pública do livro e explica que, logo em 1864, tenham aparecido duas traduções portuguesas da obra⁴⁷.

⁴⁴ Trata-se de *Jérusalem* (1882) e de *Histoire d'Hérode, roi des Juifs* (1867, a que Eça chama *Histoire de Hérode le Grand*). Félicien de Saulcy (1807-1880) foi um arqueólogo e numismata francês, autor de obras eruditas e de relatos de viagem sobre a Palestina.

⁴⁵ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., p. 374.

⁴⁶ Eça de Queirós, «Um Génio Que Era Um Santo», in *Almanques e Outros Dispersos*, edição de Irene Fialho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, p. 289.

⁴⁷ No seu livro sobre os principais vultos da Geração de 70, Moreira das Neves dá conta daquele êxito editorial e das resistências contra a obra e a figura de Renan (Moreira das Neves, *O Grupo dos Cinco. Dramas Espirituais*, 2.ª ed. refundida, Lisboa, Rei dos Livros, 1989, pp. 88-89). Para este sacerdote,

Eça não precisava, obviamente, da tradução para ler Renan no original francês, graças à componente «francesista» da sua formação escolar e cultural, a exemplo do que aconteceu com a sua geração; como se sabe, em anos já maduros (cerca de 1887), o escritor esboçou um testemunho muito crítico, relativamente a essa formação e referiu-se nele a Renan⁴⁸. Tudo aponta, então, para a presença do grande historiador francês nas leituras queirosianas, já no tempo romântico do cenáculo da Travessa do Guarda-Mor: é Jaime Batalha Reis quem o diz, no texto em que evoca a «primeira fase da vida literária de Eça de Queirós», texto em que adianta outras informações importantes:

Citava especialmente a *Salambô* e a *Tentação de Santo Antão* de Gustavo Flaubert. Preocupava-se com a perfeição da forma, com a realização da cor verbal, segundo este último literato. Lia também a *Vida de Jesus*, o *São Paulo*, de Ernesto Renan, e *Les Mémoires de Judas*, de F. Petruccelli della Gattina.

Foi sob estas influências que — com as impressões locais da sua recente viagem à Palestina — começou, em Lisboa, a escrever a *Morte de Jesus*, publicada em folhetins, na *Revolução de Setembro*, de 13 de abril a 8 de

Eça foi um dos contaminados pelo pensamento de Renan: «Entretanto, o dilettantismo de Eça, impedindo que na alma lhe penetrassem as robustas seivas da Fé, linfatizara-a. E a adoração verdadeira foi substituída pela idolatria pagã e materialista» (*op. cit.*, p. 90).

⁴⁸ A referência ocorre num contexto de descrença, relativamente à vida literária francesa. Diz Eça: «Veja-se a mais alta figura literária da França, e a mais francesa — Renan. Espírito da mais requintada e subtil finura crítica, saturado de saber, possuidor duma língua a mais luminosa e a mais bela [...] — que ensina ele, hoje, este Mestre, este francês, que domina com a dupla influência da fina crítica e da forma perfeita? // Este Mestre ensina-nos simplesmente que nada na Terra vale, ou tem importância, senão os gozos que dá o amor, ou o esquecimento que dá a morte» (Eça de Queirós, [O Francesismo], *Almanaques e Outros Dispersos*, ed. cit., pp. 164-165).

julho de 1870. Mas escrevera desta obra, além do que se publicou: — uns capítulos que ele me leu, e depois sem dúvida destruiu ou se perderam.⁴⁹

Note-se que Renan surge aqui associado ao Flaubert de temática histórica e hagiográfica (e não ainda ao de *Madame Bovary*, que aparecerá na conferência do Casino Lisbonense), bem como a Petruccelli della Gattina⁵⁰, mas não ao historiador crítico de Jesus que foi precursor de Renan: David Strauss, autor de *Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet* (1835-36), obra que estava traduzida para francês em meados dos anos 60, contando então, pelo menos, três edições⁵¹. Já *As Memórias de Judas* valeram a Eça acusações de plágio, semelhantes a outras que, em vida e já depois da morte, sobre ele recaíram⁵².

Isto não anula o facto de Eça de Queirós ter composto *A Relíquia* valendo-se, em grande parte, da imaginação (segundo o tal princípio de que «reconstruir é sempre inventar») e até da fantasia que está inscrita na famosa epígrafe do romance. Mas, para além disso, não descurou a recolha de informações que aprofundaram a sua memória de viajante pelas paragens por onde Teodorico se alongou; articulado com esse trabalho de «investigador» de circunstância, encontra-se o capital de leituras literárias ou paraliterárias do jovem Eça e do militante anticlerical da Geração de 70.

⁴⁹ Jaime Batalha Reis, «Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós», apêndice a *Textos de Imprensa I* (da «*Gazeta de Portugal*»), edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 196.

⁵⁰ *Les Mémoires de Judas* são um romance histórico e anticlerical, da autoria de F. Petruccelli della Gattina, publicado em 1867, em Paris. Quando da polémica motivada pelo prémio da Academia Real das Ciências de Lisboa, Pinheiro Chagas aludirá à obra, num passo do seu relatório (v. *infra*, pp. 64-65).

⁵¹ *Vie de Jésus ou examen critique de son histoire*, tradução de Émile Littré, 3.^a ed, Paris, Librairie Philosophique de Ladrage, 1864.

⁵² Há muito já que Cláudio Basto rebateu aquelas acusações, designadamente as que recaíam sobre os alegados débitos d'*A Relíquia* ao romance de Petruccelli della Gattina (cf. C. Basto, *Foi Eça de Queirós um plagiador?*, Porto, Marânus, 1924, pp. 57 e segs.).

2.6. É nesse campo que, por certo, Renan ocupa um lugar de destaque, como referência reiterada (se bem que não tão frequente como Flaubert ou Victor Hugo) em textos de imprensa de Eça. Num desses textos, fala-se do imperador da Alemanha que «ocupa tanto o nosso pensamento como o socialismo, a evolução religiosa, ou a crise capitalista!». E acrescenta o cronista:

Talvez mais — e o mesmo Sr. Renan, cuja alma, pelo exercício constante do ceticismo, ganhou a impermeabilidade e a doce indiferença de uma cortiça, para quem toda a vaga é embaladora e boa, declara na sua derradeira epístola aos incrédulos, que só lhe pesa morrer (e pelas suas confissões bem sabemos quanto a vida lhe corre deliciosa e perfeita!) por não poder assistir ao desenvolvimento final da personalidade do imperador da Alemanha!⁵³

Menos circunstancial e mais densa de significados é a apreciação a que Eça procede, na crónica «Os grandes homens de França», por ocasião da morte de Renan. Datado de 28 de novembro de 1892 (e portanto, tão-só cinco anos depois da publicação d'*A Relíquia*), esse admirável retrato acentua aspetos que importa reter aqui: em Renan e a pretexto daquilo a que chama a sua «canonização secular», Eça realça a coexistência de «uns poucos de homens (um heresiarca, um artista, um arqueólogo, um moralista, um metafísico e um sacerdote) todos eles distintos e mesmo superiores». Por fim, acentua a condição de artista do autor de *Vie de Jésus*:

O homem todavia que, dentro de Renan, mais ajudou à glória de Renan — foi o artista. Ele tinha o dom inefável de cativar as multidões como Orfeu, só com tirar da lira uns sons doces e delicados. Não creio que

⁵³ Texto publicado na *Gazeta de Notícias*, de 26 de abril de 1892, inserto em *Textos de Imprensa IV* (da «*Gazeta de Notícias*»), ed. cit., p. 249.

com esse mero tanger, de melodia alada, ele edificasse, à maneira de Orfeu, cidades duradouras: — mas como Orfeu, fascinou, pela lira, muita pedra e muita alimária.⁵⁴

Parece claro, portanto, que Eça valorizou em Renan a faceta literária que, ao mesmo tempo, convivia com a de historiador do Cristianismo, aspeto este que, consabidamente, atraía os jovens da Geração de 70. Justamente: quando se dá a proibição das Conferências do Casino, aquela que estava anunciada para 27 de junho era a de Salomão Saragga, sobre os historiadores críticos de Jesus. Seguramente que o assunto anunciado era, para os poderes instituídos, uma ameaça mais vigorosa ainda do que as intervenções anteriores, em particular as de Antero e de Eça; e não é ousado conjecturar que, na análise de Saragga, estaria presente o renanismo que então suscitava, de forma repartida, críticas acerbas e entusiasmos militantes.

Seja como for: para o autor d'*A Relíquia* (não só para ele, é claro), o Jesus de Renan aparecia como uma fascinante personagem que podia ser objeto de um olhar e de uma figuração centrados na sua dimensão humana e numa existência histórica, em função das quais podia ser questionada a componente divina em que o Cristianismo se alicerçou. O episódio da ressurreição é um momento crucial dessa questionação: lembremos, a este propósito, o passo do capítulo III (o sonho de Teodorico) d'*A Relíquia* em que Topsisius anuncia ao amigo que Maria de Magdala há de proclamar a ressurreição de Jesus, quando encontrar o seu túmulo vazio. É a lição de Renan que está por detrás do texto queirosiano; eis o que se lê em *Vie de Jésus*, quando se fala das «lendas da ressurreição»:

Le dimanche matin, les femmes, Marie de Magdala la première, vinrent de très-bonne heure au tombeau. La pierre était déplacée de l'ouverture, et le corps n'était plus à l'endroit où on l'avait mis. En même temps, les

⁵⁴ Eça de Queirós, «Os grandes homens de França», in *Textos de Imprensa IV* (da «Gazeta de Notícias»), ed. cit., p. 278.

bruits les plus étranges se répandirent dans la communauté chrétienne. Le cri: «Il est ressuscité!» courut parmi les disciples comme un éclair. L'amour lui fit trouver partout une créance facile.⁵⁵

Este passo da *Vie de Jésus*, em confronto com o que lhe corresponde n'*A Relíquia*⁵⁶, tem sido citado, pelos estudiosos da recepção de Renan por Eça, como uma das mais evidentes manifestações daquela recepção. Neste aspeto, merece destaque o estudo realizado por Aparecida de Fátima Bueno, numa tese consagrada não apenas ao renanismo queirosiano, mas também, mais alargadamente, às imagens de Cristo na obra de Eça.

Para a autora, que procede à recensão de ensaios anteriormente dedicados ao mesmo tema (designadamente por João Gaspar Simões, Aquilino Ribeiro e Óscar Lopes), a presença da *Vie de Jésus* em Eça é inquestionável e bem mais explícita do que a de outros exegetas, concretamente as de David Strauss e do Ludwig Feuerbach de *Das Wesen des Christentums (A Essência do Cristianismo)*, de 1841). Eça conhecê-los-ia não tanto pela via da leitura, mas como figuras mencionadas no fervilhante meio cultural que, entre o Cenáculo e as Conferências do Casino, era dominado por Antero de Quental; e este (bem como Salomão Saragga) provavelmente passaria aos companheiros de geração e de aventura cultural alguma coisa do pensamento de Strauss e de Feuerbach.

Num momento especialmente significativo da sua análise, Aparecida de Fátima Bueno observa que, «ao que tudo indica, nem Renan, a quem Eça diz que admira, escapa de sua crí-

⁵⁵ Ernest Renan, *Vie de Jésus*, cap. XXVII, Project Gutenberg, 2006; em <<http://www.gutenberg.org/files/15113/15113-h/15113-h.htm>> (acesso a 25 de janeiro de 2019).

⁵⁶ Palavras de Topsisus: «— Depois de amanhã, quando acabar o *Sabat*, as mulheres de Galileia voltarão ao Sepulcro de Joseph de Ramatha onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... ‘Desapareceu, não está aqui!...’ Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém: ‘Ressuscitou, ressuscitou!’ E assim o amor duma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!» (*Infra*, p. 255.)

tica demolidora»; com efeito, «Topsius parece representar, em *A Relíquia*, não apenas a Ciência — que o escritor português quer também criticar ao lado da Religião — mas seu personagem parece ser, sobretudo, uma versão estereotipada do historiador francês»⁵⁷. A expressão «crítica demolidora» é provavelmente excessiva, sendo preferível, em nosso entender, falar em subversão caricatural a propósito de Topsius (há poucas personagens queirosianas com um tão acentuado perfil de caricatura como o bizarro sábio alemão d'*A Relíquia*); em todo o caso, o que verdadeiramente aqui está em causa são os termos em que Eça, no seu romance, procede a uma reescrita ficcional dos episódios da paixão e morte de Jesus e a uma refiguração da imagem herdada de Renan.

Para essa refiguração e para a decorrente reinterpretação da figura de Jesus⁵⁸ contribui um fator nem sempre devidamente valorizado, quando está em causa a dívida de Eça para com Renan: a situação narrativa que, n'*A Relíquia*, é regida por um narrador que conta em registo memorial, com base na sua experiência pessoal e com forte implicação subjetiva⁵⁹. Um narrador autodiegético de feição não confiável, em suma, nesse aspeto funcionalmente semelhante ao de *Les Mémoires de Judas*, o romance de Petrucelli della Gattina mencionado por Batalha Reis.

Estas considerações podem ser aprofundadas num sentido ético-moral, acentuando-se o caráter não confiável de Teodorico Raposo e, como tal, a sua singularidade, quando comparado, como nota Aparecida de Fátima Bueno, com o narrador do relato inacabado «A morte de Jesus», cujo propósito é enaltecer Jesus.

⁵⁷ Aparecida de Fátima Bueno, *As Imagens de Cristo na Obra de Eça de Queiroz*, ed. cit. p. 117.

⁵⁸ Convém lembrar que a refiguração, enquanto «processo de reelaboração narrativa», provoca «consequências que podem retroagir sobre a figuração primeira de uma determinada personagem, [...] em ligação direta com representações e com atitudes cognitivas adquiridas» (C. Reis, *Dicionário de Estudos Narrativos*, ed. cit., pp. 421 e 423).

⁵⁹ Cf. C. Reis, «Estratégia narrativa e representação ideológica n'*A Relíquia*», in *Colóquio/Letras*, 100, novembro-dezembro, 1987, pp. 51-59.

Em nosso entender, a comparação pode estender-se também a Renan, para que se alcance a justa proporção da sua reinterpretação por Eça, bem mais elaborada e consequente, em termos de refinada ironia, do que o seria uma passiva absorção da lição do historiador francês. Assim:

No caso de Teodorico temos um personagem de caráter duvidoso, que diz que a história de sua vida encerra uma lição *lúcida e forte* e conclui que o que lhe faltou, para que tudo desse certo, foi o *descarado heroísmo de afirmar*, ou seja, a *lição lúcida e forte* que pretende transmitir, e que aprendeu de suas experiências, é a da necessidade de uma *ilimitada hipocrisia*.⁶⁰

3. A PUBLICAÇÃO D'A RELÍQUA

3.1. A tradição impressa em que assenta a presente edição estrutura-se em torno de três publicações do romance: a da *Gazeta de Notícias*, em 1887 e em folhetins, a da 1.^a edição em livro, no mesmo ano, e a de uma 2.^a edição, de 1891. A análise destas publicações fundamentará a escolha daquela primeira edição, como texto-base aqui adotado.

Importa notar que as duas publicações do romance, uma num jornal carioca (esse mesmo com que Eça de Queirós extensivamente colaborou ao longo dos anos⁶¹) e outra em livro, fazem

⁶⁰ Aparecida de Fátima Bueno, *op. cit.*, p. 147.

⁶¹ V. a introdução a *Textos de Imprensa IV* (da «*Gazeta de Notícias*»), ed. cit., pp. 17 e segs. Ana Teresa Peixinho sublinha que «a passagem de Eça pela *Gazeta de Notícias* ultrapassa o âmbito de uma simples colaboração tal como a que tinha tido, no final da década de setenta, com o jornal *A Atualidade*. Para além de esta ser uma colaboração continuada [...], Eça envolveu-se na própria orgânica da *Gazeta*, colaborando ativamente na construção do seu 'Suplemento Literário' e utilizou-a também como meio de angariar e fidelizar os leitores brasileiros da sua obra romanesca» (*A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010, p. 310).

parte de um processo editorial determinado por circunstâncias então vigentes: a popularidade de Eça no Brasil justificava a inserção do romance em folhetins de imprensa (o mesmo aconteceria, no ano seguinte, com *Os Maias* e com *A Correspondência de Fradique Mendes*⁶²). Atingiam-se assim, ao mesmo tempo, dois objetivos. O primeiro era a obtenção, pelo escritor, de proventos económicos devidos pela publicação no jornal; o segundo, não menos importante, consistia em contrariar o risco efetivo de edições piratas feitas no Brasil, logo depois do aparecimento do livro em Portugal, num tempo em que o controlo dos direitos autorais e da propriedade intelectual era difícil. Uma vez que o romance fora facultado ao público brasileiro por um jornal de grande circulação, uma edição pirata deixava de fazer sentido. Note-se, como reforço destes argumentos, que a publicação fragmentada não obedecia à lógica do romance-folhetim pensado como tal⁶³; tratava-se tão-só de fracionar um relato já completo, por forma a alimentar diariamente a secção do jornal destinada ao folhetim.

Naturalmente que toda esta combinação — semelhante àquilo a que Eça, a propósito d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, chamou um «cambalacho de prosa»⁶⁴ — só era possível com acertos e compromissos entre todos os intervenientes, ou seja, o escritor, o jornal brasileiro e o editor em Portugal. Disso mesmo e de outros aspetos relevantes do processo editorial d'*A Relíquia* ficaram testemunhos epistolares referidos por Guerra da Cal nos extensos verbetes dedicados ao romance, na

⁶² Cf. as introduções às edições críticas d'*Os Maias* (ed. cit., pp. 48-52) e d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (ed. cit., pp. 15 e segs.).

⁶³ Segundo os protocolos enunciativos desse subgénero romanesco, «o fracionamento obedecia a uma calculada estratégia de controlo da curiosidade do leitor, tratando-se então de suspender a ação num momento gerador de curiosidade, relativamente ao que se seguiria» (C. Reis, *Dicionário de Estudos Narrativos*, ed. cit., p. 450).

⁶⁴ Carta a Oliveira Martins, de 23 de maio de 1888, *Correspondência*, ed. cit., I, p. 542; cf. a introdução à edição crítica d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, pp. 49-50.

sua *Bibliografia Queirociana*. De entre aqueles testemunhos, destacamos os seguintes:

- Uma carta ao editor Jules Genelioux, de 3 de maio de 1887, anunciando o início da serialização d'*A Relíquia* na *Gazeta de Notícias* (a 24 de abril) e recomendando que se começasse a publicitar a edição em livro. Concretizava-se, deste modo, a calculada precedência da serialização e a imediata publicação do romance, logo que aquela terminasse; nesse sentido, o editor esperaria um telegrama «qui doit marquer la date de la mise en vente ici et de l'envoi au Brésil».
- Uma outra carta ao mesmo Genelioux, de 8 de maio, lamentando que *A Relíquia* tivesse sido posta à venda inopinadamente, sem se esperar pelo final da serialização na *Gazeta de Notícias*, assim se contrariando os entendimentos mencionados. Eça queixa-se ainda de que «le roman a été lancé un peu en cachette», sem adequada publicidade (o escritor junta uma lista de jornais e de críticos a quem a obra deveria ser enviada pelo editor).
- Ainda a Genelioux, uma carta de 28 de junho; nela Eça rebate o temor do editor de que aparecesse no Brasil uma edição em livro, promovida pela *Gazeta de Notícias*, como represália pelo prejuízo causado. Tendo o romance chegado ao Brasil antes do que fora acordado, verificava-se que «la *Relíquia*, dans le feuilleton de la *Gazeta* n'était pas encore à son tiers». Eça garante que aquela edição era altamente improvável, até por Ferreira de Araújo (diretor da *Gazeta*) ser «un homme de la plus parfaite et haute honorabilité». Com efeito, não existiu tal edição.
- Numa carta a Mariano Pina, de 27 de julho de 1888, Eça nota, de passagem (a carta era sobre o lançamento da *Revista de Portugal*), que aos editores Lugan & Genelioux interessava apenas o aspeto económico da edição: «Quando eu lhes vendi a *Relíquia*, já impressa, nem

mesmo quiseram ver o volume: o que lhe interessou foi *quanto* o volume ia custar e *quantos* havia para vender.»⁶⁵

Este último comentário tem implícita uma informação importante para a história da edição d'*A Relíquia*: ele confirma que foi Eça quem promoveu a composição e a impressão do seu romance.

De facto, na primeira edição, o frontispício não regista a casa editora (conforme era usual e acontece na edição de 1891), mas sim a tipografia portuense de A. J. da Silva Teixeira. Faz sentido, por isso, a suposição de Guerra da Cal, segundo a qual a serialização da *Gazeta de Notícias* «se debió de hacer sobre ésta [a primeira edição, de 1887], es decir, sobre los envíos de cuadernillos u hojas de la imprenta»⁶⁶. É conhecida também a declaração de venda d'*A Relíquia* por um conto de réis, redigida e assinada pelo escritor, aos editores Lugan & Genelioux; nesse documento, fica estipulado que, «se os ditos Editores resolverem fazer uma edição das minhas *Obras Completas*, reservo-me o direito de refundir *A Relíquia* mediante uma nova remuneração ou novo contrato»⁶⁷. Não existe, contudo, qualquer cláusula de embargo que interdição a publicação em livro, antes de terminar a inserção na *Gazeta de Notícias*⁶⁸.

3.2. Ao ser publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, a partir do n.º 114, de 24 de abril de 1887, *A Relíquia* levou às

⁶⁵ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., respetivamente pp. 488-489, 496-497 e 555.

⁶⁶ *Bibliografía Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., p. 70.

⁶⁷ Declaração assinada no Porto, a 2 de abril de 1887 (reproduzida em C. Reis, «Estratégia narrativa e representação ideológica n'*A Relíquia*», *loc. cit.*, p. 55).

⁶⁸ Numa das cartas citadas anteriormente, Eça refere-se a um comentário da *Gazeta* em que se diz que o jornal «não supunha que os Editores Portugueses faltassem tão completamente ao seu contrato»; teria havido um contrato formal entre a *Gazeta* e Lugan & Genelioux? Provavelmente não, devendo o acordo assentar em combinação de Eça com a *Gazeta*, que os editores ignoraram.

páginas daquele importante jornal carioca⁶⁹ um nome já famoso no Brasil; se quiséssemos fazer uma comparação, com ressalva das devidas distâncias, diríamos que a notoriedade de Eça no Brasil era, nesse tempo, semelhante à que Fernando Pessoa e José Saramago ali conhecem nos nossos dias.

Um testemunho bem claro do que fica dito é-nos facultado pelo anúncio do início da publicação d'*A Relíquia*, em termos que (descontada, é claro, a publicidade) são bem expressivos; assim, na véspera do primeiro folhetim «deste primoroso romance do grande escritor português» pode ler-se, na primeira página da *Gazeta de Notícias* e em lugar de destaque, um pequeno ensaio que abre com estas palavras:

Eça de Queirós tinha prometido escrever alguns contos para a *Gazeta de Notícias*; cada um deles devia ser publicado em um dia só, no rodapé da folha, a duas páginas. Mas a ideia do primeiro cresceu, seduziu o espírito do artista, que se decidiu a fazer um livro. Começaram então em luta os grandes elementos de que dispõe o escritor com o seu refinado gosto artístico, com as exigências que ele faz a si mesmo, porque o grande defeito de Eça de Queirós consiste no apuro de suas qualidades.⁷⁰

Depois disto, é resumida, com algum pormenor, a ação do romance, bem como a função e a interação das personagens mais destacadas. O que é muito significativo, por confirmar o que antes ficou sugerido: a *Gazeta de Notícias* dispunha já do romance acabado

⁶⁹ Sobre a *Gazeta de Notícias* e a colaboração que Eça endereçou a este importante jornal carioca, veja-se a introdução à edição crítica de *Textos de Imprensa IV* (da «*Gazeta de Notícias*»), ed. cit., pp. 15-43. Segundo Elza Miné, «os leitores da *Gazeta*, jornal ágil e vibrante, eram os mais progressistas, pois a fatia mais conservadora, em termos de Rio de Janeiro, se voltava para o *Jornal do Comércio*, considerado o mais sisudo da época» (*Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo no Século XIX*, Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2000, pp. 27-37).

⁷⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n.º 113, sábado, 23 de abril, ano XIII, 1887, p. 1.

e trataria de o seccionar no folhetim, ao longo dos meses que a serialização deveria durar. Para além disso, outras considerações revelam um conhecimento relativamente bem informado do trajeto e da biografia literária de Eça. Designadamente, o jornalista apercebe-se de que, na viagem de Teodorico, ecoa a voz de Eça: a experiência da personagem, que viu «só a parte quente, sensual, das terras que o Nilo banha» é completada pelo «artista, o *touriste* que visitou e estudou aquelas paragens»⁷¹.

Para além de considerações acerca do processo criativo d'*Os Maias*, o artigo antecipa o êxito d'*A Relíquias* junto dos «homens de letras» e dos «amadores», para quem será «um regalo o humorismo que se respira em todo o livro»; ao mesmo tempo, «os padres dirão que a obra é irreligiosa», porque «fingem ignorar que a religião das novenas, bentinhos, promessas e milagres, é a falsificação barata da doutrina do Cristo, e que essa falsificação tem sido o grande inimigo do Cristianismo». E assim, num registo que, em sintonia com Eça, era claramente anticlerical, mas não antirreligioso, conclui-se: «*A Relíquias* é uma obra profundamente moral, porque verbera a hipocrisia e a desmascara.»⁷²

Do êxito que *A Relíquias* então atingiu no Brasil fala uma breve nota inserta no jornal de 30 de abril (n.º 120), menos de uma semana depois de se iniciar a publicação; nessa nota, anuncia-se a reimpressão dos n.ºs 114 e 115 da *Gazeta de Notícias*, de 24 e 25 de abril, que se haviam esgotado, graças aos primeiros folhetins⁷³.

⁷¹ *Loc. cit.*, p. 1.

⁷² *Loc. cit.*, p. 1.

⁷³ O êxito d'*A Relíquias* é paralelo a reações provindas de setores católicos e conservadores. Destaca-se, neste aspeto, o jornal carioca *O Apóstolo* que, a 29 de abril de 1887, põe em causa o que *A Gazeta de Notícias* afirmara: «A verdade é que naqueles dias ficou a folha mais 'lida' do Império encalhada, sem saída e o colega quer fazer *réclame*» (p. 2). O ataque deste «periódico religioso, moral e doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade» visava, antes de mais, *A Relíquias* e Eça, «um homem de talento» que se dedicava à «desmoralização social, que outro resultado não pode dar o ridículo que ele lança sobre as cousas da religião» («M.», *O Apóstolo*, 6 de maio de 1887, p. 3); novo ataque a «este romance imoral», a 18 de maio (p. 3), com transcrição de idêntica acusação de imoralidade por um «erudito crítico de arte», inserta no *Jornal do Comércio* de Santa Catarina.

A publicação seguiu depois, até 10 de junho (n.º 161), atingindo um total de 48 inserções.

Do ponto de vista da sua estrutura compositiva, a *Gazeta de Notícias* era um jornal em oito colunas, no formato amplo (o chamado *broadsheet*) que então era corrente, sem ilustrações e apresentando o grafismo compacto típico da época. Ao tempo da publicação d'*A Relíquia*, a *Gazeta de Notícias* alargava-se por quatro ou por seis páginas. Nas primeiras, além do folhetim, apareciam crônicas, notícias, *faits divers*, comentários jocosos a partir do que surgira noutros jornais ou do género «Dizia-se ontem...», telegramas de política internacional, informações sobre a atividade dos teatros, etc. Na 2.ª ou na 3.ª página, a par de notícias das províncias e de alguma publicidade, inseria-se eventualmente um segundo folhetim, o que reitera a consabida utilização de romances, como forma de fidelizar os leitores. As restantes páginas eram ocupadas com anúncios, sem organização nem critério definidos.

Quando começa a ser publicada, *A Relíquia* ocupa o lugar «nobre» do folhetim da primeira página, obrigando a deslocar *O Castelo Maldito*, de H. Wood, para a 3.ª página. O mesmo aconteceria, aliás, com o romance de Eça, sensivelmente a partir do final de maio, quando episodicamente trocou de lugar com aquele romance de Wood ou quando, pouco depois, cedeu o lugar de destaque a *A Princesa Belladonna*, de A. Mathey. Não é possível perceber uma razão que explique estas oscilações topográficas, nem a reconfiguração gráfica que, por vezes, concentrava o folhetim em quatro colunas⁷⁴. Seja como for: quando se concluiu a serialização, a 10 de junho, já o livro *A Relíquia* tinha sido publicado.

3.3. Conforme se percebe pela carta de Eça, de 8 de maio de 1887, a Jules Genelioux, acima citada, o lançamento do romance

⁷⁴ Provavelmente foi esta reconfiguração (que não «economizava» muito original, porque as quatro colunas ocupavam quase meia página) que levou Eça a comentar, na carta de 28 de junho de 1887 a Genelioux, que a *Gazeta* «s'est donné du loisir et a publié le roman dans des feuilletons d'une demi-pouce pour en publier le plus longtemps possible» (*Correspondência*, I, ed. cit., p. 497).

em livro ocorreu poucos dias depois do início da serialização⁷⁵. Isto significa que, por fim, o primeiro texto d'*A Relíquia* a ser publicado integralmente é o do volume de 1887.

Não menos importante do que isso é o facto de essa edição ter sido acompanhada de perto por Eça, o que não aconteceu com o texto da *Gazeta de Notícias*. Neste caso, como em muitos outros similares (também na *Gazeta*, evidentemente), a composição tipográfica e a impressão decorriam muito longe do escritor; como se sabe, em 1887 Eça vivia em Bristol, pelo que, na prática, era inviável que o escritor dispusesse de provas de um jornal brasileiro para emendar⁷⁶.

O texto final d'*A Relíquia*, na *Gazeta de Notícias*, ficou, então, por conta dos tipógrafos e dos revisores do jornal, sendo justo dizer-se que, para os recursos existentes na época, o resultado final é bastante aceitável. Ou seja: não são visíveis deficiências flagrantes — saltos de texto ou gralhas frequentes, por exemplo —, nem terão existido dificuldades de leitura do original, porque ela era feita pelo texto impresso que Eça mandou. Configura-se, deste modo, uma situação muito diferente (na verdade, inversa) de outras que o escritor conheceu: por exemplo, n'*O Mandarin*, n'*A Correspondência de Fradique Mendes* ou n'*A Ilustre Casa de Ramires*, casos em que Eça partiu de publicações anteriores na imprensa, para reescrever profundamente os respetivos textos, conforme usualmente fazia⁷⁷.

⁷⁵ Na carta de 28 de junho ao mesmo destinatário, Eça diz: «Impatient de lancer votre livre, et trente jours étant passés, vous avez très sincèrement cru que l'apparition du volume au Brésil ne nuirait en rien la *Gazeta* qui, selon vous, devait être au bout de ses feuillets» (*Correspondência*, I, ed. cit., p. 496). Aqueles 30 dias referem-se certamente à chegada do livro ao Brasil, quando, de facto, estava a terminar o folhetim.

⁷⁶ Até mesmo em publicações em revista nem sempre isso acontecia: recorde-se o incidente com Antero de Quental e com Jaime Batalha Reis, quando da publicação da primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro*, em 1875, na *Revista Ocidental* (cf. a introdução à edição crítica d'*O Crime do Padre Amaro*, ed. cit., pp. 19 e segs.).

⁷⁷ No tocante ao livro *A Correspondência de Fradique Mendes*, veja-se a respetiva introdução, na edição crítica já citada, pp. 45 e segs. Cf. também

Consideramos, assim, que, para eventuais procedimentos de cotejo, o texto da *Gazeta de Notícias* é irrelevante. Em bom rigor, ele não é um texto plena e absolutamente autorizado por Eça, na aceção mais exigente do termo. De qualquer modo, vale a pena observar, a partir do confronto quase aleatório de alguns passos de ambas as publicações, ligeiras diferenças entre elas⁷⁸. Assim:

A Relíquia, 1887	Gazeta de Notícias, 1887
Egreja (pp. [xii] e [xiii])	Igreja (n.º 114, p. 1, col. 4; três ocorrências)
Canaan (p. [xv])	Chanaan (n.º 114, p. 1, col. 5)
coisa (p. 6)	cousa (n.º 115, p. 1, col. 1)
(p. 13: texto seccionado)	(n.º 115, p. 1, col. 5: texto não seccionado)
(p. 19: texto seccionado)	(n.º 115, p. 1, col. 8: texto não seccionado)
Fugaz foi porém a (p. 65)	Fugaz foi, porém, a (n.º 120, p. 1, col. 1)
poeirada de luz que (p. 112)	poeirada de luz, que (n.º 125, p. 1, col. 1)
d'uma multidão (p. 112)	de uma multidão (n.º 125, p. 1, col. 1)
decerto por traz (p. 219)	de certo por traz (n.º 138, p. 1, col. 3)
rectidão do Romano: (p. 255)	rectidão do Romano; (n.º 143, p. 1, col. 1)
direito de pôr (p. 266)	direito de por (n.º 145, p. 1, col. 1)
olhei também o céu (p. 314)	olhei também o céu (n.º 150, p. 1, col. 2)

a introdução, por Elena Losada Soler, ao romance *A Ilustre Casa de Ramires*, ed. cit., pp. 30 e segs.

⁷⁸ Um confronto mais alargado foi feito numa outra edição d'*A Relíquia*, na respetiva introdução declara-se que, mesmo não estando em causa uma edição crítica, «ainda assim, tivemos o cuidado de confrontar os três capítulos iniciais de *A Relíquia*, publicados na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, com os três capítulos iniciais da edição de 1887, e verificamos que Eça de Queirós manteve o mesmo texto, sem qualquer alteração» (Eça de Queirós, *A Relíquia*, edição preparada por Leodegário A. de Azevedo Filho [com António Basílio Rodrigues e Vilma Pereira Rodrigues], Rio de Janeiro, Editorial Bruguera, 1971, p. 10). Como já vimos, o que está em causa é saber se foi a *Gazeta* que seguiu o texto de Eça e não o inverso.

A Relíquia, 1887	Gazeta de Notícias, 1887
Tenl-a visto (p. 362)	Tensl-a visto (n.º 154, p. 3, col. 2)
desastre no Oratorio (p. 431)	desastre no oratório (n.º 161, p. 2, col. 1)

Com base nesta amostragem, podemos afirmar que as diferenças ali representadas constituem oscilações de pormenor; tais oscilações são explicadas sobretudo por diferentes (e toleráveis) opções formais, sem especiais consequências no plano estilístico-literário. Sinteticamente:

- Uma ou outra grafia alternativa, com leve incidência fonológica, possivelmente específica do português do Brasil⁷⁹ (veja-se a passagem de «Egreja» para «Igreja» ou «Tenl-a» para «Tensl-a»).
- Grafia diferenciada, sem efeito fonológico, de vocábulos de origem estrangeira (em especial topónimos: «Canaan»/«Chanaan») ou vernácula («céo»/«céu»).
- Livre opção por uma certa forma verbal, em casos de sincretismo permitido pela norma («coisa»/«cousa»). O mesmo pode dizer-se do desdobramento, pela *Gazeta*, de forma contraídas (preposição e artigo: «d'uma» passou a «de uma»).
- Cancelamento de seccionamentos (anulação de entrelinhas), provavelmente por necessidade de economia de espaço.
- Movimentos «corretivos» da pontuação («Fugaz foi, porém, a»; «rectidão do Romano;») ou de formas lexicais que levantariam dúvidas («de certo» em vez de «decerto»).

⁷⁹ Apesar de tudo, no tempo de Eça, a variante brasileira estaria mais próxima da portuguesa do que atualmente.

- Oscilações de acentuação («por» em vez de «pôr») e de maiúsculas/minúsculas («Oratorio»/«oratorio»).

Em resumo: têm alcance mínimo ou são puramente incidentais as escassas mudanças que se registam na *Gazeta de Notícias*, em relação ao livro editado por Eça. Tais mudanças eram consentidas também pela relativa autonomia de que dispunham tipógrafos e revisores de imprensa: muitas vezes, cabia-lhes proceder ao «acabamento» do texto, em aspetos de que o escritor não curava, coisa que acontecia até mesmo em textos por ele acompanhados e autorizados. Passava-se isto, além do mais, num tempo em que não existiam os critérios e os instrumentos de uniformização ortográfica (incluindo a questão das maiúsculas/minúsculas) de que hoje dispomos, o que aumentava a possibilidade de discrepâncias, mesmo no interior de um só texto⁸⁰.

3.4. Antes de passarmos adiante, repetimos duas conclusões sustentadas em argumentos já enunciados e com o apoio do que se conhece da história literária de Eça. Primeira conclusão: a composição tipográfica e a impressão do livro de 1887, acompanhada pelo escritor, precederam o aparecimento do romance na *Gazeta de Notícias*. Segunda: os folhetins da *Gazeta* seguiram o livro, sem intervenção direta do escritor, tendo-se concluído a serialização pouco depois da publicação do romance em Portugal.

Não existem, então, dúvidas plausíveis, relativamente à adoção, pela presente edição crítica, do volume de 1887 como texto-base, se estiver em causa apenas o confronto com a publicação ocorrida na *Gazeta de Notícias*. Outra questão é saber qual a posição da segunda edição, de 1891, última publicada em vida do escritor (a terceira edição é de 1902), na história editorial d'*A Relíquia* e para efeitos desta edição crítica. Designadamente, importa determinar se ela representa, de facto, uma nova edição,

⁸⁰ Ainda assim, a situação d'*A Relíquia*, no tocante à respetiva produção tipográfica, foi bem diferente, para melhor (e apesar de se tratar de um jornal), da d'*Os Maias*; neste caso, a situação chegou a ser caótica, além de se ter arrastado por vários anos a composição e o acabamento dos dois volumes do romance (cf. a introdução à edição crítica já citada, pp. 42-46).

com tudo o que isso implica de revisão autoral e de eventual intervenção corretiva no texto (com maioria de razão tratando-se de Eça), ou se nela se encontra apenas uma reimpressão do livro de 1887. Nesse sentido e antes do confronto material dos dois volumes, devemos voltar à correspondência com o editor, em particular a de 1891 e, eventualmente, a que está cronologicamente próxima dela.

No início desse ano, Eça estava visivelmente ocupado com a *Revista de Portugal*. As três cartas que se conhecem a Jules Genelioux, do mês de janeiro (duas delas do dia 12!), tratam da edição e da composição daquela importante publicação, incluindo observações acerca das provas d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, que ali estava a ser republicada⁸¹. Apenas uma alusão (e de passagem), na carta de 15 de janeiro, a uma nova edição d'*A Relíquia*: «Je vois que vous annoncez une nouvelle édition de la *Relíquia*. Je espère [sic] que l'impression n'a pas commencée, parce que je voudrais y faire de toutes petites corrections.»⁸²

Percebe-se por aqui que o escritor não havia acordado previamente a tal nova edição, de que tivera notícia por outra via, que não pelo editor, coisa que, aliás, correspondia a uma situação não inédita, como veremos. Por outro lado, aquelas «muito pequenas correções» de que Eça fala não convencem, conhecendo-se os seus hábitos nesta matéria, explicitados exatamente na carta anterior, de 12 de janeiro: a propósito de umas provas já emendadas d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, que se haviam extraviado (o que obrigava a refazer o trabalho...), o escritor observa: «Vous savez quels soins j'apporte à la correction des épreuves et quel travail ça me donne [...]»⁸³

Não se conhecem mais cartas ou testemunhos similares, com relevância para este assunto. Tudo leva a crer que se repetiu, com *A Relíquia*, o que acontecera com *O Primo Basílio*, em finais de 1887: os editores lançaram uma nova edição do romance,

⁸¹ Na *Revista de Portugal* apareceram os oito capítulos daquilo que no livro se designaria como «Memórias e notas», mais 10 cartas de Fradique Mendes (cf. a introdução à edição crítica d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, pp. 19-20).

⁸² Eça de Queirós, *Correspondência*, II, ed. cit., p. 117.

⁸³ Eça de Queirós, *Correspondência*, II, ed. cit., p. 116.

sem disso darem prévio conhecimento ao escritor: «Voilà une nouvelle de nature à me causer le plus vif étonnement», exclama Eça, numa carta a Jules Genelioux, de 22 de outubro de 1887⁸⁴, vendo-se impedido de fazer o que lhe era usual; disso mesmo se queixou, na carta seguinte (28 de novembro): «C'est bien une révision du style que je voulais faire — ce qui cependant ne prendrait pas beaucoup de temps, et pourrait être fait sur les épreuves.»⁸⁵

O sentido que pode fazer esta hipótese da republicação d'*A Relíquia* à revelia do escritor é reforçado por razões práticas e económicas: desse modo, era mais célere e mais barato fazer reentrar no mercado uma obra que, quatro anos antes, causara celeuma e tinha público assegurado; para mais, passava-se isto numa época em que, como já se disse, Eça estava absorvido pela *Revista de Portugal*, coisa que os editores bem sabiam, por serem eles também quem a editava. Tudo aponta, então, no sentido de se considerar a primeira edição em livro como texto *ne varietur*, não superado, nessa condição, pela segunda edição. Ainda assim, não podemos dispensar um confronto, mesmo que sumário, do volume de 1887 com o de 1891⁸⁶.

Para essa comparação material, damos atenção a elementos como a paginação e o tipo escolhido e atentamos em eventuais e reduzidíssimas diferenças entre os dois textos. A conclusão a que se chega, em termos genéricos, é a de que houve um esforço apreciável para construir um volume praticamente igual ao de 1887; tal esforço, condicionado pelos recursos disponíveis na época, só poderia ser levado a cabo de duas formas: ou através de uma composição tipográfica que respeitasse meticulosamente todos os componentes gráficos de 1887; ou por uma reimpressão, feita a

⁸⁴ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., p. 510.

⁸⁵ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., p. 511. Com base neste episódio, em boa parte homologável àquele que agora nos ocupa, Guerra da Cal conclui: «Queda por lo tanto la 2.^a [edición] como 'ne varietur' e não a 3.^a edição, que saiu «sin revisión ninguna» (*Bibliografía Queirociana*, t. 1.º, ed. cit., p. 39).

⁸⁶ Na *Bibliografía Queirociana* (t. 1.º, ed. cit., p. 71), Guerra da Cal regista apenas: «2.^a edição, 1891, XVI, 441 [2] págs., 18 cm».

partir dos materiais de composição de 1887, tendo-se guardado esses materiais para a tal impressão, quando ela se revelasse necessária.

Esta última hipótese afigura-se problemática e remota. A quantidade de chumbo e de caracteres a reservar, até nova tiragem, seria considerável; para mais, as casas impressoras portuguesas trabalhavam num cenário de carências de que o próprio Eça chegou a queixar-se⁸⁷. Aquela massa considerável de material, correspondendo às quase 30 folhas de impressão de um livro com mais de 450 páginas, exigiria também um espaço de armazenamento porventura inoportuno para uma tipografia — juntando-se ao que seria exigido, de forma similar, para outros livros em espera.

Para além disso, a hipótese da reimpressão com a composição de 1887 é desmentida pelo tipo de divergências materiais que se verificam entre aquela 1.^a edição e a reedição de 1891. Assim:

- Ambos os volumes são formados por 29 cadernos (sendo o último incompleto), mas a sua numeração é diferente: em 1887, o primeiro caderno está identificado com a letra «A», seguindo-se-lhe a numeração até ao n.º 28; em 1891, a numeração inicia-se logo no prólogo e vai até ao n.º 29. Não sendo decisiva, esta discrepância é significativa.
- Na primeira página do prólogo, em 1891 suprime-se o título que aparece em 1887. Além disso, até à p. 10, a paginação não coincide. A partir daí e até à p. 248, existe coincidência entre ambas as edições, salvo diferenças mínimas que já serão apontadas; depois disso e pontualmente (pp. 249, 259, 361, 403), existem ligeiros desajustamentos de paginação.

⁸⁷ Por exemplo, numa carta de 17 de maio de 1894, a Mathieu Lugan, sócio do falecido (em 1893) Geneloux; nela e a propósito da edição das suas últimas obras, Eça desabafa: «Heureux les pays où les typographies ne maquent pas de types» (*Correspondência*, II, ed. cit., p. 263).

- Outras pequenas diferenças: uma gralha no final da p. 187, em 1891 («fervoso» por «fervoroso»); uma oscilação ortográfica no final da p. 201 (1887: «bozina»; 1891: «buzina»); uma aparente gralha em 1887, corrigida em 1891 («desairragada»/«desarraigada»; p. 121); uma gralha evidente em 1887, corrigida em 1891 («egalidade»/«legalidade»; p. 194)
- O elemento decorativo que aparece no final do texto (p. 441) de cada das edições é diferente.

Ainda uma outra divergência, esta provavelmente por uma razão própria: o topónimo «Landoso» que, em 1887, surge logo na primeira página (não numerada) do prólogo, associado a um título de nobreza (condes de Landoso), reaparece depois como «Lindoso» (p. 3) e, já no final do texto, de novo como «Landoso» (pp. 419 e 436). Em 1891, verifica-se uma uniformização em «Lindoso», provavelmente motivada pela existência de um topónimo com este nome⁸⁸, coisa que Eça não tinha obviamente de respeitar, mas que um tipógrafo zeloso, na 2.^a edição, trataria de «emendar». O mesmo zelo pode explicar intervenções na pontuação (p. ex., uma vírgula acrescentada depois de «Sumo Pontífice», na página [II]).

Em resumo: as ligeiras alterações observadas no texto da segunda edição ficam muito aquém do que teriam sido eventuais (mas muito improváveis) intervenções de Eça. Em nossa opinião, o editor tratou de construir um volume que, suportado embora por um apreciável esforço tipográfico⁸⁹, difere da primeira edição, mas apenas em pormenores de carácter accidental. Um tal esforço estava já testado, no caso apontado da reedição d'*O Primo Basílio* e com um resultado final mais

⁸⁸ Uma antiquíssima freguesia do concelho de Ponte da Barca, com um castelo do século XIII.

⁸⁹ No tocante à repetição de gralhas ou de lapsos de 1887 em 1891, não é possível dizer se a reprodução de erros do primeiro texto acontece por puro mimetismo tipográfico ou por mero descuido (p. ex., «tornou», em vez de «tomou», «magistrados» em vez de «magistrado» ou em duas ocorrências de «Topsius», quando o contexto pedia «Potte»).

conseguido⁹⁰; em ambos os casos, coube à Tipografia de A. J. da Silva Teixeira (e quem sabe se aos mesmos tipógrafos e revisores) levar a cabo a tentativa de réplica, recorrendo, é claro, ao mesmo tipo de letra. Tudo considerado, restam poucas dúvidas: a primeira edição deve ser o texto *ne varietur* a adotar na presente edição crítica, texto esse inquestionavelmente autorizado⁹¹.

4. OS COMEÇOS DA FORTUNA CULTURAL D'*A RELÍQUIA*

4.1. A avaliar por aquela nota de 30 de abril de 1887, em que a *Gazeta de Notícias* anunciava a reimpressão dos n.ºs 114 e 115, com os primeiros folhetins d'*A Relíquia*, o romance conheceu um êxito apreciável, pelo menos junto dos leitores brasileiros. Para isso terá contribuído, naturalmente, a temática anticlerical, acompanhada pela comicidade que tempera as aventuras e as desventuras de Teodorico Raposo, bem como a pulsão erótica do seu comportamento.

A receção do romance e os seus contornos dizem respeito indiretamente às questões levantadas pela sua edição crítica, quanto mais não seja pelo facto de a dita receção condicionar reedições em vida do escritor. Já vimos que a única que então aconteceu dispensou a intervenção direta de Eça; e sabemos também que, até à sua morte, nenhuma outra edição teve lugar, além dessa. Terá sido colocada, isso sim, a possibilidade de uma tradução espanhola, tal como o escritor refere, em carta a Jules Genelioux, de 19 de abril de 1888: «Un écrivain espagnol [...] m'a demandé aussi authorisation pour traduire la *Relíquia*», anuncia Eça; e acrescenta: «J'attends encore sa réponse au sujet des conditions.»⁹²

⁹⁰ Uma análise mesmo não exaustiva das duas edições em causa d'*O Primo Basílio* praticamente não encontra diferenças materiais entre elas.

⁹¹ Agradecemos ao Prof. Artur Anselmo as úteis informações que nos prestou sobre esta matéria.

⁹² Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., p. 540. Na *Bibliografia Queirociana* apenas está registada, em vida do escritor, uma tradução por Manuel de la Cruz, publicada na *Revista Cubana*, em 1892 (cf. *op. cit.*, t. 1.º, p. 76).

Outra coisa (que não é necessariamente coincidente com o acolhimento por parte do leitor comum) foi a receção da crítica coeva. Apesar dos esforços de Eça, ao pedir ao editor, na carta de 8 de maio de 1887, uma ampla distribuição do livro, por jornais e por figuras destacadas do meio literário, a verdade é que as vozes da crítica pouco se fizeram ouvir. Ainda assim, importa lembrar duas referências públicas ao romance (e uma delas com um certo fôlego), antes da publicação. Uma delas é circunstancial e tem a ver com um certo «facto extravagante» implicado na ação d'*A Relíquia*⁹³; a outra é o texto, por assim dizer, «promocional», de Oliveira Martins, n'*A Província*, dado à estampa a 11 de abril de 1887, na véspera da inserção naquele jornal de dois trechos da obra. No mencionado texto, o amigo de Eça desenvolve uma elaborada análise do romance, então já «impresso e pronto a ver a luz da publicidade»⁹⁴; nela, declara que «*A Relíquia* é um livro ímpio, sem ser um livro mau». Mais adiante, revelando notável intuição quanto ao caráter híbrido e pluridiscursivo do romance, Oliveira Martins escreve:

Desde a farsa até à epopeia; desde a gargalhada, pelo sorriso, até ao patético mais puro; desde a aventura picaresca, até aos episódios sublimes; desde a anedota do bacharel em viagem, até ao quadro nobremente sereno da vida antiga; desde a troça desenfreada, até à história severa; desde a *pochade* grotesca, até à paisagem larga e

⁹³ A expressão é de Gervásio Lobato, numa crónica publicada n'*O Ocidente* (vol. x, n.º 303, de 21 de maio). Lobato relata, a partir do que Eça lhe terá dito, que um «fidalgo sueco, muito distinto», fora informado por Ramalho Ortigão de que *A Relíquia*, então ainda não publicada, incluía «o extravagante sonho de Teodorico»; o dito fidalgo revelou então que um escritor sueco contava, num romance também ainda inédito, um episódio em tudo semelhante, mas protagonizado por um empregado do correio de Estocolmo. E assim, «a mesma ideia original» ocorrera, sem conhecimento recíproco, «ao mesmo tempo a um escritor na Suécia e a um escritor em Portugal» (citado da transcrição em *A Semana*, Rio de Janeiro, vol. III, n.º 131, de 2 de julho de 1887, p. 211). Caso para dizer que, pelo menos desta vez, Eça livrou-se da acusação de plágio.

⁹⁴ Oliveira Martins, *A Província*, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 1959, p. 84.

monumental; desde a blasfêmia, até ao hino — há de tudo neste livro, que é obra acabada de um fantasista de raça.⁹⁵

Depois disto e já publicado o romance, aparece «o soberbo e saboroso artigo» (assim diz Eça), da autoria de Luís de Magalhães, na *Província* de 31 de maio de 1887. O expressivo agradecimento feito pelo escritor está numa carta enviada de Bristol, com data de 2 de julho de 1887: «Venho [...] para lhe fazer a minha grande vénia, e agradecer-lhe, corado e modesto, a sua sumptuosa glorificação do livreco.»⁹⁶ Mais significativo do que isso, contudo, é o extenso comentário de Eça, acerca da inexistência, em Portugal, de uma crítica responsável:

Um artigo de Crítica é hoje uma coisa tão rara em Portugal, que, quando me aparece um, sinto-me penetrado de reconhecimento, como cidadão e como Português. [...] Com efeito a Crítica não é só a consciência escrita duma literatura; é também a polícia da literatura. Onde ela falta, como entre nós, há logo, como entre nós, anarquia e balbúrdia na cidade literária. Se nós tivéssemos um Corpo constituído de Críticos, três ou quatro, investidos de autoridade e de saber, independentes e inflexíveis como a própria Lei, e armados dum grosso cacete — já a rapaziada não escrevia essas prosas reles que correspondem a sair à rua

⁹⁵ Oliveira Martins, *op. cit.*, p. 86.

⁹⁶ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., p. 498). Apesar do tom elogioso do amigo, Eça não deixa de expressar as suas reticências acerca do romance: «Eu por mim, salvo o respeito que lhe é devido, não admiro pessoalmente a *Relíquia*. A estrutura e composição do livreco são muito defeituosas. Aquele mundo antigo está ali como um trambolho, e só é *antigo por fora*, nas exterioridades, nas vestes e nos edifícios; é no fundo uma paráfrase tímida do Evangelho de S. João, com cenários e fatos de teatro; e falta-lhe ser atravessado por um sopro naturalista de ironia forte que daria unidade a todo o livro; D. Raposo, em vez de se deixar assombrar pela solenidade histórica, devia rir-se dos Judeus e troçar os [sic] Rabis. O valor qualquer do livreco está no *realismo fantasista da Farsa*» (p. 498).

em ceroulas e chinelos, nem escrevia esses versos insensatos que correspondem a cantar bêbedo a uma esquina.⁹⁷

Sintoniza com estes amargos reparos de Eça o artigo de Mariano Pina sobre *A Relíquia*, publicado n' *A Ilustração*, de 20 de julho de 1887. Note-se que a crítica de Pina, sendo de um modo geral muito elogiosa, não está isenta de reservas, designadamente quanto a um aspeto da construção do romance:

É a questão do *eu*, o ser o livro a conversa na primeira pessoa dum personagem bastante medíocre e bastante ignorante, recebendo durante a sua viagem de Lisboa a Jerusalém impressões e sensações como só as recebe um espírito superior, e vendo aspetos e indivíduos através dum prisma como só pode possuir e manobrar um artista maravilhosamente dotado, como é o sr. Eça de Queirós.⁹⁸

Para além disso e dos tais elogios, Pina alarga-se na violenta crítica que endereça ao meio cultural lisboeta e à falta de um pensamento crítico que esteja à altura de um escritor com a dimensão de Eça. Lembra o crítico «que é um crime este *silêncio escrito* que eu vejo fazer-se em torno da nova obra dum dos espíritos mais vivos e mais eminentes do nosso tempo»; e mais adiante:

Pois quê! [...] Quando é chegado o momento de deitar uma dúzia de foguetes e de deitar discurso

⁹⁷ *Correspondência*, I, ed. cit., pp. 498-499.

⁹⁸ Mariano Pina, «Crónica. 'A Relíquia'», in *A Ilustração*, 4.º ano, vol. IV, n.º 14, de 20 de julho de 1887, p. 1. Recorde-se o que acima ficou dito: na apresentação d' *A Relíquia* aos leitores da *Gazeta de Notícias*, na véspera de se iniciar a serialização, fora já notada esta coexistência de duas vozes e de dois olhares, de certa forma discordantes. Curiosamente, Pina estimula Eça a que corrija este aspeto do relato «numa destas 'segundas edições' em que o sr. Eça de Queirós tanto se compraz a trabalhar, como se o artista considerasse a *primeira edição* como o 'ensaio geral' dum livro e a *segunda edição* a sua forma definitiva e inalterável» (art. cit., p. 210).

à chegada dum artista que acaba de percorrer os mundos misteriosos da Ideia e da Forma, trazendo na sua bagagem um belo livro, cintilante de espírito e pingue de erudição, uma obra de arte portuguesa — tudo se cala, e raros jornais sabem cumprir o seu dever?...⁹⁹

É isto que Eça agradece, a 28 de agosto do mesmo ano de 1887, escrevendo de Bristol e felicitando o amigo pelas «indignadas palavras que [...] atira às mãos cheias ao focinho sorumbático da Imprensa», porque elas evidenciam «uma nobre paixão pelas letras, um alto respeito pelo trabalho e pela arte». E acrescenta ainda: «Um jornal de Lisboa, hoje, é uma folha particularmente volante, onde um político defende os seus interesses e injuria os indivíduos que têm interesses diferentes [...]. Ora ninguém deve pedir cerejas a um castanheiro — nem crítica ou interesse pela Arte ao *Correio da Noite* ou às *Novidades*.»¹⁰⁰

4.2. De outro teor é a querela suscitada pelo concurso literário promovido pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em que *A Relíquia* foi preterida pel'O *Duque de Visen*, de Henrique Lopes de Mendonça. O episódio é bem conhecido, bastando, para os propósitos desta introdução, recuperar dele aqueles contributos que de alguma forma terão condicionado a imagem e a fortuna literária d'*A Relíquia*.

A peça central da referida querela é o relatório de Pinheiro Chagas, resultado da apreciação das obras apresentadas a concurso por um júri que, além de Chagas, integrava o visconde de Benalcanfor, José Silvestre Ribeiro e Inácio de Vilhena Barbosa¹⁰¹. Trata-se de um longo texto, publicado em sucessivos números

⁹⁹ Mariano Pina, art. cit., p. 1.

¹⁰⁰ Eça de Queirós, *Correspondência*, I, ed. cit., pp. 506-507.

¹⁰¹ Submetido à votação dos académicos, o drama histórico de Lopes de Mendonça (acompanhado pela peça de teatro em um ato, *A Noiva*), recolheu 11 votos, enquanto *Os Amores de Júlia*, de Sousa Monteiro, tiveram 5 votos. As restantes obras (incluindo, portanto, *A Relíquia*) não obtiveram qualquer voto.

do *Jornal do Comércio*, de 11 a 22 de dezembro de 1887, onde se passa em revista cada uma das obras em causa; curiosamente, a premiada motivou apenas breves considerações.

Mais atenção mereceu *A Relíquia*. Procedendo assim, Chagas mostra estar consciente de que não era pacífico relegar para uma posição subalterna, como ele mesmo reconhecia, a obra de «um dos nomes mais ilustres, e mais justamente ilustres da literatura portuguesa, já hoje»¹⁰²; o que, evidentemente, iria suscitar duras críticas à decisão do júri. Nos termos empolados que lhe eram habituais, Pinheiro Chagas concentra o essencial do seu parecer acerca d'*A Relíquia* num «defeito irremediável»: a dissonância entre, por um lado, o caráter, a cultura e a moral do narrador Teodorico e, por outro, a carga de erudição histórica com que é reconstituído o episódio da paixão e morte de Jesus, no sonho do capítulo III. Uma espécie de incongruência que praticamente coincide com aquela «questão do *em*» de que falara Mariano Pina. E assim, «este homem [Teodorico], transportado fantasticamente para a Jerusalém do tempo de Cristo, vendo e descrevendo o grande drama sagrado, devia dar ao mundo um Evangelho burlesco, ímpio de certo, [...] mas que podia ser em todo o caso uma obra de arte notável». Em síntese: «Quem adormece é Teodorico, e quem sonha é o autor [...]»¹⁰³

Quase de imediato, tão-só duas semanas depois de concluída a publicação do relatório de Chagas, Mariano Pina reage, de forma muito agreste, à decisão da Academia. A agressividade do texto de Pina n'*A Ilustração* não vai, contudo, acompanhada por serenidade e ponderação. Trata-se, para o jovem crítico, de desqualificar o júri, de atacar o método de votação e de menorizar o vencedor; ao mesmo tempo, Mariano Pina não se detém n'*A Relíquia* (que, de facto e como se disse, já analisara, logo que o romance fora

¹⁰² «Prémio D. Luiz I. Relatório de Pinheiro Chagas ao Concurso Literário da Academia das Ciências», in *Polémicas de Eça de Queiroz, 1887-1890*, org., introd. e notas de João C. Reis, Odivelas, Europress, 1987, vol. IV, t. 1, p. 54.

¹⁰³ *Loc. cit.*, p. 55. O relatório de Chagas e a decisão do júri mereceram um texto de Maria Amália Vaz de Carvalho («Relatório de Pinheiro Chagas», in *Crónicas de Valentina*, Lisboa, Ed. Tavares Cardoso & Irmão, 1890, pp. 299-312) que é pouco relevante para aquilo que aqui está em causa.

publicado) e prefere declarar enfaticamente «que foi uma falta de cortesia, que foi um erro, que foi uma injustiça, o que a Academia praticou». Estava em causa um escritor consagrado, responsável pela «introdução nas letras portuguesas [...] de todas as reformas por que tem passado o Romance nestes últimos vinte anos, de todas as reformas liberais introduzidas no Romance por Gustave Flaubert».¹⁰⁴

4.3. Estava aberto o caminho para aquela que viria a ser a intervenção mais conhecida nesta polémica: a carta pública de Eça de Queirós a Mariano Pina, inicialmente inserta n' *O Repórter* de 27 de abril de 1888 e depois transcrita n' *A Ilustração*. A justificação para a republicação tem o timbre do próprio diretor, ainda que o texto de apresentação não esteja assinado: nele, sublinha-se que «é à *Ilustração* e ao seu Diretor que a literatura portuguesa deve o ver tratado com tanto fervor um assunto literário que ia passando despercebido da grande maioria do público»¹⁰⁵.

Na sua carta, Eça faz uso do sarcasmo em que era mestre para tentar disfarçar o indisfarçável: o despeito por não ter vencido o concurso e, ao mesmo tempo, o desprezo pela Real Academia das Ciências, a que, afinal de contas, também pertencia. Este não é, então, o texto mais conseguido de Eça, do ponto de vista argumentativo, apesar da autocrítica que o escritor formula, visando o seu próprio romance. Tal autocrítica não oculta, todavia, o ressentimento relativamente a um certame a que, de facto, Eça se apresentara por vontade própria¹⁰⁶. Em todo o caso, no texto de Eça pode ler-se uma muito pertinente reflexão genérica sobre

¹⁰⁴ Mariano Pina, «Crónica. Um concurso literário», in *A Ilustração*, 5.º ano, vol. v, n.º 1, de 5 de janeiro de 1888, pp. 2-3.

¹⁰⁵ *A Ilustração*, 5.º ano, vol. v, n.º 10, de 20 de maio de 1888, p. 150.

¹⁰⁶ É verdade que Eça antecipara o fracasso da sua participação no concurso. Fê-lo na carta de 14 de junho de 1887, em que pediu a Ramalho Ortigão que enviasse um exemplar d'*A Relíquia* à Academia, justificando a iniciativa «não porque haja sequer a sombra fugitiva duma probabilidade mais magra que eu que me seja dado o Conto [de réis] entre o clamor das tubas e as palmas de Temístocles; — mas porque desejo gozar a atitude da Academia diante de D. Raposo!» (*Correspondência*, I, ed. cit., p. 494).

duas questões que só obliquamente vinham ao caso: a missão das academias, como «consciência literária» com função normativa, e a relevância que, no processo literário, assumia uma dialética que o escritor caracteriza assim:

[...] Para possuir uma literatura ideal, forte mas fina, original mas equilibrada, fecunda mas sóbria, será necessário que nela de certo modo se contrabalancem estas duas forças — a Tradição e a Invenção [...]. Isso será de resto na esfera intelectual o que é na esfera social o equilíbrio da Tradição e da Revolução.¹⁰⁷

Naturalmente que Pinheiro Chagas replicou, também n' *A Ilustração*, e com uma argumentação, diga-se em abono da justiça, de peso. No centro das razões esgrimidas por Chagas está a incoerência de Eça: o escritor concorrera por livre iniciativa e só recalcitrara, contra o júri e contra a Academia, depois de conhecer o resultado da disputa. Uma espécie de mau perder que a condição de académico do autor d' *A Relíquia* não consentia: «Declará-lo [ao júri] incompetente só depois dele ter proferido uma sentença que lhe não foi agradável é uma resolução um pouco tardia, e que manifesta não uma opinião e uma convicção, mas um ressentimento e um despeito.» Depois disto, pouca atenção dedica Pinheiro Chagas à obra derrotada, a não ser para reiterar o argumento central do seu parecer: o dos dois Teodoricos, ou seja, a personagem medíocre «que atravessa a maior parte do romance com grande fadiga para o leitor» e o Teodorico «em cuja imaginação maravilhosamente fecundada pelo sol da Palestina se elabora esse famoso sonho». O mais, como habitualmente em Chagas, eram as considerações retóricas sobre o «génio do escritor» e sobre as «qualidades brilhantíssimas que resplandecem no livro»¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Citado de Eça de Queirós, *Cartas Públicas*, edição de Ana Teresa Peixinho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 216.

¹⁰⁸ Pinheiro Chagas, «Eça de Queirós e a Academia», in *A Ilustração*, 5.º ano, vol. v, n.º 13, de 5 de julho de 1888, pp. 199 e 203. Logo a seguir a

No tocante ao enfrentamento entre Pinheiro Chagas e Eça, o debate encerra-se com um último texto do autor d'*A Relíquia*, «Ainda sobre a Academia». Nele, o grande romancista parece, por fim, consciente da sem razão de alguns dos argumentos que esgrimirá na carta pública a Mariano Pina. Por isso, procura colocar-se numa posição por assim dizer abstrata e genérica, por forma a desligar os seus argumentos da pessoa concreta (ele mesmo) que concorrera e não ganhara.

A questão agora é «de gostos e de hábitos» e Eça entende que, «em nome duma Academia, só se devem apresentar razões graves e académicas» e não «razões de folhetim e de cavaqueira», como alegadamente fizera Chagas. Mais do que isso, trata-se de dar atenção aos argumentos (que «aí estão — com a sua existência própria e o seu peso próprio») e não a quem os esgrime; e eles eram conhecidos: não é possível apreciar criticamente e classificar obras de conformação genológica diferente, designadamente comparando romances com dramas. E assim, «enquanto os meus argumentos conservarem estabilidade e fôlego, eu continuarei placidamente a afirmar que o concurso foi uma burla, uma ficção — e que, preferindo o drama, se fez uma escandalosa injustiça ao ilustre autor do romance, como se faria uma indecente injustiça ao ilustre autor do drama se se tivesse premiado o romance»¹⁰⁹.

Estas palavras seriam inatacáveis, se fossem subscritas por outrem, que não por Eça de Queirós. E sobretudo, conduziriam ao juízo que a história literária expressivamente tem confirmado: apesar das suas deficiências composicionais, *A Relíquia* situa-se num patamar estético-literário muito superior ao das restantes obras a concurso — obras de que hoje falamos apenas por causa deste episódio. Noutros termos, o destino e a fortuna cultural d'*A Relíquia* confirmaram aquilo que no romance existe de vigor analítico, de sarcasmo conjugado com comicidade, de talento para a representação do típico, às vezes com traço caricatural,

este texto, Mariano Pina insere uma carta contestando acusações que Chagas lhe endereçara, nada de novo acrescentando à disputa.

¹⁰⁹ Eça de Queirós, «Ainda sobre a Academia», in *A Ilustração*, 5.º ano, vol. v, n.º 14, de 20 de julho de 1888, pp. 215 e 218.

e de atenção a temas com profunda implantação na sociedade portuguesa, como o culto das relíquias e o fanatismo religioso. Também por isso, *A Relíquia* veio a ser um dos romances de Eça de Queirós com maior repercussão internacional, como o atestam as inúmeras traduções que tem conhecido e que estão, em grande parte, registadas na *Bibliografia Queirociana*¹¹⁰ de Ernesto Guerra da Cal. Foi, aliás, esta grande figura dos estudos queirosianos quem, com entusiasmo incontido, escreveu:

A Relíquia é, entre todas as suas obras, aquela que a crítica alheia considerou como mais universal — talvez porque, como Cervantes, ou como Machado de Assis, Eça soube nela infundir de validade supraespacial e supratemporal os elementos substantivos e inalienáveis da sua terra, da sua cultura e do seu tempo.¹¹¹

5. CRITÉRIOS EDITORIAIS

A presente edição crítica d'*A Relíquia* rege-se pelos critérios estabelecidos para esta série editorial. Isso não impede reajustamentos determinados pela natureza do texto e pelas circunstâncias da sua publicação, acima amplamente comentadas. Essas circunstâncias incluem tanto o facto de não estarem disponíveis manuscritos autógrafos, como a história editorial do romance e as decisões que ela envolveu; assim se explica a fisiologia da presente edição, designadamente o escasso aparato de notas que ela apresenta, a exemplo do que acontece com a d'*Os Maias*. Quem se surpreende por assim ser desconhece certamente as questões que ficam enunciadas e que explicam que se não coteje um texto «autorizado» por Eça (o que está no livro de 1887) com o texto aparecido

¹¹⁰ Cf. *Bibliografia Queirociana*, t. 1.º, pp. 83, e Ana Madureira, *Eça no Estrangeiro. Os Últimos 25 Anos. Tradução e Crítica*, Lisboa, Instituto Camões, s. d., pp. 9-20.

¹¹¹ Ernesto Guerra da Cal, *A Relíquia. Romance Picaresco e Cervantesco*, Lisboa, Editorial Grémio Literário, 1971, p. 46.

na *Gazeta de Notícias* (que ele não reviu) nem com o da reedição de 1891, igualmente elaborada sem o seu acompanhamento.

Assim:

1) O texto-base aqui adotado é o da edição em livro de 1887, com chancela tipográfica de A. J. da Silva Teixeira, do Porto.

2) A ortografia é atualizada, de acordo com a norma em vigor. Se eventuais derrogações dessa norma forem entendidas como opção do autor, tais derrogações não se corrigem, mas anota-se essa atitude.

3) No aparato crítico procede-se à elucidação dos pontos obscuros ou duvidosos ou à sua *interpretatio*, restringida ao indispensável. Uma vez que, no aparato e pelas circunstâncias desta edição, não há cotejo de textos de Eça, entende-se que todas as notas são dos editores (em itálico).

4) Relativamente à opção por maiúscula ou minúscula, seguiram-se as determinações ortográficas presentemente em vigor, em sintonia com o princípio da modernização seguido por esta série editorial; este princípio pode ser alterado, quando, em opções do autor, transparecem atitudes valorativas, em contextos de referência religiosa, em menções reverenciais ou em situações de realce de conceitos, sempre tendo-se em atenção o contexto. Por exemplo: «o sebento padre Soares» ou «era o padre Casimiro», mas «tenho estado aqui a consultar com o Sr. Padre Casimiro» ou «pode ver, Sr. Padre Negrão». Do mesmo modo, a frequente ocorrência do vocábulo «relíquia» (63 menções, em todo o texto) obriga a decisões com base contextual (p. ex., «Grande Relíquia» e «Santa Relíquia», mas «um velho óculo de alcance, relíquia do comendador», «traga uma relíquia à titi» e «algumas das relíquias que eu desençaixotara».

5) Os estrangeirismos são mantidos e uniformizados pela ocorrência predominante, sempre que tal se aplique (p. ex., Hinom; também paletot, champagne, etc.); quando deficientemente escritos, por eventual aportuguesamento, mantém-se essa forma e anota-se (p. ex., rosbeef). A grafia deste tipo de vocábulos, sobretudo em nomes bíblicos e em topónimos, pode ter sido filtrada pelo francês. Por exemplo: Betphagé, Sichem, Nizam.

6) As opções tipográficas atribuídas ao autor (p. ex., itálicos) são respeitadas, quando se entende que traduzem uma atitude

valorativa ou de ênfase deliberada. Nestes casos, como noutros homólogos, tem-se eventualmente em atenção a tendência dominante no texto.

7) São respeitadas oscilações idioletais ainda hoje consentidas pela norma e eventualmente explicadas pelos contextos em que surgem; é o caso dos ditongos <ou> e <oi>, que funcionam como variantes fonológicas equivalentes (p. ex., ouro/oiro, louro/loiro), da oscilação cobardia/covardia e de outras similares.

8) Para além das referidas oscilações, são respeitadas grafias arcaizantes, mas registadas no Vocabulário Ortográfico do Português como estando ainda em uso, particularmente por terem incidência fonética (p. ex., quási).

9) As formas grafadas com apóstrofo são, sempre que aceitável face ao uso atual, atualizadas por contração (d'um/dum; n'uma/numa); entretanto, são respeitadas, por força de opção estilística contextual, as variações de contração ou disjunção de preposição e artigo indefinido (dum/de um; duma/de uma).

10) Em geral, mantém-se a pontuação do autor, mesmo quando ela não obedece à norma. As alterações, na presente edição, produzem-se apenas em casos de intervenção entendida como alheia, procedendo-se do mesmo modo em formulações inteiramente anómalas (p. ex., vírgula entre sujeito e predicado), consideradas lapsos.

11) Os erros explicáveis por lapso ou por gralha corrigem-se, com anotação no aparato crítico.

TEXTO CRÍTICO

A RELÍQUIA

Decidi compor, nos vagares deste verão, na minha quinta do *Mosteiro* (antigo solar dos condes de Landoso) as memórias da minha vida — que neste século, tão consumido pelas incertezas da Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra, penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte.

Em 1875, nas vésperas de Santo António, uma desilusão de incomparável amargura abalou o meu ser: por esse tempo minha tia D. Patrocínio das Neves mandou-me do Campo de Santana, onde morávamos, em romagem a Jerusalém: dentro dessas santas muralhas, num dia abrasado do mês de Nizam, sendo Poncius Pilatos procurador da Judeia, Elius Lamma Legado imperial da Síria e J.-Kaiapha Sumo Pontífice testemunhei, miraculosamente, escandalosos sucessos: depois voltei — e uma grande mudança se fez nos meus bens e na minha moral.

São estes casos — espaçados e altos numa existência de bacharel como, em campo de erva ceifada, fortes e ramalhosos sobreiros cheios de sol e murmúrio — que quero traçar, com sobriedade e com sinceridade, enquanto no meu telhado voam as andorinhas, e as moitas de cravos vermelhos perfumam o meu pomar.

13: *Pilatus no texto-base, grafia que alterna, noutras ocorrências, com Pilatos. Adota-se esta, por ser predominante.*

14: *No texto-base: Pontífice testemunhei miraculosamente,*

Esta jornada à terra do Egito e à Palestina permanecerá sempre como a glória superior da minha carreira; e bem desejava que dela ficasse nas Letras, para a Posteridade, um monumento airoso e maciço. Mas hoje, escrevendo por motivos peculiarmente espirituais, pretendi que as páginas íntimas em que a relembro se não assemelhassem a um *Guia Pitoresco do Oriente*. Por isso (apesar das solicitações da vaidade) suprimi neste manuscrito suculentas, resplandecentes narrativas de Ruínas e de Costumes...

De resto esse país do Evangelho, que tanto fascina a humanidade sensível, é bem menos interessante que o meu seco e paterno Alentejo: nem me parece que as terras favorecidas por uma presença Messiânica ganhem jamais em graça ou esplendor. Nunca me foi dado percorrer os Lugares Santos da Índia em que o Buda viveu — arvoredos de Migadaia, outeiros de Veluvana, ou esse doce vale de Rajagria por onde se alongavam os olhos adoráveis do Mestre perfeito quando um fogo rebentou nos juncais, e Ele ensinou, em singela parábola, como a ignorância é uma fogueira que devora o homem — alimentada pelas enganosas sensações da vida que os sentidos recebem das enganosas aparências do Mundo. Também não visitei a caverna de Hira, nem os devotos areais entre Meca e Medina que tantas vezes trilhou Maomé, o Profeta Excelente, lento e pensativo sobre o seu dromedário. Mas, desde as figueiras de Betânia até às águas caladas de Galileia, conheço bem os sítios onde habitou esse outro Intermediário divino, cheio de enternecimento e de sonhos, a quem chamamos Jesus Nosso Senhor: — e só neles achei bruteza, secura, sordidez, soledade e entulho.

Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, acaçapada entre muralhas cor de lodo, e fedendo ao sol sob o badalar de sinos tristes.

O Jordão, fio de água barrento e peço que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave Lima que lá baixo, ao fundo do *Mosteiro*, banha as raízes dos meus amieiros: e todavia ved! estas meigas águas portuguesas não correram jamais entre os joelhos dum Messias, nem jamais as roçaram as asas dos anjos, armados e rutilantes, trazendo do Céu à Terra as ameaças do Altíssimo!

Entretanto como há espíritos insaciáveis que, lendo duma jornada pelas terras da Escritura, anelam conhecer desde o tamanho das pedras até ao preço da cerveja — eu recomendo a obra copiosa e luminosa do meu companheiro de romagem, o alemão Topsisius, doutor pela Universidade de Bonn e membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas. São sete volumes *in-quarto*, atochados, impressos em Leipzig, com este título fino e profundo — JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA.

Em cada página desse sólido Itinerário o douto Topsisius fala de mim, com admiração e com saudade. Denomina-me sempre o *ilustre fidalgo lusitano*; e a fidalguia do seu camarada, que ele faz remontar aos Barcas, enche manifestamente o erudito plebeu de delicioso orgulho. Além disso o esclarecido Topsisius aproveita-me, através desses repletos volumes, para pendurar ficticiamente, nos meus lábios e no meu crânio, dizeres e juízos ensopados de beata e babosa credulidade — que ele logo rebate e derroca com sagacidade e facúndia! Diz, por exemplo: «Diante de tal ruína, do tempo da Cruzada de Godofredo, o ilustre fidalgo lusitano pretendia que Nosso Senhor, indo um dia com a Santa Verónica...» — E logo alastra a tremenda, túrgida argumentação com que me deliu. Como porém as arengas que me atribui não são inferiores em sábio chorume e arrogância teológica às de Bossuet, eu não denunciei numa nota à *Gazeta de Colónia* — por que tortuoso artifício a afiada razão da Germânia se enfeita assim de triunfos sobre a romba Fé do Meio-Dia.

Há porém um ponto de JERUSALÉM PASSEADA que não posso deixar sem enérgica contestação. É quando o doutíssimo Topsisius alude a dois embrulhos de papel, que me acompanharam e me ocuparam, na minha peregrinação, desde as vielas de Alexandria até às quebradas do Carmelo. Naquela forma rotunda que caracteriza a sua eloquência universitária, o dr. Topsisius diz: «O ilustre fidalgo lusitano transportava ali restos dos seus antepassados, recolhidos por ele, antes de deixar o solo sacro da pátria, no seu velho solar torreado!...» Maneira de dizer singularmente falaz e censurável! Porque faz supor à Alemanha erudita que eu viajava

67: *in-quarto*: conforme o texto-base.

pelas terras do Evangelho — trazendo embrulhados num papel pardo os ossos dos meus avós!

Nenhuma outra imputação me poderia tanto desaprazer e desconvir. Não por me denunciar à Igreja como um profanador
100 leviano de sepulturas domésticas: menos me pesam a mim, comendador e proprietário, as fulminações da Igreja — que as folhas secas que às vezes caem sobre o meu guarda-sol de cima dum ramo morto: nem realmente a Igreja, depois de ter embolsado os seus emolumentos por enterrar um molho de ossos, se importa
105 que eles para sempre jazam resguardados sob a rígida paz dum mármore eterno, ou que andem chocalhados nas dobras moles dum papel pardo. Mas a afirmação de Topsisius desacredita-me perante a Burguesia Liberal: — e só da Burguesia Liberal, omnipresente e omnipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de
110 capitalismo, as coisas boas da vida, desde os empregos nos bancos até às comendas da Conceição. Eu tenho filhos, tenho ambições. Ora a Burguesia Liberal aprecia, recolhe, assimila com alacridade um cavalheiro ornado de avoengos e solares: é o vinho precioso e velho que vai apurar o vinho novo e cru: mas com razão detesta o
115 bacharel, filho de algo, que passeie por diante dela, enfunado e teso, com as mãos carregadas de ossos de antepassados — como um sarcasmo mudo aos antepassados e aos ossos que a ela lhe faltam.

Por isso intimo o meu douto Topsisius (que com os seus penetrantes óculos viu formar os meus embrulhos, já na terra
120 do Egito, já na terra de Canaã) a que na edição segunda de JERUSALÉM PASSEADA, sacudindo pudicos escrúpulos de Académico e estreitos desdéns de Filósofo, divulgue à Alemanha científica e à Alemanha sentimental qual era o recheio que continham esses papéis pardos — tão francamente como eu o revelo aos meus
125 concidadãos nestas páginas de repouso e de férias, onde a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pesadas roupagens da História, ora mais livre e saltando sob a caraça vistosa da Farsa!

I

Meu avô foi o padre Rufino da Conceição, licenciado em Teologia, autor duma devota *Vida de Santa Filomena*, e prior da Amendoeirinha. Meu pai, afilhado de Nossa Senhora da Assunção, chamava-se Rufino da Assunção Raposo — e vivia em Évora com minha avó, Filomena Raposo, por alcunha a «Repolhuda», doceira na rua do Lagar dos Dízimos. O papá tinha um emprego no correio, e escrevia por gosto no *Farol do Alentejo*.

Em 1853, um eclesiástico ilustre, D. Gaspar de Lorena, bispo de Chorazim (que é em Galileia), veio passar o S. João a Évora, a casa do cónego Pita, onde o papá muitas vezes à noite costumava ir tocar violão. Por cortesia com os dois sacerdotes, o papá publicou no *Farol* uma crónica, laboriosamente respigada no *Pecúlio de Pregadores*, felicitando Évora «pela dita de abrigar em seus muros o insigne prelado D. Gaspar, lume fulgente da Igreja, e preclaríssima torre de santidade». O bispo de Chorazim recortou este pedaço do *Farol* para o meter entre as folhas do seu Breviário; e tudo no papá lhe começou a agradar, até o asseio da sua roupa branca, até a graça chorosa com que ele cantava, acompanhando-se no violão, a xácara do conde Ordonho. Mas quando soube que este Rufino da Assunção, tão moreno e simpático, era o afilhado carnal do seu velho Rufino da Conceição, camarada de estudos no bom Seminário de S. José e nas veredas teológicas da Universidade, a sua afeição pelo papá tornou-se extremosa. Antes de partir de Évora deu-lhe um relógio de prata; e, por influência dele, o papá, depois de arrastar alguns meses a sua madraçaria pela Alfândega do Porto, como aspirante, foi nomeado, escandalosamente, diretor da Alfândega de Viana.

30 As macieiras cobriam-se de flor quando o papá chegou às veigas suaves de Entre Míinho e Lima; e logo nesse julho conheceu um cavalheiro de Lisboa, o comendador G. Godinho, que estava passando o verão com duas sobrinhas, junto ao rio, numa quinta chamada o *Mosteiro*, antigo solar dos condes de Landoso. A mais velha destas senhoras, D. Maria do Patrocínio, usava óculos escuros, e vinha todas as manhãs da quinta à cidade, num burrinho, com o criado de farda, ouvir missa a Santana. A outra, D. Rosa, gordinha e trigueira, tocava harpa, sabia de cor os versos do *Amor e Melancolia*, e passava horas, à beira da água, entre a sombra dos amieiros, rojando o vestido branco pelas relvas, a fazer raminhos silvestres.

40 O papá começou a frequentar o *Mosteiro*. Um guarda da alfândega levava-lhe o violão; e enquanto o comendador e outro amigo da casa, o Margaride, doutor delegado, se embebiam numa partida de gamão, e D. Maria do Patrocínio rezava em cima o terço — o papá, na varanda, ao lado de D. Rosa, defronte da Lua, redonda e branca sobre o rio, fazia gemer no silêncio os bordões e dizia as tristezas do conde Ordonho. Outras vezes jogava ele a partida de gamão: D. Rosa sentava-se então ao pé da titi, com uma flor nos cabelos, um livro caído no regaço; e o papá, chocalhando os dados, sentia a carícia prometedora dos seus olhos pestanudos.

50 Casaram. Eu nasci numa tarde de Sexta-Feira de Paixão; e a mamã morreu, ao estalarem, na manhã alegre, os foguetes da Aleluia. Jaz, coberta de goivos, no cemitério de Viana, numa rua junto ao muro, húmida da sombra dos chorões, onde ela gostava de ir passear nas tardes de verão, vestida de branco, com a sua cadelinha felpuda que se chamava *Traviata*.

55 O comendador e D. Maria não voltaram ao *Mosteiro*. Eu cresci, tive o sarampo; o papá engordava; e o seu violão dormia, esquecido ao canto da sala, dentro dum saco de baeta verde. Num julho de grande calor, a minha criada Gervásia vestiu-me o fato pesado de veludilho preto; o papá pôs um fumo no chapéu de palha; era o luto do comendador G. Godinho, a quem o papá muitas vezes chamava, por entre dentes, «malandro».

60: No texto-base: G. Godinho a quem

Depois, numa noite de Entrudo, o papá morreu de repente, com uma apoplexia, ao descer a escadaria de pedra da nossa casa, mascarado de urso, para ir ao baile das senhoras Macedos.

65 Eu fazia então 7 anos; e lembro-me de ter visto, ao outro dia, no nosso pátio, uma senhora alta e gorda, com uma mantilha rica de renda negra, a soluçar diante das manchas de sangue do papá, que ninguém lavara, e já tinham secado nas lajes. À porta uma velha esperava, rezando, encolhida no seu mantéu de baetilha.

70 As janelas da frente da casa foram fechadas; no corredor escuro, sobre um banco, um candeeiro de latão ficou dando a sua luzinha de capela, fumarenta e mortal. Ventava e chovia. Pela vidraça da cozinha, enquanto a Mariana, choramingando, abanava o fogareiro, eu vi passar no largo da Senhora da Agonia o homem
75 que trazia às costas o caixão do papá. No alto frio do monte a capelinha da Senhora, com a sua cruz negra, parecia mais triste ainda, branca e nua entre os pinheiros, quási a sumir-se na névoa; e adiante, onde estão as rochas, gemia e rolava, sem descontinuar, um grande mar de inverno.

80 À noite, no quarto de engomar, a minha criada Gervásia sentou-me no chão, embrulhado num saio. De quando em quando, rangiam no corredor as botas do João, guarda da alfândega, que andava a defumar com alfazema. A cozinheira trouxe-me uma fatia de pão de ló. Adormeci: e logo achei-me a caminhar à beira
85 dum rio claro, onde os choupos, já muito velhos, pareciam ter uma alma e suspiravam; e ao meu lado ia andando um homem nu, com duas chagas nos pés, e duas chagas nas mãos, que era Jesus, Nosso Senhor.

Passados dias, acordaram-me, numa madrugada em que a
90 janela do meu quarto, batida do Sol, resplandecia prodigiosamente como um prenúncio de coisa santa. Ao lado da cama, um sujeito risonho e gordo fazia-me cócegas nos pés com ternura e chamava-me *brejeirote*. A Gervásia disse-me que era o Sr. Matias, que me ia levar para muito longe, para casa da tia Patrocínio: e o
95 Sr. Matias, com a sua pitada suspensão, olhava espantado para as meias rotas que me calçara a Gervásia. Embrulharam-me no xale-manta cinzento do papá; o João, guarda da alfândega, trouxe-me ao colo até à porta da rua, onde estava uma liteira com cortinas de oleado.

100 Começámos então a caminhar por compridas estradas. Mesmo
adormecido, eu sentia as lentas campainhas dos machos: e o
Sr. Matias, defronte de mim, fazia-me de vez em quando uma
festinha na cara, e dizia: «Ora cá vamos.» Uma tarde, ao escure-
cer, parámos de repente num sítio ermo, onde havia um lamaçal;
105 o liteireiro, furioso, praguejava, sacudindo o archote aceso. Em
redor, dolente e negro, rumorejava um pinheiral. O Sr. Matias,
enfado, tirou o relógio da algibeira e escondeu-o no cano da bota.

Uma noite, atravessámos uma cidade onde os candeeiros da
rua tinham uma luz jovial, rara e brilhante como eu nunca vira,
110 da forma duma tulipa aberta. Na estalagem em que apeámos, o
criado, chamado Gonçalves, conhecia o Sr. Matias: e depois de
nos trazer os bifés, ficou familiarmente encostado à mesa, de
guardanapo ao ombro, contando coisas do senhor barão, e da
inglesa do senhor barão. Quando recolhíamos ao quarto, alumia-
dos pelo Gonçalves, passou por nós, bruscamente, no corredor,
115 uma senhora, grande e branca, com um rumor forte de sedas
claras, espalhando um aroma de almíscar. Era a inglesa do senhor
barão. No meu leito de ferro, desperto pelo barulho das segas, eu
pensava nela, rezando Ave-Marias. Nunca roçara corpo tão belo,
120 dum perfume tão penetrante: ela era cheia de graça, o Senhor
estava com ela, e passava, bendita entre as mulheres, com um
rumor de sedas claras...

Depois, partimos num grande coche que tinha as armas
do rei, e rolava a direito por uma estrada lisa, ao trote forte e
125 pesado de quatro cavalos gordos. O Sr. Matias, de chinelas nos
pés e tomando a sua pitada, dizia-me, aqui e além, o nome duma
povoação aninhada em torno duma velha igreja, na frescura dum
vale. Ao entardecer, por vezes, numa encosta, as janelas duma
calma vivenda faiscavam com um fulgor de ouro novo. O coche
130 passava; a casa ficava adormecendo entre as árvores; através dos
vidros embaciados eu via luzir a estrela de Vénus. Alta noite
tocava uma corneta; e entrávamos, atroando as calçadas, numa
vila adormecida. Defronte do portão da estalagem moviam-se
silenciosamente lanternas mortijas. Em cima, numa sala acon-
135 chegada, com a mesa cheia de talheres, fumegavam as terrinas;
os passageiros, arrepiados, bocejavam, tirando as luvas grossas
de lã; e eu comia o meu caldo de galinha, estremunhado e sem

vontade, ao lado do Sr. Matias, que conhecia sempre algum moço, perguntava pelo doutor delegado, ou queria saber como iam as obras da Câmara.

Enfim, num domingo de manhã, estando a choviscar, chegámos a um casarão, num largo cheio de lama. O Sr. Matias disse-me que era Lisboa; e, abafando-me no meu xale-manta, sentou-me num banco, ao fundo duma sala húmida, onde havia bagagens e grandes balanças de ferro. Um sino lento tocava à missa; diante da porta passou uma companhia de soldados, com as armas sob as capas de oleado. Um homem carregou os nossos baús, entrámos numa sege, eu adormeci sobre o ombro do Sr. Matias. Quando ele me pôs no chão, estávamos num pátio triste, lajeado de pedrinha miúda, com assentos pintados de preto: e na escada uma moça gorda cochichava com um homem de opa escarlate, que trazia ao colo o mealheiro das Almas.

Era a Vicência, a criada da tia Patrocínio. O Sr. Matias subiu os degraus conversando com ela, e levando-me ternamente pela mão. Numa sala forrada de papel escuro, encontrámos uma senhora muito alta, muito seca, vestida de preto, com um grillão de ouro no peito; um lenço roxo, amarrado no queixo, caía-lhe num bioco lúgubre sobre a testa; e no fundo dessa sombra negrejavam dois óculos defumados. Por trás dela, na parede, uma imagem de Nossa Senhora das Dores olhava para mim, com o peito trespassado de espadas.

— Esta é a titi, disse-me o Sr. Matias. É necessário gostar muito da titi... É necessário dizer sempre que *sim* à titi!

Lentamente, a custo, ela baixou o carão chupado e esverdeado. Eu senti um beijo vago, duma frialdade de pedra: e logo a titi recuou, enojada.

— Credo, Vicência! Que horror! Acho que lhe puseram azeite no cabelo!

Assustado, com o beicinho já a tremer, ergui os olhos para ela, murmurei:

— Sim, titi.

Então o Sr. Matias gabou o meu génio, o meu propósito na liteira, a limpeza com que eu comia a minha sopa à mesa das estalagens.

— Está bem, rosnou a titi secamente. Era o que faltava, portar-se mal, sabendo o que eu faço por ele... Vá, Vicência,

leve-o lá para dentro... lave-lhe essa ramela, veja se ele sabe fazer o sinal da cruz...

O Sr. Matias deu-me dois beijos repenicados. A Vicência levou-me para a cozinha.

180 À noite vestiram-me o meu fato de veludilho; e a Vicência, séria, de avental lavado, trouxe-me pela mão a uma sala em que pendiam cortinas de damasco escarlate, e os pés das mesas eram dourados como as colunas dum altar. A titi estava sentada no meio do canapé, vestida de seda preta, toucada de rendas
185 pretas, com os dedos resplandecentes de anéis. Ao lado, em cadeiras também douradas, conversavam dois eclesiásticos. Um, risonho e nédio, de cabelinho encaracolado e já branco, abriu os braços para mim, paternalmente. O outro, moreno e triste, rosnou só «boas-noites». E da mesa, onde folheava um grande
190 livro de estampas, um homenzinho, de cara rapada e colarinhos enormes, cumprimentou, atarantado, deixando escorregar a luneta do nariz.

Cada um deles vagarosamente me deu um beijo. O padre triste perguntou-me o meu nome, que eu pronunciava *Tedrico*.
195 O outro, amorável, mostrando os dentes frescos, aconselhou-me que separasse as sílabas e dissesse *Te-o-do-ri-co*. Depois acharam-me parecido com a mamã, nos olhos. A titi suspirou, deu louvores a Nosso Senhor de que eu não tinha nada do Raposo. E o sujeito de grandes colarinhos fechou o livro, fechou a luneta, e timidamente
200 quis saber se eu trazia saudades de Viana. Eu murmurei, atordoado:
— Sim, titi.

Então o padre mais idoso e nédio chegou-me para os joelhos, recomendou-me que fosse temente a Deus, quietinho em casa, sempre obediente à titi...

205 — O Teodorico não tem ninguém senão a titi... É necessário dizer sempre que *sim* à titi...

Eu repeti, encolhido:

— Sim, titi.

A titi, severamente, mandou-me tirar o dedo da boca. Depois
210 disse-me que voltasse para a cozinha, para a Vicência, sempre a seguir pelo corredor...

— E quando passar pelo oratório, onde está a luz e a cortina verde, ajoelhe, faça o seu sinalzinho da cruz...

215 Não fiz o sinal da cruz. Mas entreabri a cortina; e o oratório
da titi deslumbrou-me, prodigiosamente. Era todo revestido de seda
roxa, com painéis enternecedores em caixilhos floridos, contando
os trabalhos do Senhor; as rendas da toalha do altar roçavam o
chão tapetado; os santos de marfim e de madeira, com auréolas
220 lustrosas, viviam num bosque de violetas e de camélias vermelhas.
A luz das velas de cera fazia brilhar duas salvas nobres de prata,
encostadas à parede, em repouso, como broquéis de santidade; e
erguido na sua cruz de pau-preto, sob um dossel, Nosso Senhor
Jesus Cristo era todo de ouro, e reluzia.

225 Cheguei-me devagar até junto da almofada de veludo verde,
pousada diante do altar, cavada pelos piedosos joelhos da titi.
Ergui para Jesus crucificado os meus lindos olhos negros. E fiquei
pensando que no Céu os anjos, os santos, Nossa Senhora e
o Pai de todos deviam ser assim, de ouro, cravejados talvez de
230 pedras: o seu brilho formava a luz do dia; e as estrelas eram
os pontos mais vivos do metal precioso, transparecendo através
dos véus negros, em que os embrulhava à noite, para dormirem,
o carinho beato dos homens.

Depois do chá, a Vicência foi-me deitar numa alcovinha
pegada ao seu quarto. Fez-me ajoelhar em camisa, juntou-me as
235 mãos, ergueu-me a face para o Céu. E ditou os Padre-Nossos
que me cumpria rezar pela saúde da titi, pelo repouso da mamã,
e por alma dum comendador que fora muito bom, muito santo,
e muito rico, e que se chamava Godinho.

240 Apenas completei 9 anos, a titi mandou-me fazer camisas,
um fato de pano preto, e colocou-me, como interno, no Colégio
dos Isidoros, então em Santa Isabel.

Logo nas primeiras semanas liguei-me ternamente com um
rapaz Crispim, mais crescido que eu, filho da firma Teles, Crispim
& C.^a, donos da fábrica de fiação à Pampulha. O Crispim ajudava à
245 missa aos domingos; e, de joelhos, com os seus cabelos compridos
e louros, lembrava a suavidade dum anjo. Às vezes agarrava-me
no corredor e marcava-me a face, que eu tinha feminina e macia,

228: *No texto-base:* o Pai de todos, deviam

com beijos devoradores; à noite, na sala de estudo, à mesa onde folheávamos os sonolentos dicionários, passava-me bilhetinhos a
 250 lápis, chamando-me *seu idolatrado* e prometendo-me caixinhas de penas de aço...

À quinta-feira era o desagradável dia de lavarmos os pés. E três vezes por semana o sebento padre Soares vinha, de palito na boca, interrogar-nos em Doutrina e contar-nos a vida do Senhor.

255 — Ora depois pegaram, e levaram-no de rastos a casa de Caifás... Olá, o da pontinha do banco, quem era Caifás?... Emende! Emende adiante!... Também não! Irra, cabeçudos! Era um judeu e dos piores... Ora diz que, lá num sítio muito feio da Judeia, há uma árvore toda de espinhos, que é mesmo de arrepiar...

260 A sineta do recreio tocava; todos, a um tempo e de estalo, fechávamos a cartilha.

O tristonho pátio de recreio, areado com saibro, cheirava mal por causa da vizinhança das latrinas; e o regalo para os mais crescidos era tirar uma fumaça do cigarro, às escondidas, numa sala
 265 térrea onde aos domingos o mestre de dança, o velho Cavinetti, frisado e de sapatinhos decotados, nos ensinava mazurkas.

Cada mês a Vicência, de capote e lenço, me vinha buscar depois da missa, para ir passar um domingo com a titi. Isidoro Júnior, antes de eu sair, examinava-me sempre os ouvidos e as
 270 unhas; muitas vezes, mesmo na bacia dele, dava-me uma ensaboadela furiosa, chamando-me baixo *sebento*. Depois trazia-me até à porta, fazia-me uma carícia, tratava-me de seu *querido amiguinho* e mandava pela Vicência os seus respeitos à Sr.^a D. Patrocínio das Neves.

Nós morávamos no Campo de Santana. Ao descer o Chiado, eu parava numa loja de estampas diante do lânguido quadro
 275 duma mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas. A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do senhor barão: e esse aroma, que
 280 tanto me perturbara no corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finamente espalhado, na rua cheia de sol, pelas sedas das senhoras que subiam para a missa do Loreto, espartilhadas e graves.

A titi, em casa, estendia-me a mão a beijar: e toda a manhã eu ficava folheando volumes do *Panorama Universal*, na saleta dela, onde havia um sofá de riscadinho, um armário rico de pau-preto,

285

e litografias coloridas, com ternas passagens da vida puríssima do seu favorito santo, o Patriarca S. José. A titi, de lenço roxo carregado para a testa, sentada à janela por dentro dos vidros, com os pés embrulhados numa manta, examinava solícitamente um grande caderno de contas.

290 Às três horas enrolava o caderno; e de dentro da sombra do lenço começava a perguntar-me Doutrina. Dizendo o *Credo*, desfiando os *Mandamentos*, com os olhos baixos, eu sentia o seu cheiro acre e adocicado a rapé e a formiga.

295 Aos domingos vinham jantar connosco os dois eclesiásticos. O de cabelinho encaracolado era o padre Casimiro, procurador da titi: dava-me abraços risonhos; convidava-me a declinar *arbor arboris, currus curri*; proclamava-me com afeto «talentaço». E o outro eclesiástico elogiava o Colégio dos Isidoros, formosíssimo estabelecimento de educação, como não havia nem na Bélgica.

300 Esse chamava-se padre Pinheiro. Cada vez me parecia mais moreno, mais triste. Sempre que passava por diante dum espelho, deitava a língua de fora, e ali se esquecia a esticá-la, a estudá-la, desconfiado e aterrado.

305 Ao jantar o padre Casimiro gostava de ver o meu apetite.
— Vai mais um bocadinho de vitelinha guisada? Rapazes querem-se alegres e bem comidos!...

E padre Pinheiro, palpando o estômago:

— Felizes idades! Felizes idades em que se repete a vitela!

310 Ele e a titi falavam então de doenças. Padre Casimiro, coradinho, com o guardanapo atado ao pescoço, o prato cheio, o copo cheio, sorria beatificamente.

Quando, na praça, entre as árvores, começavam a luzir os candeeiros de gás, a Vicência punha o seu xale velho de xadrez e ia levar-me ao colégio. A essa hora, nos domingos, chegava o sujeitinho de cara rapada e vastos colarinhos, que era o Sr. José Justino, secretário da Confraria de S. José, e tabelião da titi, com cartório a S. Paulo. No pátio, tirando já o seu paletot, fazia-me uma festa no queixo, e perguntava à Vicência pela saúde da Sr.^a D. Patrocínio. Subia; nós fechávamos o pesado portão. E eu

315

320

respirava consoladamente — porque me entristecia aquele casarão com os seus damascos vermelhos, os santos inumeráveis, e o cheirinho a capela.

325 Pelo caminho a Vicência falava-me da titi, que a trouxera, havia seis anos, da Misericórdia. Assim eu fui sabendo que ela padecia do fígado; tinha sempre muito dinheiro em ouro numa bolsa de seda verde; e o comendador Godinho, tio dela e da minha mamã, deixara-lhe duzentos contos em prédios, em papéis, e a quinta do *Mosteiro* ao pé de Viana, e pratas e louças da Índia... Que rica que
330 era a titi! Era necessário ser bom, agradar sempre à titi!

À porta do colégio a Vicência dizia «Adeus, amorzinho», e dava-me um grande beijo. Muitas vezes, de noite, abraçado ao travesseiro, eu pensava na Vicência, e nos braços que lhe vira arregaçados, gordos e brancos como leite. E assim foi nas-
335 cendo no meu coração, pudicamente, uma paixão pela Vicência.

Um dia, um rapaz já de buço chamou-me no recreio *lambisgoia*. Desafiei-o para as latrinas, ensanguentei-lhe lá a face toda, com um murro bestial. Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto
340 amor pela Vicência desapareceu um dia, insensivelmente, como uma flor que se perde na rua.

E os anos assim foram passando: pelas vésperas de Natal acendia-se um braseiro no refeitório, eu envergava o meu casacão forrado de baeta e ornado duma gola de astracã; depois chegavam as andorinhas aos beirais do nosso telhado, e no oratório da
345 titi, em lugar de camélias, vinham braçadas dos primeiros cravos vermelhos perfumar os pés de ouro de Jesus; depois era o tempo dos banhos de mar, e o padre Casimiro mandava à titi um gigo de uvas da sua quinta de Torres... Eu comecei a estudar Retórica.

350 Um dia o nosso bom procurador disse-me que eu não voltaria mais para os Isidoros, indo acabar os meus preparatórios em Coimbra, na casa do Dr. Roxo, lente de Teologia. Fizeram-me roupa branca. A titi deu-me num papel a oração que eu diariamente devia rezar a S. Luís Gonzaga, padroeiro da mocidade estudiosa,
355 para que ele conservasse em meu corpo a frescura da castidade, e na minha alma o medo do Senhor. O padre Casimiro foi-me levar à cidade graciosa onde dormita Minerva.

360 Detestei logo o Dr. Roxo. Em sua casa sofri vida dura e
claustral; e foi um infável gosto quando, no meu primeiro ano
de Direito, o desagradável eclesiástico morreu miseravelmente dum
antraz. Passei então para a divertida hospedagem das Pimentas — e
conheci logo, sem moderação, todas as independências, e as fortes
delícias da vida. Nunca mais rosnei a delambida oração a S. Luís
365 Gonzaga, nem dobrei o meu joelho viril diante da imagem benta
que usasse auréola na nuca; embebedei-me com alarido nas Came-
las; afirmei a minha robustez esmurrando sanguinolentamente
um marcador do Trony; fartei a carne com saborosos amores
no Terreiro da Erva; vadiiei ao luar, ganindo fados; usava moca;
e como a barba me vinha, basta e negra, aceitei com orgulho a
370 alcunha de *Raposaõ*. Todos os quinze dias porém escrevia à titi, na
minha boa letra, uma carta humilde e piedosa, onde lhe contava
a severidade dos meus estudos, o recato dos meus hábitos, as
copiosas rezas e os rígidos jejuns, os sermões de que me nutria,
os doces desagravos ao Coração de Jesus à tarde, na Sé, e as
375 novenas com que consolava a minha alma em Santa Cruz no
remanso dos dias feriados...

Os meses de verão em Lisboa eram depois dolorosos. Não
podia sair, mesmo a esportar o cabelo, sem implorar da titi uma
licença servil. Não ousava fumar ao café. Devia recolher virgi-
380 nalmente, à noitinha: e antes de me deitar tinha de rezar com a
velha um longo terço no oratório. Eu próprio me condenara a
esta detestável devoção!

— Tu lá nos estudos costumavas fazer o teu terço? Perguntara-me,
com secura, a titi.

385 E eu, sorrindo abjetamente:

— Ora essa! É que nem posso adormecer sem ter rezado
o meu rico terço!...

Aos domingos continuavam as partidas. O padre Pinheiro,
mais triste, queixava-se agora do coração, e um pouco também
390 da bexiga. E havia outro comensal, velho amigo do comenda-
dor Godinho, fiel visita das Neves, o Margaride, o que fora
delegado em Viana, depois juiz em Mangualde. Rico por morte
de seu mano Abel, secretário da Câmara Patriarcal, o doutor
aposentara-se, farto dos autos, e vivia em ócio, lendo os periód-
395 icos, num prédio seu na praça da Figueira. Como conhecera o

papá, e muitas vezes o acompanhara ao *Mosteiro*, tratou-me logo com autoridade e por *voce*.

400 Era um homem corpulento e solene, já calvo, com um carão lívido, onde destacavam as sobrancelhas cerradas, densas e negras como carvão. Raras vezes penetrava na sala da titi sem atirar, logo da porta, uma notícia pavorosa. «Então, não sabem? Um incêndio medonho, na Baixal!» Apenas uma fumaça numa chaminé. Mas o bom Margaride, em novo, num sombrio acesso de imaginação, compusera duas tragédias; e daí lhe ficara este gosto mórbido de exagerar e de
405 impressionar. «Ninguém como eu, dizia ele, saboreia o grandioso...»

E, sempre que aterrava a titi e os sacerdotes, sorvia gravemente uma pitada.

410 Eu gostava do Dr. Margaride. Camarada do papá em Viana, muitas vezes lhe ouvira cantar, ao violão, a xácara do conde Ordonho. Tardes inteiras vagueara com ele poeticamente, pela beira da água, no *Mosteiro*, quando a mamã fazia raminhos silvestres à sombra dos amieiros. E mandou-me as amêndoas mal eu nasci, à noitinha, em Sexta-Feira de Paixão. Além disso, mesmo
415 na minha presença, ele gabava francamente à titi o meu intelecto, e a circunspeção dos meus modos.

— O nosso Teodorico, D. Patrocínio, é moço para deleitar uma tia... V. Ex.^a, minha rica senhora, tem aqui um Telémaco!

Eu corava, modesto.

420 Ora foi justamente passeando com ele no Rossio, num dia de agosto, que eu conheci um parente nosso, afastado, primo do comendador G. Godinho. O Dr. Margaride apresentou-mo, dizendo apenas: «O Xavier, teu primo, moço de grandes dotes.» Era um homem enxovalhado, de bigode louro, que fora galante e desbaratara furiosamente trinta contos, herdados de seu pai, dono
425 duma cordoaria em Alcântara. O comendador G. Godinho, meses antes de morrer da sua pneumonia, tinha-o recolhido por caridade à Secretaria da Justiça, com vinte mil réis por mês. E o Xavier agora vivia com uma espanhola chamada Concha, e três filhos dela, num casebre da rua da Fé.

428: No texto-base o nome da personagem oscila entre Concha e Carmen. Sendo Concha o nome prevalente, opta-se por este.

430 Eu fui lá num domingo. Quási não havia móveis; a bacia da cara, a única, estava entalada no fundo roto da palhinha duma cadeira. O Xavier toda a manhã deitara escarros de sangue pela boca. E a Concha, despenteada, em chinelas, arrastando uma bata de fustão manchada de vinho, embalava sorumbaticamente pelo
435 quarto uma criança embrulhada num trapo e com a cabecinha coberta de feridas.

Imediatamente o Xavier, tratando-me por *tu*, falou-me da tia Patrocínio... Era a sua esperança, naquela sombria miséria, a tia Patrocínio! Serva de Jesus, proprietária de tantos prédios, ela não
440 podia deixar um parente, um Godinho, definhando ali naquele casebre, sem lençóis, sem tabaco, com os filhos em redor, esfarrapados, a chorar por pão. Que custava à tia Patrocínio estabelecer-lhe, como já fizera o Estado, uma mesadinha de vinte mil réis?

— Tu é que lhe devias falar, Teodorico! Tu é que lhe devias
445 dizer... Olha para essas crianças. Nem meias têm... Anda cá, Rodrigo, diz aqui ao tio Teodorico. Que comeste hoje ao almoço?... Um bocado de pão de ontem! E sem manteiga, sem mais nada! E aqui está a nossa vida, Teodorico! Olha que é duro, menino!

Enternecido, prometi falar à titi.

450 Falar à titi! Eu nem ousaria contar à titi que conhecia o Xavier, e que entrava nesse casebre impuro onde havia uma espanhola, emagrecida no pecado.

E para que eles não percebessem o meu ignóbil terror da titi, não voltei à rua da Fé.

455 No meado de setembro, no dia da Natividade de Nossa Senhora, soube pelo Dr. Barroso que o primo Xavier, quási a morrer, me queria falar em segredo.

Fui lá, de tarde, contrariado. Na escada cheirava a febre. A Concha, na cozinha, conversava por entre soluços com outra
460 espanhola, magrita, de mantilha preta e corpetezinho triste de cetim cor de cereja. Os pequenos, no chão, rapavam um tacho de açorda. E na alcova o Xavier, enrodilhado num cobertor, com a bacia da cara ao lado, cheia de escarros de sangue, tossia, despedaçadamente:

— És tu, rapaz?

465 — Então que é isso, Xavier?

Ele exprimiu, num termo obscuro, que estava perdido. E estirando-se de costas, com um brilho seco nos olhos, falou-me

logo da titi. Escrevera-lhe uma carta linda, de rachar o coração: a
 470 uma fera não respondera. E, agora, ia mandar para o *Jornal de Notícias*
 do rico comendador G. Godinho». Queria ver se D. Patrocínio
 das Neves deixaria um parente, um Godinho, mendigar assim,
 publicamente, na página dum jornal.

— Mas é necessário que tu me ajudes, rapaz, que a enterneças!
 475 Quando ela ler o anúncio, conta-lhe esta miséria! Desperta-lhe o
 brio. Diz-lhe que é uma vergonha ver morrer ao abandono um
 parente, um Godinho. Diz-lhe que já se rosna! Olha, se hoje
 pude tomar um caldo, é que essa rapariga, a Lolita, que está em
 casa da Benta Bexigosa, nos trouxe aí quatro coroas... Vê tu a
 480 que eu cheguei!

Ergui-me, comovido.

— Conta comigo, Xavier.

— Olha, se tens aí cinco tostões que te não façam falta,
 dá-os à Concha.

485 Dei-lhos a ele: e saí, jurando-lhe que ia falar à titi, solene-
 mente, em nome dos Godinhos e em nome de Jesus!

Depois do almoço, ao outro dia, a titi, de palito na boca,
 e vagarosa, desdobrou o *Jornal de Notícias*. E decerto achou
 logo o anúncio do Xavier, porque ficou longo tempo fitando o
 490 canto da terceira página onde ele negrejava, aflitivo, vergonhoso,
 medonho.

Então pareceu-me ver, voltados para mim, lá do fundo nu
 do casebre, os olhos aflitos do Xavier; a face amarela da Concha,
 lavada de lágrimas; as pobres mãozinhas dos pequenos, magras,
 495 à espera da côdea de pão... E todos aqueles desgraçados ansia-
 vam pelas palavras que eu ia lançar à titi, fortes, tocantes, que
 os deviam salvar, e dar-lhes o primeiro pedaço de carne daquele
 verão de miséria. Abri os lábios. Mas já a titi, recostando-se na
 cadeira, rosnava com um sorrisinho feroz:

500 — Que se agunte... É o que sucede a quem não tem temor
 de Deus e se mete com bêbedas... Não tivesse comido tudo em
 relaxações... Cá para mim, homem perdido com saias, homem
 que anda atrás de saias, acabou... Não tem o perdão de Deus,
 nem tem o meu! Que padeça, que padeça, que também Nosso
 505 Senhor Jesus Cristo padeceu!

Baixei a cabeça, murmurei:

— E ainda nós não padecemos bastante... Tem a titi razão. Que se não metesse com saias!

510 Ela ergueu-se, deu as graças ao Senhor. Eu fui para o meu quarto, fechei-me lá, a tremer, sentindo ainda, regeladas e ameaçadoras, as palavras da titi, para quem os homens «acabavam quando se metiam com saias». Também eu me metera com saias, em Coimbra, no Terreiro da Erva! Ali, no meu baú, tinha eu documentos do meu pecado, a fotografia da Teresa dos Quinze, uma
515 fita de seda, e uma carta dela, a mais doce, em que me chamava «único afeto da sua alma» e me pedia dezoito tostões! Eu cosera essas relíquias dentro do forro dum colete de pano, receando as incessantes rebuscas da titi, por entre a minha roupa íntima. Mas lá estavam, no baú de que ela guardava a chave, dentro do
520 colete, fazendo uma dureza de cartão que qualquer dia poderiam palpar os seus dedos desconfiados... E eu acabava logo para a titi!

Abri devagarinho o baú, descosi o forro, tirei a carta deliciosa da Teresa, a fita que conservara o aroma da sua pele, e a sua fotografia, de mantilha. Na pedra da varanda, sem piedade, queimei tudo, amabilidades e feições; e sacudi desesperadamente para o saguão as cinzas da minha ternura.

Nessa semana não ousei voltar à rua da Fé. Depois, um dia que chuscava, fui lá, ao escurecer, encolhido sob o meu guarda-chuva. Um vizinho, vendo-me espreitar de longe as janelas negras e mortas do casebre, disse-me que o Sr. Godinho, coitado, fora para o hospital numa maca.

Desci, triste, ao comprido das grades do Passeio. E, no crepúsculo húmido, tendo roçado bruscamente por outro guarda-chuva, ouvi de repente o meu nome de Coimbra, lançado com alegria.

535 — Oh, Raposão!

Era o Silvério, por alcunha o *Rinchão*, meu condiscípulo, e companheiro de casa das Pimentas. Estivera passando esse mês no Alentejo, com seu tio, ricaço ilustre, o barão de Alconchel. E agora, de volta, ia ver uma Ernestina, rapariguita loura, que morava no Salitre, numa casa cor-de-rosa, com roseirinhas à varanda.

540 — Queres tu vir cá um bocado, ó Raposão? Está lá outra rapariga bonita, a Adélia... Tu não conheces a Adélia? Então que diabo, vem ver a Adélia... É um mulherão!

545 Era um domingo, noite de partida da titi; eu devia recolher religiosamente às oito horas. Cocci a barba, indeciso. O Rinchão falou da brancura dos braços da Adélia: e eu comecei a caminhar ao lado do Rinchão, enfiando as luvas pretas.

550 Munidos dum cartucho de pastéis e duma garrafa de Madeira, encontrámos a Ernestina a coser um elástico nas suas botinas de duraque. E a Adélia, estendida no sofá, de chambre e em saia branca, com os chinelos caídos no tapete, fumava um cigarro lânguido. Eu sentei-me ao lado dela, comovido e mono, com o meu guarda-chuva entre os joelhos. Só quando o Silvério e a Ernestina correram dentro à cozinha, abraçados, a
555 buscar copos para o Madeira, ousei perguntar à Adélia, corando:

— Então a menina donde é?

560 Era de Lamego. E eu, novamente acanhado, só pude gaguejar que era tristonho aquele tempo de chuva. Ela pediu-me outro cigarro, cortesmente, dizendo-me — o *cavalheiro*. Apreciei estes modos. As mangas largas do seu roupão, escorregando, descobriam braços tão brancos e macios, que entre eles a Morte mesma deveria ser delectosa.

565 Fui eu que lhe ofereci o prato onde a Ernestina colocara os pastéis. Ela quis saber o meu nome. Tinha um sobrinho que também se chamava Teodorico; e isto foi como um fio subtil e forte que veio, do seu coração, enrodilhar-se no meu.

— Porque é que o cavalheiro não põe o guarda-chuva ali a um canto? Disse-me ela, rindo.

570 O brilho picante dos seus dentinhos miúdos fez desabrochar dentro em mim uma flor de madrigal.

— É para não me tirar daqui de ao pé da menina nem um instantinho que seja.

Ela fez-me uma cócega lenta no pescoço. Eu, aboborado de gozo, bebi o resto do Madeira que ela deixara no cálice.

575 A Ernestina, poética, e cantando o *fado*, aninhou-se nos joelhos do Rinchão. Então a Adélia, revirando-se languidamente, puxou-me a face — e os meus lábios encontraram os seus no beijo mais sério, mais sentido, mais profundo que até aí abalara o meu ser.

554: *No texto-base:* e Ernestina

580 Nesse doce instante, um relógio medonho, com o mostrador fingindo uma face de Lua, e que parecia espreitar-me de sobre o mármore duma mesa de mogno, de entre dois vasos sem flores, começou a dar dez horas, fanhoso, irónico, pachorrento.

585 Jesus! Era a hora do chá em casa da titi! Com que terror eu trepei, esbaforido, sem mesmo abrir o guarda-chuva, as vielas escuras e infundáveis que levam ao Campo de Santana! Em casa, nem tirei as botas enlameadas. Enfiei pela sala; e vi logo, lá ao fundo, no sofá de damasco, os óculos da titi, mais negros, assanhados, esperando por mim e fuzilando. Ainda balbuciei:

— Titi...

590 Mas já ela gritava, esverdinhada de cólera, sacudindo os punhos.

— Relaxações em minha casa não admito! Quem quiser viver aqui há de estar às horas que eu marco! Lá deboches e porcarias, não, enquanto eu for viva! E quem não lhe agrada, rua!

595 Sob a rajada estridente da indignação da Sr.^a D. Patrocínio, padre Pinheiro e o tabelião Justino tinham dobrado a cabeça, embaçados. O Dr. Margaride, para apreciar conscienciosamente a minha culpa, puxou o seu pesado relógio de ouro. E foi o bom Casimiro que interveio, como sacerdote, como procurador, influente e suave.

600 — D. Patrocínio tem razão, tem muita razão em querer ordem em casa... Mas talvez o nosso Teodorico se tivesse demorado um pouco mais no Martinho, a ouvir falar de estudos, de compêndios...

Exclamei amargamente:

605 — Nem isso, padre Casimiro! Nem no Martinho estive! Sabe onde estive? No Convento da Encarnação! É verdade, encontrei um discípulo meu, que ia lá buscar a irmã. Hoje era festa, a irmã tinha ido passar o dia com uma tia, uma comendadeira... Estivemos à espera, a passear no pátio... A irmã vai casar, ele andou a contar-me do noivo, e do enxoval, e do apaixonada que ela está... Eu morto por me safar, mas com cerimónia do rapaz, que é sobrinho do barão de Alconchel... E ele zás, zás, a falar da irmã, e do namoro, e das cartas...

A tia Patrocínio uivou de furor.

615 — Olha que conversa! Que porcaria de conversa! Que indecente conversa para o pátio duma casa de religião! Cala-te, alma

perdida, que até devias ter vergonha!... E fique entendendo! Para outra vez que venha a estas horas, não me entra em casa! Fica na rua, como um cão...

620 Então o Dr. Margaride estendeu a mão pacificadora e solene:

— Está tudo explicado! O nosso Teodorico foi imprudente, mas o sítio onde estive é respeitável... E eu conheço o barão de Alconchel. É um cavalheiro da maior circunspeção, e um dos mais abastados do Alentejo... Talvez mesmo um dos mais ricos proprietários de Portugal... O mais rico, direi!... Mesmo lá fora
625 não haverá fortuna territorial que lhe exceda. Nem que se lhe compare!... Só em porcos! Só em cortiça! Centenares de contos! Milhões!

Erguera-se; o seu vozeirão empolado rolava serras de ouro.
630 E o bom Casimiro murmurava, ao meu lado, com brandura:

— Tome o seu chazinho, Teodorico, vá tomando o seu chazinho. E creia que a tia não deseja senão o seu bem...

Puxei, com a mão a tremer, a minha chávena de chá: e, remexendo desfalecidamente o fundo de açúcar, pensava em abandonar
635 para sempre a casa daquela velha medonha que assim me ultrajava diante da Magistratura e da Igreja, sem consideração pela barba que me começava a nascer, forte, respeitável e negra.

Mas, aos domingos, o chá era servido nas pratas do comendador G. Godinho. Eu via-as, maciças e resplandcentes, diante
640 de mim: o grande bule terminando em bico de pato; o açucareiro cuja asa tinha a forma duma cobra assanhada; e o paliteiro gentil em figura de macho trotando sob os seus alforges. E tudo pertencia à titi. Que rica que era a titi! Era necessário ser bom, agradar sempre à titi!...

645 Por isso, mais tarde, quando ela penetrou no oratório para cumprir o terço, já eu lá estava, de rojos, gemendo, martelando o peito, e suplicando ao Cristo de ouro que me perdoasse ter ofendido a titi.

Um dia enfim cheguei a Lisboa, com as minhas cartas de doutor metidas num canudo de lata. A titi examinou-as reverente,
650 achando um sabor eclesiástico às linhas em latim, às paramentosas fitas vermelhas, e ao selo dentro do seu relicário.

— Está bom, disse ela, estás doutor. A Deus Nosso Senhor o deves, vê não Lhe faltes...

655 Corri logo ao oratório, com o canudo na mão, agradecer ao Cristo de ouro o meu glorioso grau de bacharel.

Na manhã seguinte, estando ao espelho, a espontar a barba, que agora tinha cerrada e negra, o padre Casimiro entrou-me pelo quarto, risonho e a esfregar as mãos.

— Boa nova vos trago aqui, Sr. Doutor Teodorico!...

660 E depois de me acariciar, segundo o seu afetuoso costume, com palmadinhas doces nos rins, o santo procurador revelou-me que a titi, satisfeita comigo, decidira comprar-me um cavalo para eu dar honestos passeios, e espairecer por Lisboa.

— Um cavalo! Oh, padre Casimiro!

665 Um cavalo. E além disso, não querendo que seu sobrinho, já barbado, já letrado, sofresse um vexame, por lhe faltar às vezes um troco para deitar na salva de Nossa Senhora do Rosário, a titi estabelecia-me uma mesada de três moedas.

670 Abracei com calor o padre Casimiro. E desejei saber se a amável intenção da titi era que eu não tivesse outra ocupação além de cavalgar por Lisboa, e lançar pratinhas na salva de Nossa Senhora.

675 — Olhe, Teodorico, eu parece-me que a titi não quer que você tenha outro mister senão temer a Deus... O que lhe digo é que o amigo vai passá-la boa e regalada... E agora, ande, vá-lhe lá dentro agradecer, e diga-lhe uma coisinha mimosa.

Na saleta, onde brilhavam pelas paredes os feitos piedosos do Patriarca S. José, a titi, sentada a um canto do sofá de riscadinho, fazia meia, com um xale de Tonkin pelos ombros.

— Titi, murmurei eu encolhido, venho aqui agradecer...

680 — Está bom, vai com Deus.

Então, devotamente, beijei-lhe a franja do xale. A titi gostou. Eu fui com Deus.

685 Começou daí, farta e regalada, a minha existência de sobrinho da Sr.^a D. Patrocínio das Neves. Às oito horas, pontualmente, vestido de preto, ia com a titi à igreja de Santana, ouvir a missa do padre Pinheiro. Depois de almoço, tendo pedido licença à titi, e rezadas no oratório três *Gloria Patri* contra as tentações, saía a cavalo, de calça clara. Quasi sempre a titi me dava alguma incumbência beata: passar em S. Domingos, e dizer a oração pelos três santos mártires do Japão; entrar na Conceição Velha, e fazer o ato de desagravo pelo Sagrado Coração de Jesus...

690

E eu receava tanto desagradar-lhe, que nunca deixava de dar estes ternos recados que ela mandava a casa do Senhor.

695 Mas era este o momento desagradável do meu dia: às vezes, ao sair, sorrateiro, do portão da igreja, topava com algum discípulo republicano, dos que me acompanhavam em Coimbra, nas tardes de procissão, chasqueando o Senhor da Cana Verde.

— Oh, Raposão! Pois tu agora...

Eu negava, vexado:

700 — Ora essa! Não me faltava mais nada! Sou mesmo lá de carolices... Qual! Entrei aqui por causa duma rapariga... Adeus, tenho a égua à espera.

Montava — e de luva preta, a perna bem colada à sela, um botãozinho de camélia no peito, ia caracolando, em ócio e luxo, 705 até ao largo do Loreto. Outras vezes deixava a égua no Arco do Bandeira, e gozava uma manhã regalada no bilhar do Montanha.

Antes do jantar, em chinelas, no oratório com a titi, eu fazia a jaculatória a S. José, aio de Jesus, custódio de Maria e amorosíssimo Patriarca. À mesa, adornada apenas por compoteiras 710 de doce de calda em torno duma travessa de aletria, eu contava à titi o meu passeio, as igrejas em que me deleitara, e quais os altares alumiados. A Vicência escutava com devoção, perfilada no seu lugar costumado, entre as duas janelas, onde um retrato de nosso Santo Padre Pio IX enchia a tira de parede verde, tendo por 715 baixo, pendente dum cordão, um velho óculo de alcance, relíquia do comendador G. Godinho. Depois do café a titi, lentamente, cruzava os braços; e o seu carão sumia-se, dormente e pesado, na sombra do lenço roxo.

Eu ia enfiar as botas; e, autorizado agora por ela a recrear-me 720 fora de casa até às nove e meia, corria ao fim da rua da Madalena, ao pé do largo dos Caldas. Aí, com resguardo, encolhido na gola do meu sobretudo, cosido com o muro, como se o candeeiro de gás que ali havia fosse o olho inexorável da titi — penetrava sofregamente na escadinha da Adélia...

721: dos Caldas: *conforme o texto-base, provável reminiscência do nome dos irmãos Caldas, de onde provém o topónimo Largo do Caldas, atualmente Largo de Adelino Amaro da Costa.*

725 Sim, da Adélia! Porque nunca mais me esquecera, desde a
noite em que o Rinchão me levou ao Salitre, o beijo que ela me
dera, lânguida e branca, sobre o sofá. Em Coimbra procurara
mesmo fazer-lhe versos: e esse amor dentro do meu peito foi, no
730 um maravilhoso lírio que ninguém via e que perfumava a minha
vida... Apenas a titi me estabeleceu a mesada das três moedas,
corri em triunfo ao Salitre; lá havia as roseirinhas à janela, mas
a Adélia já lá não estava. E foi ainda o prestante Rinchão que
me mostrou esse primeiro andar, junto ao largo dos Caldas, onde
735 ela agora vivia patrocinada por Eleutério Serra, da firma Serra
Brito & C.^a, com loja de fazendas e modas na Conceição Velha.
Mandei-lhe uma carta ardente e séria, pondo reverentemente no
alto: «Minha senhora». Ela respondeu, com dignidade: «O cavalheiro
pode vir aqui ao meio-dia.» Levei-lhe uma caixinha de pastilhas
740 de chocolate, atada com uma fita de seda azul: pisando comovido
a esteira nova da sala, eu antevia, pela engomada brancura das
bambinelas, a frescura das suas saias; e o rígido alinhado dos móveis
revelava-me a retidão dos seus sentimentos. Ela entrou, um pouco
constipada, com um xale vermelho pelos ombros. Reconheceu
745 logo o amigo do Rinchão; falou da Ernestina, com severidade,
chamando-lhe «porcalhona». E a sua voz enrouquecida, o seu
defluxo, davam-me o desejo de a curar nos meus braços, dum
longo dia de agasalho e sonolência, sob o peso dos cobertores,
na penumbra mole da sua alcova. Depois ela quis saber se eu era
750 empregado ou estava no comércio... Eu contei-lhe com orgulho
a riqueza da titi, os seus prédios, as suas pratas. Disse-lhe, com
as suas mãos grossas presas nas minhas:

— Se a titi agora rebentasse, eu é que lhe punha à menina
uma casa chic!

755 Ela murmurou, banhando-me todo na negra doçura do seu olhar:

— Ora! O cavalheiro, se apanhasse o bago, não se importava
mais comigo!

Ajoelhei sobre a esteira, trémulo, esmagando o peito contra
os seus joelhos, ofertando-me como uma rês; ela abriu o seu xale,
760 aceitou-me misericordiosamente.

Agora, à noitinha (enquanto Eleutério, no clube da rua
Nova do Carmo, jogava a manilha) eu tinha ali na alcova da

Adélia a radiante festa da minha vida. Levava para lá um par
de chinelas — era o eleito do seu seio. Às nove e meia, despen-
765 teada, envolta à pressa num roupão de flanela, com os pés nus,
acompanhava-me pela escadinha de trás, colhendo em cada degrau,
nos meus lábios, um beijo lento e saudoso.

— Adeus, Delinha!

— Agasalha-te, riquinho!

770 E eu recolhia devagar ao Campo de Santana, ruminando o
meu gozo!

O verão passou, languidamente. Os primeiros ventos de
outono levaram as andorinhas e as folhagens do Campo de Santana:
e logo nesse outubro, de repente, a minha vida se tornou mais
775 fácil, mais larga. A titi mandara-me fazer uma casaca; e eu estreei-a,
com permissão dela, indo ouvir a S. Carlos o *Políuto* — ópera que
o Dr. Margaride recomendara, como «repassada de sentimentos
religiosos e cheia de elevada lição». Fui com ele, de luvas brancas,
frisado. Depois, no outro dia, ao almoço, contei à titi o devoto
780 enredo, os ídolos derrubados, os cânticos, as fidalgas que estavam
nos camarotes, e de que lindo veludo vestia a rainha.

— E sabe quem me veio falar, titi? O barão de Alconchel, o
ricaço, tio daquele rapaz que foi meu condiscípulo. Veio apertar-me
a mão, esteve um bocado comigo no salão... Tratou-me com
785 muita consideração.

A titi gostou desta consideração.

Depois, tristemente, como um moralista magoado, queixei-me
do nédio decote duma senhora imodesta, nua nos braços, nua no
peito, mostrando toda essa carne, esplêndida e irreligiosa, que é
790 a desolação do justo e a angústia da Igreja.

— Jesus, Senhor, que vexame! Acredite a titi, estava com nojo!

A titi gostou deste nojo.

E passados dias, depois do café, quando eu me dirigia, ainda
de chinelas, ao oratório, a fazer uma curta petição às chagas do
795 nosso Cristo de ouro — a titi, já de braços cruzados e sonolenta,
disse-me de entre a sombra do lenço:

— Está bom, se queres, volta hoje a S. Carlos... E lá quando
te apetecer, não te acanhes, tens licença, podes ir gozar um bocado
de música... Agora que estás um homem, e que parece que tens
800 propósito, não me importa que fiques fora, até às onze ou onze

e meia... Em todo o caso a essa hora quero estar já de porta fechada, e tudo pronto, para começarmos o terço.

Ela não viu o triunfante lampejar dos meus olhos. Eu murmurei, requebrado, a babar-me de gosto devoto:

805 — Lá o terço, titi, lá o meu querido terço não perdia eu, nem pelo maior divertimento... Nem que el-rei me convidasse para um chazinho no Paço!

Corri, delirante, a enfiar a casaca. E este foi o começo dessa anelada liberdade que eu conquistara laboriosamente, vergando
810 o espinhaço diante da titi, macerando o peito diante de Jesus! Liberdade bem-vinda, agora que Eleutério Serra partira para Paris, fazer os seus fornecimentos, e deixara a Adélia só, solta, bela, mais jovial, mais fogosa!

Sim, decerto, eu ganhara a confiança da titi com os meus
815 modos pontuais, sisudos, servis e beatos! Mas o que a levava a alargar assim, com generosidade, as minhas horas de honesto recreio, fora (como ela disse confidencialmente ao padre Casimiro) a certeza de que eu «me portava com religião e não andava atrás de saias».

820 Porque para a tia Patrocínio todas as ações humanas, passadas por fora dos portais das igrejas, consistiam em *andar atrás de calças* ou *andar atrás de saias*: — e ambos estes doces impulsos naturais lhe eram igualmente odiosos!

Donzela, e velha, e ressequida como um galho de sarmento;
825 não tendo jamais provado na lívida pele senão os bigodes do comendador G. Godinho, paternais e grisalhos; resmungando incessantemente, diante de Cristo nu, essas jaculatórias das *Horas de piedade*, soluçantes de amor divino — a titi entranhara-se, pouco a pouco, dum rancor invejoso e amargo a todas as formas e a
830 todas as graças do amor humano.

E não lhe bastava reprovar o amor como coisa profana: a Sr.^a D. Patrocínio das Neves fazia uma carantonha, e varria-o como coisa suja. Um moço grave, amando seriamente, era para ela «uma porcaria!» Quando sabia duma senhora que tivera um
835 filho, cuspiam para o lado, rosnava — «que nojo!» E quási achava a Natureza obscena por ter criado dois sexos.

Rica, apreciando o conforto, nunca quisera em casa um escudeiro — para que não houvesse na cozinha, nos corredores, *saias*

840 *a roçar com calças*. E apesar de irem embranquecendo os cabelos da Vicência, de ser decrépita e gaga a cozinheira, de não ter dentes a outra criada chamada Eusébia, andava-lhes sempre remexendo desesperadamente nos baús, e até na palha dos enxergões, a ver se descobria fotografia de homem, carta de homem, rasto de homem, cheiro de homem.

845 Todas as recreações moças; um passeio gentil com senhoras, em burrinhos; um botão de rosa orvalhado oferecido na ponta dos dedos; uma decorosa contradança em jucundo dia de Páscoa; outras alegrias, ainda mais cândidas, pareciam à titi perversas, cheias de sujidade, e chamava-lhes *relaxações*. Diante dela já os sisudos
850 amigos da casa não ousavam mencionar dessas emoventes histórias, lidas nas gazetas, e em que transparecem motivos de amor — porque isso a escandalizava como o desbragamento duma nudez.

— Padre Pinheiro! Gritou ela um dia furiosa, com os óculos chamejantes para o desventuroso eclesiástico, ao ouvi-lo nar-
855 rar duma criada que em França atirara o filho à sentina. Padre Pinheiro! Faça favor de me respeitar... Não é lá pela latrina! É pela outra porcaria!

Mas era ela própria que sem cessar aludia a desvarios e a pecados da Carne — para os vituperar, com ódio: atirava então o
860 novelo de linha para cima da mesa, espetando-lhe raivosamente as agulhas de meia — como se trespassasse ali, tornando-o para sempre frio, o vasto e inquieto coração dos homens. E quási todos os dias, com os dentes rilhados, repetia (referindo-se a mim) que se uma pessoa do seu sangue, e que comesse o seu pão, andasse
865 atrás de saias, ou se desse a relaxações, havia de ir para a rua, escorraçado a vassoura, como um cão.

Por isso agora as minhas precauções eram tão apuradas que, para evitar me ficasse na roupa ou na pele o delicioso cheiro da Adélia, eu trazia na algibeira bocados soltos de incenso. Antes
870 de galgar a triste escadaria de casa, penetrava subtilmente na cavalharia deserta, ao fundo do pátio; queimava no tampo duma barrica vazia um pedaço da devota resina; e ali me demorava,

850: emoventes, conforme o texto-base. Mantém-se o termo, que pode ser interpretado como um francesismo, a partir de «émouvantes».

expondo ao aroma purificador as abas do jaquetão e as minhas
 875 barbas viris... Depois subia; e tinha a satisfação de ver logo a
 titi farejar, regalada:

— Jesus, que rico cheirinho a igreja!

Modesto, e com um suspiro, eu murmurava:

— Sou eu, titi...

Além disso, para melhor a persuadir «da minha indiferença
 880 por saias», coloquei um dia, no soalho do corredor, como perdida,
 uma carta com selo — certo que a religiosa D. Patrocínio, minha
 senhora e tia, a abriria logo, vorazmente. E abriu, e gostou. Era
 escrita por mim a um discípulo de Arraiolos; e dizia, em letra
 nobre, estas coisas edificantes: «Saberás que fiquei de mal com o
 885 Simões, o de Filosofia, por ele me ter convidado a ir a uma casa
 desonesta. Não admito destas ofensas. Tu lembras-te bem como
 já em Coimbra eu detestava tais relaxações. E parece-me ser uma
 grandíssima cavalgada aquele que, por causa duma distração que
 é *fogo-viste-linguiça*, se arrisca a penar, por todos os séculos e séculos,
 890 ámen, nas fogueiras de Satanás, salvo seja! Ora numa dessas refi-
 nadíssimas asneiras não é capaz de cair o teu do C. — *Raposo.*»

A titi leu, a titi gostou. E agora eu vestia a minha casaca,
 dizia-lhe que ia ouvir a *Norma*, beijava com unção os ossos dos
 seus dedos; — e corria, ao largo dos Caldas, à alcova da Adélia, a
 895 afundar-me perdidamente nas beatitudes do Pecado. Ali, à meia-luz
 que dava através da porta envidraçada o candeeiro de petroline da
 sala, os cortinados de cambraia e as saias dependuradas tomavam
 brancuras celestes de nuvem; o cheiro dos pós de arroz excedia
 em doçura o odor dos junquinhos místicos; eu estava no Céu,
 900 eu era S. Teodorico; e sobre os ombros nus da minha amada
 desenrolavam-se as madeixas do seu cabelo negro, forte e duro
 como a cauda dum corcel de guerra.

Numa dessas noites, eu saía duma confeitaria do Rossio, de
 comprar trouxas de ovos para levar à minha Adélia — quando
 905 encontrei o Dr. Margaride que me anunciou, depois do seu abraço
 paternal, que ia a S. Carlos ver o *Profeta*.

— E você, vejo-o de casaca, naturalmente também vem...

Fiquei varado. Com efeito vestira a casaca, dissera à titi
 que ia gozar o *Profeta*, ópera de tanta virtude como uma santa
 910 instrumental de igreja... E agora tinha de sofrer o *Profeta*,

deveras, entalado numa cadeira da geral, roçando o joelho do douto magistrado — em vez de preguiçar num colchão amoroso, vendo a minha deusa, em camisa, comer o seu docinho de ovos.

— Sim, com efeito, também eu ia daqui para o *Profeta*, murmurei aniquilado. Diz que é uma musicazinha de muita virtude...
915 A titi gostou muito que eu viesse.

Com o meu inútil cartucho de trouxas de ovos, lá fui subindo, melancolicamente, ao lado do Dr. Margaride, a rua Nova do Carmo.

Ocupámos as nossas cadeiras. E na sala resplandecente,
920 branca e com tons de ouro, eu pensava saudosamente na alcova sombria da Adélia, e no desalinho das suas saias — quando reparei que duma frisa ao lado uma senhora loura e madura, uma Ceres outonal, vestida de seda cor de palha, voltava para mim, a cada doce arcada das rebecas, os seus olhos claros e sérios.

925 Perguntei logo ao Dr. Margaride se conhecia aquela dama «que eu costumava encontrar às sextas na igreja da Graça, visitando o Senhor dos Passos, com uma devoção, um fervor...»

— O sujeito que está por trás, a abrir a boca, é o visconde de Souto Santos. E ela ou é a mulher, a viscondessa de Souto Santos, ou a cunhada, a viscondessa de Vilar-o-Velho...
930

À saída, a viscondessa (de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho) ficou um momento à porta esperando a sua carruagem, embrulhada numa capa branca que uma penugem orlava, delicadamente; a sua cabeça pareceu-me mais altiva, incapaz de rolar, tonta e pálida,
935 num travesseiro de amor; a cauda cor de palha alastrava-se sobre as lajes; era esplêndida, era viscondessa; e outra vez me procuraram, me trespassaram os seus olhos claros e sérios.

A noite estava estrelada. E, descendo o Chiado em silêncio ao lado do Dr. Margaride, eu pensava que, quando todo o ouro da titi fosse meu e dourasse a minha pessoa, eu poderia então
940 conhecer uma viscondessa de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho, não na sua frisa, mas na minha alcova, já caída a grande capa branca, despidas já as sedas cor de palha, alva só do brilho da sua nudez, e fazendo-se pequenina entre os meus braços...
945 Ai, quando chegaria a hora, doce entre todas, de morrer a titi?

— Quer você vir tomar o seu chá ao Martinho? Perguntou-me o Dr. Margaride ao desembocarmos no Rossio. Não sei se você conhece a torrada do Martinho... É a melhor torrada de Lisboa.

950 No Martinho, já silencioso, o gás ia adormecendo entre os espelhos baixos; e havia apenas numa mesa do fundo um moço triste, com a cabeça enterrada entre os punhos diante dum capilé.

O Margaride encomendou o chá — e vendo-me olhar com inquietação os ponteiros do relógio, afirmou-me que eu chegaria a casa ainda a horas de fazer a minha tocante devoção com a titi.

955 — A titi agora, disse eu, não se importa que eu esteja até mais tarde... A titi agora, louvado seja Deus, tem mais confiança em mim.

— E você merece-o... Faz-lhe a vontade, é sisudo... Ela pouco a pouco tem-lhe ganho amizade, segundo me diz o Casimiro...

960 Então lembrei-me da velha afeição que ligava o Dr. Margaride ao padre Casimiro, procurador da tia Patrocínio e seu zeloso confessor. E, arrebatando a oportunidade, dei um leve suspiro, abri o meu coração ao magistrado, largamente, como a um pai.

965 — É verdade, a titi tem-me amizade... Mas acredite V. Ex.^a, Dr. Margaride, que o meu futuro inquieta-me às vezes... Olhe que tenho pensado mesmo em ir a um concurso para delegado. Até já indaguei se seria difícil entrar como despachante na alfândega. Porque enfim a titi é rica, é muito rica; eu sou seu sobrinho, único parente, único herdeiro; mas...

970 E olhei ansiosamente para o Dr. Margaride, que, pelo loquaz padre Casimiro, conhecia talvez o testamento da titi... O silêncio grave em que ele ficou, com as mãos cruzadas sobre a mesa, pareceu-me sinistro: e nesse instante o criado trouxe a bandeja do chá, sorrindo, e felicitando o magistrado por o ver melhor do seu catarro.

975 — Deliciosa torrada! Murmurou o doutor.

— Excelente torrada! Suspirei eu cortesmente.

De vez em quando o Dr. Margaride esfuracava um queixal; depois limpava a face, os dedos; e recomeçava a mastigar devagar, com delicadeza e com religião.

980 Eu arrisquei outra palavra tímida.

— A titi, é verdade, tem-me amizade...

— A titi tem-lhe amizade, atalhou com a boca cheia o magistrado, e você é o seu único parente... Mas a questão é outra, Teodorico. É que você tem um rival.

985 — Rebento-o! Gritei eu, irresistivelmente, com os olhos em chamas, esmurrando o mármore da mesa.

O moço triste, lá ao fundo, ergueu a face de cima do seu capilé. E o Dr. Margaride reprovou com severidade a minha violência.

990 — Essa expressão é imprópria dum cavalheiro, e dum moço comedido. Em geral não se rebenta ninguém... E além disso o seu rival não é outro, Teodorico, senão Nosso Senhor Jesus Cristo!

995 Nosso Senhor Jesus Cristo? E só compreendi, quando o esclarecido juriconsulto, já mais calmo, me revelou que a titi, ainda no último ano da minha formatura, tencionava deixar a sua fortuna, terras e prédios, a Irmandades da sua simpatia e a padres da sua devoção.

— Estou perdido! Murmurei.

1000 Os meus olhos, casualmente, encontraram, lá ao fundo, o moço triste diante do seu capilé. E pareceu-me que ele se assemelhava a mim como um irmão, que era eu próprio, Teodorico, já deserdado, sórdido, com as botas cambadas, vindo ali ruminar as dores da minha vida, à noite, diante dum capilé.

1005 Mas o Dr. Margaride acabara a torrada. E estendendo regaladamente as pernas, consolou-me, de palito na boca, afável e perspicaz.

1010 — Nem tudo está perdido, Teodorico. Não me parece que esteja tudo perdido... É possível que a senhora sua tia tenha mudado de ideia... Você é bem comportado, amima-a, lê-lhe o jornal, reza o terço com ela... Tudo isto influi. Que é necessário dizê-lo, o rival é forte!

Eu gemi:

— É de arromba!

1015 — É forte. E devo acrescentar, digno de todo o respeito... Jesus Cristo padeceu por nós, é religião do Estado, não há senão curvar a cabeça... Olhe, quer você a minha opinião? Pois aí a tem, franca e sem reбуço, para lhe servir de guia... Você vem a herdar tudo, se D. Patrocínio, sua tia e minha senhora, se convencer que deixar-lhe a fortuna a você é como deixá-la à Santa Madre Igreja...

1020 O magistrado pagou o chá, nobremente. Depois, na rua, já abafado no seu paletot, ainda me disse baixinho:

— Com franqueza, que tal, a torrada?

— Não há melhor torrada em Lisboa, Dr. Margaride.

Ele apertou-me a mão com afeto — e separámo-nos, quando estava dando a meia-noite no velho relógio do Carmo.

1025 Estugando o passo pela rua Nova da Palma, eu sentia agora
bem claramente, bem amargamente, o erro da minha vida... Sim,
o erro! Porque até aí, essa minha devoção complicada, com que
eu procurara agradecer à titi e ao seu ouro, fora sempre regular,
mas nunca fora fervente. Que importava murmurar com correção
1030 o terço diante de Nossa Senhora do Rosário? Diante de Nossa
Senhora em todas as suas encarnações, e bem em evidência para
comover a titi, eu devia mostrar habilmente uma alma ardendo
em labaredas de amor beato, e um corpo pisado, penitente, ferido
pelos picos dos cilícios... Até aí a titi podia dizer com aprovação:
1035 «É exemplar». Era-me preciso, para herdar, que ela exclamasse um
dia, babada, de mãos postas: «É santo!»

Sim! Eu devia identificar-me tanto com as coisas eclesiásti-
cas e submergir-me nelas de tal sorte, que a titi, pouco a pouco,
não pudesse distinguir-me claramente desse conjunto rançoso
1040 de cruzeiros, imagens, ripanços, opas, tochas, bentinhos, palmitos,
andores, que era para ela a Religião e o Céu; e tomasse a minha
voz pelo santo ciciar dos latins de missa; e a minha sobrecasaca
preta lhe parecesse já salpicada de estrelas, e diáfana como a
túnica de bem-aventurança. Então, evidentemente, ela testaria em
1045 meu favor — certa que testava em favor de Cristo e da sua doce
Madre Igreja!

Porque agora, eu estava bem decidido a não deixar ir
para Jesus, filho de Maria, a aprazível fortuna do comendador
G. Godinho. Pois quê! Não bastavam ao Senhor os Seus tesou-
1050 ros incontáveis; as sombrias catedrais de mármore que atulham
a Terra e a entristecem; as inscrições, os papéis de crédito que
a piedade humana constantemente averba em Seu nome; as pás
de ouro que os Estados, reverentes, Lhe depositam aos pés tres-
passados de pregos; as alfaias, os cálices, e os botões de punho
1055 de diamantes que Ele usa na camisa, na Sua igreja da Graça?
E ainda voltava, do alto do madeiro, os olhos vorazes para um
bule de prata, e uns insípidos prédios da Baixa! Pois bem! Dis-
putaremos esses mesquinhos, fugitivos haveres — Tu, ó filho do
Carpinteiro, mostrando à titi a chaga que por ela recebeste, uma
1060 tarde, numa cidade bárbara da Ásia, e eu adorando essa chaga,
com tanto ruído e tanto fausto, que a titi não possa saber onde
está o mérito, se em Ti que morreste por nos amar de mais, se

em mim que quero morrer por não Te saber amar bastante!... Assim pensava, olhando de través o céu, no silêncio da rua de S. Lázaro.

Quando cheguei a casa, senti que a titi estava no oratório, sozinha, a rezar. Enfiei para o meu quarto, sorrateiramente; descalcei-me; despi a casaca; esguedelhei o cabelo; atirei-me de joelhos para o soalho — e fui assim, de rastos, pelo corredor, gemendo, carpindo, esmurrando o peito, clamando desoladamente por Jesus, meu Senhor...

Ao ouvir, no silêncio da casa, estas lúgubres lamentações de arrastada penitência, a titi veio à porta do oratório, espavorida.

— Que é isso, Teodorico, filho, que tens tu?...

Abati-me sobre o soalho, aos soluços, desfalecido de paixão divina.

— Desculpe, titi... Estava no teatro com o Dr. Margaride, estivemos ambos a tomar chá, a conversar da titi... E vai de repente, ao voltar para casa, ali na rua Nova da Palma, começo a pensar que havia de morrer, e na salvação da minha alma, e em tudo o que Nosso Senhor padeceu por nós, e dá-me uma vontade de chorar... Enfim, a titi faz favor, deixa-me aqui um bocadinho só, no oratório, para aliviar...

Muda, impressionada, ela acendeu reverentemente, uma a uma, todas as velas do altar. Chegou mais para a borda uma imagem de S. José, favorito da sua alma, para que fosse ele o primeiro a receber a ardente rajada de preces que ia escapar-se, em tumulto, do meu coração cheio e ansioso. Deixou-me entrar, de rastos. Depois, em silêncio, desapareceu, cerrando o reposteiro com recato. E eu ali fiquei, sentado na almofada da titi, coçando os joelhos, suspirando alto — e pensando na viscondessa de Souto Santos ou de Vilar-o-Velho, e nos beijos vorazes que lhe atiraria por aqueles ombros maduros e suculentos, se a pudesse ter só um instante, ali mesmo que fosse, no oratório, aos pés de ouro de Jesus, meu Salvador!

Corrigi então a minha devoção e tornei-a perfeita. Pensando que o bacalhau das sextas-feiras não fosse uma suficiente mortificação, nesses dias, diante da titi, bebia asceticamente um copo de água e trincava uma côdea de pão: o bacalhau comia-o à noite, de

1100 cebolada, com bifés à inglesa, em casa da minha Adélia. No meu guarda-roupa, nesse duro inverno, houve apenas um paletot velho, tão renunciado me quis mostrar aos culpados regalos da carne; mas orgulhava-me de ter lá, purificando os cheviotes profanos, a
 1105 minha opa roxa de irmão do Senhor dos Passos, e o devoto hábito cinzento da Ordem Terceira de S. Francisco. Sobre a cómoda ardia uma lamparina perenal diante da litografia colorida de Nossa Senhora do Patrocínio: eu punha todos os dias rosas dentro dum copo, para lhe perfumar o ar em redor; e a titi, quando vinha remexer nas minhas gavetas, ficava a olhar a sua padroeira, desvanecida, sem saber se era à Virgem, ou se era a ela, indiretamente, que eu dedicava aquele preito da luz e o louvor dos aromas. Nas
 1110 paredes dependurei as imagens dos santos mais excelsos, como galeria de antepassados espirituais de quem tirava o constante exemplo das difíceis virtudes; mas não houve de resto no Céu santo, por mais obscuro, a quem eu não ofertasse um cheiroso ramallete de Padre-Nossos em flor. Fui eu que fiz conhecer à
 1115 titi S. Telésforo, Santa Secundina, o beato António Estroncónio, Santa Restituta, Santa Umbelina, irmã do grão S. Bernardo, e a nossa diletta e suavíssima patrícia Santa Basilissa, que é solenizada
 1120 juntamente com Santo Hipácio, nesse festivo dia de agosto em que embarcam os círios para a Atalaia.

Prodigiosa foi então a minha atividade devota! Ia a matinas, ia a vésperas. Jamais falhei igreja ou ermida onde se fizesse a adoração ao Sagrado Coração de Jesus. Em todas as exposições
 1125 do Santíssimo eu lá estava, de rojos. Partilhava sofregamente de todos os desagravos ao Sacramento. Novenas em que eu rezei contam-se pelos lumes do Céu. E o Septenário das Dores era um dos meus doces cuidados.

Havia dias em que, sem repousar, correndo pelas ruas, esbaforido, eu ia à missa das sete a Santana, e à missa das
 1130 nove da igreja de S. José, e à missa do meio-dia na ermida da Oliveirinha. Descansava um instante a uma esquina, de ripanço debaixo do braço, chupando à pressa o cigarro: depois voava ao Santíssimo exposto na paroquial de Santa Engrácia, à devoção

1118: *No texto-base: Santa Umbulina. Trata-se, provavelmente, de uma gralha.*

1135 do terço no Convento de Santa Joana, à bênção do Sacramento
na capela de Nossa Senhora às Picoas, à novena das Chagas
de Cristo, na sua igreja, com música. Tomava então a tipoia
do *Pingalho*, e ainda visitava, ao acaso, de fugida, os Mártires
e S. Domingos, a igreja do Convento do Desagravo e a igreja
1140 da Visitação das Salésias, a capela de Monserrate às Amoreiras
e a Glória ao Cardal da Graça, as Flamengas e as Albertas, a
Pena, o Rato, a Sé!

À noite, em casa da Adélia, estava tão derreado, mono e mole
ao canto do sofá, — que ela atirava-me murros pelos ombros, e
1145 gritava, furiosa:

— Esperta, morcão!

Ai de mim! Um dia veio, porém, em que a Adélia, em vez
de me chamar *morcão*, quando, esfalfado no serviço do Senhor,
eu mal podia ajudá-la a desatacar o colete — passou, sempre que
1150 os meus lábios insaciáveis se colavam de mais ao seu colo, a
empurrar-me, a chamar-me *carraça*... Foi isto pelas alegres vésperas
de Santo António, ao aparecerem os primeiros manjeriões, no
quinto mês da minha devoção perfeita.

A Adélia começara a andar pensativa e distraída. Tinha às
1155 vezes, quando eu lhe falava, um modo de dizer «hein?», com o
olhar incerto e disperso, que era um tormento para o meu coração.
Depois um dia deixou de me fazer a carícia melhor, que eu mais
apetecia — a penetrante e regaladora beijoca na orelha.

Sim, decerto permanecia terna... Ainda dobrava mater-
1160 nalmente o meu paletot; ainda me chamava *riquinho*; ainda me
acompanhava ao patamar em camisa, dando, ao descolar do
nosso abraço, esse lento suspiro que era para mim a mais pre-
ciosa evidência da sua paixão; — mas já me não favorecia com a
beijoquinha na orelha.

Quando eu entrava abrasado — encontrava-a por vestir,
por pentear, mole, estremunhada e com olheiras. Estendia-me a
mãozinha desamorável, bocejava, colhia preguiçosamente a viola:
e enquanto eu, a um canto, chupando cigarros mudos, esperava
que se abrisse a portinha envidraçada da alcova que dava para
1170 o céu — a desumana Adélia, estirada no sofá, de chinelas caídas,
beliscava os bordões, murmurando, por entre longos *ais*, cantigas
de estranha saudade...

Num arranco de ternura, eu ia ajoelhar-me à beira do seu peito. E lá vinha logo a dura, a regelada palavra:

1175 — Está quieto, carraça!

E recusava-me sempre o seu carinho. Dizia-me: «Não posso, estou com azia». Dizia-me: «Adeus, tenho a dor na ilharga».

Eu sacudia os joelhos, recolhia ao Campo de Santana — espoliado, misérrimo, chorando na escuridão da minha alma pelos
1180 tempos inefáveis em que ela me chamava *morcão*!

Uma noite de julho, macia como um veludo preto e pespontada de estrelas, chegando mais cedo a casa dela, encontrei a portinha aberta. O candeeiro de petroline, pousado no soalho do patamar, enchia a escada de luz; — e dei com a Adélia, em saia branca,
1185 falando a um rapaz de bigodinho louro, embrulhado pelintramente numa capa à espanhola. Ela empalideceu, ele encolheu — quando eu surgi, grande e barbudo, com a minha bengala na mão. Depois a Adélia, sorrindo, sem perturbação, vera e límpida, apresentou-me «seu sobrinho Adelino». Era filho da mana Ricardina, a que vivia
1190 em Viseu, e irmão do Teodoriquinho... Tirando o chapéu, apertei na palma larga e leal os dedos fugidios do Sr. Adelino:

— Estimo muito conhecê-lo, cavalheiro. Sua mamã, seu mano, bons?

Nessa noite a Adélia, resplandecente, tornou a chamar-me
1195 *morcão*, restituiu-me o beijinho na orelha. E toda essa semana foi deliciosa como a dum noivado. O verão ardia; e começara na Conceição Velha a novena de S. Joaquim. Eu saía de casa à hora repousante em que se regam as ruas, mais contente que os pássaros chalrando nas árvores do Campo de Santana. Na salinha
1200 clara, com todas as cadeiras cobertas de fustão branco, encontrava a minha Adélia de chambre, fresca de se ter lavado, cheirando a água-de-colónia, e aos lindos cravos vermelhos que a toucavam; e depois das manhãs calorosas, nada havia mais idílico, mais doce que as nossas merendas de morangos na cozinha, ao ar da janela,
1205 contemplando bocadinhos verdes de quintais e ceroulas humildes a secar em cordas... Ora uma tarde que assim nos aprazíamos, ela pediu-me oito libras.

Oito libras!... Descendo à noite a rua da Madalena, eu ruminava quem mas poderia emprestar sem juro e rasgadamente.
1210 O bom Casimiro estava em Torres, o prestante Rinchão estava

em Paris... E pensava já no padre Pinheiro (cujas dores de rins eu lamentava sempre com afeto) quando avistei a escapar-se, todo encolhido, todo sorrateiro, duma dessas vielas impuras onde Vénus Mercenária arrasta os seus chinelos — o José Justino, o
 1215 nosso José Justino, o piedoso secretário da Confraria de S. José, o virtuosíssimo tabelião da titi!...

Gritei logo: «Boas-noites, Justininho!» E regresssei ao Campo de Santana, tranquilo, gozando já a repenicada beijoca que me daria a Delinha, quando eu risonho lhe estendesse na mão as oito
 1220 rodela de ouro. Ao outro dia cedo, corri ao cartório do Justino, a S. Paulo, contei-lhe a pranteada história dum condiscípulo meu, tísico, miserável, arquejando sobre uma enxerga, numa fétida casa de hóspedes, ao pé do largo dos Caldas.

— É uma desgraça, Justino! Nem dinheiro tem para um
 1225 caldinho... Eu é que o ajudo: mas, que diabo, estou a tinir... Faço-lhe companhia, é o que posso; leio-lhe orações, e *Exercícios da vida cristã*. Ontem à noite vinha eu de lá... E acredite você, Justino, que nem gosto de andar por aquelas ruas, tão tarde... Jesus, que ruas, que indecência, que imoralidade!... Aqueles becos
 1230 de escadinhas, hein?... Eu ontem bem percebi que você ia horrorizado: eu também... De sorte que esta manhã estava no oratório da titi, a rezar pelo meu condiscípulo, a pedir a Nosso Senhor que o ajudasse e que lhe desse algum dinheiro, e vai pareceu-me ouvir uma voz lá de cima da cruz a dizer: «Entende-te com o
 1235 Justino, fala ao nosso Justininho, ele que te dê oito libras para o rapaz...» Fiquei tão agradecido a Nosso Senhor! De modo que aqui venho, Justino, por ordem d'Ele.

O Justino escutava-me, branco como os seus colarinhos, dando estalinhos tristes nos dedos; — depois, em silêncio, estendeu-me
 1240 uma a uma sobre a carteira as oito moedas de ouro. Assim eu servi a minha Adélia.

Fugaz foi porém a minha glória!

Daí a dias estando no Montanha, regalado, a gozar uma carapinhada — o criado veio avisar-me que uma mocinha trigueira
 1245 e de xale, a Sr.^a Mariana, esperava por mim à esquina... Santo Deus! A Mariana era a criada da Adélia. E corri, a tremer, certo de que a minha bem-amada ficara sofrendo da sua abominável dor na sua branca ilharga. Pensei mesmo em começar o rosário das

dezoito aparições de Nossa Senhora de Lourdes, que a titi considera
1250 eficazíssimo em casos de pontada ou de touros tresmalhados...

— Há novidade, Mariana?

Ela levou-me para dentro dum pátio onde cheirava mal; e aí,
com os olhos vermelhos, destraçando furiosamente o xale, rouca
ainda da bulha que tivera com a Adélia, rompeu a contar-me
1255 coisas torpes, execrandas, sórdidas. A Adélia enganava-me!
O Sr. Adelino não era sobrinho: era o querido, o *chulo*. Apenas
eu saía, ele entrava: a Adélia dependurava-se-lhe do pescoço,
num delírio; e chamavam-me então o *carraça*, o *carola*, o *bode*,
vitupérios mais negros, cuspiendo sobre o meu retrato. As oito
1260 libras tinham sido para o Adelino comprar fato de verão; e
ainda sobrara para irem à feira de Belém, em tipoia desco-
berta, e de guitarra... A Adélia adorava-o com pieguice e com
fúror: cortava-lhe os calos; e os suspiros da sua impaciência,
quando ele tardava, lembravam o bramar das cervas, nos matos
1265 quentes, em maio!... Duvidava eu? Queria uma evidência? Que
fosse nessa noite, tarde, depois da uma hora, bater à portinha
da Adélia!

Lívido, apoiado ao muro, eu mal sabia se o cheiro que me
sufocava vinha do canto escuro do pátio — se das imundícies que
1270 borbulhavam da boca da Mariana, como dum cano de esgoto
rebetado. Limpei o suor, murmurei, a desfalecer:

— Está bom Mariana, obrigadinho, eu verei, vá com Deus...

Cheguei a casa tão sombrio, tão murcho, que a titi
perguntou-me, com um risinho, se eu «malhara abaixo da égua».

1275 — Da égua?... Não, titi, credo! Estive na igreja da Graça...

— É que vens tão enfiado, assim com as pernas moles...

E então o Senhor hoje estava bonito?

— Ai, titi, estava rico!... Mas não sei porquê, pareceu-me
tão tristonho, tão tristonho... Até eu disse ao padre Eugénio:
1280 «Ó Eugeninho, o Senhor hoje tem desgosto!» E disse-me ele:
«Que quer você, amigo? É que vê por esse mundo tanta pati-
faria!» E olhe que vê, titi! Vê muita ingratidão, muita falsidade,
muita traição!

Rugia, enfurecido: e cerrara o punho como para o deixar cair,
1285 punidor e terrível, sobre a vasta perfídia humana. Mas contive-me,
abotoei devagar a quinzena, recalquei um soluço.

— Pois é verdade, titi... Fez-me tanta impressão aquela tristeza do Senhor que fiquei assim um bocado amarfanhado... E demais a mais tenho tido um desgosto: está um condiscípulo
1290 meu muito mal, coitadinho, a espichar...

E outra vez, como diante do Justino (aproveitando reminiscências do Xavier e da rua da Fé), estirei a carcaça dum condiscípulo sobre a podridão duma enxerga. Disse as bacias de sangue, disse a falta de caldos... Que miséria, titi, que miséria! E então um moço
1295 tão respeitador das coisas santas, que escrevia tão bem na *Nação!*...

— Desgraças, murmurou a tia Patrocínio, meneando as agulhas da meia.

— É verdade, desgraças, titi. Ora como ele não tem família e a gente da casa é desleixada, nós os condiscípulos é que vamos por turnos servir-lhe de enfermeiros. Hoje toca-me a mim.
1300 E queria então que a titi me desse licença para eu ficar fora, até cerca das duas horas... Depois vem outro rapaz, muito instruído, que é deputado.

A tia Patrocínio permitiu: — e até se ofereceu para pedir ao Patriarca S. José que fosse preparando ao meu condiscípulo uma
1305 morte sonolenta e ditosa...

— Isso é que era um grande favor, titi! Ele chama-se Macieira... O Macieira vesgo. É para S. José saber.

Toda a noite vagueei pela cidade, adormecida na moleza do luar de julho. E por cada rua me acompanharam sempre, flutuantes e transparentes, duas figuras, uma em camisa, outra de capa à espanhola, enroscadas, beijando-se furiosamente — e só desligando os
1310 beijos pisados para rirem alto de mim e para me chamarem *carola*.

Ceguei ao Rossio quando batia uma hora no relógio do Carmo. Ainda fumei um cigarro, indeciso, por debaixo das árvores. Depois voltei os passos para a casa da Adélia, vagaroso, e com medo. Na sua janela vi uma luz enlanguescida e dormente. Agarrei a grossa aldraba da porta, — mas hesitei com terror da certeza que vinha buscar, terminante e irreparável... Meu Deus! Talvez
1320 a Mariana, por vingança, caluniasse a minha Adélia! Ainda na véspera ela me chamara *riquinho*, com tanto ardor! Não seria mais sensato e mais proveitoso acreditar nela, tolerar-lhe um fugitivo transporte pelo Sr. Adelino, e continuar a receber egoistamente o meu beijinho na orelha?

1325 Mas então à ideia lacerante de que ela também beijava na
orelha o Sr. Adelino, e que o Sr. Adelino também dizia *ai! ai!* como
eu — assaltou-me o desejo ferino de a matar, com desprezo e a
murros, ali, nesses degraus onde tantas vezes arrulhara a suavidade
1330 se fosse já sobre o seu frágil, ingrato peito.

Senti correr desabridamente o fecho da vidraça. Ela surgiu
em camisa, com os seus belos cabelos revoltos:

— Quem é o bruto?

— Sou eu, abre.

1335 Reconheceu-me — a luz dentro desapareceu; e foi como se
aquela torcida de candeeiro, apagando-se, deixasse também a minha
alma em escuridão, fria para sempre e vazia. Senti-me regelada-
mente só, viúvo, sem ocupação e sem lar. Do meio da rua olhava
as janelas negras, e murmurava: «ai, que eu rebento!»

1340 Outra vez a camisa da Adélia alvejou na varanda.

— Não posso abrir, que ceci tarde e estou com sono!

— Abre! Gritei erguendo os braços desesperados. Abre ou
nunca mais cá volto!...

— Pois à fava, e recados à tia.

1345 — Fica-te, bêbeda!

Tendo-lhe atirado, como uma pedrada, este urro severo, desci
a rua muito teso, muito digno. Mas à esquina aluí de dor, para
cima dum portal, a soluçar, escoado em pranto, delido.

Pesada foi então ao meu coração a lenta melancolia dos dias
1350 de estio... Tendo contado à titi que andava a escrever dois artigos,
piamente destinados ao *Almanaque da Imaculada Conceição* para 1878,
encerrava-me no quarto, toda a manhã, enquanto faiscavam ao
Sol as pedras da minha varanda. Aí, arrastando as chinelas sobre
o soalho regado, remoía, entre suspiros, recordações da Adélia;
1355 ou diante do espelho contemplava o lugar macio da orelha em
que ela costumava dar-me o beijo... Depois sentia um ruído de
vidraça — e o seu pérfido, o seu afrontoso brado «à faval!» Então,
perdido, esguedelhado, machucava o travesseiro com os murros
que não podia vibrar ao peito magro do Sr. Adelino.

1360 À tardinha, quando refrescava, ia espalhar para a Baixa.
Mas cada janela aberta às aragens da tarde, cada cortina de cassa
engomada me lembrava a intimidade da alcovinha da Adélia; num

simples par de meias, esticado na vitrina duma loja, eu revia com saudade a perfeição da sua perna; tudo o que era luminoso me sugeria o seu olhar; e até o sorvete de morango, no Martinho, me fazia repassar nos lábios o adocicado e gostoso sabor dos seus beijos.

À noite, depois do chá, refugiava-me no oratório, como numa fortaleza de santidade, embebia os meus olhos no corpo de ouro de Jesus, pregado na sua linda cruz de pau-preto. Mas então o brilho fulvo do metal precioso ia, pouco a pouco, embaciando, tomava uma alva cor de carne, quente e tenra; a magreza de Messias triste, mostrando os ossos, arredondava-se em formas divinamente cheias e belas; por entre a coroa de espinhos, desenrolavam-se lascivos anéis de cabelos crespos e negros; no peito, sobre as duas chagas, levantavam-se, rijos, direitos, dois esplêndidos seios de mulher, com um botãozinho de rosa na ponta; — e era ela, a minha Adélia, que assim estava no alto da cruz, nua, soberba, risonha, vitoriosa, profanando o altar, com os braços abertos para mim!

Eu não via nisto uma tentação do Demónio — antes me parecia uma graça do Senhor. Comecei mesmo a misturar aos textos das minhas rezas as queixas do meu amor. O Céu é talvez grato: e esses inumeráveis santos, a quem eu prodigalizara novenas e coroinhas, desejariam talvez recompensar a minha amabilidade restituindo-me as carícias que me roubara o homem cruel da capa à espanhola. Pus mais flores sobre a cómoda diante de Nossa Senhora do Patrocínio, contei-lhe as angústias do meu coração. Por trás do límpido vidro do seu caixilho, com os olhos baixos e magoados, ela foi a confidente do tormento da minha carne; e todas as noites, em ceroulas, antes de me deitar, eu lhe segredava, com ardor:

— Ó minha querida Senhora do Patrocínio, faze que a Adelinha goste outra vez de mim!

Depois utilizei o valimento da titi com os santos seus amigos — o amorosíssimo e perdoador S. José, S. Luís Gonzaga, tão benévolo para a juventude. Pedia-lhe que fizesse uma petição por certa necessidade minha, secreta e toda pura. Ela acedia, com alacridade; e eu, espreitando pelo reposteiro do oratório, regalava-me de ver a rígida senhora, de joelhos, de contas na mão, em súplicas aos Patriarcas castíssimos para que a Adélia me desse outra vez a beijoquinha na orelha.

Uma noite, cedo, fui experimentar se o Céu escutara tão valiosas preces. Cheguei à porta da Adélia; e bati, tremendo todo, uma argoladinha humilde. O Sr. Adelino assomou à janela, em mangas de camisa.

1405 — Sou eu, Sr. Adelino, murmurei abjetamente e tirando o chapéu. Queria falar à Adeliuzinha.

Ele rosnou para dentro, para a alcova, o meu nome. Creio mesmo que disse o *carola*. E lá do fundo, de entre os cortinados, onde eu a pressentia toda desalinhada e formosa, a minha Adélia

1410 gritou com furor:

— Atira-lhe para cima dos lombos o balde da água suja! Fugi.

No fim de setembro, o Rinchão chegou de Paris: e um domingo, à noitinha, à volta da novena de S. Caetano, entrando no

1415 Martinho, encontrei-o, rodeado de rapazes, contando ruidosamente os seus feitos de amor e de gentil audácia em Paris. Tristonho, puxei um banco e fiquei a ouvir o Rinchão. Com uma ferradura de rubis na gravata, o monóculo pendente duma fita larga, uma rosa amarela no peito, o Rinchão impressionava, quando por entre

1420 o fumo do charuto esboçava traços do seu prestígio: «Uma noite no Café de La Paix, estando eu a cear com a Cora, com a Valtesse, e com um rapaz muito chic, um príncipe...» O que o Rinchão tinha visto! O que o Rinchão tinha gozado! Uma condessa italiana, delirante, parenta do Papa, e chamada *Popotte*, amara-o,

1425 levava-o aos Campos Elísios na sua vitória — cujo velho brasão eram dois chavelhos encruzados. Jantara em restaurantes onde a luz vinha de serpentinas de ouro, e os criados, macilentos e graves, lhe chamavam respeitosamente *Mr. le Comte*. E o *Alcazar*, com festões de gás entre as árvores, e a Paulina cantando, de braços nus, o *Chouriço de Marselha* — revelara-lhe a verdade, a grandeza

1430 da civilização.

— Viste Vítor Hugo? Perguntou um rapaz de lunetas pretas, que roía as unhas.

— Não, nunca andava cá na roda chic!

1435 Toda essa semana, então, a ideia de ver Paris brilhou incessantemente no meu espírito, tentadora e cheia de suaves promessas... E era menos o apetite desses gozos do Orgulho e da Carne com

que se abarrotara o Rinchão, que a ansiedade de deixar Lisboa, onde igrejas e lojas, claro rio e claro céu, só me lembravam a Adélia, o homem amargo de capa à espanhola, o beijo na orelha perdido para sempre... Ah! Se a titi abrisse a sua bolsa de seda verde, me deixasse mergulhar dentro as mãos, colher ouro, e partir para Paris!...

Mas, para a Sr.^a D. Patrocínio, Paris era uma região ascorosa, cheia de mentira, cheia de gula — onde um povo sem santos, com as mãos maculadas do sangue dos seus arcebispos, está perpetuamente, ou brilhe o Sol, ou luza o gás, cometendo uma *relaxação*. Como ousaria eu mostrar à titi o desejo imodesto de visitar esse lugar de sujidade e de treva moral?...

Logo no domingo porém, jantando no Campo de Santana os amigos diletos, aconteceu falar-se, ao cozido, dum sábio condiscípulo do padre Casimiro que recentemente deixara a quietação da sua cela no Varatojo, para ir esposar, entre foguetes, a trabalhosa Sé de Lamego. O nosso modesto Casimiro não compreendia esta cobiça duma mitra, cravejada de pedras vãs: para ele a plenitude duma vida eclesiástica era estar assim aos 60 anos, são e sereno, sem saudades e sem temores, comendo o arrozinho do forno da Sr.^a D. Patrocínio das Neves...

— Porque deixe-me dizer-lhe, minha respeitável senhora, que este seu arroz está um primor!... E a ambição de ter sempre um arroz destes, e amigos que o apreciem, parece-me a mais legítima e a melhor para uma alma justa...

E assim se veio a discursar das acertadas ambições que, sem agravo do Senhor, cada um podia nutrir no seu coração. A do tabelião Justino era uma quintazinha no Minho, com roseiras e com parreiras, onde ele pudesse acabar a velhice, em mangas de camisa, e quietinho.

— Olhe, Justino, disse a titi, uma coisa que lhe havia de fazer falta era a sua missa na Conceição Velha... Quando a gente se acostuma a uma missinha, não há outra que console... A mim, se me tirassem a de Santana, parece-me que começava a definhar...

Era o padre Pinheiro que a celebrava; a titi, enternecida, colocou-lhe no prato outra asa de galinha; — e padre Pinheiro revelou também a ambição que o pungia. Era elevada e santa.

Queria ver o Papa restaurado nesse trono forte e fecundo em que resplandecera Leão X...

— Se ao menos houvesse mais caridade com ele! Exclamou a titi. Mas o Santíssimo Padre, o vigariozinho de Nosso Senhor, assim numa masmorra, em farrapos, sobre palha... É de Caifases, é de judeus!

Bebeu um gole da sua água morna, e recolheu-se ao retiro da sua alma — a rezar a Ave-Maria que sempre ofertava pela saúde do Pontífice e pelo termo do seu cativeiro.

O Dr. Margaride consolou-a. Não acreditava que o Pontífice dormisse sobre palhas. Viajantes esclarecidos afiançavam-lhe até que o Santo Padre, querendo, podia ter carruagem.

— Não é tudo; está longe de ser tudo o que compete a quem usa a tiara; mas uma carruagem, minha senhora, é uma grandíssima comodidade...

Então o nosso Casimiro, risonho, desejou saber (já que todos patenteavam as suas ambições) qual era a do douto, do eminente Dr. Margaride.

— Diga lá a sua, Dr. Margaride, diga lá a sua! Clamaram todos, com afeto.

Ele sorria, grave.

— Deixe-me V. Ex.^a primeiro, D. Patrocínio, minha senhora, servir-me dessa língua guisada, que marcha para nós e que me parece preciosa.

Depois de fornecido, o venerável magistrado confessou que apetecia ser Par do Reino. Não por alarde de honras, nem pelo luxo da farda; mas para defender o princípio sacro da autoridade...

— Só por isto, acrescentou com energia. Porque desejava também, antes de morrer, poder dar, se V. Ex.^a, D. Patrocínio, me permite a expressão, uma cacheirada mortal no ateísmo e na anarquia. E dava-lha!

Todos declararam fervorosamente o Dr. Margaride digno desses fastígios sociais. Ele agradeceu, seriíssimo. Depois voltou para mim a face majestosa e lívida:

— E o nosso Teodorico? O nosso Teodorico ainda não nos disse qual era a sua ambição.

Corei: e Paris logo rebrilhou ao fundo do meu desejo, com as suas serpentinas de ouro, as suas condessas primas dos Papas,

as espumas do seu champagne — fascinante, embriagante, e adormentando toda a dor... Mas baixei os olhos; e afirmei que só aspirava a rezar as minhas coroas, ao lado da titi, com proveito e com descanso...

O Dr. Margaride porém pousara o talher, insistia. Não lhe parecia um desapego de Deus, nem uma ingratidão com a titi, que eu, inteligente, saudável, bom cavaleiro e bacharel, nutrisse uma honesta cobiça...

— Nutro! Exclamei então decidido como aquele que arremessa um dardo. Nutro, Dr. Margaride. Gostava muito de ver Paris.

— Cruzes! Gritou a Sr.^a D. Patrocínio, horrorizada. Ir a Paris!...

— Para ver as igrejas, titi!

— Não é necessário ir tão longe para ver bonitas igrejas, replicou ela, rispidamente. E lá em festas com órgão, e um Santíssimo armado com luxo, e uma rica procissão na rua, e boas vozes, e respeito, e imagens de dar gosto, ninguém bate cá os nossos portugueses!...

Calei-me, esmagado. E o esclarecido Dr. Margaride aplaudiu o patriotismo eclesiástico da titi. Decerto, não era numa república sem Deus, que se deviam procurar as magnificências do culto...

— Não, minha senhora, lá para saborear coisas grandiosas da nossa santa religião, se eu tivesse vagares, não era a Paris que ia... Sabe V. Ex.^a onde eu ia, Sr.^a D. Maria do Patrocínio?

— O nosso doutor, lembrou o padre Pinheiro, corria direito a Roma...

— Upa, padre Pinheiro! Upa, minha cara senhora!

Upa? Nem o bom Pinheiro, nem a titi compreendiam o que houvesse de superior a Roma pontifical! O Dr. Margaride então ergueu solenemente as sobrancelhas, densas e negras como ébano.

— Ia à Terra Santa, D. Patrocínio! Ia à Palestina, minha senhora! Ia ver Jerusalém e o Jordão! Queria eu também estar um momento, de pé, sobre o Gólgota, como Chateaubriand, com o meu chapéu na mão, a meditar, a embeber-me, a dizer «salve!» E havia de trazer apontamentos, minha senhora, havia de publicar impressões históricas. Ora aí tem V. Ex.^a onde eu ia... Ia a Sião!

Servira-se o lombo assado; e houve, por sobre os pratos, um recolhimento reverente a esta evocação da terra sagrada onde

padeceu o Senhor. Eu parecia-me ver lá muito longe, na Arábia, ao fim de arquejantes dias de jornada sobre o dorso dum camelo, um montão de ruínas em torno duma cruz; um rio sinistro corre
 1555 ao lado entre oliveiras; o céu arqueia-se mudo e triste como a abóbada dum túmulo. Assim devia ser Jerusalém.

— Linda viagem! Murmurou o nosso Casimiro, pensativo.

— Sem contar, rosnou padre Pinheiro, baixo e como ciciando uma oração, que Nosso Senhor Jesus Cristo vê com grande apreço,
 1560 e muito agradece, essas visitas ao seu Santo Sepulcro.

— Até quem lá vai, disse o Justino, tem perdão de pecados. Não é verdade, Pinheiro? Eu assim li no *Panorama*... Vem-se de lá limpinho de tudo!

Padre Pinheiro (tendo recusado, com mágoa, a couve-flor, que considerava indigesta) deu esclarecimentos. Quem ia à Terra Santa, numa devota peregrinação, recebia sobre o mármore do Santo Sepulcro, das mãos do Patriarca de Jerusalém, e pagando os rituais emolumentos, as suas indulgências plenárias...
 1565

— Não só para si, segundo tenho ouvido dizer, acrescentou o instruído eclesiástico, mas para uma pessoa querida de família, piedosa, e comprovadamente impedida de fazer a jornada... Pagando, já se vê, emolumentos dobrados.
 1570

— Por exemplo! Exclamou o Dr. Margaride inspirado, batendo-me com força nas costas. Assim para uma boa titi, uma titi adorada, uma titi que tem sido um anjo, toda virtude, toda generosidade!...
 1575

— Pagando, já se vê, insistiu padre Pinheiro, os emolumentos dobrados!

A titi não dizia nada; os seus óculos, girando do sacerdote para o magistrado, pareciam estranhamente dilatados, e brilhando mais com o clarão interior duma ideia: um pouco de sangue subira à sua face esverdeada. A Vicência ofereceu o arroz-doce. Nós rezámos as graças.
 1580

Mais tarde no meu quarto, despindo-me, senti-me triste, infinitamente. Nunca a titi me deixaria visitar a terra imunda de França: e aqui ficaria enclausurado nesta Lisboa onde tudo me era tortura, e as mais rumorosas ruas me agravavam o ermo do meu coração, e até a pureza do fino céu de estio me recordava a torva perfídia dessa que fora para mim estrela e
 1585

1590 Rainha da Graça... Depois, nesse dia, ao jantar, a titi parecera-
-me mais rija, sólida ainda, duradoura, e por longos anos dona
da bolsa de seda verde, dos prédios e dos contos do comen-
dador G. Godinho... Ai de mim! Quanto tempo mais teria de
rezar com a odiosa velha o fastiento terço, de beijar o pé do
1595 Senhor dos Passos, sujo de tanta boca fidalga, de palmilhar
novenas, e de magoar os joelhos diante do corpo dum Deus,
magro e cheio de feridas? Oh vida entre todas amargurosas! E já
não tinha, para me consolar do enfadonho serviço de Jesus, os
macios braços da Adélia...

1600 De manhã, aparelhada a égua, e já de esporas, fui saber
se minha titi tinha algum pio recado para S. Roque, por ser
esse seu milagroso dia. Na saleta votada às glórias de S. José,
a titi, ao canto do sofá, com o xale de Tonkin caído dos
ombros, examinava o seu grande caderno de contas, aberto
1605 sobre os joelhos; e, defronte, calado, com as mãos cruzadas
atrás das costas, o bom Casimiro sorria pensativamente às
flores do tapete.

— Ora venha cá, venha cá! Disse ele, mal eu assomei cur-
vando o espinhaço. Ouça lá a novidade! Que você é uma joia,
1610 respeitador de velhos, e tudo merece de Deus e da senhora sua
tia. Chegue-se cá, venha de lá esse abraço!

Sorri, inquieto. A titi enrolava o seu caderno.

— Teodorico! Começou ela, cruzando os braços, empertigada.
Teodorico! Tenho estado aqui a consultar com o Sr. Padre Casi-
1615 miro. E estou decidida a que alguém que me pertença, e que seja
do meu sangue, vá fazer por minha intenção uma peregrinação
à Terra Santa...

— Hein, felizão! Murmurou Casimiro, resplandecendo.

— Assim, prosseguiu a titi, está entendido e ficas sabendo
1620 que vais a Jerusalém e a todos os divinos lugares. Escusas de me
agradecer, é para meu gosto, e para honrar o túmulo de Jesus
Cristo, já que eu lá não posso ir... Como, louvado seja Nosso
Senhor, não me faltam os meios, hás de fazer a viagem com
todas as comodidades; e para não estar com mais dúvidas, e
1625 pela pressa de agradar a Nosso Senhor, ainda hás de partir neste
mês... Bem, agora vai, que eu preciso conversar com o Sr. Padre

Casimiro. Obrigado, não quero nada para o senhor S. Roque: já me entendi com ele.

Baluciei: «Muito agradecido, titi; adeusinho, padre Casimiro.»
 1630 E segui pelo corredor, atordoado.

No meu quarto corri ao espelho a contemplar, pasmado, este rosto e estas barbas, onde em breve pousaria o pó de Jerusalém... Depois, caí sobre o leito.

— Olha que tremenda espiga!

1635 Ir a Jerusalém! E onde era Jerusalém? Recorri ao baú que continha os meus compêndios e a minha roupa velha; tirei o atlas, e com ele aberto sobre a cómoda, diante da Senhora do Patrocínio, comecei a procurar Jerusalém lá para o lado onde vivem os Infiéis, ondulam as escuras caravanas, e uma pouca de água num
 1640 poço é como um dom precioso do Senhor.

O meu dedo errante sentia já o cansaço duma longa jornada: e parei à beira tortuosa dum rio que devia ser o devoto Jordão. Era o Danúbio. E de repente o nome de Jerusalém surgiu, negro, numa vasta solidão branca, sem nomes, sem linhas, toda de areias,
 1645 nua, junto ao mar. Ali estava Jerusalém. Meu Deus! Que remoto, que ermo, que triste!

Mas então comecei a considerar que, para chegar a esse solo de penitência, tinha de atravessar regiões amáveis, femininas e cheias de festa. Era primeiro essa bela Andaluzia, terra de Maria
 1650 Santíssima, perfumada de flor de laranjeira, onde as mulheres só com meter dois cravos no cabelo, e traçando um xale escarlate, amansam o coração mais rebelde, *bendita sêa su gracia!* Era adiante Nápoles — e as suas ruas escuras, quentes, com retábulos da Virgem, e cheirando a mulher, como os corredores dum lupanar. Era
 1655 depois mais longe ainda a Grécia: desde a aula de Retórica ela aparecera-me sempre como um bosque sacro de loureiros onde alvejam frontões de templos, e, nos lugares de sombra em que arrulham as pombas, Vénus de repente surge, cor de luz e cor-de-rosa, oferecendo a todo o lábio, ou bestial ou divino, o mimo dos
 1660 seus seios imortais. Vénus já não vivia na Grécia; mas as mulheres

1627: *No texto-base: snr. S. Roque:*

1652: *sêa: conforme o texto-base.*

tinham conservado lá o esplendor da sua forma e o encanto do seu impudor... Jesus! O que eu podia gozar! Um clarão sulcou-me a alma. E gritei, com um murro sobre o atlas, que fez estremecer a castíssima Senhora do Patrocínio e todas as estrelas da sua coroa:

1665 — Caramba, vou fartar o bandulho!

Sim, fartá-lo! E mesmo, receando que a titi, por avareza do seu ouro ou desconfiança da minha piedade, renunciasse à ideia desta peregrinação tão prometedor de gozos — resolvi ligá-la supernaturalmente por uma ordem divina. Fui ao oratório; desmanchei o
1670 cabelo, como se por entre ele tivesse passado um sopro celeste; e corri ao quarto da titi, esgazeado, com os braços a tremer no ar.

— Ó titi! Pois não quer saber? Estava agora no oratório, a rezar de satisfação, e vai de repente pareceu-me ouvir a voz de Nosso Senhor, de cima da cruz, a dizer-me baixinho, sem se mexer: «Fazes bem, Teodorico, fazes bem em ir visitar o meu Santo Sepulcro...
1675 E estou muito contente com tua tia... Tua tia é das minhas!...»

Ela juntou as mãos, num fogoso transporte de amor:

— Louvado seja o Seu santíssimo nome!... Pois disse isso? Ai, era bem capaz, que Nosso Senhor sabe que é para O honrar
1680 que eu lá te mando... Louvado seja outra vez o Seu santíssimo nome! Louvado seja em Terra e Céu! Anda, filho, vai, reza-Lhe... Não te fartes, não te fartes!

Eu ia, murmurando uma Ave-Maria. Ela correu ainda à porta, numa efusão de simpatia:

— E olha, Teodorico, vê lá a respeito de roupa branca... Talvez te sejam necessárias mais ceroulas... Encomenda, filho, encomenda, que graças a Nossa Senhora do Rosário tenho poses, e quero que vás com decência e te apresentes bem lá na sepulturazinha de Deus!...

1690 Encomendei: e, tendo comprado um *Guia do Oriente* e um capacete de cortiça, informei-me, sobre o modo mais deleitoso de chegar a Jerusalém, com Benjamim Sarrosa & C.^a, judeu sagaz, que ia todos os anos, de turbante, comprar bois a Marrocos. Benjamim marcou-me, miudamente, num papel, o meu grandioso itinerário.
1695 Embarcaria no *Málaga*, vapor da casa Jadley que, por Gibraltar, e depois por Malta, me levaria, num mar sempre azul, à velha terra do Egito. Aí um repouso sensual na festiva Alexandria. Depois no paquete do Levante, que sobe a costa religiosa da Síria, aportaria

1700 a Jafa, a de verdejantes pomares; e de lá, seguindo uma estrada macadamizada, ao chouto duma égua doce, veria, ao fim dum dia e ao fim duma noite, surgirem, negras entre colinas tristes, as muralhas de Jerusalém!

— Diabo, Benjamim... Parece-me muito mar, muito paquete. Então nem um bocadinho de Espanha? Ó menino, olhe que eu
1705 quero refastelar-me.

— Refastela-se em Alexandria. Tem lá tudo. Tem o bilhar, tem a tipoia, tem a batota, tem a mulherinha... Tudo do bom. É lá que você se refastela!

No entanto, já no Montanha e na tabacaria do Brito se falava
1710 da minha santa empresa. Uma manhã, li, escarlate de orgulho, no *Jornal das Novidades* estas linhas honoríficas: «Parte brevemente a visitar Jerusalém, e todos os sacros lugares em que padeceu por nós o Redentor, o nosso amigo Teodorico Raposo, sobrinho da Ex.^{ma} D. Patrocínio das Neves, opulenta proprietária, e modelo
1715 de virtudes cristãs. Boa viagem!» A titi, desvanecida, guardou o jornal no oratório, debaixo da peanha de S. José: e eu jubilei, por imaginar o despeito da Adélia (leitora fiel do *Jornal*) ao ver-me assim abalar desprendido dela, atestado de ouro, para essas terras muçulmanas — onde a cada passo se topa um serralho, mudo e
1720 cheirando a rosa entre sicómoros...

A véspera da partida, na sala dos damascos, teve elevação e solenidade. O Justino contemplava-me — como se contempla uma figura histórica.

— O nosso Teodorico... Que viagem!... O que se vai falar nisto!
1725 E padre Pinheiro murmurava com unção:

— Foi uma inspiração do Senhor! E que bem que lhe há de fazer à saúde!

Depois mostrei o meu capacete de cortiça. Todos o admiraram. O nosso Casimiro, todavia, depois de coçar pensativamente o queixo,
1730 observou que me daria talvez mais seriedade um chapéu alto...

A titi acudiu, aflita:

— É o que eu lhe disse! Acho de pouca cerimónia, para a cidade em que morreu Nosso Senhor...

— Ó titi, mas já lhe expliquei! Isto é só para o deserto!...
1735 Em Jerusalém, está claro, e em todos aqueles santos lugares, ando de chapéu alto...

— Sempre é mais de cavalheiro, afirmou o Dr. Margaride.

Padre Pinheiro quis saber, solicitamente, se eu ia prevenido com remédios para o caso dum contratempo intestinal nesses
1740 descampados bíblicos...

— Levo tudo. O Benjamim deu-me a lista... Até linhaça, até arnica!...

O pachorrento relógio do corredor começou a gemer as dez; eu devia madrugar; e o Dr. Margaride, comovido, agasalhava já o
1745 pescoço no seu lenço de seda. Então, antes dos abraços, perguntei aos meus leais amigos que «lembrançazinha» desejavam dessas terras remotas onde vivera o Senhor. Padre Pinheiro queria um frasquinho de água do Jordão. Justino (que já me pedira no vão da janela um pacote de tabaco turco) diante da titi só apetecia
1750 um raminho de oliveira, do Monte Olivete. O Dr. Margaride contentava-se com uma boa fotografia do Sepulcro de Jesus Cristo, para encaixilhar...

Com a carteira aberta, depois de alistar estas piedosas incumbências — voltei-me para a titi, risonho, carinhoso, humilde...

— Cá por mim, disse ela do meio do sofá como dum altar,
1755 tesa nos seus cetins de domingo, o que desejo é que faças essa viagem com toda a devoção, sem deixar pedra por beijar, nem perder novena, nem ficar lugarzinho em que não rezes ou o terço ou a coroa... Além disso, também estimo que tenhas saúde.

1760 Eu ia depor na sua mão, brilhante de anéis, um beijo gratíssimo. Ela deteve-me — mais aprumada e seca:

— Até aqui tens sido a propósito, não tens faltado aos preceitos, nem te tens dado a relaxações... Por isso te vais regalar de ver as oliveiras onde Nosso Senhor suou sangue, e de beber
1765 no Jordãozinho... Mas se eu soubesse que nesta passeata tinhas tido maus pensamentos, e praticado uma relaxação, ou andado atrás de saias, fica certo que, apesar de seres a única pessoa do meu sangue, e teres visitado Jerusalém, e gozar indulgências, havias de ir para a rua, sem uma côdea, como um cão!

1770 Curvei a cabeça, apavorado. E a titi, depois de roçar o lenço de rendas pelos beijos sumidos, prosseguiu com mais autoridade,

1767: seres: *no texto-base lê-se ser*

e uma emoção crescente que lhe punha, sob o corpete raso, como o fugitivo arfar dum peito humano:

— E agora quero dizer-te para teu governo uma só coisa!...

1775 Todos de pé, e reverentes, logo percebemos que a titi se preparava a proferir uma palavra suprema. Nessa hora de separação, rodeada dos seus sacerdotes, rodeada dos seus magistrados, D. Patrocínio das Neves ia decerto revelar qual fora o seu íntimo motivo, em me mandar, como sobrinho e como romeiro, à cidade

1780 de Jerusalém. Eu ia saber enfim, e tão indubitavelmente como se ela mo escrevesse num pergaminho, qual deveria ser o mais precioso dos meus cuidados, velando ou dormindo, nas terras do Evangelho!

— Aqui está! Declarou a titi. Se entendes que mereço alguma coisa pelo que tenho feito por ti desde que morreu tua mãe, já

1785 educando-te, já vestindo-te, já dando-te égua para passeares, já cuidando da tua alma, então traz-me desses santos lugares uma Santa Relíquia, uma relíquia milagrosa que eu guarde, com que me fique sempre apegando nas minhas aflições e que cure as minhas doenças.

E pela vez primeira, depois de 50 anos de aridez, uma lágrima

1790 breve escorregou no carão da titi, por sob os seus óculos sombrios.

O Dr. Margaride rompeu para mim, arrebatadamente:

— Teodorico, que amor que lhe tem a titi! Rebusque essas ruínas, esquadrinhe esses sepulcros! Traga uma relíquia à titi!

Eu bradei, exaltado:

1795 — Titi, palavra de Raposo que lhe hei de trazer uma tremenda relíquia!

Pela severa sala de damascos transbordou, ruidosa e tocante, a comoção dos nossos corações. Eu achei-me com os beiços do Justino, ainda moles da torrada, colados à minha barba...

1800 Cedo, na manhã de domingo, 6 de setembro e dia de Santa Libânia, fui bater, devagar, ao quarto da titi, ainda adormecida no seu leito castíssimo. Senti, por sobre o tapete, aproximar-se o som mole dos seus chinelos. Entreabriu pudicamente a porta; e, decerto em camisa, estendeu-me, através da fenda, a sua mão

1805 escarnada, lívida, cheirando a rapé. Apeteceu-me mordê-la; depus nela um beijo baboso; a titi murmurou:

— Adeus, menino... Dá muitas saudades ao Senhor!

Desci a escadaria, já de capacete, sobraçando o meu *Guia do Oriente*. Atrás a Vicência soluçava.

1810 A minha mala nova de couro, o meu repleto saco de lona
enchiam o coupé do *Pingalho*. Ainda as andorinhas retardadas can-
tavam no beiral dos telhados; na capela de Santana tocava para a
missa. E um raio de sol, vindo do Oriente, vindo lá da Palestina
ao meu encontro, banhou-me a face, acolhedor e risonho, como
1815 uma carícia do Senhor.

Fechei a tipoia, estirei-me, gritei: «Larga, *Pingalho!*»

E, romeiro abastado, soprando à brisa o fumo do meu
cigarro — assim deixei o portão de minha tia, em caminho para
Jerusalém!

II

Foi num domingo e dia de S. Jerónimo que meus pés latinos pisaram enfim, no cais de Alexandria, a terra do Oriente, sensual e religiosa. Agradei ao Senhor da Boa Viagem. E o meu
5 companheiro, o ilustre Topsius, doutor alemão pela Universidade de Bonn, sócio do Instituto Imperial de Escavações Históricas, murmurou, grave como numa invocação, desdobrando o seu vastíssimo guarda-sol verde:

— Egito! Egito! Eu te saúdo, negro Egito! E que me seja em
10 ti propício o teu Deus Phtah, Deus das Letras, Deus da História, inspirador da obra de Arte e da obra de Verdade!...

Através deste zumbido científico, eu sentia-me envolvido num bafo morno como o duma estufa, amolecedormente tocado de aromas de sândalo e rosa. No cais faiscante, entre fardos de lã,
15 estirava-se, banal e sujo, o barracão da alfândega. Mas além as pombas brancas voavam em torno aos minaretes brancos; o céu deslumbrava. Cercado de severas palmeiras, um lânguido palácio dormia à beira da água; e ao longe perdiam-se os areais da antiga Líbia, esbatidos numa poeirada quente, livre, e da cor dum leão.

20 Amei logo esta terra de indolência, de sonho e de luz. E saltando para a caleche forrada de chita, que nos ia levar ao *Hotel das Pirâmides*, invoquei as Divindades, como o ilustrado doutor de Bonn:

— Egito, Egito! Eu te saúdo, negro Egito! E que me seja propício...

25 — Não! Que vos seja propícia, D. Raposo, Ísis, a vaca amorosa! Acudiu o eruditíssimo homem, risonho, e abraçado à minha chapeleira.

30 Não compreendi, mas venerei. Eu conhecera Topsius em Malta, uma fresca manhã, estando a comprar violetas a uma ramalheira que tinha já nos olhos grandes um langor muçulmano: ele andava medindo consideradamente com o seu guarda-sol as paredes marciais e monásticas do palácio do Grão-Mestre.

35 Persuadido que era um dever espiritual e doutoral, nestas terras do Levante, cheias de história, medir os monumentos da Antiguidade, tirei o meu lenço e fui-o gravemente passeando, esticado como um côvado, sobre as austeras cantarias. Topsius dardejou-me logo, por cima dos óculos de ouro, um olhar desconfiado e ciumento. Mas tranquilizado, decerto, pela minha face jucunda e material, pelas minhas luvas almiscaradas, pelo meu fútil
40 raminho de violetas — ergueu cortesmente de sobre o longo cabelo, corredio e cor de milho, o seu bonezinho de seda preta. Eu saudei com o meu capacete de cortiça; e comunicámos. Disse-lhe o meu nome, a minha pátria, os santos motivos que me levavam a Jerusalém. Ele contou-me que nascera na gloriosa Alemanha; e ia
45 também à Judeia, depois à Galileia, numa peregrinação científica, colher notas para a sua formidável obra, a *História dos Herodes*. Mas demorava-se em Alexandria a amontoar os pesados materiais doutro livro monumental, a *História dos Lágidas*... Porque estas duas turbulentas famílias, os Herodes e os Lágidas, eram propriedade
50 histórica do doutíssimo Topsius.

— Então, ambos com o mesmo roteiro, podíamos acamaradar, doutor Topsius!

Ele espigado, magríssimo e pernudo, com uma rabona curta de lustrina enchumaçada de manuscritos, cortejou gostosamente:

55 — Pois acamarademos, D. Raposo! Será uma deleitosa economia!

60 Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia, — o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha, risível e cheia de letras, com óculos de ouro na ponta do bico. Mas já a minha animalidade reverenciava a sua intelectualidade: e fomos beber cerveja.

65 A sabedoria neste moço era dom hereditário. Seu avô materno, o naturalista Shlock, escreveu um famoso tratado em oito volumes sobre a *Expressão fisionómica dos lagartos*, que assombrou a Alemanha. E seu tio, o decrépito Topsius, o memorável egiptólogo, aos

77 anos ditou da poltrona, onde o prendia a gota, esse livro genial e fácil — a *Síntese monoteísta da teogonia egípcia, considerada nas relações do Deus Phtah e do Deus Imhotep com as tríades dos nomos*.

70 O pai de Topsius, desgraçadamente, através desta alta ciência doméstica, permanecia fígle numa charanga, em Munique: mas o meu camarada, reatando a tradição, logo aos 22 anos tinha esclarecido, radiantemente, em dezanove artigos publicados no *Boletim Hebdomadário de Escavações Históricas*, a questão, vital para a Civilização, duma parede de tijolo erguida pelo rei Pi-Sibkmé, da
75 vigésima primeira dinastia, em torno do Templo de Ramsés II, na lendária cidade de Tânis. Em toda a Alemanha científica, hoje, a opinião de Topsius acerca desta parede brilha com a irrefutabilidade do Sol.

Só conservo de Topsius recordações suaves ou elevadas. Já sobre as águas bravias do mar de Tiro; já nas ruas fuscas de
80 Jerusalém; já dormindo lado a lado, sob a tenda, junto aos destroços de Jericó; já pelas estradas verdes de Galileia — encontrei-o sempre instrutivo, serviçal, paciente e discreto. Raramente compreendia as suas sentenças, sonoras e bem cunhadas, tendo a preciosidade de
85 medalhas de ouro; mas, como diante da porta impenetrável dum santuário, eu reverenciava, por saber que lá dentro, na sombra, refulgia a essência pura da Ideia. Por vezes também o doutor Topsius rosnava uma praga imunda; e então uma grata comunhão se estabelecia entre ele e o meu singelo intelecto de bacharel em
90 Leis. Ficou-me a dever seis moedas; — mas esta diminuta migalha de pecúnia desaparece na copiosa onda de saber histórico com que fecundou o meu espírito. Uma coisa apenas, além do seu pigarro de erudito, me desagradava nele — o hábito de se servir da minha escova de dentes.

95 Era também intoleravelmente vaidoso da sua pátria. Sem cessar, erguendo o bico, sublimava a Alemanha, mãe espiritual dos povos; depois ameaçava-me com a irresistibilidade das suas armas. A omnisciência da Alemanha! A onipotência da Alemanha! Ela imperava, vasto acampamento entrincheirado de
100 in-fólios, onde ronda e fala de alto a Metafísica armada! Eu, brioso, não gostava destas jactâncias. Assim, quando no *Hotel das Pirâmides* nos apresentaram um livro para nele registarmos nossos nomes e nossas terras, o meu douto amigo traçou o

seu «TOPSIUS», ajuntando por baixo, altivamente, em letras tesas
 105 e disciplinadas como galuchos: «DA IMPERIAL ALEMANHA». Arrebatei a pena; e recordando o barbudo João de Castro, Ormuz em chamas, Adamastor, a capela de S. Roque, o Tejo e outras glórias, escrevi largamente em curvas mais enfunadas que velas de galeões: «RAPOSO, PORTUGUÊS, D'AQUÉM E D'ALÉM-MAR». E logo,
 110 do canto, um moço magro e murcho murmurou, suspirando e a desfalecer:

— Em o cavalheiro necessitando alguma coisa, chame pelo Alpedrinha.

Um patricio! Ele contou-me a sua sombria história, desafiando a minha maleta. Era de Trancoso e desgraçado. Tivera
 115 estudos, compusera um necrológio, sabia ainda mesmo de cor os versos mais doloridos «do nosso Soares de Passos». Mas apenas sua mamãzinha morrera, tendo herdado terras, correrá à fatal Lisboa, a gozar; conheceu logo na travessa da Conceição uma espanhola deleitosíssima, do adocicado nome de Dulce; e largou
 120 com ela para Madrid, num idílio. Aí o jogo empobreceu-o, a Dulce traiu-o, um *chulo* esfaqueou-o. Curado e macilento passou a Marselha; e durante anos arrastou como um frangalho social, através de misérias inenarráveis. Foi sacristão em Roma. Foi
 125 barbeiro em Atenas. Na Moreia, habitando uma choça junto a um pântano, empregara-se na pavorosa pesca das sanguessugas; e de turbante, com odres negros ao ombro, apregoou água pelas vielas de Esmirna. O fecundo Egito atraía-o sempre, irresistivelmente... E ali estava no *Hotel das Pirâmides*, moço de
 130 bagagens e triste.

— E se o cavalheiro trouxesse por aí algum jornal da nossa Lisboa, eu gostava de saber como vai a política.

Concedi-lhe generosamente todos os *Jornais de Notícias* que embrulhavam os meus botins.

135 O dono do hotel era um grego de Lacedemónia, de bigodes ferozes, e que *hablaba un poquito el castellano*. Respeitosamente ele próprio, teso na sua sobrecasaca preta ornada duma condecoração,

110: No texto-base: murcho,

123: arrastou como: conforme o texto-base; trata-se, provavelmente, de um francesismo.

nos conduziu à sala do almoço — *la más preciosa, sin duda, de todo el Oriente, caballeros!*

140 Sobre a mesa murchava um ramo grosso de flores escarlates: no frasco do azeite flutuavam familiarmente cadáveres de moscas; as chinelas do criado topavam a cada instante um velho *Jornal dos Debates*, manchado de vinho, rojando ali desde a véspera, pisado por outras chinelas indolentes: e no teto, a fumaraça fétida dos
145 candeeiros de latão juntara nuvens pretas às nuvens cor-de-rosa onde esvoaçavam anjos e andorinhas. Por baixo da varanda uma rebeca e uma harpa tocavam a *Mandolinata*. E enquanto Topsisius se alagava de cerveja, eu sentia estranhamente crescer o meu amor por esta terra de preguiça e de luz.

150 Depois do café, o meu sapientíssimo amigo, com o lápis dos apontamentos na algibeira da rabona, abalou a rebuscar antigualhas e pedras do tempo dos Ptolomeus. Eu, acendendo um charuto, reclamei Alpedrinha; e confiei-lhe que desejava, sem tardança, ir rezar e ir amar. Rezar era por intenção da
155 tia Patrocínio, que me recomendara uma jaculatória a S. José, apenas pisasse esse solo do Egito, tornado, desde a fuga da Santa Família em cima do seu burrinho, chão devoto como o duma Sé. Amar era por necessidade do meu coração, ansioso e ardido. Alpedrinha, em silêncio, ergueu as persianas, e mostrou-
160 -me uma clara praça, ornamentada ao centro por um herói de bronze, cavalgando um corcel de bronze: uma aragem quente levantava poeiradas lentas por sobre dois tanques secos; e em redor perfilavam-se no azul altos prédios, hasteando cada um a bandeira da sua pátria como cidadelas rivais sobre um solo
165 vencido. Depois o triste Alpedrinha indicou-me, a uma esquina, onde uma velha vendia canas-de-açúcar, a tranquila rua das Duas Irmãs. Aí (murmurou ele) eu veria, pendurada sobre a porta duma lojinha discreta, uma pesada mão de pau, tosca e roxa — e por cima, em tabuleta negra, estes dizeres convidativos a ouro:
170 «MISS MARY, LUVAS E FLORES DE CERA». Era esse o refúgio que ele aconselhava ao meu coração. Ao fundo da rua, junto duma fonte chorando entre árvores, havia uma capela nova onde a minha alma acharia consolação e frescura.

175 — E diga o cavalheiro a Miss Mary que vai de mandado do *Hotel das Pirâmides*.

Pus uma rosa ao peito — e saí, ovante. Logo da entrada das Duas Irmãs avistei a ermidinha virginal, dormindo castamente sob os plátanos, ao rumor meigo da água. Mas o amantíssimo Patriarca S. José estava certamente, a essa hora, ocupado em receber jaculatórias mais instantes, e evoladas de lábios mais nobres: não quis
180 importar o bondosíssimo santo; — e parei diante da mão de pau, pintada de roxo, que parecia estar ali esperando, alongada e aberta, para empolgar o meu coração.

Entrei, comovido. Por trás do balcão envernizado, junto
185 a um vaso de rosas e magnólias, ela estava lendo o seu *Times*, com um gato branco no colo. O que me prendeu logo foram os seus olhos azuis-claros, dum azul que só há nas porcelanas, simples, celestes, como eu nunca vira na morena Lisboa. Mas encanto maior ainda tinham os seus cabelos, crespos, frisadinhos
190 como uma carapinha de ouro, tão doces e finos que apetecia ficar eternamente e devotamente a mexer-lhes com os dedos trémulos; e era irresistível o profano nimbo luminoso que eles punham em torno da sua face gordinha, duma brancura de leite onde se desfez carmesim, toda tenra e succulenta. Sorrindo, e
195 baixando com sentimento as pestanas escuras, perguntou-me se eu queria *pelica* ou *suécia*.

Eu murmurei, roçando-me sofregamente pelo balcão:

— Trago-lhe recadinhos do Alpedrinha.

Ela escolheu entre o ramo um tímido botão de rosa, e deu-mo
200 na ponta dos dedos. Eu trinquei-o, com furor. E a voracidade desta carícia pareceu agradar-lhe, porque um sangue mais quente veio afogues-lhe a face — e chamou-me baixo «mauzinho!» Esqueci S. José e a sua jaculatória — e as nossas mãos, um momento unidas para ela me calçar a luva clara, não se desenlaçaram mais,
205 nessas semanas que passei, na cidade dos Lágidas, em festivas delícias muçulmanas!

Ela era de York, esse heroico condado da velha Inglaterra, onde as mulheres crescem fortes e bem desabrochadas, como as rosas dos seus jardins reais. Por causa da sua meiguice e
210 do seu riso de ouro quando lhe fazia cócegas, eu pusera-lhe o nome galante e cacarejante de *Maricoquinhas*. Topsius, que a apreciava, chamava-lhe «a nossa simbólica Cleópatra». Ela amava a minha barba negra e potente: e, só para não me

afastar do calor das suas saias, eu renunciei a ver o Cairo, o
215 Nilo, e a eterna Esfinge, deitada à porta do deserto, sorrindo
da Humanidade vã...

Vestido de branco como um lírio, eu gozava manhãs inefáveis,
encostado ao balcão da Mary, amaciando respeitosamente a espinha
do gato. Ela era silenciosa: mas o seu simples sorrir com os braços
220 cruzados, ou o seu modo gentil de dobrar o *Times*, saturava o
meu coração de luminosa alegria. Nem precisava chamar-me «seu
portuguesinho valente, seu bibichinho». Bastava que o seu peito
arfassse: — só para ver aquela doce onda lânguida, e saber que a
225 levantava assim a saudade dos meus beijos, eu teria vindo de tão
longe a Alexandria, iria mais longe, a pé, sem repouso, até onde
as águas do Nilo são brancas!

De tarde, na caleche de chita com o nosso doutíssimo Topsisius,
dávamos lentos, amorosos passeios à beira do canal Mamoudieh.
Sob as frondosas árvores, rente aos muros de jardins de serralho,
230 eu sentia o aroma perturbador de magnólias, e outros cálidos per-
fumes que não conhecia. Por vezes uma leve flor roxa ou branca
caía-me sobre o regaço: com um suspiro eu roçava a barba pelo
rosto macio da minha Maricoquinhas; ela, sensível, estremecia.
Na água jaziam as barcas pesadas que sobem o Nilo, sagrado e
235 benfazejo, ancorando junto às ruínas dos templos, costeando as
ilhas verdes onde dormem os crocodilos. Pouco a pouco a tarde
caía. Vagarosamente rolávamos na sombra olorosa. Topsisius mur-
murava versos de Goethe. E as palmeiras da margem fronteira
recortavam-se no poente amarelo — como feitas em relevo de
240 bronze sobre uma lâmina de ouro.

Maricocas jantava sempre connosco no *Hotel das Pirâmides*;
e diante dela Topsisius desabrochava todo em flores de erudição
amável. Contava-nos as tardes de festa da velha Alexandria dos
Ptolomeus, no canal que levava a Canopia: ambas as margens
245 resplandeciam de palácios e de jardins; as barcas, com toldos
de seda, vogavam ao som dos alaúdes; os sacerdotes de Osíris,
cobertos de peles de leopardo, dançavam sob os laranjais; e nos

238: Goethe: *conforme o texto-base*.

244: Canopia: *conforme o texto-base, referindo-se, na grafia atual, ao topónimo Canopo*.

terraços abrindo os véus, as damas de Alexandria bebiam à Vénus Assíria, pelo cálice da flor do lótus. Uma voluptuosidade esparsa amolecia as almas. Os filósofos mesmo eram frascários.

— E, dizia Tópsius requebrando o olho, em toda a Alexandria só havia uma dama honesta que comentava Homero e era tia de Séneca. Só uma!

Maricoquinhos suspirava. Que encanto, viver nessa Alexandria, e navegar para Canópsia, numa barca toldada de seda!

— Sem mim? Gritava eu, ciumento.

Ela jurava que sem o seu português valente não queria habitar nem o Céu!

Eu, regalado, pagava o champagne.

E os dias assim foram passando, leves, flácidos, gostosos, repicados de beijos — até que chegou a véspera sombria de partirmos para Jerusalém.

— O cavalheiro, dizia-me nessa manhã Alpedrinha engraxando os meus botins, o que devia era ficar aqui na Alexandriazinha, a refocilar...

Ah! Se pudesse! Mas irrecusáveis eram os mandados da titi! E, por amor do seu ouro, lá tinha de ir à negra Jerusalém, ajoelhar diante de oliveiras secas, desfiar rosários piedosos ao pé de frios sepulcros...

— Tu já estiveste em Jerusalém, Alpedrinha? Perguntei, enfiando desconsoladamente as ceroulas.

— Não senhor, mas sei... Pior que Braga!

— Irra!

A nossa ceia com Maricocas, à noite, no meu quarto, foi cortada de silêncios, de suspiros: as velas tinham a melancolia de tochas: o vinho anuviava-nos como aquele que se bebe nos funerais. Tópsius ofertava consolações generosas.

— Bela dama, bela dama, o nosso Raposo há de voltar... Estou mesmo certo que trará da ardente terra da Síria, da terra da Vénus e da Esposa dos Cantares, uma chama no seu coração mais foga e mais moça...

Eu mordía o beijo, sufocado:

— Pois está visto! Ainda havemos de andar de caleche pelo Mamoudieh... Isto é só ir rezar uns Padre-Nossos ao Calvário... Até me faz bem... Volto como um touro.

Depois do café fomos encostar-nos à varanda a olhar, calados, aquela sumptuosa noite do Egito. As estrelas eram como uma grossa poeirada de luz que o bom Deus levantava lá em cima, passeando sozinho pelas estradas do Céu. O silêncio tinha
 290 uma solenidade de sacrário. Nos escuros terraços, em baixo, uma forma branca movendo-se por vezes, de leve, mostrava que outras criaturas estavam ali, como nós, deixando a alma embeber-se mudamente no esplendor sideral: e nesta difusa religiosidade, igual à duma multidão pasmando para os lumes dum
 295 altar-mor, eu sentia subir aos lábios irresistivelmente a doçura duma Ave-Maria...

Ao longe o mar dormia. E, à quente irradiação dos astros, eu podia distinguir, num pontal de areia, mergulhando quási na água, uma casa deserta, pequenina, toda branca e poética entre
 300 duas palmeiras... Então comecei a pensar que, mal a titi morresse e fosse meu o seu ouro, eu poderia comprar esse doce retiro, forrá-lo de lindas sedas, e viver ao lado da minha luveira, vestido de turco, fresco, sereno, livre de todas as inquietações da civilização. Desagravos ao Sagrado Coração de Jesus ser-me-iam
 305 tão indiferentes como as guerras que entre si travassem os Reis. Do céu só me importaria a luz anilada que banhasse a minha vidraça; da terra só me importariam as flores abertas no meu jardim para aromatizar a minha alegria. E passaria os dias numa fofa preguiça oriental, fumando o puro Latakié, tocando viola
 310 francesa, e recebendo perpetuamente essa impressão de felicidade perfeita que a Mary me dava só com deixar arfar o seio e chamar-me «seu portuguesinho valente».

Apertei-a contra mim num desejo de a sorver. Junto à sua orelha, duma brancura de concha branca, balbuciei nomes inefáveis: disse-lhe *rebonchudinba*, disse-lhe *riquitinba*. Ela estremeceu, ergueu os olhos magoados para a poeirada de ouro.

— Que de estrelas! Deus queira que amanhã o mar esteja manso!

Então, à ideia dessas longas ondas que me iam levar à ríspida
 320 terra do Evangelho, tão longe da minha Mary, um pesar infinito

309: Latakié: conforme o texto-base, referindo-se, na grafia atual, ao topónimo Latequia.

afogou-me o peito — e irrepresivelmente se me escapou dos lábios, em gemidos entoados, queixosos e requebrados... Cantei. Por sobre os terraços adormecidos da muçulmana Alexandria soltei a voz dolorida, voltado para as estrelas; e roçando os dedos
 325 pelo peito do jaquetão onde deviam estar os bordões da viola, fazendo os meus ais bem chorosos — suspirei o *fado* mais sentido da saudade portuguesa:

*Co'a minh'alma aqui te ficas,
 Eu parto só com os meus ais,
 330 E tudo me diz, Maricas,
 Que não te verei nunca mais.*

Parei, abafado de paixão. O erudito Topsius quis saber se estes doces versos eram de Luís de Camões. Eu, choramingando, disse-lhes que estes — ouvira-os no Dafundo ao *Calcinhas*.

335 Topsius recolheu a tomar uma nota do grande poeta *Calcinhas*. Eu fechei a vidraça: e depois de ir ao corredor fazer às escondidas um rápido sinal da cruz, vim desapertar sofregamente, e pela vez derradeira, os atacadores do colete da minha saborosa bem-amada.

Breve, avaramente breve, foi essa noite estrelada do Egipto!
 340 Cedo, amargamente cedo, veio o grego da Lacedemónia avisar-me que já fumegava na baía, áspera e cheia de vento, *el paquete*, ferozmente chamado o *Caimão*, que me devia levar para as tristezas de Israel.

El señor D. Topsius, madrugador, já estava em baixo a almoçar
 345 pachorrentamente os seus ovos com presunto, a sua vasta caneca de cerveja. Eu tomei apenas um gole de café, no quarto, a um canto da cómoda, em mangas de camisa, com os olhos vermelhos sob a névoa das lágrimas. A minha sólida mala de couro atravancava o corredor, fechada e afivelada; mas Alpedrinha estava
 350 ainda acomodando, à pressa, a roupa suja dentro do saco de lona. E Maricoquinhas, sentada desoladamente à borda do leito, com o seu gentil chapéu enfeitado de papoulas e as olheirinhas pisadas — contemplava aquele enfardelar de flanelas, como se fossem bocados do seu coração atirados para o fundo do saco,
 355 para partirem e não voltarem mais!

— Levas tanta roupa suja, Teodorico!

Balbuçiei, dilacerado:

— Manda-se lavar em Jerusalém com a ajuda de Nosso Senhor!

360 Deitei os meus bentinhos ao pescoço. Nesse instante Topsius
assomava à porta, cachimbando, com a barraca do seu guarda-sol
fechada sob o braço, de galochas anchas para a humidade do
tombadilho — e um volume da Bíblia enchumaçando-lhe a rabona
de alpaca. Ao ver-me sem colete, repreendeu a minha amorosa
preguiça.

365 — Mas compreendo, bela dama, compreendo! Acudiu ele, às
cortesias a Mary, esgrouviado e onduloso, de óculos na ponta do
bico. É doloroso deixar os braços de Cleópatra... Já António por
eles perdeu Roma e o mundo... Eu mesmo, todo absorvido na
minha missão, com recantos crepusculares da História a alumiar,
370 levo gratas memórias destes dias de Alexandria... Deliciosíssimos os
nossos passeios pelo Mamoudieh!... Permita-me que apanhe a sua
luva, bela dama!... E se voltar jamais a esta terra dos Ptolomeus,
não me esquecerá a rua das Duas Irmãs... «Miss Mary, luvas e flores
de cera». Perfeitamente. Consentirá que lhe mande, quando com-
375 pleta, a minha *História dos Lágidas*... Há detalhes muito picantes...
Quando Cleópatra se apaixonou por Herodes, o rei da Judeia...

Mas Alpedrinha, da beira do leito, gritava, alvoroçado:

— Cavalheiro! Ainda há aqui roupa suja!

380 Rebuscando, entre os cobertores revoltos, descobrira uma
longa camisa de rendas, com laços de seda clara. Sacudia-a; e
espalhava-se um aroma saudoso de violeta e de amor... Ai! Era
a camisa de dormir da Mary, quente ainda dos meus abraços!

— Pertence à Sr.^a D. Mary! É a tua camisinha, amor! Gemi
eu, cruzando os suspensórios.

385 A minha luveirinha ergueu-se, trémula, descorada — e teve
um poético rasgo de paixão. Enrolou a sua camisinha, atirou-ma
para os braços, tão ardentemente, como se entre as dobras viesse
também o seu coração.

390 — Dou-ta, Teodorico! Leva-a, Teodorico! Ainda está amar-
rotada da nossa ternura!... Leva-a para dormires com ela a teu
lado, como se fosse comigo... Espera, espera ainda, amor! Quero
pôr-lhe uma palavra, uma dedicatória!

Correu à mesa, onde jaziam restos do papel sisudo em que
eu escrevia à titi a história edificativa dos meus jejuns em Alexan-

395 dria, das noites consumidas a embeber-me do Evangelho... E eu, com a camisinha perfumada nos braços, sentindo duas bagas de pranto rolarem-me pelas barbas, procurava angustiosamente em redor onde guardar aquela preciosa relíquia de amor. As malas estavam fechadas. O saco de lona estalava, repleto.

400 Topsius, impaciente, tirara das profundezas do seio o seu relógio de prata. O nosso lacedemónio, à porta, rosnavia:

— *D. Teodorico, es tarde, es mui tarde...*

405 Mas a minha bem-amada já sacudia o papel, coberto das letras que ela traçara, largas, impetuosas e francas como o seu amor: «*Ao meu Teodorico, meu portuguesinho possante, em lembrança do muito que gozámos!*»

— Oh, riquinha! E onde hei de eu meter isto? Eu não hei de levar a camisa nos braços, assim nua e ao léu!

410 Já Alpedrinha, de joelhos, desafivelava desesperadamente o saco. Então Maricoquinhas, com uma inspiração delicada, agarrou uma folha de papel pardo; apanhou do chão um nastro vermelho; e as suas habilidosas mãos de lueira fizeram da camisinha um embrulho redondo, cómodo e gracioso — que eu meti debaixo do braço, apertando-o com avara, inflamada paixão.

415 Depois foi um murmúrio arrebatado de soluços, de beijos, de doçuras...

— Mary, anjo querido!

— Teodorico, amor!...

— Escreve-me para Jerusalém...

420 — Lembra-te da tua bichaninha bonita...

Rolei pela escada, tonto. E a caleche que tantas vezes me passara, enlaçado com Mary, por sob os arvoredos aromáticos do Mamoudieh — lá partiu, ao trote da parelha branca, arrancando-me a uma felicidade onde o meu coração deitara raízes, agora despedaçadas e gotejando sangue no silêncio do meu peito. O douto
425 Topsius, abarracado sob o seu guarda-sol verde, recomeçara, impassível, a murmurar coisas de velha erudição. Sabia eu por onde íamos rodando? Por sobre a nobre calçada dos Sete Estados, que o primeiro dos Lágidas construía para comunicar com a ilha de

402: *mui*: conforme o texto-base.

430 Pharos, louvada nos versos de Homero! Nem o escutava, debruçado para trás, na caleche, agitando o lenço molhado da minha saudade. A doce Maricoquinhas, à porta do hotel, ao lado de Alpedrinha, linda sob o chapéu florido de papoulas, fazia esvoaçar também o seu lenço amoroso e acariciador: e um momento estas duas
435 cambraias brancas sacudiram uma para a outra, no ar quente, o ardor dos nossos corações. Depois eu caí sobre a almofada de chita como cai um corpo morto...

Apenas embarcado no *Caimão*, corri a esconder no beliche a minha dor. Topsisius ainda me agarrou pela manga para me mostrar sítios das grandezas dos Ptolomeus, o porto do Eunotos, a enseada de mármore onde ancoravam as galeras de Cleópatra. Fugi; na escada esbarrei, quási rolei sobre uma Irmã da Caridade, que subia timidamente com as suas contas na mão. Rosnei um
440 «desculpe, minha santinha». E tombando enfim no catre, deixei escapar o pranto à larga, por cima do embrulho de papel pardo: ele era tudo que me restava dessa paixão de incomparável esplendor, passada na terra do Egito.

Dois dias e duas noites o *Caimão* arquejou e rolou nos vagalhões do mar de Tiro. Enrodilhado num cobertor, sem largar do
450 peito o embrulhinho da Mary, eu recusava com ódio as bolachas que de vez em quando me trazia o humaníssimo Topsisius; e desatento às coisas eruditas que ele imperturbavelmente me contava destas águas chamadas pelos Egípcios o Grande Verde, rebuscava debalde na memória bocados soltos duma oração que ouvira à
455 titi para amansar as vagas iradas.

Mas uma tarde, ao escurecer, tendo cerrado os olhos, pareceu-me sentir sob as chinelas um chão firme, chão de rocha, onde cheirava a rosmaninho: e achei-me incompreensivelmente a
460 subir uma colina agreste de companhia com a Adélia, e com a minha loura Mary — que saíra de dentro do embrulho, fresca, nítida, sem ter sequer amarrotado as papoulas do seu chapéu! Depois, por trás dum penedo, surgiu-nos um homem nu, colossal, tisonado, de cornos; os seus olhos reluziam, vermelhos como vidros redondos de lanternas; e com o rabo infindável ia fazendo no
465 chão o rumor duma cobra irritada que roja por folhas secas. Sem nos cortejar, impudentemente, pôs-se a marchar ao nosso lado. Eu percebi bem que era o Diabo; mas não senti escrúpulo, nem

terror. A insaciável Adélia atirava olhadelas oblíquas à potência dos seus músculos. Eu dizia-lhe, indignado: «Porca, até te serve o Diabo?»

Assim marchando, chegámos ao alto do monte — onde uma palmeira se desgrenhava sobre um abismo cheio de mudez e de treva. Defronte de nós, muito longe, o céu desdobrava-se como um vasto estofado amarelo: e sobre esse fundo vivo, cor de gema de ovo, destacava um negríssimo outeiro, tendo cravadas no alto três cruzinhas em linha, finas e dum só traço. O Diabo, depois de escarrar, murmurou, travando-me da manga: «A do meio é a de Jesus, filho de José, a quem também chamam o Cristo; e chegamos a tempo para saborear a Ascensão.» Com efeito! A cruz do meio, a do Cristo, desarraigada do outeiro, como um arbusto que o vento arranca, começou a elevar-se, lentamente, engrossando, atravancando o céu. E logo de todo o espaço voaram bandos de anjos, a sustê-la, apressados como as pombas quando acodem ao grão; uns puxavam-na de cima, tendo-lhe amarrado ao meio longas cordas de seda; outros, de baixo, empurravam-na — e nós víamos o esforço entumecido dos seus braços azulados. Por vezes do madeiro desprendia-se, como uma cereja muito madura, uma grossa gota de sangue: um serafim recolhia-a nas mãos e ia colocá-la sobre a parte mais alta do céu, onde ela ficava suspensa e brilhando com o resplendor duma estrela. Um ancião enorme de túnica branca, a que mal distinguíamos as feições, entre a abundância da coma revolta e os flocos de barbas nevadas, comandava, estirado entre nuvens, estas manobras da Ascensão, numa língua semelhante ao latim e forte como o rolar de cem carros de guerra. Subitamente tudo desapareceu. E o Diabo, olhando para mim, pensativo: «*Consummatum est*, amigo! Mais outro Deus! Mais outra Religião! E esta vai espalhar em Terra e Céu um inenarrável tédio.»

E logo, levando-me pela colina abaixo, o Diabo rompeu a contar-me animadamente os cultos, as festas, as religiões que floresciam na sua mocidade. Toda esta costa do Grande Verde, então, desde Biblos até Cartago, desde Elêusis até Mênfis, estava

480: *No texto-base: desairragada*

atuhlada de deuses. Uns deslumbravam pela perfeição da sua
 beleza, outros pela complicação da sua ferocidade. Mas todos se
 505 misturavam à vida humana, divinizando-a: viajavam em carros
 triunfais, respiravam as flores, bebiam os vinhos, defloravam as
 virgens adormecidas. Por isso eram amados com um amor que não
 mais voltará: e os povos, emigrando, podiam abandonar os seus
 gados ou esquecer os rios onde tinham bebido — mas levavam
 510 carinhosamente os seus deuses ao colo. «O amigo, perguntou ele,
 nunca esteve em Babilónia?» Aí todas as mulheres, matronas ou
 donzelas, se vinham um dia prostituir nos bosques sagrados, em
 honra da deusa Milita. As mais ricas chegavam em carros mar-
 chetados de prata, puxados a búfalos, e escoltadas de escravas; as
 515 mais pobres traziam uma corda ao pescoço. Umas, estendendo
 um tapete na erva, agachavam-se como reses pacientes; outras,
 erguidas, nuas, brancas, com a cabeça escondida num véu preto,
 eram como esplêndidos mármore entre os troncos dos álamos.
 E todas assim esperavam que qualquer, atirando-lhes uma moeda
 520 de prata, lhes dissesse: «Em nome de Vénus!» Seguiam-no então,
 fosse um príncipe vindo de Susa com tiara de pérolas, ou o
 mercador que desce o Eufrates no seu barco de couro: e toda a
 noite rugia na escuridão das ramagens o delírio da Luxúria ritual.
 Depois o Diabo disse-me as fogueiras humanas de Moloch, os
 525 mistérios da Boa Deusa em que os lírios se regavam com sangue,
 e os ardentes funerais de Adónis...

E parando, risonhamente: «O amigo nunca esteve no Egito?»
 Eu disse-lhe que estivera e conhecera lá Maricocas. E o Diabo,
 cortês: «Não era Maricocas, era Ísis!» Quando a inundaçãõ chegava
 530 até Mênfis, as águas cobriam-se de barcas sagradas. Uma alegria
 heroica, subindo para o Sol, fazia os homens iguais aos deuses.
 Osíris, com os seus cornos de boi, montava Ísis; e, entre o estri-
 dor das harpas de bronze, ouvia-se por todo o Nilo o rugido
 amoroso da Vaca divina.

535 Depois o Diabo contava-me como brilhavam, doces e belas,
 na Grécia as religiões da Natureza. Aí tudo era branco, polido,
 puro, luminoso e sereno: uma harmonia saía das formas dos

519: *No texto-base:* atirando-lhe

mármore, da constituição das cidades, da eloquência das academias e das destrezas dos atletas: por entre as ilhas da Iónia, flutuando na moleza do mar mudo como cestas de flores, as Nereidas dependuravam-se da borda dos navios para ouvir as histórias dos viajantes; as Musas, de pé, cantavam pelos vales: e a beleza de Vénus era como uma condensação da beleza da Helénia.

Mas aparecera este carpinteiro de Galileia — e logo tudo acabara! A face humana tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação: uma cruz escura, esmagando a terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor aos beijos: — e era grata ao deus novo a fealdade das formas.

Julgando Lúcifer entristecido, eu procurava consolá-lo: «Deixe estar, ainda há de haver no mundo muito orgulho, muita prostituição, muito sangue, muito furor! Não lamente as fogueiras de Moloch. Há de ter fogueiras de judeus.» E ele, espantado: «Eu? Uns ou outros, que me importa, Raposo? Eles passam, eu fico!»

Assim, despercebido, a conversar com Satanás, achei-me no Campo de Santana. E tendo parado, enquanto ele desenhava os cornos dos ramos numa das árvores — ouvi de repente ao meu lado um berro: «Olha o Teodorico com o Porco-sujo!» Voltei-me. Era a titi! A titi, lívida, terrível, erguendo, para me espancar, o seu livro de missa! Coberto de suor — acordei.

Topsius gritava, à porta do beliche, alegremente:

— Levante-se, Raposo! Estamos à vista da Palestina!

O *Caimão* parara; e no silêncio eu sentia a água roçando-lhe o costado, de leve, num murmúrio de mansa carícia. Porque sonhara eu assim, ao avizinhar-me de Jerusalém, com os deuses falsos, Jesus seu vencedor, e o Demónio a todos rebelde? Que suprema revelação me preparava o Senhor?...

Desenrodilhei-me da manta; atordoado, sujo, sem largar o precioso embrulho da Mary, subi ao tombadilho, encolhido no meu jaquetão. Um ar fino e forte banhava-me deliciosamente, trazendo um aroma de serra e de flor de laranjeira. O mar emudecera, todo azul, na frescura da manhã. E ante meus olhos pecadores estendia-se a terra da Palestina, arenosa e baixa — com uma cidade escura, rodeada de pomares, toucada no alto de flechas de sol irradiando como os raios dum resplendor de santo.

575 — Jafa! Gritou-me Topsisius, sacudindo o seu cachimbo de louça. Aí tem o D. Raposo a mais antiga cidade da Ásia, a velhíssima Jepo, anterior ao Dilúvio! Tire o barrete, saúde essa anciã dos tempos, cheia de lenda e de história... Foi aqui que o borrhássimo Noé construiu a sua Arca!

580 Cortejei, assombrado.

— Caramba! Ainda agora a gente chega, já lhe começam a aparecer coisas de religião!

E conservei-me descoberto — porque o *Caimão*, ao ancorar diante da Terra Santa, tomara o recolhimento duma capela, cheia
585 de piedosas ocupações e de unção. Um lazarista, de longa sotaina, passeava, com os olhos baixos, meditando o seu Breviário. Sumidas dentro dos capuzes negros de lustrina, duas Religiosas corriam os dedos pálidos pelas contas dos seus rosários. Ao longo da amurada húmida, peregrinos da Abissínia, hirsutos padres gregos
590 de Alexandria, pasmavam para o casario de Jafa, aureolado de sol, como para a iluminação dum sacrário. E a sineta à popa tilintava, na brisa salgada, com uma doçura devota de toque de missa...

Mas, vendo uma barcaça escura remar para o *Caimão*, — baixei depressa ao beliche a pôr o meu capacete de cortiça, calçar luvas
595 pretas, para pisar decorosamente a terra do meu Salvador. Ao voltar, bem escovado, bem perfumado, achei a lancha atulhada. E descia, com alvoroço, atrás dum franciscano barbudo — quando o amado embrulhinho da Mary escapou dos meus braços carinhosos, rolou em saltos pela escada como uma pela, raspou a borda do bote...
600 Ia sumir-se nas águas amargas! Dei um berro! Uma das Religiosas apanhou-o, ligeira e cheia de misericórdia.

— Agradecido, minha senhora! Gritei, enfiado. É um pacotezinho de roupa! Seja pelo sagrado amor de Maria!

Ela refugiou-se modestamente na sombra do seu capuz; e
605 como eu me acomodara, mais longe, entre Topsisius e o franciscano barbudo que cheirava a alho — a santa criatura guardou o embrulho sobre o seu puro regaço, deitou-lhe mesmo por cima as contas do seu rosário.

O arrais, empunhando o leme, bradou: «Alá é grande, larga!»
610 Os árabes remaram cantando. O Sol surgiu por trás de Jafa. E eu, encostado ao meu guarda-chuva, contemplava a pudica Religiosa que assim levava, ao colo, para a terra de castidade, a camisinha da Mary.

Era nova: e entre o bioco triste de lustrina preta parecia
 de marfim o seu rosto oval, onde as pestanas longas punham a
 615 sombra duma dolente melancolia. Os beiços tinham perdido toda
 a cor e todo o calor, para sempre inúteis, destinados somente a
 beijar os pés arroxeados do cadáver dum Deus. Comparada com
 Mary, rosa de York aberta e sensual, perfumando Alexandria — esta
 pendia como um lírio ainda fechado e já murcho na humidade
 620 duma capela. Ia certamente para algum hospício da Terra Santa.
 A vida para ela devia ser uma sucessão de chagas a cobrir de fios
 e de lençóis a estender por cima de faces mortas. E era decerto
 o medo do Senhor que a tornava assim tão pálida.

— Bem tola! Murmurei eu.

625 Pobre e estéril criatura! Percebeu ela por acaso o que continha
 aquele embrulho pardo? Sentiu ela subir de lá, e espalhar-se no
 escuro do seu capuz, um perfume estranho e enlanguescedor
 de baunilha e de pele amorosa? A quentura do leito revolto, que
 ficara nas rendas da camisa, atravessou por acaso o papel e veio
 630 aquecer-lhe brandamente os joelhos? Quem sabe! Durante um
 momento pareceu-me que uma gota de sangue novo lhe roseou a
 face desmaiada, e que debaixo do hábito, onde brilhava uma cruz,
 o seu seio arfou, perturbado: mesmo julguei ver lampejar, por
 entre as suas pestanas, um raio fugitivo e assustado procurando as
 635 minhas barbas cerradas e pretas... Mas foi só um relance. Outra
 vez, sob o capuz, o rosto recaiu na sua frialdade de mármore
 santo; e sobre o seio submetido a cruz pesou, ciumenta e de
 ferro. Ao seu lado, a outra Religiosa, rechonchuda e de lunetas,
 sorria para o verde-mar, sorria para o sábio Topsius — com um
 640 sorriso claro que saía da paz do seu coração e lhe punha uma
 covinha no queixo.

Apenas saltámos na areia da Palestina, corri a agradecer, de
 capacete na mão, garboso e palaciano.

— Minha irmã, estou muito penhorado... Grande desgosto
 645 se se perdesse o pacotezinho!... É de minha tia, uma encomenda
 para Jerusalém... Lá lhe contarei... A titi é muito respeitadora
 de coisas santas, pela-se pela caridade...

627: *No texto-base*: enlanguescedor

Muda, no refolho do seu capuz, ela estendeu-me o embrulhinho com a ponta dos dedos, débeis e mais transparentes que os
650 duma Senhora da Agonia. E os dois hábitos negros sumiram-se, entre muros faiscantes de cal nova, numa viela em escadas onde apodrecia o cadáver dum cão sob o voo dos moscardos. Eu murmurei ainda: «Bem tola!»

Quando me voltei, Topsius, à sombra do seu guarda-sol, conversava com o homem prestante — que foi nosso guia através
655 das terras da Escritura. Era moço, moreno, espigado, com longos bigodes esvoaçando ao vento; usava jaqueta de veludilho e botas brancas de montar; as coronhas prateadas de duas pistolas, emergindo duma faixa de lã negra, armavam-lhe heroicamente o peito
660 forte: e trazia amarrado na cabeça, com as pontas e as franjas atiradas para trás, um lenço rutilante de seda amarela. O seu nome era Paulo Potte, a sua pátria o Montenegro: e toda a costa da Síria o conhecia pelo *alegre Potte*. Jesus, que alegre matalote! A alegria faiscava-lhe na pupila azul-clara; a alegria cantava-lhe nos dentes
665 incomparáveis; a alegria estremecia-lhe nas mãos buliçosas; a alegria ressoava-lhe no bater dos tacões. Desde Ascalon até aos bazares de Damasco, desde o Carmelo até aos pomares de Engaddi — ele era o *alegre Potte*. Estendeu-me rasgadamente a bolsa de tabaco perfumado. Topsius maravilhou-se do seu saber bíblico. Eu, com
670 palmadas pelo ventre, gritei-lhe logo: «Meu gajo!» E, depois de valentes apertos de mão, fomos para o *Hotel de Josaphat* firmar o nosso contrato, bebendo vasta cerveja.

O alegríssimo Potte depressa organizou a nossa caravana para a cidade do Senhor. Um macho levava as bagagens; o arriero
675 árabe, embrulhado num farrapo azul, era tão airoso e lindo que eu, irresistivelmente e sem cessar, procurava o negro afago do seu olhar de veludo; e, por luxo oriental, como escolta, seguia-nos um beduíno, velho, catarroso, com o albornoz de lã de camelo listrado de cinzento, e uma forte lança ferrugenta toda enfeitada
680 de borlas.

Guardei num alforge, desveladamente, o embrulhinho mimoso da camisinha da Mary: depois, já na sela, alongados os
loros do pernudo Topsius, o festivo Potte, floreado o chicote, lançou o antigo grito das Cruzadas e de Ricardo, Coração de
685 Leão: «Avante, a Jerusalém, Deus o quer!» E a trote, com os

charutos em brasa, saímos de Jafa pela Porta do Mercado — à hora em que suavemente tocava a vésperas no Hospício dos Padres Latinos.

Na luminosa meiguice da tarde, a estrada alongava-se através de jardins, hortas, pomares, laranjais, palmeirais, terra de Promissão, resplandecente e amável. Por entre as sebes de mirtos perdia-se o fugidio cantar das águas. O ar todo, duma doçura inefável, como para nele respirar melhor o Povo eleito de Deus, era um derramado perfume de jasmims e limoeiros. O grave e pacífico chiar das noras ia adormecendo, ao fim do dia de rega, entre as romãzeiras em flor. Alta e serena no azul, voava uma grande água.

Consolados, parámos numa fonte de mármore vermelho e negro, abrigada à sombra de sicômoros onde arrulhavam rolas: ao lado erguia-se uma tenda, com um tapete na relva coberto de uvas e de malgas de leite; e o velho de barbas brancas que a ocupava saudou-nos em nome de Alá, com a nobreza dum Patriarca. A cerveja tinha-me feito sede: foi uma rapariga bela como a antiga Raquel, que me deu a beber do seu cântaro de forma bíblica, sorrindo, com o seio descoberto, duas longas argolas de ouro batendo-lhe a face morena — e um cordeirinho branco e familiar preso da ponta da túnica.

A tarde descia, muda e dourada, quando penetrámos na planície de Saron, que a Bíblia outrora encheu de rosas. No silêncio tilintavam os chocalhos dum rebanho de cabras negras, que um árabe ia pastoreando, nu como um S. João. Lá ao fundo, os montes sinistros da Judeia, tocados pelo Sol oblíquo que se afundava sobre o mar de Tiro, pareciam ainda formosos, azuis e cheios de doçura de longe, como as ilusões do pecado. Depois tudo escureceu. Duas estrelas dum resplendor infinito apareceram: — e começaram a caminhar adiante de nós para os lados de Jerusalém.

O nosso quarto, no *Hotel do Mediterrâneo*, em Jerusalém, com a sua abóbada caiada de branco, o chão de tijolo, semelhava uma rígida cela de rude mosteiro. Mas, fronteiro à janela, um tabique delgado, revestido de papel de ramagens azuis, dividia-o doutro quarto, onde nós sentíamos uma voz fresca cantarolar a *Balada do Rei de Tule*: e aí, exalando conforto e civilização, brilhava um

guarda-roupa de mogno, que eu abri, como se abre um relicário, para encerrar o meu embrulhinho bendito.

725 Os dois leitozinhos de ferro desapareciam sob as pregas virginais dos cortinados de cambraia branca; e ao meio havia uma mesa de pinho, onde Topsisius estudava o mapa da Palestina, enquanto eu, de chinelos, passeava, limando as unhas. Era a devota sexta-feira em que a Cristandade comemora, enternecida, os SS. Mártires de
730 Évora. Nós tínhamos chegado nessa tarde, sob uma chuva triste e miúda, à cidade do Senhor: e de vez em quando Topsisius, erguendo os óculos de cima das estradas de Galileia, contemplava-me de braços cruzados e murmurava com amizade:

— Ora está o amigo Raposo em Jerusalém!

735 Eu, parando ao espelho, dava um olhar às barbas crescidas, à face crestada, e murmurava também, agradado:

— É verdade, cá está o belo Raposo em Jerusalém!

E voltava, insaciado, a admirar através dos vidros baços a divina Sião. Sob a chuva melancólica erguiam-se defronte as
740 paredes brancas dum convento silencioso, com as persianas verdes corridas, e duas enormes goteiras de zinco a cada esquina, uma escoando-se ruidosamente sobre uma viela deserta — a outra caindo no chão mole duma horta plantada de couves, onde orneava um jumento. Desse lado, era uma vastidão infundável
745 de telhados em terraço, lúgubres e cor de lodo, com uma cupulazinha de tijolo em forma de forno, e longas varas para secar farrapos; e quási todos decrépitos, desmantelados, misérrimos, pareciam desfazer-se na água lenta que os alagava. Do outro elevava-se uma encosta atulhada de casebres sórdidos, com ver-
750 duras de quintal, esfumadas, arrepiadas na névoa húmida; por entre eles, torcia-se uma viela esgalgada, em escadinhas, onde constantemente se cruzavam frades de alpercatas sob os seus guarda-chuvas, sombrios judeus de melenas caídas, ou algum vagaroso beduíno arregaçando o seu albornoz... Por cima pesava
755 o céu pardacento. E assim da minha janela me aparecia a velha Sião, a bem-edificada, brilhante de claridade, alegria da Terra, e formosa entre as cidades.

— Isto é um horror, Topsisius! Bem dizia o Alpedrinha! Isto é pior que Braga, Topsisius! E nem um passeio, nem um bilhar, nem um teatro! Nada! Olha que cidade para viver Nosso Senhor!

760

— Sim! No tempo dele era mais divertida, resmungou o meu sábio amigo.

E logo me propôs que no domingo partíssemos para as margens do Jordão — onde o reclamavam os seus estudos sobre os Herodes. Aí eu poderia ter deleites campestres — banhando-me nas águas santas, atirando às perdizes, entre as palmeiras de Jericó. Acedi com gosto. E descemos a comer, chamados por uma sineta de convento, funerária e badalando na sombra do corredor.

O refeitório era também abobadado, com uma esteira de esparto sobre o chão de ladrilho: e estávamos sós, o erudito Investigador dos Herodes e eu, na mesa tristonha, adornada com flores de papel em vasinhos rachados. Remexendo o macarrão numa sopa dissaborida, murmurei, sucumbido: «Jesus, Topsius, que grande maçada!» Mas uma porta de vidraça ao fundo abriu-se de leve; e logo exclamei, arrebatado: «Caramba, Topsius, que grande mulher!»

Grande, em verdade! Sólida e saudável como eu; branca, da alvura do linho muito lavado, e picada de sardas; coroada por uma massa ardente de cabelo ondedado e castanho; presa num vestido de sarja azul que os seios rijos quási faziam estalar — ela entrou, derramando um fresco cheiro de sabão Windsor e de água de Colónia, e logo alumiu todo o refeitório com o esplendor da sua carne e da sua mocidade... O facundo Topsius comparou-a à fortíssima deusa Cibele.

Cibele sentou-se no topo da mesa, serena e soberba. Ao lado, fazendo ranger a cadeira com o peso dos seus amplos membros, acomodou-se um hércules tranquilo, calvo, de espessas barbas grisalhas — que, no mero gesto de desdobrar o guardanapo, revelou a onnipotência do dinheiro e o envelhecido hábito de mandar. Por um *yes* que ela murmurou compreendi que era da terra de Maricocas. E lembrava-me a inglesa do senhor barão.

Ela colocara junto ao prato um livro aberto que me pareceu ser de versos: o barbaças, mastigando com o vagar majestoso dum leão, folheava também em silêncio o seu *Guia do Oriente*. E eu esquecia o meu carneiro guisado, para contemplar devora-

783: *No texto-base*: fecundo Topsis

doramente cada uma das suas perfeições. De vez em quando ela erguia a franja cerrada das suas pestanas: eu esperava com ânsia o dom desse claro e suave olhar; mas ela derramava-o pelos muros caiados, pelas flores de papel, e deixava-o recair, desinteressado e frio, sobre as páginas do seu poema.

Depois do café beijou a mão cabeluda do barbaças; e desapareceu pela porta envidraçada, levando consigo o aroma, a luz, e a alegria de Jerusalém. O héracles acendeu morosamente o cachimbo; disse ao moço «que lhe mandasse o Ibraim, o guia»; levantou-se, pesado e membrudo. Junto à porta derrubou o guarda-chuva de Topsius, do venerabilíssimo Topsius, glória da Alemanha, membro do Instituto Imperial de Escavações Históricas; e passou — sem o erguer, nem sequer baixar o olho altivo.

— Irra, bruto! Rosnei, a borbulhar de furor.

O meu douto amigo, com a sua cobardia social de alemão disciplinado, apanhou o seu guarda-chuva e escovou-lhe o paninho, murmurando, já trémulo, que talvez «o barbaças fosse um duque...»

— Qual duque! Para mim não há duques! Eu sou Raposo, dos Raposos do Alentejo... Rachava-o!

Mas a tarde descia — e devíamos fazer a nossa visita reverente ao Sepulcro do nosso Deus. Corri ao quarto, a ornar-me com o meu chapéu alto, como prometera à titi; e penetrava no corredor quando vi Cibele abrir a porta, *junto da nossa porta*, e sair envolta numa capa cinzenta, com uma gorra onde alvejavam duas penas de gaivota. O coração bateu-me no delírio duma grande esperança. Assim, era ela que cantarolava a *Balada do Rei de Tule!* Assim, os nossos leitos estavam apenas separados pelo fino, frágil tabique coberto de ramarias azuis! Nem procurei as luvas pretas: descí num alvoroço, certo de que a ia encontrar no Sepulcro de Jesus: e planeava já verrumar no tabique um buraco, por onde o meu olho namorado pudesse ir saciar-se nas belezas do seu desalinho.

Ainda chovia, lugubrememente. Apenas começámos a atolar-nos no enxurro da Via Dolorosa, entalada entre muros cor de lodo — chamei Potte para debaixo do meu guarda-chuva, perguntei-lhe se vira no hotel a minha forte e sardenta Cibele. O jucundo Potte já a admirara. E pelo Ibraim, seu compadre dileto, sabia que o barbaças era um escocês, negociante de curtumes...

— Aí está, Topsisus! Gritei eu. Negociante de curtumes...
 835 Qual duque! É uma besta! Eu rachava-o! Em coisas de dignidade
 sou uma fera. Rachava-o!

A filha, a das bastas tranças, dizia Potte, tinha um nome
 radiante de pedra preciosa: chamava-se Ruby, rubim. Amava os
 cavalos, era arrojada; na Alta Galileia, de onde vinham, matara
 840 uma águia negra...

— Ora aqui têm os cavalheiros a casa de Pilatos...

— Deixa lá a casa de Pilatos, homem! Importa-me bem com
 Pilatos! E então que diz mais o Ibraim? Desembucha, Potte!

Ali a Via Dolorosa estreitava-se, abobadada, como um cor-
 845 redor de catacumba. Dois mendigos chaguentos roíam cascas de
 melões, assapados na lama e grunhindo. Um cão uivava. E o
 risonho Potte contava-me que o Ibraim vira muitas vezes Miss
 Ruby enlevada na beleza dos homens da Síria: de noite, à porta
 da tenda, enquanto o papá cervejava, ela dizia versos baixinho,
 850 olhando para a palpação das estrelas. Eu pensava: «Caramba!
 Tenho mulher!»

— Ora aqui estão os cavalheiros diante do Santo Sepulcro...

Fechei o meu guarda-chuva. Ao fundo dum adro, de lajes
 descoladas, erguia-se a fachada duma igreja, caduca, triste, aba-
 855 tida, com duas portas em arco: uma tapada já a pedregulho e
 cal, como supérflua; a outra timidamente, medrosamente entre-
 aberta. E aos flancos débeis deste templo soturno manchado
 de tons de ruína, colavam-se duas construções desmanteladas,
 do rito latino e do rito grego — como filhas apavoradas que a
 860 Morte alcançou, e que se refugiam ao seio da mãe, meia morta
 também e já fria.

Calcei então as minhas luvas pretas. E imediatamente, um
 bando voraz de homens sórdidos envolveu-nos com alarido, ofe-
 recendo relíquias, rosários, cruzes, escapulários, bocadinhos de
 865 tábuas aplainadas por S. José, medalhas, bentinhos, frasquinhos de
 água do Jordão, círios, agnus dei, litografias da Paixão, flores de
 papel feitas em Nazaré, pedras benzidas, caroços de azeitona do
 Monte Olivete e túnicas «como usava a Virgem Maria!» E à porta
 do Sepulcro de Cristo, onde a titi me recomendara que entrasse
 870 de rastos, gemendo e rezando a coroa — tive de esmurrar um
 malandrão de barbas de eremita, que se dependurara da minha

rabona, faminto, rábido, ganindo que lhe comprássemos boquilhas feitas dum pedaço da Arca de Noé!

— Irra, caramba, larga-me, animal!

875 E foi assim, praguejando, que me precipitei, com o guarda-chuva a pingar, dentro do Santuário sublime onde a Cristandade guarda o túmulo do seu Cristo. Mas logo estaquei, surpreendido, sentindo um delicioso e grato aroma de tabaco da Síria. Num amplo estrado, afogado em divã, com tapetes da Caramânia e
880 velhas almofadas de seda, reclinavam-se três turcos, barbudos e graves, fumando longos cachimbos de cerejeira. Tinham dependurado na parede as suas armas. O chão estava negro dos seus escarros. E, diante, um servo em farrapos esperava, com uma taça fumegante de café, na palma de cada mão.

885 Pensei que o Catolicismo, providente, estabelecera à porta do lugar divino uma *Loja de bebidas e aguardentes*, para conforto dos seus romeiros. Disse baixo a Potte:

— Grande ideia! Parece-me que também vou tomar um cafezinho!

890 Mas logo o festivo Potte me explicou que esses homens sérios, de cachimbo, eram soldados muçulmanos policiando os altares cristãos, para impedir que em torno ao mausoléu de Jesus se dilacerem por superstição, por fanatismo, por inveja de alfaias, os Sacerdócios rivais que ali celebram os seus Ritos rivais — Católicos
895 como o padre Pinheiro, Gregos ortodoxos para quem a cruz tem quatro braços, Abissínios e Arménios, Coptas que descendem dos que outrora em Mênfis adoravam o boi Ápis, Nestorianos que vêm da Caldeia, Georgianos que vêm do mar Cáspio, Maronitas que vêm do Líbano, — todos cristãos, todos intolerantes, todos
900 ferozes!... Então saudei com gratidão esses soldados de Maomé que, para manter o recolhimento piedoso em torno do Cristo Morto, serenos e armados velam à porta, fumando.

Logo à entrada parámos diante duma lápide quadrada, incrustada nas lajes escuras, tão polida e reluzindo com um tão doce brilho de nácar que parecia a água quieta dum tanque onde se refletiam as luzes das lâmpadas. Potte puxou-me a manga, lembrou-me que era costume beijar aquele pedaço de rocha, santa entre todas, que outrora, no jardim de José de Arimateia...

— Bem sei, bem sei... Beijo, Topsisus?

910 — Vá beijando sempre, disse-me o prudente Historiógrafo dos Herodes. Não se lhe pega nada; e agrada à senhora sua tia.

Não beijei. Em fila e calados, penetrámos numa vasta cúpula, tão esfumada no crepúsculo que o círculo de frestas redondas na cimalha brilhava apenas, palidamente, como um aro de pérolas em torno duma tiara: as colunas que a sustentavam, finas e juntas como as lanças duma grade, riscavam a sombra em redor — cada uma picada pela mancha vermelha e mortal duma lâmpada de bronze. Ao centro do lajedo sonoro elevava-se, espelhado e branco, um mausoléu de mármore — com labores e com florões: um velho pano de damasco cobria-o como um toldo, recamado de bordados de ouro esvaído: e duas alas de tocheiros faziam-lhe uma avenida de lumes funerários até à porta, estreita como uma fenda, tapada por um trapo cor de sangue. Um padre arménio que desaparecia sob o seu amplo manto negro, sob o capuz descido, incensava-o, dormente e mudamente.

925 Potte puxou-me outra vez pela manga:

— O túmulo!

Oh minha alma piedosa! Oh titi! Aí estava pois, ao alcance dos meus lábios, o túmulo do meu Senhor! — E imediatamente rompi como um rafeiro, por entre a turba ruidosa de frades e peregrinos, a buscar um rosto gordinho e sardento e uma gorra com penas de gaivota! Longamente, errei estonteado... Ora esbarrava num franciscano cingido na sua corda de esparto; ora me arredava diante dum padre copta, deslizando como uma sombra ténue, precedido por serventes que tangiam as pandeiretas sagradas do tempo de Osíris. Aqui topava num montão de roupagens brancas, caído nas lajes como um fardo, donde se escapavam gemidos de contrição; adiante tropeçava num negro, todo nu, estirado ao pé duma coluna, dormindo placidamente. Por vezes o clamor sacro dum órgão ressoava, rolava pelos mármorees da nave, morria com um sussurro de vaga espraiada: e logo mais longe um canto arménio, trémulo e ansioso, batia os muros austeros como a pal-pitação das asas duma ave presa que quer fugir para a luz. Junto dum altar apartei dois gordos sacristães, um grego, outro latino, que se tratavam furiosamente de *birbantes*, esbraseados, cheirando a cebola: e fui de encontro a um bando de romeiros russos de grenhas hirsutas, vindos decerto do Cáspio, com os pés doloridos embrulhados em trapos, que não ousavam mover-se, enleados de

terror divino, torcendo o barrete de feltro entre as mãos, donde
 lhes pendiam grossos rosários de vidro. Crianças, em farrapos, brin-
 950 cavam na escuridão das arcarias; outras pediam esmola. O aroma
 do incenso sufocava; e padres de cultos rivais puxavam-me pela
 rabona para me mostrarem relíquias rivais, heroicas ou divinas — uns
 as esporas de Godofredo, outros um pedaço da Cana Verde.

Atordoado, enfileirei-me numa procissão penitente — onde
 955 eu julgara entrever, brancas, altivas, entre véus pretos de arre-
 pendimento, as duas penas de gaivota. Uma carmelita, à frente,
 resmungava a ladainha, detendo-nos a cada passo, arrebanhados
 num assombro devoto, à porta de capelas cavernosas, dedicadas
 à Paixão — a do *Impropério* onde o Senhor foi flagelado, a da
 960 *Túnica* onde o Senhor foi despido. Depois subimos, de tochas na
 mão, uma escadaria tenebrosa, escavada na rocha... — E subita-
 mente todo o tropel devoto se atirou de rojo, ululando, carpindo,
 gemendo, flagelando os peitos, clamando pelo Senhor, lúgubre e
 delirante. Estávamos sobre a Pedra do Calvário.

965 Em torno a capela que a abriga resplandecia com um luxo
 sensual e pagão. No teto azul-ferrete brilhavam sóis de prata,
 signos do Zodíaco, estrelas, asas de anjos, flores de púrpura: e,
 de entre este fausto sideral, pendiam de correntes de pérolas os
 velhos símbolos da Fecundidade, os ovos de avestruz, ovos sacros
 970 de Astarte e de Baco de ouro. Sobre o altar elevava-se uma cruz
 vermelha com um Cristo tosco pintado a ouro — que parecia
 vibrar, viver através do fulgor difuso dos molhos de lumes, da
 faiscação das alfaías, do fumo dos aromáticos ardendo em taças
 de bronze. Globos espelhados, pousando sobre peanhas de ébano,
 975 refletiam as joias dos retábulos, a refulgência das paredes reves-
 tidas de jaspe, de nácar e de ágata. E no chão, em meio deste
 clarão precioso de pedraria e luz, emergindo de entre as lajes de
 mármore branco — destacava um bocado de rocha bruta e brava
 com uma fenda alargada e polida por longos séculos de beijos e
 980 de afagos beatos. Um arquidiácono grego, de barbas esqualidas,
 gritou: «Nesta rocha foi cravada a Cruz! A Cruz! A Cruz! Mise-
 rere! Kirie Eleison! Cristo! Cristo!» As rezas precipitaram-se, mais

982: Kirie, conforme o texto-base, por Kyrie.

ardentes, entre soluços. Um cântico dolente balançava-se, ao ranger dos incensadores. Kirie Eleison! Kirie Eleison! E os diáconos perpassavam rapidamente, sofregamente, com vastos sacos de veludo, onde tilintavam, se afundavam, se sumiam as oferendas dos simples.

Fugi, aturdido e confuso. O sábio Historiador dos Herodes passeava no adro, sob o seu guarda-chuva, respirando o ar húmido. De novo nos acometeu o bando esfaimado dos vendilhões de relíquias. Repeli-os rudemente: e saí do Santo Lugar como entrara — em pecado e praguejando.

No hotel, Topsius recolheu logo ao quarto a registrar as suas impressões do Sepulcro de Jesus; eu fiquei no pátio cervejando e cachimbando com o aprazível Potte. Quando subi, tarde, o meu esclarecido amigo já ressonava, com a vela acesa — e com um livro aberto sobre o leito, um livro meu, trazido de Lisboa para me recrear no país do Evangelho, o *Homem dos três calções*. Descalçando os botins, sujos da lama venerável da Via Dolorosa — eu pensava na minha Cibele. Em que sacratíssimas ruínas, sob que árvores divinizadas por terem dado sombra ao Senhor, passara ela essa tarde nevoenta de Jerusalém? Fora ao vale do Cédron? Fora ao branco túmulo de Raquel?...

Suspirei, amoroso e moído: e abria os lençóis bocejando — quando distintamente, através do tabique fino, senti um ruído de água despejada numa banheira. Escutei, alvoroçado: e logo nesse silêncio negro e magoado que sempre envolve Jerusalém, me chegou, perceptível, o som leve duma esponja arremessada na água. Corri, coleí a face contra o papel de ramagens azuis. Passos brandos e nus pisavam a esteira que recobria o ladrilho de tijolo; e a água rumorejou, como agitada por um doce braço despido que lhe experimentava o calor. Então, abrasado, fui ouvindo todos os rumores íntimos dum longo, lento, lânguido banho: o espremer da esponja; o fofo esfregar da mão cheia de espuma de sabão; o suspiro lasso e consolado do corpo que se estira sob a carícia da água tépida, tocada duma gota de perfume... A testa, túmida de sangue, latejava-me: e percorria desesperadamente o tabique, procurando um buraco, uma fenda. Tentei verrumá-lo com a tesoura; as pontas finas quebravam-se na espessura da calíça... Outra vez a água cantou, escoando da esponja: — e eu, tremendo todo, julgava ver as gotas vagarosas

a escorrer entre o rego desses seios duros e brancos que faziam estalar o vestido de sarja...

1025 Não resisti: descalço, em ceroulas, saí ao corredor adormecido; e cravei à fechadura da sua porta um olho tão esbugalhado, tão ardente — que quási receava feri-la com a devorante chama do seu raio sanguíneo... Enxerguei num círculo de claridade uma toalha caída na esteira, um roupão vermelho, uma nesga do alvo cortinado do seu leito. E assim agachado, com bagas de suor no pescoço, esperava que ela atravessasse, nua e esplêndida, nesse disco
1030 escasso de luz — quando senti de repente, por trás, uma porta ranger, um clarão banhar a parede. Era o barbaças, em mangas de camisa, com o seu castiçal na mão! E eu, misérrimo Raposo, não podia escapar. Dum lado, estava ele, enorme. Do outro o topo do corredor, maciço.

1035 Vagarosamente, calado, com método, o hércules pousou a vela no chão, ergueu a sua rude bota de duas solas, e desmantelou-me as ilhargas... Eu rugiu: «Bruto!» Ele ciciou: «Silêncio!» E outra vez, tendo-me ali acercado contra o muro, a sua bota bestial e de bronze me malhou tremendamente quadris, nádegas, canelas, a
1040 minha carne toda, bem cuidada e preciosa! Depois, tranquilamente, apanhou o seu castiçal. Então eu, lívido, em ceroulas, disse-lhe com imensa dignidade:

— Sabe o que lhe vale, seu bife? É estarmos aqui ao pé do túmulo do Senhor, e eu não querer dar escândalos por causa da
1045 minha tia... Mas se estivéssemos em Lisboa, fora de portas, num sítio que eu cá sei, comia-lhe os fígados! Nem você sabe de que se livrou. Vá com esta, comia-lhe os fígados!

E muito digno, coxeando, voltei ao quarto a fazer pacientes fricções de arnica. Assim eu passei a minha primeira noite em Sião.

1050 Ao outro dia cedo o profundo Topsisius foi peregrinar ao Monte das Oliveiras, à fonte clara de Siloeh. Eu, dorido, não podendo montar a cavalo, fiquei no sofá de riscadinho com o *Homem dos três calções*. E até para evitar o afrontoso barbaças não descí ao refeitório, pretextando tristeza e langor. Mas ao mergulhar o Sol no
1055 mar de Tiro — estava restabelecido e vivaz: Potte preparara para essa noite uma festividade sensual em casa da Fatmé, matrona bem acolhedora, que tinha no Bairro dos Arménios um doce pombal

de pombas: e nós íamos lá contemplar a gloriosa bailadeira da
 Palestina, a *Flor de Jericó*, a saracotear essa dança da *Abelha*, que
 1060 esbraseia os mais frios e deprava os mais puros...

A recatada portinha da Fatmé, ornada dum pé de vinha seca,
 abria-se ao canto dum muro negro junto à Torre de David. Fatmé
 esperava-nos, majestosa e obesa, envolta em véus brancos, com
 fios de corais entre as tranças, os braços nus — tendo cada um
 1065 a cicatriz escura dum bubão de peste. Tomou-me submissamente
 a mão, levou-a à testa oleosa, levou-a aos lábios empastados de
 escarlata, e conduziu-me em cerimónia defronte duma cortina preta,
 franjada de ouro como o pano dum esquife. E eu estremeci, ao
 penetrar enfim nos segredos deslumbradores dum serralho mudo
 1070 e cheirando a rosa.

Era uma sala caiada de fresco, com sanefas de algodão
 vermelho encimando a gelosia; e ao longo das paredes corria
 um divã amassado, revestido de seda amarela, com remendos de
 seda mais clara. Num bocado de tapete da Pérsia pousava um
 1075 braseiro de latão, apagado, sob o montão de cinzas; aí ficara
 esquecido um pantufo de veludo, estrelado de lantejoulas. Do teto
 de madeira alvadia, onde se alastrava uma nódoa de humidade,
 pendia de duas correntes enfeitadas de borlas um candeeiro de
 petroline. Um bandolim dormia a um canto, entre almofadas.
 1080 No ar morno errava um cheiro adocicado e mole a mofo e a
 benjoim. Pelos ladrilhos, por baixo dos poiais da gelosia, cor-
 riam carochas.

Sentei-me sisudamente ao lado do Historiador dos Herodes.
 Uma negra de Dongola, encamisada de escarlata, com braceletes
 1085 de prata a tilintar nos braços, veio oferecer-nos um café aro-
 mático: e quási imediatamente Potte apareceu, descorçoado,
 dizendo que não podíamos saborear a famosa dança da *Abelha!*
 A *Rosa de Jericó* fora bailar diante dum príncipe da Alemanha,
 chegado nessa manhã a Sião, a adorar o túmulo do Senhor.
 1090 E Fatmé apertava com humildade o coração, invocava Alá, dizia-se
 nossa escrava! Mas era uma fatalidade! A *Rosa de Jericó* fora para

1086: No texto-base, certamente por lapso: Topsius, em vez de Potte.

1088: No texto-base: de Alemanha,

o príncipe louro que viera, com cavalos e com plumas, do país dos Germanos!...

1095 Eu, despeitado, observei que não era um príncipe: mas minha tia tinha luzidas riquezas: os Raposos primavam pelo sangue no fidalgo Alentejo. Se *Flor de Jericó* estava ajustada para regozijar meus olhos católicos, era uma desconsideração tê-la cedido ao romeiro couraçado que viera da herege Alemanha...

1100 O erudito Topsius resmungou, alçando o bico com petulância, que a Alemanha era a mãe espiritual dos povos...

— O brilho que sai do capacete alemão, D. Raposo, é a luz que guia a humanidade!

1105 — Sebo para o capacete! A mim ninguém me guia! Eu sou Raposo, dos Raposos do Alentejo!... Ninguém me guia senão Nosso Senhor Jesus Cristo... E em Portugal há grandes homens! Há Afonso Henriques, há o Herculano... Sebo!

Ergui-me, medonho. O sapientíssimo Topsius tremia, encolhido. Potte acudiu:

— Paz, cristãos e amigos, paz!

1110 Topsius e eu recruzámo-nos logo no divã — tendo apertado as mãos, galhardamente e com honra.

1115 Fatmé, no entanto, jurava que Alá era grande e que ela era a nossa escrava. E, se nós a quiséssemos mimosear com sete piastras de ouro, ela em compensação da *Rosa de Jericó* oferecia-nos uma joia inapreciável, uma circassiana, mais branca que a Lua cheia, mais airosa que os lírios que nascem em Galgalá.

— Venha a circassiana! Gritei, excitado. Caramba, eu vim aos Santos Lugares para me refocilar... Venha a circassiana! Larga as piastras, Potte! Irra! Quero regalar a carne!

1120 Fatmé saiu, recuando: o festivo Potte reclinou-se entre nós, abrindo a sua bolsa perfumada de tabaco de Alepo. Então, uma portinha branca, sumida no muro caiado, rangeu a um canto, de leve: e uma figura entrou, velada, vaga, vaporosa. Amplos calções turcos de seda carmesim tufavam com languidez, 1125 desde a sua cinta ondeante até aos tornozelos, onde franziam, fixos por uma liga de ouro; os seus pezinhos mal pousavam, alvos e alados, nos chinelos de marroquim amarelo; e através do véu de gaze que lhe enrodilhava a cabeça, o peito e os braços — brilhavam recamos de ouro, centelhas de joias, e as

1130 duas estrelas negras dos seus olhos. Espreguicei-me, tímido de desejo.

Por trás dela Fatmé, com a ponta dos dedos, ergueu-lhe o véu devagar, devagar — e de entre a nuvem de gaze surgiu um carão cor de gesso, escaveirado e narigudo, com um olho vesgo, 1135 e dentes podres que negrejavam no langor néscio do sorriso... Potte pulou do divã, injuriando Fatmé: ela gritava por Alá, batendo nos seios, que soavam molemente como odres mal cheios.

E desapareceram, assanhados, levados numa rajada de ira. A circassiana, requebrando-se, com o seu sorriso pútrido, veio 1140 estender-nos a mão suja, a pedir «presentinhos» num tom rouco de aguardente. Repeli-a com nojo. Ela coçou um braço, depois a ilharga; apanhou tranquilamente o seu véu, e saiu arrastando as chinelas.

— Oh Topsius! Rosnei eu. Isto parece-me uma grande 1145 infâmia!

O sábio fez considerações sobre a voluptuosidade. Ela é sempre enganadora. Debaixo do sorriso luminoso está o dente cariado. Dos beijos humanos só resta o amargor. Quando o corpo se extasia, a alma entristece...

1150 — Qual alma! Não há alma! O que há é um eminentíssimo desaforo! Na rua do Arco do Bandeira, esta Fatmé tinha já dois murros na bochecha... Irra!

Sentia-me feroz, com desejos de escavar o bandolim... Mas Potte reapareceu, cofiando os bigodões, dizendo que por mais 1155 nove piastras de ouro Fatmé consentia em mostrar a sua secreta maravilha, uma virgem das margens do Nilo, da Alta Núbia, bela como a noite mais bela do Oriente. E ele vira-a, afiançava-a, valia o tributo duma fértil província.

Frágil e liberal, cedi. Uma a uma, as nove piastras de ouro 1160 tiniram na mão gordufa de Fatmé.

De novo a porta caiada rangeu, ficou cerrada — e, sobre o tom alvaiado, destacou, na sua nudez cor de bronze, uma esplên- dida fêmea, feita como uma Vénus. Durante um momento parou, muda, assustada pela luz e pelos homens, roçando os joelhos 1165 lentamente. Uma tanga branca cobria-lhe os flancos possantes e ágeis: os cabelos hirsutos, lustrosos de óleo, com cequins de ouro entrelaçados, caíam-lhe sobre o dorso, como uma juba selvagem;

um fio solto de contas de vidro azul enroscava-se-lhe em torno do pescoço e vinha escorregar por entre o rego dos seios rijos, perfeitos e de ébano. De repente soltou convulsamente, repicando a língua, uma ululação desolada: *Lu! lu! lu! lu! lu!* Atirou-se de bruços para o divã: e estirada, na atitude duma Esfinge, ficou dardejando sobre nós, séria e imóvel, os seus grandes olhos tenebrosos.

— Hein? Dizia Potte, acotovelando-me. Veja-lhe o corpo...
1175 Olhe os braços! Olhe a espinha como arqueia! É uma pantera!

E Fatmé, de olhos em alvo, chilreava beijos na ponta dos dedos — exprimindo os deleites transcendentais que devia dar o amor daquela núbia... Certo, pela persistência do seu olhar, que as minhas barbas fortes a tinham cativado, desenrosquei-me do divã, fui-me acercando, devagar, como para uma presa certa. Os seus olhos alargavam-se, inquietos e faiscantes. Gentilmente, chamando-lhe «minha lindinha», acariciei-lhe o ombro frio: e logo ao contacto da minha pele branca a núbia recuou, arrepiada, com um grito abafado de gazela ferida. Não gostei. Mas quis ser amável. Disse-lhe paternalmente:

— Ah! Se tu conhecesses a minha pátria!... E olha que sou capaz de te levar! Em Lisboa é que é! Vai-se ao Dafundo, ceia-se no Silva... Isto aqui é uma choldra! E as raparigas como tu são bem tratadas, dá-se-lhes consideração, os jornais falam delas, casam com proprietários...
1190

Murmurava-lhe ainda outras coisas profundas e doces. Ela não compreendia o meu falar: e nos seus olhos esgazeados fluíu a longa saudade da sua aldeia da Núbia, dos rebanhos de búfalos que dormem à sombra das tamareiras, do grande rio que corre eterno e sereno entre as ruínas das Religiões e os túmulos das Dinastias...
1195

Imaginando então despertar o seu coração com a chama do meu, puxei-a para mim lascivamente. Ela fugiu; encolheu-se toda a um canto, a tremer; e deixando cair a cabeça entre as mãos começou a chorar, longamente.
1200

— Olha que maçada! Gritei, embaçado.

E agarrei o capacete, abalei, esgaçando quasi no meu furor o pano preto franjado de ouro. Parámos numa cela ladrilhada onde cheirava mal. E aí bruscamente foi entre Potte e a nédia matrona uma bulha ferina sobre a paga daquela radiante festa do Oriente:
1205

ela reclamava mais sete piastras de ouro: Potte, de bigode eriçado, cuspiam-lhe injúrias em árabe, rudes e chocando-se como calhaus que se despenham num vale. E saímos daquele lugar de deleite perseguidos pelos gritos de Fatmé, que se babava de furor, agitava os braços marcados da peste e nos amaldiçoava, e a nossos pais, e aos ossos de nossos avós, e a terra que nos gerara, e o pão que comíamos, e as sombras que nos cobrissem! Depois na rua negra dois cães seguiram-nos muito tempo, ladrando lugubrememente.

Entrei no *Hotel do Mediterrâneo*, afogado em saudades da minha terra risonha: os gozos de que me via privado nesta lôbrega, inimiga Sião, faziam-me ansiar mais inflamadamente pelos que me daria a fácil, amorável Lisboa, quando, morta a titi, eu herdasse a bolsa sonora de seda verde!... Lá não encontraria, nos corredores adormecidos, uma bota severa e bestial! Lá nenhum corpo bárbaro fugiria, com lágrimas, à carícia dos meus dedos. Dourado pelo ouro da titi, o meu amor não seria jamais ultrajado, nem a minha concupiscência jamais repelida. Ah! Meu Deus! Assim eu lograsse pela minha santidade cativar a titi!... — E logo, abancando, escrevi à hedionda senhora esta carta terníssima:

«Querida titi do meu coração! Cada vez me sinto com mais virtude. E atribuo-a ao agrado com que o Senhor está vendo esta minha visita ao Seu santo túmulo. De dia e de noite passo o tempo a meditar a Sua divina Paixão e a pensar na titi. Agora mesmo venho da Via Dolorosa. Ai, que enternecedora que estava! É uma rua tão benta, tão benta, que até tenho escrúpulo de a pisar com os botins; e noutra dia não me contive, agachei-me, beijei-lhe as ricas pedrinhas! Esta noite passei-a quási toda a rezar à Senhora do Patrocínio que todo o mundo aqui em Jerusalém respeita muitíssimo. Tem um altar muito lindo; ainda que a este respeito bem razão tinha a minha boa tia (como tem razão em tudo) quando dizia que lá para festas e procissões não há como os nossos portugueses. Pois esta noite, assim que ajoelhei diante da capela da Senhora, depois de seis Salve-Rainhas, voltei-me para a bela imagem e disse-lhe: — Ai, quem me dera saber como está a minha tia Patrocínio! — E quer a titi acreditar? Pois olhe, a Senhora com a sua divina boca disse-me, palavras textuais, que até, para não me esquecerem, as escrevi no punho da camisa: — A minha querida afilhada vai bem, Raposo, e espera

fazer-te feliz! — E isto não é milagre extraordinário, porque
 1245 me contam aqui todas as famílias respeitáveis com quem vou
 tomar chá que a Senhora e Seu divino Filho dirigem sempre
 algumas palavras bonitas a quem Os vem visitar. Saberá que
 já lhe obtive certas relíquias, uma palhinha do presépio, e uma
 1250 tabuinha aplainada por S. José. O meu companheiro alemão, que,
 como mencionei à titi na minha carta de Alexandria, é de muita
 religião e muito sábio, consultou os livros que traz e afirmou-
 -me que a tabuinha era das mesmas que, segundo está provado,
 S. José costumava aplainar nas horas vagas. Enquanto à *Grande*
 1255 *Relíquia*, aquela que lhe quero levar para a curar de todos os
 seus males e dar a salvação à sua alma e pagar-lhe assim tudo o
 que lhe devo, *essa espero em breve obtê-la*. Mas por ora não posso
 dizer nada... Recados aos nossos amigos em quem penso muito
 e por quem tenho rezado constantemente; sobretudo ao nosso
 virtuoso Casimiro. E a titi deite a sua bênção ao seu sobrinho
 1260 fiel e que muito a venera e está chupadinho de saudades e
 deseja a sua saúde — *Teodorico*. — P. S. Ai, titi, que asco que me
 fez hoje a casa de Pilatos! Até lhe escarrei! E cá disse à Santa
 Verónica que a titi tinha muita devoção com ela. Pareceu-me
 que a senhora santa ficou muito regalada... É o que eu digo
 1265 aqui a todos estes eclesiásticos e aos Patriarcas: — É necessário
 conhecer-se a titi para se saber o que é virtude!»

Antes de me despir, fui escutar, colada a orelha ao tabique
 de ramagens. A inglesa dormia serena, insensível: eu resmunguei,
 brandindo para lá o punho fechado:

1270 — Besta!

Depois abri o guarda-roupa, tirei o dileto embrulho da cami-
 sinha da Mary, depus nele o meu beijo repenicado e grato.

Cedo, ao alvorear do outro dia, partimos para o devoto Jordão.

Fastidiosa, modorrenta, foi a nossa marcha entre as colinas
 1275 de Judá! Elas sucedem-se, lívidas, redondas como crânios, ressequi-
 das, escavadas por um vento de maldição: só a espaços nalguma
 encosta rasteja um tojo escasso, que na vibração inexorável da
 luz parece de longe um bolor de velhice e de abandono. O chão
 fásca, cor de cal. O silêncio radiante entristece como o que cai
 1280 da abóbada dum jazigo. No fulgor duro do céu rondava em torno

a nós, lento e negro, um abutre... Ao declinar do Sol erguemos as nossas tendas nas ruínas de Jericó.

Saboroso foi então descansar sobre macios tapetes, bebendo devagar limonada, na doçura da tarde. A frescura dum riacho ale-
 1285 gre, que chalrava junto ao nosso acampamento por entre arbustos silvestres, misturava-se ao aroma da flor que eles davam, amarela como a da giesta; adiante verdejava um prado de ervas altas, avivado pela brancura de vaidosos, lânguidos lírios; junto da água passeavam aos pares pensativas cegonhas. Do lado de Judá, erguia-se
 1290 o monte da Quarentena, torvo, fusco na sua tristeza de eterna penitência; e para as bandas de Moab os meus olhos perdiam-se na velha, sagrada terra de Canaã, areal cinzento e desolado que se estende, como a alva mortalha duma raça esquecida, até às solidões do mar Morto.

Fomos, ao alvorecer, com os alforges fornidos, fazer essa votiva romaria. Era então em dezembro; esse inverno da Síria ia transparentemente doce; e trotando pela areia fina ao meu lado, o erudito Topsius contava-me como esta planície de Canaã fora outrora toda coberta de rumorosas cidades, de brancos caminhos
 1300 entre vinhedos, e de águas de rega refrescando os muros das eiras; as mulheres, toucadas de anémonas, pisavam a uva cantando; o perfume dos jardins era mais grato ao Céu que o incenso; e as caravanas que entravam no vale pelo lado de Segor achavam aqui a abundância do rico Egito — e diziam que era este em verdade
 1305 o vergel do Senhor.

— Depois, acrescentava Topsius sorrindo com infinito sarcasmo, um dia o Altíssimo aborreceu-se e arrasou tudo!

— Mas porquê? Porquê?

— Birra; mau humor; ferocidade...

Os cavalos relincharam sentindo a vizinhança das águas malditas: — e bem depressa elas apareceram, estendidas até às montanhas de Moab, imóveis, mudas, faiscando solitárias sob o céu solitário. Oh tristeza incomparável! E compreende-se que pesa ainda sobre elas a cólera do Senhor, quando se considera
 1310 que ali jazem, há tantos séculos — sem uma recreável vila como Cascais; sem claras barracas de lona alinhadas à sua beira; sem regatas, sem pescas; sem que senhoras, meigas e de galochas, lhe recolham poeticamente as conchinhas na areia; sem que as alegrem,

1320 à hora das estrelas, as rebecas dum Assembleia toda festiva e com gás — ali mortas, enterradas entre duras serras como entre as cantarias dum túmulo.

— Além era a cidadela de Makeros, disse gravemente o erudito Topsius, alçado sobre os estribos, alongando o guarda-sol para a costa azulada do mar. Ali viveu um dos meus Herodes, Antipas, o tetrarca da Galileia, filho de Herodes o Grande: ali, D. Raposo, foi degolado o Baptista.

1330 E seguindo a passo para o Jordão (enquanto o alegre Potte nos fazia cigarros do bom tabaco de Alepo) Topsius contou-me essa lamentável história. Makeros, a mais altiva fortaleza da Ásia, erguia-se sobre pavorosos rochedos de basalto. As suas muralhas tinham cento e cinquenta côvados de altura; as águas mal podiam chegar até onde subiam as suas torres. Por fora era toda negra e soturna: mas dentro resplandecia de marfins, de jaspes, de alabastros; e nos profundos tetos de cedro os largos broquéis de ouro suspensos faziam como as constelações dum céu de verão. No centro da montanha, num subterrâneo, viviam as duzentas éguas de Herodes, as mais belas da terra, brancas como o leite, com clinas negras como ébano, alimenta-
1335 das a bolos de mel, e tão ligeiras que podiam correr, sem lhes macular a pureza, por sobre um prado de açucenas. Depois, mais fundo ainda, num cárcere, jazia Iokanan — que a Igreja chama o Baptista.

— Mas então, esclarecido amigo, como foi essa desgraça?

1345 — Pois foi assim, D. Raposo... O meu Herodes conhecera em Roma Herodiade, sua sobrinha, esposa de seu irmão Filipe, que vivia na Itália, indolente e esquecido da Judeia, gozando o luxo latino. Era esplendidamente, sombriamente bela, Herodiade!... Antipas Herodes arrebatou-a numa galera para a Síria; repudiou sua mulher, uma moabita nobre, filha do rei Aretas, que governava o
1350 deserto e as caravanas; e fecha-se incestuosamente com Herodiade nessa cidadela de Makeros. Cólera em toda a devota Judeia contra este ultraje à lei do Senhor! E então Antipas Herodes, arteiro, manda buscar o Baptista que pregava no vão do Jordão...

1353: Ainda que vão seja aceitável neste contexto, poderia tratar-se de gralha, por vau.

— Mas para quê, Topsius?

1355 — Pois para isto, D. Raposo... A ver se o rude Profeta, acariciado, amimado, amolecido pelo louvor e pelo bom vinho de Sichem, aprovava estes negros amores, e pela persuasão da sua voz, dominante em Judeia e Galileia, os tornava aos olhos dos fiéis brancos como a neve do Carmelo. Mas, desgraçadamente,
1360 D. Raposo, o Baptista não tinha originalidade. Santo respeitável, sim; mas nenhuma originalidade... O Baptista imitava em tudo servilmente o grande Profeta Elias; vivia num buraco como Elias; cobria-se de peles de feras como Elias; nutria-se de gafanhotos como Elias; repetia as imprecações clássicas de
1365 Elias: — e como Elias clamara contra o incesto de Achab, logo o Baptista trovejou contra o incesto de Herodíade. Por imitação, D. Raposo!

— E emudeceram-no com a masmorra!

— Qual! Rugiu pior, mais terrivelmente! E Herodíade escondia a cabeça no manto para não ouvir esse clamor de maldição,
1370 saído do fundo da montanha.

Eu balbuciei, com uma lágrima a amolentar-me a pálpebra:

— E Herodes mandou então degolar o nosso bom S. João!

— Não! Antipas Herodes era um frouxo, um tíbio...

1375 Muito lúbrico, D. Raposo, infinitamente lúbrico, D. Raposo! Mas que indecisão!... Além disso, como todos os galileus, tinha uma secreta fraqueza, uma irremediável simpatia por Profetas. E depois arreceava a vingança de Elias, o patrono, o amigo de Iokanan... Porque Elias não morreu, D. Raposo. Habita o Céu,
1380 vivo, em carne, ainda coberto de farrapos, implacável, vociferador e medonho...

— Safa! Murmurei, arrepiado.

— Pois aí está... Iokanan ia vivendo, ia rugindo. Mas sinuoso e subtil é o ódio da mulher, D. Raposo. Chega, no
1385 mês de Schebat, o dia dos anos de Herodes. Há um vasto festim em Makeros, a que assistia Vitellius, então viajando na Síria. D. Raposo lembra-se do crasso Vitellius que depois foi senhor do mundo... Pois à hora em que pelo cerimonial das Províncias Tributárias se bebia à saúde de César e de Roma,
1390 entra subitamente na sala, ao som dos tamborinos e dançando à maneira de Babilónia, uma virgem maravilhosa. Era Salomé,

a filha de Herodíade e de seu marido Filipe, que ela educara secretamente em Cesareia, num bosque, junto do Templo de Hércules. Salomé dançou, nua e deslumbrante. Antipas Herodes, inflamado, estonteado de desejo, promete dar tudo o que ela pedisse pelo beijo dos seus lábios... Ela toma um prato de ouro, e tendo olhado a mãe, pede a cabeça do Baptista. Antipas, aterrado, oferece-lhe a cidade de Tiberíade, tesouros, as cem aldeias de Genesareth... Ela sorriu, olhou a mãe: e outra vez, incerta e gaguejando, pediu a cabeça de Iokanan... Então todos os convivas, Saduceus, Escribas, homens ricos da Decápolá, mesmo Vitellius e os romanos, gritaram alegremente: «Tu prometeste, tetrarca, tu juraste, tetrarca!» Momentos depois, D. Raposo, um negro da Idumeia entrou, trazendo numa das mãos um alfange, na outra presa pelos cabelos a cabeça do Profeta. E assim acabou S. João, por quem se canta e se queimam fogueiras numa doce noite de junho...

Escutando, embevecidos e a passo, estas coisas tão antigas — avistámos ao longe, na areia fulva, uma sebe de verdura triste e da cor do bronze. Potte gritou: «O Jordão! O Jordão!» E arrebatadamente galopámos para o rio da Escritura.

O festivo Potte conhecia, à beira da corrente batismal, um sítio deleitosíssimo para uma sesta cristã: e aí passámos as horas quentes, recostados num tapete, lânguidos, e bebendo cerveja, depois de bem esfriada nas águas do rio santo. Ele faz ali um claro, suave remanso, a repousar da lenta, abrasada jornada que traz, através do deserto, desde o lago de Galileia: e antes de mergulhar para sempre no amargor do mar Morto — ali preguiça, espreado sobre a areia fina; canta baixo e cheio de transparência, rolando os seixos lustrosos do seu leito; e dorme nos sítios mais frescos, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos... Por sobre nós rumorejavam as folhas dos altos choupos da Pérsia: entre as ervas balançavam-se flores desconhecidas, das que toucavam outrora as tranças das virgens de Canaã em manhãs de vindima; e na escuridão fofa das ramagens, onde já as não vinha assustar a voz terrível de Jeová, gorjeavam pacificamente as toutinegras. Defronte elevavam-se azuis e sem mancha, como feitas dum só bloco de pedra preciosa, as montanhas de Moab. O céu branco, mudo, recolhido, parecia descansar deliciosamente

1430 do duro tumulto que o agitou quando ali vivia, entre preces e
mortandades, o sombrio Povo de Deus: e onde constantemente
batiam as asas dos serafins, e flutuavam as roupagens dos Pro-
fetas arrebatados pelo Altíssimo, era calmante ver agora passar
1435 apenas uma revoada de pombos bravos, voando para os pomares
de Engaddi.

Obedecendo à recomendação da titi, despi-me, e banhei-me
nas águas do Baptista. Ao princípio, enleado de emoção beata,
pisei a areia reverentemente como se fosse o tapete dum altar-
-mor: e de braços cruzados, nu, com a corrente lenta a bater-me
1440 os joelhos, pensei em S. Joãozinho, sussurrei um Padre-Nosso.
Depois ri, aproveitei aquela bucólica banheira entre árvores; Potte
atirou-me a minha esponja; e ensaboei-me nas águas sagradas,
trauteando o *fado* da Adélia.

Ao refrescar, quando montávamos a cavalo, uma tribo de
1445 beduínos, descendo das colinas de Galgalá, trouxe os seus rebanhos
de camelos a beber ao Jordão; as crias brancas e felpudas corriam,
balando; os pastores, de lança alta, soltando gritos de batalha,
galopavam, num amplo esvoaçar de albornozes; e era como se
ressurgisse em todo o vale, no esplendor da tarde, uma pastoral da
1450 idade bíblica, quando Agar era moça! Teso na sela, com as rédeas
bem colhidas, eu senti um curto arrepio de heroísmo; ambicionava
uma espada, uma lei, um deus por quem combater... Lentamente
alargara-se pela planície sacra um silêncio enlevado. E o mais alto
cerro de Moab cobriu-se dum fulgor raro, cor-de-rosa e cor de
1455 ouro, como se nele de novo, fugitivamente, ao passar, se refletisse
a face do Senhor! Topsius alçou a mão sápiete:

— Aquele cimo iluminado, D. Raposo, é o Moriah, onde
morreu Moisés!

Estremeci. E penetrado pelas emanções divinas dessas águas,
1460 desses montes, sentia-me forte — e igual aos homens fortes do
Êxodo. Pareceu-me ser um deles, familiar de Jeová, e tendo chegado
do negro Egito com as minhas sandálias na mão... Esse aliviado
suspiro que trazia a brisa vinha das tribos de Israel, emergindo
enfim do deserto! Pelas encostas além, seguida duma escolta de
1465 anjos, a Arca dourada descia balançada sobre os ombros dos
Levitas vestidos de linho e cantando. Outra vez nas secas areias
reverdecia a Terra da Promissão. Jericó branquejava entre as

searas: e através dos palmares cerrados já ressoavam em marcha os clarins de Josué!

1470 Não me contive, arranquei o capacete, soltei por sobre Canaã este urro piedoso:

— Viva Nosso Senhor Jesus Cristo! Viva toda a Corte do Céu!

Cedo, ao outro dia, domingo, o incansável Topsius partiu, bem enlapisado e bem enguardassolado, a estudar as ruínas de
1475 Jericó, essa velha Cidade das Palmeiras que Herodes cobrira de termas, de templos, de jardins, de estátuas, e onde passaram os seus tortuosos amores com Cleópatra... E eu, à porta da tenda, escarranchado num caixote, fiquei a tomar o meu café, olhando os pacíficos aspetos do nosso acampamento. O cozinheiro
1480 depenava frangos; o beduíno triste areava à beira da água o seu pacato alfange; o nosso lindo arrieiro esquecia a ração às éguas para seguir no céu, dum brilho de safira, a branca passagem das cegonhas voando aos pares para a Samaria.

Depois pus o capacete, fui vadiar na doçura da manhã, de
1485 mãos nos bolsos, cantarolando um *fado* meigo. E ia pensando na Adélia e no Sr. Adelino... Enroscados na alcova, beijando-se furiosamente, estavam-me talvez chamando *carola*, enquanto eu passeava ali, nos retiros da Escritura! Àquela hora a titi, de mantelete preto, com o seu ripanço, saía para a missa de Santana: os criados
1490 do Montanha, esguedelhados, assobiando, escovavam o pano dos bilhares: e o Dr. Margaride, à janela, na praça da Figueira, pondo os óculos, abria o *Diário de Notícias*. Ó minha doce Lisboa! ... Mas ainda mais perto, para além do deserto de Gaza, no verde Egito, a minha Maricoquinhas nesse instante estava enchendo o vaso do
1495 balcão com magnólias e rosas; o seu gato dormia no veludo da cadeira; ela suspirava pelo «seu portuguesinho valente...» Suspirei também: mais triste nos lábios se me fez o *fado* triste.

E de repente, olhando, achei-me, como perdido, num sítio de grande solidão e de grande melancolia. Era longe do regato
1500 e dos aromáticos arbustos de flor amarela; já não via as nossas tendas brancas; e diante de mim arredondava-se um ermo árido, lívido, de areia, fechado todo por penedos lisos, direitos como os muros dum poço — tão lúgubres que a luz loura da quente manhã do Oriente desmaiava ali, mortalmente, desbotada e magoada.

1505 Eu lembrava-me de gravuras, assim desoladas, onde um eremita de longas barbas medita um in-fólio junto duma caveira. Mas nenhum solitário aniquilava ali a carne em heroica penitência. Somente, ao meio do fero recinto, isolada, orgulhosa, com um ar de raridade e de relíquia, como se as penedias se tivessem amontoado para lhe
1510 arranjam um resguardo de sacrário — erguia-se uma árvore tão repelente, que logo me fez morrer nos lábios o resto do *fado* triste...

Era um tronco grosso, curto, atochado e sem nós de raízes, semelhante a uma enorme moca bruscamente cravada na areia: a casca corredia tinha o lustre oleoso duma pele negra: e da sua
1515 cabeça entumecida, dum tom de tição apagado — rompiam, como longas pernas de aranha, oito galhos que contei, pretos, moles, lanugentos, viscosos, e armados de espinhos... Depois de olhar em silêncio para aquele monstro, tirei devagar o meu capacete e murmurei:

1520 — Para que viva!

É que me encontrava certamente diante duma árvore ilustre! Fora um galho igual (o nono talvez) que, arranjado outrora em forma de coroa por um centurião romano da guarnição de Jerusalém, ornara sarcasticamente, no dia do suplício, a cabeça dum
1525 carpinteiro de Galileia, condenado... Sim, condenado por andar, entre quietas aldeias e nos santos pátios do Templo, dizendo-se filho de David e dizendo-se filho de Deus, a pregar contra a velha Religião, contra as velhas Instituições, contra a velha Ordem, contra as velhas Formas! E eis que esse galho por ter tocado
1530 os cabelos incultos do rebelde torna-se divino, sobe aos altares, e do alto enfeitado dos andores faz prostrar no lajedo, à sua passagem, as multidões enternecidas... No Colégio dos Isidoros, às terças e sábados, o sebento padre Soares dizia esfuracando os dentes — «que havia, meninos, lá num sítio da Judeia...» Era ali!
1535 «...uma árvore que segundo dizem os autores é mesmo de arrepiar...» Era aquela! Eu tinha ante meus frívolos olhos de bacharel a sacratíssima Árvore de Espinhos!

E logo uma ideia sulcou-me o espírito com um brilho de visitação celeste... Levar à titi um desses galhos, o mais penugento,
1540 o mais espinhoso, como sendo a relíquia fecunda em milagres a que ela poderia consagrar seus ardores de devota e confiadamente pedir as mercês celestiais! «Se entendes que mereço alguma coisa

1545 pelo que tenho feito por ti, traz-me então desses santos lugares
 uma Santa Relíquia...» Assim dissera a Sr.^a D. Patrocínio das
 Neves na véspera da minha jornada piedosa, entronada nos seus
 damascos vermelhos, diante da Magistratura e da Igreja, deixando
 escapar uma baga de pranto sob seus óculos austeros. Que lhe
 podia eu oferecer mais sagrado, mais enternecedor, mais eficaz,
 1550 numa clara, rosada manhã de missa?

Mas de repente assaltou-me uma áspera inquietação... E se
 realmente uma virtude transcendente circulasse nas fibras daquele
 tronco? E se a titi começasse a melhorar do fígado, a reverde-
 cer, mal eu instalasse no seu oratório, entre lumes e flores, um
 1555 desses galhos erriçados de espinhos? Ó misérrimo logro! Era eu
 pois que lhe levava nesciamente o princípio milagroso da saúde,
 e a tornava rija, indestrutível, inenterrável, com os contos de
 G. Godinho firmes na mão avara! Eu! Eu que só começaria a
 viver — quando ela começasse a morrer!

1560 Rondando então em torno à Árvore de Espinhos, interroguei-a,
 sombrio e rouco: «Anda, monstro, diz! És tu uma relíquia divina
 com poderes sobrenaturais? Ou és apenas um arbusto grotesco
 com um nome latino nas classificações de Línéu? Fala! Tens tu,
 como aquele cuja cabeça coroaste por escárnio, o dom de sarar?
 1565 Vê lá... Se te levo comigo para um lindo oratório português,
 livrando-te do tormento da solidão e das melancolias da obscuri-
 dade, e dando-te lá os regalos dum altar, o incenso vivo das rosas,
 a chama louvadora das velas, o respeito das mãos postas, todas as
 carícias da oração — não é para que tu, prolongando indulgentemente
 1570 uma existência estorvadora, me prives da rápida herança e
 dos gozos a que a minha carne moça tem direito! Vê lá! Se, por
 teres atravessado o Evangelho, te embebeste de ideias pueris de
 Caridade e Misericórdia, e vais com tenção de curar a titi — então
 fica-te aí, entre essas penedias, fustigado pelo pó do deserto, rece-
 1575 bendo o excremento das aves de rapina, enfasiado no silêncio
 eterno!... Mas se prometes permanecer surdo às preces da titi,
 comportar-te como um pobre galho seco e sem influência, e não
 interromperes a apetecida decomposição dos seus tecidos — então
 1580 vais ter em Lisboa o macio agasalho duma capela afogada de
 damascos, o calor dos beijos devotos, todas as satisfações dum

ídolo, e eu hei de cercar-te de tanta adoração que não há de invejar o Deus que os teus espinhos feriram... Fala, monstro!»

O monstro não falou. Mas logo senti perpassar-me na alma, aquietadoramente, com uma consolante fresquidão de brisa de estio, o pressentimento de que breve a titi ia morrer e apodrecer na sua cova. A *Árvore de Espinhos* mandava, pela comunicação esparsa da Natureza, da sua seiva ao meu sangue, aquele palpíte suave da morte da Sr.^a D. Patrocínio — como uma promessa suficiente de que, transportado para o oratório, nenhum dos seus galhos impediria que o fígado dessa hedionda senhora inchasse e se desfizesse... E isto foi, entre nós, nesse ermo, como um pacto taciturno, profundo e mortal.

Mas era esta realmente a *Árvore de Espinhos*? A rapidez da sua condescendência fazia-me suspeitar a excelência da sua divindade. Resolvi consultar o sólido, sapientíssimo *Topsius*.

Corri à fonte de Eliseu, onde ele rebuscava pedras, lascas, lixos, restos da orgulhosa Cidade das Palmeiras. Avistei logo o luminoso historiógrafo acorado junto a uma poça de água, com os óculos sôfregos, esgarafunhando um pedaço de pilastra negra, meia enterrada no lodo. Ao lado um burro, esquecido da erva tenra, contemplava filosoficamente e com melancolia o afã, a paixão daquele sábio, de rastos no chão, à procura das termas de Herodes. Conteí a *Topsius* o meu achado, a minha incerteza... Ele ergueu-se logo, serviçal, zeloso, presto às lides do Saber.

— Um arbusto de espinhos? Murmurava, estancando o suor. Há de ser o *Nabka*... Banalíssimo em toda a Síria! *Hasselquist*, o botânico, pretende que daí se fez a Coroa de Espinhos... Tem umas folhinhas verdes, muito tocantes, em forma de coração, como as da hera... Ah, não tem? Perfeitamente, então é o *Lycium Spinosum*. Foi o que serviu, segundo a tradição latina, para a Coroa de Injúria... Que quanto a mim a tradição é fútil; e *Hasselquist* ignaro, infinitamente ignaro... Mas eu vou já aclarar isso, D. Raposo. Aclarar irrefutavelmente e para sempre!

Abalámos. No ermo, ante a árvore medonha, *Topsius*, alçando catedraticamente o bico, recolheu um momento aos depósitos interiores do seu saber — e depois declarou que eu não podia levar a minha tia devotíssima nada mais precioso. E a sua demonstração foi faiscante. Todos os instrumentos da Crucificação (disse ele,

1620 floreando o guarda-sol), os Pregos, a Esponja, a Cana Verde, um momento divinizados como materiais da Divina Tragédia, reentraram pouco a pouco, pelas urgências da civilização, nos usos grosseiros da vida... Assim, o prego não ficou *per aeternum* na ociosidade dos altares, memorando as Chagas Sacratíssimas: a humanidade, católica e comerciante, foi gradualmente levada a
 1625 utilizar o prego como uma valiosa ferragem: e tendo trespassado as mãos do Messias, ele hoje segura, laborioso e modesto, as tampas de caixões impuríssimos... Os mais reverentes irmãos do Senhor dos Passos empregam a cana para pescar; ela entra na folgante composição do foguete; e o Estado mesmo (tão escrupuloso em matéria religiosa) assim a usa em noites alegres de nova
 1630 Constituição ou em festivos delírios pelas bodas de Príncipes... A esponja, outrora embebida no vinagre de sarcasmo e oferecida numa lança, é hoje aproveitada nesses irreligiosos cerimoniais da limpeza — que a Igreja sempre reprovou com ódio... Até
 1635 a Cruz, a Forma suprema, tem perdido entre os homens a sua divina significação. A Cristandade, depois de a ter usado como lábaro, usa-a como enfeite. A cruz é broche, a cruz é berloque; pende nos colares, tilinta nas pulseiras; é gravada em sinetes de lacre, é incrustada em botões de punho; — e a cruz realmente
 1640 neste soberbo século pertence mais à ourivesaria do que pertence à religião...

— Mas a Coroa de Espinhos, D. Raposo, essa não *tornou a servir para mais nada!*

1645 Sim, *para mais nada!* A Igreja recebeu-a das mãos dum Procôn-sul romano — e ela ficou isoladamente e para toda a eternidade na Igreja, comemorando o Grande Ultraje. Em todo este vário Universo ela só encontra um lugar congénere na penumbra das capelas; o seu único préstimo é persuadir à contrição. Nenhum joalheiro jamais a imitou em ouro, cravejada de rubis, para ornar
 1650 um penteado loiro; ela é só Instrumento de Martírio; e com salpicos de sangue, sobre os caracóis frisados das imagens, inspira infinitamente as lágrimas... O mais astuto industrial, depois de a retorcer pensativamente nas mãos, restitui-la-ia aos altares como coisa inútil na vida, no comércio, na civilização; ela é só atributo
 1655 da Paixão, recurso de tristes, enternecedora de fracos. Só ela, entre os acessórios da Escritura, provoca sinceramente a oração. Quem,

por mais adorabundo, se prostraria, a borbular de Padre-Nossos, diante duma esponja caída numa tina, ou duma cana à beira dum regato?... Mas para a Coroa de Espinhos erguem-se sempre as
1660 mãos crentes; e a sensação da sua desumanidade passa ainda na melancolia dos *Misereres!*

Que maior maravilha podia eu levar à titi?...

— Sim, *Topsius*, meu catita... Os teus dizeres são de oiro puro... Mas a outra, a verdadeira, *a que serviu*, teria sido tirada
1665 daqui, deste tronco? Hein, amiguinho?

O erudito *Topsius* desdobrou lentamente o seu lenço de quadrados: e declarou (contra a fútil tradição latina e contra o ignaríssimo *Hasselquist*) que a Coroa de Espinhos fora arranjada
1670 duma silva, fina e flexível, que abunda nos vales de Jerusalém, com que se acende o lume, com que se erriçam as sebes, e que dá uma florzinha roxa, triste e sem cheiro...

Eu murmurei, sucumbido:

— Que pena! A titi fazia tanto gosto que fosse daqui, *Topsius!* A titi é tão rical...

Então este sagaz filósofo compreendeu que há Razões de
1675 Família como há Razões de Estado — e foi sublime. Estendeu a mão por cima da árvore, cobrindo-a assim largamente com a garantia da sua ciência — e disse estas palavras memoráveis:

— D. Raposo, nós temos sido bons amigos... Pode pois
1680 afixar à senhora sua tia, da parte dum homem que a Alemanha escuta em questões de crítica arqueológica, que o galho que lhe levar daqui, arranjado em coroa, foi...

— Foi? Berrei ansioso.

— Foi o mesmo que ensanguentou a fronte do Rabi *Jeschoua Natzarieh*, a quem os Latinos chamam *Jesus de Nazaré*, e outros também chamam o Cristo!...

Falara o alto saber germânico! Puxei o meu navalhão sevilhano, decepei um dos galhos. E enquanto *Topsius* voltava a procurar pelas ervas húmidas a cidadela de *Cypron* e outras
1690 pedras de *Herodes* — eu recolhi às tendas, em triunfo, com a minha preciosidade. O prazenteiro *Potte*, sentado num selim, estava moendo café.

— Soberbo galho! Gritou ele. Quer-se arranjadinho em coroa... Fica duma devoção!

1695 E logo, com a sua rara destreza de mãos, o jucundo homem entrelaçou o galho rude em forma de coroa santa. E tão parecida! Tão tocante!...

— Só lhe faltam as pinguinhas de sangue! Murmurava eu, enternecido. Jesus! O que a titi se vai babar!

1700 Mas como levaríamos para Jerusalém, através dos cerros de Judá, aqueles incômodos espinhos — que, apenas armados na sua forma passional, pareciam já ávidos de rasgar carne inocente? Para o alegre Potte não havia dificuldades; tirou do fundo do seu provido alforge uma fofa nuvem de algodão em rama; envolveu nela
1705 delicadamente a Coroa de Agravo, como uma joia frágil; depois com uma folha de papel pardo e um nastro escarlate — fez um embrulho redondo, sólido, ligeiro e nítido... E eu, sorrindo, enrolando o cigarro, pensava nesse outro embrulho de rendas e laços de seda, cheirando a violeta e a amor, que ficara em Jerusalém,
1710 esperando por mim e pelo favor dos meus beijos.

— Potte, Potte! Gritei, radiante. Nem tu sabes que grossa moeda me vai render esse galhinho, dentro desse pacotinho!

Apenas Topsius voltou da sacra fonte de Eliseu — eu ofereci, para celebrar o encontro providencial da Grande Relíquia,
1715 uma das garrafas de champagne, que Potte trazia nos alforges, encarapuçadas de ouro. Topsius bebeu «à Ciência!» Eu bebi «à Religião!» E largamente a espuma do *Moët et Chandon* regou a terra de Canaã.

À noite, para maior festividade, acendemos uma fogueira:
1720 e as mulheres árabes de Jericó vieram dançar diante das nossas tendas. Recolhemos tarde, quando por sobre Moab, para os lados de Makeros, a Lua aparecia, fina e recurva, como esse alfange de ouro que decepou a cabeça ardente de Iokanan.

O embrulho da Coroa de Espinhos estava à beira do meu
1725 catre. O lume apagara-se, o nosso acampamento dormia no infinito silêncio do Vale da Escritura... Tranquilo, regalado, adormeci também.

III

Havia certamente duas horas que assim dormia, denso e estirado no catre, quando me pareceu que uma claridade trémula, como a duma tocha fumegante, penetrava na tenda — e através
5 dela uma voz me chamava, lamentosa e dolente:

— Teodorico, Teodorico, ergue-te, e parte para Jerusalém!

Arrojé a manta, assustado: — e vi o doutíssimo Tópsius, que, à luz mortal duma vela, bruxuleando sobre a mesa onde jaziam as garrafas de champagne, afivelava no pé rapidamente uma velha
10 espóra de ferro. Era ele que me despertava, açodado, fervoroso:

— A pé, Teodorico, a pé! As éguas estão seladas! Amanhã é Páscoa! Ao alvorecer devemos chegar às portas de Jerusalém! Arredando os cabelos, considereí com pasmo o sisudo, ponderado doutor:

— Oh Tópsius! Pois nós partimos assim, bruscamente, sem os nossos alforges, e deixando as tendas adormecidas, como quem
15 foge espavorido?

O erudito homem alçou os seus óculos de ouro, que resplandeciam com uma desusada, irresistível intelectualidade. Uma capa branca, que eu nunca lhe vira, envolvia-lhe a douda magreza em
20 pregas graves e puras de toga latina: e lento, esguio, abrindo os braços, disse, com lábios que pareciam clássicos e de mármore:

— D. Raposo! Esta aurora que vai nascer, e em pouco tocar os cimos do Hébron, é a de 15 do mês de Nizam; e não houve em toda a História de Israel, desde que as tribos voltaram de
25 Babilónia, nem haverá, até que Tito venha pôr o último cerco ao Templo, um dia mais interessante! Eu preciso estar em Jerusalém para ver, viva e rumorejando, esta página do Evangelho! Vamos

pois fazer a santa Páscoa a casa de Gamaliel, que é um amigo
 de Hillel, e um amigo meu, um conhecedor das letras gregas,
 30 patriota forte e membro do Sanhedrin. Foi ele que disse: «Para
 te livrares do tormento da dúvida, impõe-te uma autoridade.»
 Portanto, a pé, D. Raposo!

Assim murmurou o meu amigo, ereto e lento. E eu, submis-
 samente, como perante um mandamento celeste, comecei a enfiar
 35 em silêncio as minhas grossas botas de montar. Depois, apenas
 me agasalhei no albornoz, ele empurrou-me com impaciência
 para fora da tenda — sem mesmo me deixar recolher o relógio
 e a faca sevilhana, que todas as noites, cauteloso, eu guardava
 debaixo do travesseiro. A luz da vela esmorecia, fumarenta e
 40 vermelha...

Devia ser meia-noite. Dois cães ladravam ao longe, surda-
 mente, como entre frondosos muros de quintas. O ar macio e
 ermo cheirava a rosas de vergel e à flor da laranjeira. O céu de
 Israel faiscava com desacostumado esplendor: e em cima do monte
 45 Nebo, um belo astro mais branco, duma refulgência divina, olhava
 para mim, palpitando ansiosamente, como se procurasse, cativo
 na sua mudez, dizer um segredo à minha alma!

As éguas esperavam, imóveis sob as longas clinas. Montei.
 E então, enquanto Topsius arranjava laboriosamente os loros,
 50 avistei para os lados da fonte de Eliseu uma forma maravilhosa
 que me arrepiou de terror transcendente.

Era, ao clarão diamantino das estrelas da Síria, como a branca
 muralha duma cidade nova! Frontões de templos alvejavam pali-
 damente entre a espessura de bosques sagrados; para as colinas
 55 distantes fugiam esbatidos os arcos ligeiros dum aqueduto. Uma
 chama fumegava no alto duma torre; mais baixo, movendo-se,
 faiscavam pontas de lanças; um som longo de buzina morria na
 sombra... E abrigada junto aos bastiões uma aldeia dormia entre
 palmeiras.

60 Topsius, na sela, pronto a marchar, embrulhara a mão nas
 clinas da égua.

— Aquilo, branco, além? Murmurei, sufocado.

30: Sanhedrin: *conforme o texto-base. Trata-se do Sinédrio ou Sanedrim.*

Ele disse simplesmente:

— Jericó.

65 Rompeu, galopando. Não sei quanto tempo segui, emudecido, o nobre Historiador dos Herodes: era por uma estrada direita, feita de lajes negras de basalto. Ah! Que diferente do áspero caminho por onde tínhamos descido a Canaã, faiscante e cor de cal, através de colinas onde o tojo escasso semelhava, na irradiação da
70 luz, um bolor de velhice e de abandono! E tudo em redor me parecia diferente também, a forma das rochas, o cheiro da terra quente, até a palpitação das estrelas... Que mudança se fizera em mim, que mudança se fizera no Universo? Por vezes uma faísca dura saltava das ferraduras das éguas. E sem descontinuar Topsius galopava, agarrado às clinas, com as duas bandas da capa branca batendo como os dois panos duma bandeira...

Mas subitamente parou. Era junto duma casa quadrada, entre árvores, toda apagada e muda, tendo no topo uma haste sobre que pousava estranhamente, como recortada numa lâmina de ferro, a
80 figura duma cegonha. À entrada esmorecia uma fogueira: remexi as achas: e à curta chama que ressaltou compreendi que era uma antiga estalagem à beira duma antiga estrada. Por baixo da cegonha, encimando a porta estreita e erriçada de pregos, brilhava em negro, numa lápide branca, a tabuleta latina — *Ad Gruem Majorem*.
85 e ao lado, enchendo parte da fachada, desenrolava-se uma inscrição rudemente entalhada na pedra, que eu decifrei a custo, e em que Apolo prometia a saúde ao hóspede, e Septimanus, o hospedeiro, lhe garantia risonha acolhida, o banho reparador, vinho forte da Campânia, frescos palhetes de Engaddi e «todas as comodidades à maneira de Roma».
90

Murmurei, desconfiado:

— À maneira de Roma!

Que estranhos caminhos ia eu então trilhando? Que outros
homens, dissemelhantes de mim, no falar e no traje, bebiam ali,
95 sob a proteção doutros deuses, o vinho em ânforas do tempo de Horácio?...

Mas de novo Topsius marchou, esguio e vago na noite. Agora findara a estrada de basalto sonoro: e subíamos a passo um brusco caminho, cavado entre rochas, onde grossos pedregulhos
100 ressoavam, rolavam sob as patas das éguas, como no leito duma

torrente que um lento agosto secou. O erudito doutor, sacudido na sela, praguejava roucamente contra o Sanhedrin, contra a hirta Lei judaica, oposta indobrevemente a toda a obra culta que quer fazer o Procônsul... Sempre o Fariseu via com rancor o aqueduto romano que lhe trazia a água, a estrada romana que o levava às

105

— Maldito seja o Fariseu!

Sonolento, rememorando velhas imprecações do Evangelho, eu rosnava, encolhido no meu albornoz:

110

— Fariseu, sepulcro caiado... Maldito seja!

Era a hora calada em que os lobos dos montes vão beber. Cerrei os olhos; as estrelas desmaiavam.

115

Breves faz o Senhor as noites macias do mês de Nizam, quando se come em Jerusalém o anho branco de Páscoa: e bem cedo o céu se vestiu de alvo do lado do país de Moab.

Despertei. Já os gados balavam nos cerros. O ar fresco cheirava a rosmaninho.

120

E então avistei, errando por cima dos penedos sobranceiros ao caminho, um homem estranho, bravio, coberto com uma pele de carneiro, que me recordou Elias e todas as cóleras da Escritura; o peito, as pernas pareciam de granito vermelho; por entre a grenha e a barba, rudes, emaranhadas, fazendo-lhe como uma juba feroz, os olhos refulgiam-lhe desvairadamente... Descobrimos; e logo, sacudindo os braços como quem arremessa pedras, despediu sobre nós todas as maldições do Senhor! Chamou-nos «pagãos», chamou-nos «cães»: gritava «malditas sejam as vossas mães, secos sejam os peitos que vos criaram!» Cruéis e cheios de presságios caíam os seus brados do alto das rochas: e, retardado pelos passos lentos da égua, Topsisius encolhia-se na capa como sob uma saraiva inclemente. Até que me enfureci; voltei-me na anca da cavalgadura, chamei-lhe *bêbedo*, atirei-lhe obscenidades; e via no entanto, sob a chama selvagem dos seus olhos, a boca clamorosa e negra torcer-se-lhe, babar-se de furor devoto...

125

130

135

Mas, desembocando da ravina, encontrámos, larga e lajeada, a estrada romana que vai a Sichem: e trotando por ela, sentíamos o alívio de penetrar enfim numa região culta, piedosa, humana e legal. A água abundava: sobre as colinas erguiam-se fortalezas novas: pedras sagradas delimitavam os campos.

140 Nas eiras brancas, os bois enfeitados de anémonas pisavam o
 trigo da colheita de Páscoa; e em vergéis onde a figueira já
 tinha enfolhado, o servo na sua torre caiada, cantando com
 uma vara na mão, afugentava os pombos bravos. Por vezes
 avistávamos um homem, de pé, junto da sua vinha, ou à beira
 dos canais de rega, direito, com a ponta do manto atirada por
 145 cima da cabeça, e os olhos baixos, dizendo a santa oração do
Schema. Um oleiro, que espicaçava o seu burro, carregado de
 cântaros de barro amarelo, gritou-nos: «Benditas sejam as vossas
 mães, boa vos seja a Páscoa!» E um leproso, que descansava
 à sombra, nos olivedos, perguntou-nos, gemendo e mostrando
 150 as chagas, qual era em Jerusalém o Rabi que curava, e onde
 se apanhava a raiz do baraz.

Já nos aproximávamos de Bethania. Para dar de beber às
 éguas parámos numa linda fonte que um cedro assombrea. E o
 douto Topsisius, arrançando um loro, admirava-se de não termos
 155 encontrado a caravana que vem de Galileia celebrar a Páscoa a
 Jerusalém — quando soou, adiante, na estrada, um rumor lento
 de armas em marcha... E eu vi, assombrado, aparecerem solda-
 dos romanos, desses que tantas vezes amaldiçoara em estampas
 da Paixão!

160 Barbudos, tostados pelo sol da Síria, marchavam solidamente,
 em cadência, com um passo bovino, fazendo ressoar sobre as
 lajes as sandálias ferradas: todos traziam às costas os escudos
 envoltos em sacos de lona: e cada um erguia ao ombro uma alta
 forquilha, donde pendiam trouxas encordeladas, pratos de bronze,
 165 ferramentas e cachos de tâmaras. Algumas filas, descobertas, segu-
 ravam o capacete como um balde: outras, nas mãos cabeludas
 balançavam um dardo curto. O Decurião gordo e loiro, seguido
 dum gazela familiar, enfeitada com corais, dormitava, ao passo
 miúdo da égua, embrulhado num manto escarlate. E atrás, ao
 170 lado das mulas carregadas de sacos de trigo e molhos de lenha,
 os arrieiros cantavam ao som dum flauta de barro, tocada por
 um negro quási nu que tinha no peito, em traços vermelhos, o
 número da Legião.

150: e onde. *No texto-base:* aonde

175 Eu recuara para o escuro do cedro. Mas Topsius, logo, como um
germano servil, desmontara, ajoelhando quási no pó, ante as Armas
de Roma: e não se conteve, berrou, agitando os braços e a capa:

— Longa vida a Caio Tibério, três vezes Cônsul, Ilírico,
Panónico, Germânico, Imperador, Pacificador e Augusto!...

180 Alguns legionários riram, crassamente. E passaram, cerrados,
com um rumor de ferro — enquanto um pegureiro, ao longe,
arrebanhando as cabras aos brados, fugia para o cimo dos cerros.

De novo galopámos. A estrada de basalto findou; e penetrámos
entre arvoredos, num aroma de pomares, através de abundância
e frescura.

185 Oh, que diferentes se mostravam estes caminhos, estas colinas,
que eu vira dias antes, em torno à Cidade Santa, dessecadas por
um vento de abstração, e brancas, da cor das ossadas... Agora
tudo era verde, regado, murmuroso, e com sombras. A mesma
luz perdera o tom magoado, a cor dorida, com que eu sempre a
190 vira, cobrindo Jerusalém: as folhas dos ramos de abril desabro-
chavam num azul moço, tenro, cheio de esperança como elas.
E a cada instante se me iam os olhos longamente nesses vergéis
da Escritura, que são feitos da oliveira, da figueira e da vinha, e
onde crescem silvestres, e mais esplêndidos que o rei Salomão,
195 os lírios vermelhos dos campos!

Enlevado e cantarolando, eu trotava ao comprido duma sebe
toda entrelaçada de rosas. Mas Topsius deteve-me, mostrou-me no
alto dum outeiro, sobre um fundo sombrio de ciprestes e cedros,
uma casa abrindo para o lado do Oriente e da luz o seu pórtico
200 branco. Pertencia, disse ele, a um romano, parente de Valerius
Gratus, antigo Legado imperial da Síria: e tudo ali parecia penetrado
de paz amável e de graça latina. Um tapete viçoso de relva bem
lisa estendia-se em declive até a uma álea de alfazema, tendo ao
meio, sobre o verde, desenhadas com linhas de flores escarlates,
205 as iniciais de Valerius Gratus: em redor, entre canteiros de rosas,
de açucenas, orlados de mirto, resplandeciam nobres vasos de
mármore coríntico, onde se enrolavam folhas de acanto: um

191: *No texto-base:* azul, moço,

207: *No texto-base, certamente por gralha:* mármore caríntico,

210 servo, de capuz cinzento, talhava um teixo em forma de urna, ao
 lado dum buxo alto já talhado sabiamente em feitio de lira; aves
 domésticas picavam o chão, coberto de arcia escarlate, numa rua
 de plátanos onde os braços de hera faziam de tronco a tronco
 festões como os que ornaram um templo: a rama dos loureiros
 velava de sombras a nudez das estátuas. E sob um caramanchão
 215 de vinha, ao rumor da água lenta cantando numa bacia de bronze,
 um velho de toga, sereno, risonho, ditoso, lia junto a uma imagem
 de Esculápio um longo rolo de papiro — enquanto uma rapariga,
 com uma flecha de ouro nas tranças, toda vestida de linho alvo,
 fazia uma grinalda com as flores que lhe enchiam o regaço...
 Ao passo dos nossos cavalos ela ergueu os olhos claros. Topsius
 220 gritou: «*Ob, salve, pulquérrima!*» Eu gritei: «*Viva la gracia!*» Os melros
 cantavam nas romãzeiras em flor.

Mas adiante o facundo Topsius deteve-me ainda, apontando-me
 outra vivenda de campo, escura e severa entre ciprestes: e disse-me
 baixo que era de Osanias, um rico saduceu de Jerusalém, da
 225 família pontifical de Boethos, e membro do Sanhedrin. Nenhum
 ornato pagão lhe profanava os muros. Quadrada, fechada, hirta, ela
 reproduzia a austeridade da Lei. Mas os largos celeiros, cobertos
 de colmo, os lagares, os vinhedos, diziam as riquezas feitas de
 duros tributos: no pátio dez escravos não bastavam a guardar os
 230 sacos de trigo, odres, carneiros marcados de vermelho, recolhidos
 em pagamento do dízimo nesse dia de Páscoa. Junto à estrada,
 com uma piedade ostentosa, caiada de fresco, reluzia, ao Sol, entre
 roseiras, a sepultura doméstica.

235 Assim caminhando chegámos aos palmares onde se aninha
 Betphagé. E por um atalho virente que Topsius conhecia, começá-
 mos a subir o Monte das Oliveiras, até o Lagar da Moabita — que
 é uma paragem de caravanas nessa infinita, vetusta Via Real que
 vem do Egito, seguindo até Damasco a bem-regada.

240 E foi como um deslumbramento, ao encontrarmos sobre
 todo o Monte, por entre os olivedos da encosta até ao Cédron,
 por entre os pomares do vale até Siloeh, em meio dos túmulos
 novos dos Sacrificadores, e mesmo para os lados onde se empoeira
 a estrada de Hébron — o despertar rumoroso de todo um povo
 245 acampado! Tendas negras do deserto, feitas de peles de carneiro
 e rodeadas de pedras: barracas de lona, da gente da Idumeia,

alvejando ao Sol entre as verduras; cabanas armadas com ramos, onde se abrigam os pastores de Ascalon; toldos de tapetes que os peregrinos de Nephtali suspendem em varas de cedro; — era toda a Judeia, às portas de Jerusalém, a celebrar a Páscoa Sagrada!

250 E havia ainda, em volta ao casal onde velava um posto de legi-
nários, os mercadores gregos da Decápole, tecelões fenícios de
Tíberíade, e a gente pagã que, através da Samaria, vem dos lados
de Cesareia e do mar.

Fomos marchando, lentos e cautelosos. À sombra das oli-
veiras os camelos descarregados ruminavam placidamente; e as
255 éguas da Pereia, com as patas entravadas, pendiam a cabeça sob
a espessura das longas clinas. Junto às tendas, cujos panos meio
levantados nos deixavam entrever brilhos de armas penduradas ou
o esmalte dum grande prato, raparigas, com os braços reluzindo
260 de braceletes, pisavam entre duas pedras o grão do centeio; outras
mungiam as cabras; por toda a parte se acendiam fogos claros;
e com os filhos pela mão, o cântaro esguiou ao ombro, uma fila
de mulheres descia cantando para a fonte de Siloeh.

As patas dos nossos cavalos prendiam-se nas cordas retesadas
265 das barracas dos Idumeus. Depois estacávamos diante de tapetes
alastrados, onde um mercador de Cesareia, com um manto à car-
taginesa, vistoso e bordado de flores, expunha peças de linho do
Egito, estendia sedas de Cós, fazia reluzir armas marchetadas; ou
com um frasco na palma de cada mão, celebrava as perfeições do
270 nardo da Assíria e dos óleos doces da Parthia... Os homens em
redor, arredando-se, demoravam em nós os seus olhos lânguidos
e altivos; por vezes murmuravam uma injúria surda; ou por causa
dos óculos do douto Topsius, um riso de escárnio mostrava dentes
agudos de fera, entre rudes barbas negras.

275 Sob as árvores, encostados aos muros, filas de mendigos
ganiam, mostrando o caco com que rapavam as chagas. Diante
duma cabana feita de ramos de loureiro, um velho obeso, rubro
como um sileno, apregoava o vinho fresco de Sichem, as favas
novas de abril. Os homens fuscos do deserto apinhavam-se em
280 torno dos gigos de fruta. Um pastor de Ascalon, em andas, no

261: *No texto-base:* mugiam

meio dum rebanho de cordeiros brancos, tocava buzina, chamando os devotos a comprar o anho puro da Páscoa. E por entre a multidão onde constantemente se erguiam paus, em rixas bruscas, soldados romanos rondavam aos pares com um ramo de oliveira no capacete, benignos e paternais.

Assim chegámos junto de dois altos, frondosos cedros, — tão cobertos de pombas brancas voando, que eram como duas grandes macieiras, na primavera, que um vento estivesse destoucando das flores. Subitamente, Topsius parara, abria os braços; eu também: e com o coração suspenso ali ficámos imóveis, deslumbrados, vendo lá em baixo, na luz, resplandecer Jerusalém.

O sol banhava-a, sumptuosamente! Uma severa, altiva muralha, guarnecida de torres novas, com portas onde as cantarias se entremeavam de labores de ouro, erguia-se sobre a ribanceira escarpada do Cédron, já seco pelos calores de Nizam, e ia correndo, cingindo Sião, para o lado do Hinnon e até aos cerros de Gareb. E, dentro, em face aos cedros que nos assombrevavam, o Templo, sobre os seus alicerces eternos, parecia dominar toda a Judeia, soberbo em esplendor, murado de granitos polidos, armado de bastiões de mármore, como a refulgente cidadela dum Deus!...

Debruçado sobre as clinas, o sábio Topsius apontava-me o adro primordial, chamado o Pátio dos Gentílicos, vasto bastante para receber todas as multidões de Israel, todas as da terra pagã: o chão liso rebrilhava como a água límpida duma piscina: e as colunas de mármore de Paros que o ladeavam, formando os Pórticos de Salomão, profundos e cheios de frescura, eram mais bastas que os troncos nos cerrados palmares de Jericó. Em meio desta área, cheia de ar e de luz, elevava-se, em escadarias lustrosas como se fossem de alabastro, com portas chapeadas de prata, arcarias, torreões donde voavam pombas, um nobre terraço, só acessível aos fiéis da Lei, ao Povo eleito de Deus, o orgulhoso «Adro de Israel». Daí erguia-se ainda, com outras claras escadarias, outro branco terraço, o Átrio dos Sacerdotes: no brilho difuso que o enchia negrejava um enorme altar de pedras brutas, enristando a cada ângulo um sombrio corno de bronze: aos lados dois longos fumos direitos subiam devagar, mergulhavam no azul com a serenidade duma prece perenal. E ao fundo, mais alto, ofuscante, com os seus recamos de ouro sobre a alvura dos

320 mármore, não e fulvo, como feito de ouro puro e neve pura,
 refulgia maravilhosamente, lançando o seu clarão aos montes em
 redor, o *Hieron*, o Santuário dos Santurios, a morada de Jeová:
 sobre a porta pendia o Véu Místico, tecido em Babilnia, cor do
 fogo e cor dos mares: pelas paredes trepava a folhagem duma vinha
 325 de esmeralda com cachos doutras pedrarias: da cpula irradiavam
 longas lanças de ouro que o aureolavam de raios como um sol: e
 assim, resplandecente, triunfante, augusto, precioso, ele elevava-se
 para aquele céu de festa Pascal, ofertando-se todo, como o dom
 mais belo, o dom mais raro da Terra!

330 Mas ao lado do Templo, mais alto que ele, dominando-o com
 a severidade dum amo orgulhoso, Topsisius mostrou-me a Torre
 Antnia, negra, maciça, impenetrável, cidadela de forças romanas...
 Na plataforma, entre as ameias, movia-se gente armada: sobre
 um bastião, uma figura forte, envolta num manto vermelho de
 Centurião, estendia o braço; e toques lentos de buzina pareciam
 335 falar, dar ordens, para outras torres que ao longe se azulavam no
 ar límpido, algemando a Cidade Santa. César pareceu-me mais
 forte que Jeová!

E mostrou-me ainda, para além da Antnia, o velho burgo de
 David. Era um tropel de casas cerradas, caçadas de fresco sobre
 340 o azul, descendo como um rebanho de cabras brancas para um
 vale ainda em sombra, onde uma praça monumental se abria entre
 arcarias: depois trepava, fendido em ruas tortuosas, a espalhar-se
 sobre a colina fronteira de Acra, rica, com palácios, e cisternas
 redondas que luziam à luz semelhantes a broquéis de aço. Mais
 345 longe ainda, para além de velhos muros derrocados era o bairro
 novo de Bezetha, em construo; o Circo de Herodes arredon-
 dava aí as suas arcarias; e os jardins de Antipas estiravam-se por
 um último outeiro, até junto ao túmulo de Helena, assoalhados,
 frescos, regados pelas águas doces do Enrogl.

350 — Ah Topsisius, que cidade! Murmurei maravilhado.

— Rabi Eliezer diz que não viu jamais cidade bela quem
 não viu Jerusalém!

355 Mas ao nosso lado passava gente alegre, correndo, para os
 lados da verde estrada que sobe de Bethania: e um velho que
 puxava  pressa a arreata do seu burro, carregado de molhos de
 palmas, gritou-nos que se avistara e vinha chegando a caravana da

Galileia! Então, curiosos, trotámos até um cômodo, junto a uma
 sebe de catos, onde já se apinhavam mulheres com os filhos ao
 colo, sacudindo véus claros, soltando palavras de bênção e de boa
 360 acolhida: — e logo vimos, numa poeirada lenta que o Sol dourava,
 a densa fila dos peregrinos que são os derradeiros a chegar a
 Jerusalém, vindos de longe, da Alta Galileia, desde Gescala e dos
 montes. Um rumor de cânticos enchia a estrada festiva: em torno
 a um estandarte verde agitavam-se palmas e ramos floridos de
 365 amendoeira; e os grandes fardos, carregando o dorso dos camelos,
 balanceavam em cadência por entre os turbantes brancos cerrados
 e movendo-se em marcha.

Seis cavaleiros da guarda babilónica de Antipas Herodes,
 tetrarca de Galileia, escoltavam a caravana desde Tiberíade: tra-
 370 ziam mitras de felpo, as longas barbas separadas em tranças, as
 pernas ligadas em tiras de couro amarelo: e caracolavam à frente,
 fazendo estalar numa das mãos açoites de corda, com a outra
 atirando ao ar e aparando alfanges que faiscavam. Logo atrás
 era uma colegiada de levitas, em coro, a passos largos, apoiados
 375 a bordões enfeitados de flores, com os rolos da Lei apertados
 sobre o peito, salmodiando rijo os louvores de Sião. E em torno
 moços robustos, com as faces infladas e rubras, sopravam para
 o céu furiosamente em trompas recurvas de bronze.

Mas, de entre a gente apertada à beira da estrada, rompeu uma
 380 aclamação. Era um velho, sem turbante, de cabelos soltos, recuando
 e dançando freneticamente: das mãos cabeludas que ele agitava no
 ar saía um repique de castanholas: ora arremessava uma perna,
 ora outra: e toda a sua face barbuda de Rei David ardia com um
 fulgor inspirado. Atrás dele, raparigas, pulando compassadamente
 385 sobre a ponta ligeira das sandálias, feriam com dolência harpas leves;
 outras, rodando sobre si, batiam de alto os tamborinos — e as suas
 manilhas de prata brilhavam no pó que os seus pés levantavam, sob
 a roda das túnicas enfunadas... Então, arrebatada, a turba entoou
 o velho canto das jornadas rituais e os salmos de peregrinação.

390 — Meus passos vão todos para ti, ó Jerusalém! Tu és perfeita!
 Quem te ama conhece a abundância!

E eu bradava também, transportado:

— Tu és o palácio do Senhor, ó Jerusalém, e o repouso do
 meu coração!

395 Lenta e rumorosa a caravana passava. As mulheres dos
levitas, em burros, veladas e rebuçadas, semelhavam grandes
sacos moles: as mais pobres, a pé, traziam nas pontas dobradas
do manto frutas e o grão da aveia. Os previdentes, já com a
sua oferenda ao Senhor, arrastavam preso do cinto um cordeiro
400 branco; os mais fortes seguravam às costas, presos pelos braços,
os doentes — cujos olhos dilatados, nas faces maceradas, procu-
ravam ansiosamente as muralhas da Cidade Santa, onde todo o
mal se cura.

Entre os peregrinos e a alegre multidão que os acolhia, as
405 bênçãos cruzavam-se, ruidosas e ardentes; alguns perguntavam
pelos vizinhos, pelas searas ou pelos avós que tinham ficado na
aldeia à sombra da sua vinha: e ouvindo que lhe fora roubada
a pedra do seu moinho, um velho, ao meu lado, com as barbas
dum Abraão, arremessou-se a terra a arrepelar-se e a esfarrapar a
410 túnica. Mas já, fechando a marcha, passavam as mulas com gui-
zos carregadas de lenha e de odres de azeite: e atrás uma turba
de fanáticos que nos arredores, em Betphagé e em Rephrain,
se tinham juntado à caravana, apareceu, atirando para os lados
cabaças de vinho já vazias, brandindo facas, pedindo a morte dos
415 Samaritanos e ameaçando a gente pagã...

Então seguindo Topsisius trotei de novo através do monte
para junto dos cedros cobertos do voo alvo das pombas: e nesse
instante também os peregrinos, emergindo da estrada, avistavam
enfim Jerusalém que resplandecia lá em baixo formosa, toda
420 branca na luz... Então foi um santo, tumultuoso, inflamado
delírio! Prostrada, a turba batia as faces na terra dura: um
clamor de orações subia ao céu puro por entre o estridor das
tubas: as mulheres erguiam os filhos nos braços ofertando-os
arreatadamente ao Senhor! Alguns permaneciam imóveis, como
425 assombrados, ante os esplendores de Sião: e quentes lágrimas
de Fé, de amor piedoso, rolavam sobre barbas incultas e feras.
Os velhos mostravam com o dedo os terraços do Templo, as
ruas antigas, os sacros lugares da História de Israel: «Ali é a
Porta de Ephrain, acolá era a Torre das Fornalhas; aquelas pedras
430 brancas, além, são do túmulo de Raquel...» E os que escutavam
em redor, apinhados, batiam as mãos, gritavam: «Bendita sejas,
Sião!» Outros, estonteados, com o cinto desapertado, corriam

tropeçando nas cordas das tendas, nos gigos de fruta, a trocar
 a moeda romana, a comprar o anho da oferta. Por vezes, de
 435 entre as árvores, um canto subia, claro, fino, cândido, e que
 ficava tremendo no ar: a terra um momento parecia escutar,
 como o céu: serenamente, Sião rebrilhava, do Templo os dois
 fumos lentos ascendiam, com uma continuidade de prece
 eterna... Depois o canto morria: de novo as bênçãos rompiam,
 440 clamorosas: a alma inteira de Judá abismava-se no resplendor
 do Santuário: e braços magros erguiam-se freneticamente para
 estreitar Jeová.

De repente Topsius colheu-me as rédeas da égua: e quási ao
 meu lado um homem com uma túnica cor de açafão, surgindo
 445 esgazeado de trás duma oliveira e brandindo uma espada, saltou
 para cima duma pedra e gritou desesperadamente:

— Homens de Galileia, acudi, e vós, homens de Nephtali!...

Peregrinos correram, erguendo os bastões: e as mulheres
 saíam das tendas, pálidas, apertando os filhos ao colo. O homem
 450 fazia tremer a espada no ar, todo ele tremia também: e outra vez
 bradou, desoladamente:

— Homens de Galileia, Rabi Jeschoua foi preso! Rabi Jeschoua
 foi levado a casa de Hannan, homens de Nephtali!

— D. Raposo, disse Topsius então, com os olhos faiscantes,
 455 o Homem foi preso, e compareceu já diante do Sanhedrin!...
 Depressa, depressa, amigo, a Jerusalém, a casa de Gamaliel!

E à hora em que no Templo se fazia a oferta do Perfume,
 quando o Sol já ia alto sobre o Hébron, Topsius e eu penetrámos,
 pela Porta do Pescado, a passo, numa rua da antiga Jerusalém.
 460 Era íngreme, tortuosa, poeirenta, com casas baixas e pobres de
 tijolo; sobre as portas, fechadas por uma correia, sobre as janelas
 esguias como fendas gradeadas, havia verduras e palmas entre-
 tecidas, fazendo ornatos de Páscoa. Nos terraços, rodeados de
 balaustradas, mulheres diligentes sacudiam os tapetes, joeiravam
 465 o trigo; outras, chalrando, penduravam lâmpadas de barro em
 festões para as iluminações rituais.

Ao nosso lado ia marchando fatigado um harpista egípcio,
 com uma pluma escarlata presa na peruca frisada, um pano branco
 envolvendo-lhe a cinta fina, os braços pesados de braceletes, e a

470 harpa às costas, recurva como uma foice e lavrada em flores de
lótus. Topsius perguntou-lhe se ele vinha de Alexandria. E ainda
se cantavam nas tabernas do Eunotos as cantigas da batalha de
Áccio. O homem logo, mostrando num riso triste os dentes lon-
gos, pousou a harpa, ia ferir os bordões... Picámos as éguas: e
475 assustámos duas mulheres cobertas de véus amarelos, com casais
de pombas enroladas na ponta do manto, que se apressavam
decerto para o Templo, airosas, ligeiras, fazendo retinir os guizos
das suas sandálias.

Aqui e além um lume caseiro ardia no meio da rua, com
480 trempes, caçarolas, donde saía um cheiro acre de alho: crianças de
ventre enorme que rolavam nuas pela poeira, roendo vorazmente
cascas de abóbora crua, ficavam pasmadas para nós, com grandes
olhos ramelosos onde fervilhavam moscas. Diante duma forja um
bando hirsuto de pastores de Moab esperavam enquanto dentro,
485 martelando num nimbo de chispas, os ferreiros lhes batiam ferros
novos para as lanças. Um negro, com um pente em forma de sol
toucando-lhe a carapinha, apregoava, num grito lúgubre, bolos de
centeio de feitios obscenos.

Calados, atravessámos uma praça, clara e lajeada, que andava
490 em obras. Ao fundo uma casa de banhos, moderna, uma terma
romana, estendia com ar de luxo e de ociosidade a longa arcada
do seu pórtico de granito: no pátio interior, por entre os plátanos
que o refrescavam, cujos ramos suspendiam velários de linho alvo,
corriam escravos nus, reluzentes de suor, levando vasos de essên-
cias e braçadas de flores; das aberturas gradeadas, ao rés das lajes,
495 saía um bafo mole de estufa que cheirava a rosa. E sob uma das
colunas vestibulares, onde uma lápide de ónix indicava a entrada
das mulheres, estava de pé, imóvel, ofertando-se aos votos como
um ídolo, uma criatura maravilhosa: sobre a sua face redonda,
500 duma brancura de Lua cheia, com lábios grossos, rubros de san-
gue, erguia-se a mitra amarela das prostitutas de Babilónia; dos
ombros fortes, por cima da tímida rijeza dos seios direitos, caía
em pregas duras de brocado uma dalmática negra radiantemente
recamada de ramagens cor de ouro. Na mão tinha uma flor de
505 cato; e as suas pálpebras pesadas, as pestanas densas, abriam-se e
fechavam-se em ritmo, ao mover onduloso dum leque que uma
escrava preta, agachada a seus pés, balançava cantando. Quando

os seus olhos se cerravam, tudo em redor parecia escurecer; e quando se levantava a negra cortina das suas pestanas, vinha
 510 dessa larga pupila um clarão, uma influência, como a do Sol do meio-dia no deserto que abrasa e vagamente entristece. E assim se ofertava, magnífica, com os seus grandes membros de mármore, a sua mitra fulva, lembrando os ritos de Astarte e de Adónis, lasciva e pontifical...

515 Toquei no braço de Topsius, murmurei, pálido:

— Caramba! Vou aos banhos!

Seco, empertigado na sua capa branca, ele voltou asperamente:

520 — Espera-nos Gamaliel, filho de Simeon. E a sabedoria dos Rabis lá disse que a mulher é o caminho da iniquidade!

E bruscamente penetrou numa lóbrega viela, toda abobadada: as patas das éguas, ferindo as lajes, acirraram contra nós uivos de cães, maldições de mendigos, amontoados juntos no escuro. Depois saltámos por uma brecha da antiga muralha de
 525 Ezekiah, passámos uma velha cisterna seca onde os lagartos dormiam: e trotando pela poeira solta duma longa rua, entre muros caiados que reluziam e portas besuntadas de alcatrão, parámos no alto diante duma entrada mais nobre, em arco, com uma grade baixa de arame que a defendia dos escorpiões. Era
 530 a casa de Gamaliel.

No meio dum vasto pátio ladrilhado, escaldando ao Sol, um limoeiro toldava a água clara dum tanque. Em volta, sobre pilastras de mármore verde, corria uma varanda, silenciosa e fresca, donde
 535 pendia aqui e além um tapete da Assíria com flores bordadas. Um puro azul brilhava no alto; — e ao canto, sob um alpendre, um negro, atrelado por cordas como uma alimária a uma barra de pau, calçado de ferraduras, vincado de cicatrizes, ia fazendo gemer e girar lentamente a grande mó de pedra do moinho doméstico.

No escuro duma porta apareceu um homem obeso, sem
 540 barba, quasi tão amarelo como a túnica lassa que o envolvia todo: tinha na mão uma vara de marfim e mal podia erguer as pálpebras moles.

— Teu amo? Gritou-lhe Topsius, desmontando.

545 — Entra, disse o homem numa voz fugidia e fina como silvo de cobra.

Por uma escadaria rica de granito negro chegámos a um patamar — onde pousavam dois candelabros, espigados como os arbustos de que reproduziam, em bronze, o tronco sem folhas: e entre eles estava de pé, diante de nós, Gamaliel, filho de Simeon. Era muito alto, muito magro; e a barba solta, lustrosa, perfumada, enchia-lhe o peito, onde brilhava um sinete de coral pendurado numa fita escarlata. O seu turbante branco, entremeado de fios de pérolas, descobria uma tira de pergaminho colada sobre a testa e cheia de textos sagrados: sob aquela alvura, os seus olhos encovados tinham um fulgor frio e duro. Uma longa túnica azul cobria-o até às sandálias, orlada de compridas franjas que arrastavam: e cosidas às mangas, enroladas nos pulsos, tinha ainda outras tiras de pergaminho onde negrejavam outras escrituras rituais.

Topsius saudou-o à moda do Egito, deixando cair lentamente a mão até à joelheira da sua calça de lustrina. Gamaliel alargou os braços e murmurou, como salmodiando:

— Entrai, sede bem-vindos, comi e regozijai-vos...

E atrás de Gamaliel, pisando um chão sonoro de mosaico, penetrámos numa sala onde se achavam três homens. Um, que se afastou da janela para nos acolher, era magnificamente belo, com longos cabelos castanhos, pendendo em anéis doces em torno dum pescoço forte, macio e branco como um mármore coríntio: na faixa negra que lhe apertava a túnica brilhava, com pedrarias, o punho de ouro dum espada curta. O outro, calvo, gordo, com uma face balofa sem sobrancelhas, e tão lívida que parecia coberta de farinha, ficara encruzado, embrulhado no seu manto cor de vinho, sobre um divã feito de correias — tendo uma almofada de púrpura debaixo de cada braço; e o seu gesto de acolhida foi mais distraído e desdenhoso do que a esmola que se atira ao estrangeiro. Mas Topsius quasi se prostrara, a beijar os seus sapatos redondos de couro amarelo, atados por fios de ouro — porque aquele era o venerando Osanias, da família pontifical de Beothos, ainda do sangue real de Aristobolus! O outro homem não o saudámos, nem ele também nos viu; estava agachado a um canto, com a face sumida no capuz dum túnica de linho mais alvo que

574: *No texto-base*: desdenhoso, do que

a neve fresca, como mergulhado numa oração: e só de vez em quando se movia, para limpar as mãos lentamente a uma toalha da fina brancura da túnica, que lhe pendia duma corda, apertada à cintura, grossa e cheia de nós, como as que cingem os monges.

585 No entanto, descalçando as luvas, eu examinava o teto da sala, todo de cedro, com labores retocados de escarlate. O azul liso e lustroso das paredes era como a continuação daquele céu de Oriente, quente e puro, que resplandecia através da janela, onde se destacava, pendido do muro, na plena luz, um ramo solitário
590 de madressilva. Sobre uma tripeça, incrustada de nácar, num incensador de bronze, fumegava uma resina aromática.

Mas Gamaliel aproximara-se — e depois de ter olhado duramente as minhas botas de montar disse com lentidão:

— A jornada do Jordão é longa, deveis vir esfomeados...

595 Murmurei polidamente uma recusa... E ele, grave como se recitasse um texto:

— A hora do meio-dia é a mais grata ao Senhor. José disse a Benjamim: «Tu comerás comigo ao meio-dia.» Mas a alegria do hóspede é também doce ao Muito Alto, ao Muito Forte... Estais
600 fracos, ides comer, para que a vossa alma me abençoe.

Bateu as palmas — um servo, com os cabelos apertados num diadema de metal, entrou trazendo um jarro cheio de água tépida que cheirava a rosa, onde eu purifiquei as mãos; outro ofereceu bolos de mel sobre viçosas folhas de parra; outro
605 verteu em taças de louça brilhante um vinho forte e negro de Emaús. E para que o hóspede não comesse só, Gamaliel partiu um gomo de romã, e com as pálpebras cerradas levou à beira dos lábios uma malga, onde boiavam pedaços de gelo entre flores de laranjeira.

610 — Pois agora, disse eu lambendo os dedos, tenho lastro até ao meio-dia...

— Que a tua alma se regozije!

597: No texto-base verifica-se oscilação entre José e Joseph, em particular no capítulo III e mesmo estando em causa a mesma personagem (José de Ramatha). Predominando claramente a primeira grafia, é essa que aqui se adota.

Acendi um cigarro, debrucei-me na janela. A casa de Gamaliel ficava num alto, decerto por trás do Templo, sobre a colina de Ophel: ali o ar era tão doce e macio, que só o sentir a sua carícia enchia de paz o coração. Por baixo corria a muralha nova erguida por Herodes o Grande; e para além floriam jardins e pomares dando sombra ao Vale da Fonte, e subindo até à colina, em que branquejava, calada e fresca, a aldeia de Siloeh. Por uma fenda, entre o monte do Escândalo e a colina dos Túmulos, eu via resplandecer o mar Morto como uma chapa de prata: as montanhas de Moab ondulavam depois, suaves, dum azul apenas mais denso que o do céu: e uma forma branca, que parecia tremer na vibração da luz, devia ser a cidadela de Makeros sobre o seu rochedo, nos confins da Idumeia. No terraço relvoso duma casa, ao pé das muralhas, uma figura imóvel, abrigada sob um alto guarda-sol franjado de guizos, olhava como eu para esses longes da Arábia: e ao lado uma rapariga, ligeira e delgada, com os braços nus erguidos, chamava um bando de pombas que esvoaçavam em redor. A túnica aberta descobria-lhe o seiozinho cheio de seiva: e era tão linda, morena e dourada pelo sol, que eu ia, no silêncio do ar, atirar-lhe um beijo... Mas recolhi, ouvindo Gamaliel que dizia, como o homem do manto cor de açafrão no Monte das Oliveiras: «Sim, esta noite, em Bethania, Rabi Jeschoua foi preso...»

Depois ajuntou, lento, com os olhos semicerrados, erguendo por entre os dedos os longos fios da barba:

— Mas Poncius teve um escrúpulo... Não quis julgar um homem de Galileia que é súbdito de Antipas Herodes... E como o Tetrarca veio à Páscoa a Jerusalém, Poncius mandou o Rabi à sua morada, a Bezetha...

Os doutos óculos de Topsius rebrilharam de espanto.

— Coisa estranha! Exclamou, abrindo os braços magros. Poncius escrupuloso, Poncius formalista! E desde quando respeita Poncius a judicatura do Tetrarca? Quantos pobres galileus não fez ele matar sem licença do Tetrarca, quando foi da revolta do aqueduto, quando espadas romanas, por ordem de Poncius, misturaram nos pátios do Templo o sangue dos homens de Nephtali ao sangue dos bois do Sacrifício!

Gamaliel murmurou sombriamente:

— O Romano é cruel, mas escravo da legalidade.

Então Osanias, filho de Beothos, disse com um sorriso mole e sem dentes, agitando de leve, sobre a púrpura das almofadas, as mãos resplandecentes de anéis:

— Ou talvez seja que a mulher de Poncius proteja o Rabi.

655 Gamaliel, surdamente, amaldiçoou o impudor da romana. E como os óculos de Topsius interrogavam o venerando Osanias ele admirou-se que o doutor ignorasse coisas tão conversadas no Templo, até pelos pastores que vêm da Idumeia vender os cordeiros da Oferenda. Sempre que o Rabi pregava nos Pórticos
660 de Salomão, do lado da Porta de Susa, Cláudia vinha vê-lo do alto do terraço da Torre Antónia, só, envolta num véu negro... Menahem, que guardava no mês de Tebeth a Escadaria dos Gentios, vira a mulher de Poncius acenar com o véu ao Rabi. E talvez Cláudia, saciada de Capreia, de todos os cocheiros do
665 Circo, de todos os histriões de Suburra, e dos brinquedos de Atalanta que fizeram perder a voz ao cantor Accius, quisesse provar, vindo à Síria, a que sabiam os beijos dum Profeta de Galileia...

670 O homem vestido de linho alvo ergueu bruscamente a face, sacudindo o capuz de sobre os cabelos revoltos: o seu largo olhar azul fulgurou por toda a sala, num relâmpago, e apagou-se logo, sob a humildade grave das pestanas que se baixaram... Depois murmurou, lento e severo:

— Osanias, o Rabi é casto!

675 O velho riu, pesadamente. Casto, o Rabi! E então essa galileia de Magdala, que vivera no bairro de Bezetha, e nas festas do Prurim se misturava com as prostitutas gregas às portas do teatro de Herodes?... E Joana, a mulher de Khosna, um dos cozinheiros de Antipas? E outra de Ephrain, Susana, que uma
680 noite, a um gesto do Rabi, a um aceno do seu desejo, deixara o tear, deixara os filhos, e com o pecúlio doméstico, escondido na ponta do manto, o seguira até Cesareia ...?

685 — Oh Osanias! Gritou, batendo palmas folgazãs, o homem formoso que tinha uma espada com pedrarias. Oh filho de Beothos, como tu conheces, uma a uma, as incontínuas dum Rabi galileu, filho das ervas do chão e mais miserável que elas! Nem que se tratasse de Elius Lamma, nosso Legado imperial, que o Senhor cubra de males!

Os olhos de Osanias, miudinhos como duas contas de vidro negro, reluziram de agudeza e malícia.

— Oh Manassés! É para que vós outros, os patriotas, os puros herdeiros de Judas de Galaunitida, não nos acuseis sempre, a nós saduceus, de saber só o que se passa no Átrio dos Sacerdotes e nos eirados da casa de Hannan...

Uma tosse rouca reteve-o um espaço, sufocando, sob a ponta do manto em que vivamente se embuçara. Depois, mais quebrado, com laivos roxos na face farinhenta:

— Que em verdade foi justamente na casa de Hannan que ouvimos isto a Menahem, passeando todos debaixo da vinha... E mesmo nos contou ele que esse Rabi de Galileia chegava, no seu impudor, a tocar fêmeas pagãs, e outras mais impuras que o porco... Um levita viu-o, na estrada de Sichem, erguer-se afogueado, de trás da borda dum poço, com uma mulher da Samaria!

O homem coberto de alvo linho ergueu-se dum salto, todo direito e trémulo; e no grito que lhe escapou havia o horror de quem surpreende a profanação dum altar!

Mas Gamaliel, com uma seca autoridade, cravou nele os olhos duros:

— Oh Gad, aos 30 anos o Rabi não é casado! Qual é o seu trabalho? Onde está o campo que lavra? Alguém jamais conheceu a sua vinha? Vagabundeia pelos caminhos, e vive do que lhe ofertam essas mulheres dissolutas! E que outra coisa fazem esses moços sem barba de Síbaris e de Lesbos, que passeiam todo o dia na Via Judiciária, e que vós outros, Essénios, abominais de tal sorte, que correis a lavar as vestes numa cisterna se um deles roça por vós?... Tu ouviste Osanias, filho de Beothos... Só Jeová é grande! E em verdade te digo que quando Rabi Jeschoua, desprezando a Lei, dá à mulher adúltera um perdão que tanto cativa os simples, cede à frouxidão da sua moral e não à abundância da sua misericórdia!

Com a face abrasada, e atirando os braços ao ar, Gad bradou:

— Mas o Rabi faz milagres!

E foi o formoso Manassés, com um sereno desdém, que respondeu ao essénio:

— Sossega, Gad, outros têm feito milagres! Simão de Samaria fez milagres. Fê-los Apollonius, e fê-los Gabienus... E que são

os prodígios do teu galileu comparados aos das filhas do Grão-Sacerdote Anius e aos do Sábio Rabi Chekiná?

E Osanias escarnecia a simpleza de Gad:

730 — Em verdade, que aprendeis vós outros, Essênios, no vosso oásis de Engaddi? Milagres! Milagres até os pagãos os fazem! Vai a Alexandria, ao porto do Eunotos, para a direita, onde estão as fábricas de papiros, e vêis lá Magos fazendo milagres por um dracma, que é o preço dum dia de trabalho.
735 Se o milagre prova a divindade, então é divino o peixe Oannes, que tem barbatanas de nácar e prega nas margens do Eufrates, em noites de Lua cheia!

Gad sorria com altivez e doçura. A sua indignação expirara sob a imensidão do seu desdém. Deu um passo vagaroso,
740 depois outro, — e considerando, apiedadamente, aqueles homens enfatuados, endurecidos e cheios de irrisão:

— Vós dizeis, vós dizeis, vãos à maneira de moscardos que zumbem! Vós dizeis, e vós não o ouvistes! Em Galileia, que é bem fértil, bem verde, quando ele falava era como se corresse
745 uma fonte de leite em terra de fome e segura: até a luz parecia um bem maior! As águas, no lago de Tiberíade, amansavam para o escutar; e aos olhos das crianças que o rodeavam subia a gravidade dum Fé já madura... Ele falava: e como pombas que desdobram as asas e voam da porta dum santuário, nós víamos
750 desprender-se dos seus lábios, irem voar por sobre as nações do mundo toda a sorte de coisas nobres e santas, a Caridade, a Fraternidade, a Justiça, a Misericórdia, e as formas novas, belas, divinamente belas, do Amor!

A sua face resplandecia, enlevada para os céus, como seguindo
755 o voo dessas novas divinas. Mas já do lado, Gamaliel, Doutor da Lei, o rebatia com uma dura autoridade:

— Que há de original e de individual em todas essas ideias, homem? Pensas que o Rabi as tirou da abundância do seu coração? Está cheia delas a nossa Doutrina!... Queres ouvir falar de
760 Amor, de Caridade, de Igualdade? Lê o livro de Jesus, filho de Sidrah... Tudo isso o pregou Hillel, tudo isso o disse Schemaia! Coisas tão justas se encontram nos livros pagãos, que são, ao pé dos nossos, como o lodo ao pé da água pura de Siloeh!... Vós mesmos os Essênios tendes preceitos melhores!... Os Rabis de

765 Babilónia, de Alexandria, ensinaram sempre Leis puras de Justiça e de Igualdade! E ensinou-as o teu amigo Iokanan, a quem chamais o Baptista, que lá acabou tão miseravelmente num ergástulo de Makeros...

— Iokanan! Exclamou Gad, estremecendo, como rudemente acordado da suavidade dum sonho.

Os seus olhos brilhantes humedeceram. Três vezes, curvado para o chão, com os braços abertos, repetiu o nome de Iokanan, como chamando alguém de entre os mortos. Depois, com duas lágrimas rolando pela barba, murmurou muito baixo, numa confidência que o enchia de terror e de Fé:

— Fui eu que subi a Makeros a buscar a cabeça do Baptista! E quando descia o caminho, com ela embrulhada no meu manto, ainda a outra, Herodíade, estirada por sobre a muralha como a fêmea lasciva do tigre, rugia e me gritava injúrias!... Três dias e três noites segui pelas estradas de Galileia, levando a cabeça do justo pendurada pelos cabelos... Às vezes, de trás dum rochedo, um anjo surgia todo coberto de negro, abria as asas e punha-se a caminhar ao meu lado...

De novo a cabeça lhe pendeu, os seus duros joelhos ressoaram nas lajes: e ficou prostrado, orando ansiosamente, com os braços estendidos em cruz.

Então Gamaliel adiantou-se para o sábio Topsius; e, mais direito que uma coluna do Templo, com os cotovelos colados à cinta, as mãos magras espalmadas para fora:

— Nós temos uma Lei, a nossa Lei é clara. Ela é a palavra do Senhor; e o Senhor disse: «Eu sou Jeová, o eterno, o primeiro e o último, o que não transmite a outros nem o seu nome, nem a sua glória: antes de mim não houve Deus algum, não existe Deus algum ao meu lado, não haverá Deus algum depois de mim...» Esta é a voz do Senhor. E o Senhor disse ainda: «Se pois entre vós aparecer um Profeta, um visionário que faça milagres e queira introduzir outro Deus e chame os simples ao culto desse Deus, — esse Profeta e visionário morrerá!» Esta é a Lei, esta é a voz do Senhor. Ora o Rabi de Nazaré proclamou-se Deus em Galileia, nas sinagogas, nas ruas de Jerusalém, nos pátios santos do Templo... O Rabi deve morrer.

805 Mas o formoso Manassés, cujo lânguido olhar entenebrecia como um céu onde vai trovejar, interpôs-se entre o Doutor da Lei e o Historiador dos Herodes. E nobremente repeliu a letra cruel da Doutrina:

— Não, não! Que importa que a lâmpada dum sepulcro diga que é o Sol? Que importa que um homem abra os braços e grite que é um Deus? As nossas Leis são suaves: por tão pouco não se vai buscar o carrasco ao seu covil a Gareb...

810 Eu, caridoso, ia louvar Manassés. Mas já ele bradava com violência e fervor:

— Todavia esse Rabi de Galileia deve decerto morrer, porque é um mau cidadão e um mau judeu! Não o ouvimos nós aconselhar que se pague o tributo a César? O Rabi estende a mão a 815 Roma, o Romano não é o seu inimigo. Há três anos que prega, e ninguém jamais lhe ouviu proclamar a necessidade santa de expulsar o Estrangeiro. Nós esperamos um Messias que traga uma espada e liberte Israel, e este, néscio e verboso, declara que traz só o *pão da verdade!* Quando há um pretor romano em Jerusalém, quando são lanças romanas que velam às portas do nosso Deus, a que vem esse visionário falar do pão do Céu e do vinho da verdade? 820 A única verdade útil é que não deve haver romanos em Jerusalém!...

825 Osanias, inquieto, olhou a janela cheia de luz, por onde as ameaças de Manassés se evolavam, vibrantes e livres. Gamaliel sorria friamente. E o discípulo ardente de Judas de Gamala clamava, arrebatado na sua paixão:

— Oh! Em verdade vos digo, embalar as almas na esperança do Reino do Céu é fazer-lhes esquecer o dever forte para com o Reino 830 da Terra, para esta terra de Israel que está em ferros, e chora e não quer ser consolada! O Rabi é traidor à pátria! O Rabi deve morrer!

Trémulo, agarrara a espada: e o seu olhar alargava-se, com uma fulguração de revolta, como chamando avidamente os combates e a glória dos suplícios.

835 Então Osanias ergueu-se apoiado a um bastão que rematava numa pinha de ouro. Um penoso cuidado parecia agora anuviar a

829-830: *Em Reino da Terra, opta-se pelas maiúsculas (em vez de reino da Terra), por similitude com Reino do Céu.*

sua velhice leviana. E começou a dizer, de manso e tristemente, como quem através do Entusiasmo e da Doutrina aponta o mandado iniludível da Necessidade:

840 — Decerto, decerto, pouco importa que um visionário se diga Messias e filho de Deus, ameace destruir a Lei e destruir o Templo. O Templo e a Lei podem bem sorrir e perdoar, certos da sua eternidade... Mas, ó Manassés, as nossas Leis são suaves; e não creio que se deva ir acordar o carrasco a Gareb, porque um
845 Rabi de Galileia, que se lembra dos filhos de Judas de Gamala pregados na cruz, aconselha prudência e malícia nas relações com o Romano! Ó Manassés, robustas são as tuas mãos: mas podes tu com elas desviar a corrente do Jordão da terra de Canaã para a terra da Trakaunitida? Não. Nem podes também impedir que
850 as legiões de César, que cobriram as cidades da Grécia, venham cobrir o país de Judá! Sábio e forte era Judas Macabeu, e fez amizade com Roma... Porque Roma é sobre a Terra como um grande vento da Natureza; quando ele vem, o insensato oferece-lhe o peito e é derrubado; mas o homem prudente recolhe à sua
855 morada e está quieto. Indomável era a Galácia; Filipe e Perseu tinham exércitos na planície; Antiochus o Grande comandava cento e vinte elefantes e carros de guerra inumeráveis... Roma passou; deles que resta? Escravos, pagando tributos...

860 Curvara-se, pesadamente, como um boi sob o jugo. Depois, fixando sobre nós os olhos miúdos que dardejavam um brilho inexorável e frio, prosseguiu, sempre de manso e subtil:

865 — Mas em verdade vos digo que esse Rabi de Galileia deve morrer! Porque é o dever do homem que tem bens na Terra e searas apagar depressa com a sandália, sobre as lajes da eira, a fagulha que ameaça inflamar-lhe a meda... Com o Romano em Jerusalém, todo aquele que venha e se proclame Messias, como o de Galileia, é nocivo e perigoso para Israel. O Romano não compreende o Reino do Céu que ele promete: mas vê que essas
870 prédicas, essas exaltações divinas agitam sombriamente o povo dentro dos Pórticos do Templo... E então diz: «Na verdade este Templo, com o seu ouro, as suas multidões, e tanto zelo, é um perigo para a autoridade de César na Judeia...» E logo, lentamente, anula a força do Templo diminuindo a riqueza, os privilégios do seu sacerdócio. Já para nossa humilhação, as vestes pontificais são

875 guardadas no erário da Torre Antónia: amanhã será o Candelabro
de ouro! Já o Pretor usou, para nos empobrecer, o dinheiro do
Corban! Amanhã os dizimos da colheita, o dos gados, o dinheiro
da oferenda, o óbolo das trombetas, os tributos rituais, todos os
880 haveres do sacerdócio, até as viandas dos sacrifícios, nada será
nosso, tudo será do Romano! E só nos ficará o bordão para irmos
mendigar nas estradas de Samaria, à espera dos mercadores ricos
da Decápole... Em verdade vos digo, se quisermos conservar
as honras e os tesouros, que são nossos pela antiga Lei, e que
885 fazem o esplendor de Israel, devemos mostrar ao Romano, que
nos vigia, um Templo quieto, policiado, submisso, contente, sem
fervores e sem Messias!... O Rabi deve morrer!

Assim diante de mim falou Osanias, filho de Beothos, e
membro do Sanhedrin.

890 Então o magro Historiador dos Herodes, cruzando com reve-
rência as mãos sobre o peito, saudou três vezes aqueles homens
facundos. Gad, imóvel, orava. No azul da janela uma abelha cor
de ouro zumbia em torno da flor de madressilva. E Topsius dizia
com pompa:

— Homens que me haveis acolhido, a verdade abunda nos
895 vossos espíritos como a uva abunda nas videiras! Vós sois três
torres que guardais Israel entre as nações: uma defende a unidade
da Religião, outra mantém o entusiasmo da Pátria: e a terceira,
que és tu, venerando filho de Beothos, cauto e ondeante como
a serpente que amava Salomão, protege uma coisa mais preciosa
900 que é a Ordem!... Vós sois três torres: e contra cada uma o Rabi
de Galileia ergue o braço e lança a primeira pedrada! Mas vós
guardais Israel e o seu Deus e os seus bens, e não vos deveis
deixar derrocar!... Em verdade, agora o reconheço, Jesus e o
judaísmo nunca poderiam viver juntos.

905 E Gamaliel, com o gesto de quem quebra uma vara frágil,
disse, mostrando os dentes brancos:

— Por isso o crucificamos!

Foi como uma faca acerada que, lampejando e silvando, se
viesses cravar no meu peito! Arrebatei, sufocado, a manga do
910 douto Historiador:

— Topsius! Topsius! Quem é esse Rabi que pregava em
Galileia, e faz milagres e vai ser crucificado?

O sábio doutor arregalou os olhos com tanto pasmo, como se eu lhe perguntasse qual era o astro que dalém dos montes traz a luz da manhã. Depois, secamente:

— Rabi Jeschoua bar José, que veio de Nazaré em Galileia, a quem alguns chamam Jesus e outros também chamam o Cristo.

— O nosso! Gritei, vacilando, como um homem atordoado.

E os meus joelhos católicos quási bateram as lajes, num impulso de ficar ali caído, enrodilhado no meu pavor, rezando desesperadamente e para sempre. Mas logo como uma labareda chamejou por todo o meu ser o desejo de correr ao seu encontro e pôr os meus olhos mortais no corpo do meu Senhor, no seu corpo humano e real, vestido do linho de que os homens se vestem, coberto com o pó que levantam os caminhos humanos!... E ao mesmo tempo, mais do que treme a folha num áspero vento, tremia a minha alma num terror sombrio — o terror do servo negligente diante do amo justo! Estava eu bastante purificado com jejuns e terços para afrontar a face fulgurante do meu Deus? Não! Oh mesquinha e amarga deficiência da minha devoção! Eu não beijara jamais, com suficiente amor, o seu pé dorido e roxo na sua igreja da Graça! Ai de mim! Quantos domingos, nesses tempos carnavais em que a Adélia, sol da minha vida, me esperava na Travessa dos Caldas, fumando e em camisa — não maldissera eu a lentição das Missas e a monotonia dos Septenários! E sendo assim do crânio à sola dos pés uma crosta de pecado, como poderia meu corpo não tombar, já réprobo, já tisonado, quando os dois globos dos olhos do Senhor, como duas metades do céu, se voltassem vagarosamente para mim?

Mas *ver* Jesus! Ver como eram os seus cabelos, que pregas fazia a sua túnica, e o que acontecia na Terra quando os seus lábios se abriam!... Para além desses eirados onde as mulheres atiravam grão às pombas; numa dessas ruas donde me chegava claro e cantado o pregão dos vendedores de pães ázimos — ia passando talvez nesse temeroso instante, entre barbudos, graves soldados romanos, Jesus, meu Salvador, com uma corda amarrada nas mãos. A lenta aragem que balançava na janela o ramo de madressilva, e lhe avivava o aroma, acabava talvez de roçar a fronte do meu Deus, já ensanguentada de espinhos! Era só empurrar

aquela porta de cedro, atravessar o pátio onde gemia a mó do moinho doméstico, — e logo, na rua, eu poderia *ver* presente e corpóreo o meu Senhor Jesus tão realmente e tão bem como o viram S. João e S. Mateus. Seguiria a sua sacra sombra no muro
 955 branco — onde cairia também a minha sombra. Na mesma poeira que as minhas solas pisassem — beijaria a pegada ainda quente dos seus pés! E abafando com ambas as mãos o barulho do meu coração, — eu poderia surpreender, saído da sua boca inefável, um ai, um soluço, um queixume, uma promessa! Eu saberia então
 960 uma palavra nova do Cristo, não escrita no Evangelho; — e só eu teria o direito pontifical de a repetir às multidões prostradas. A minha autoridade surgia, na Igreja, como a dum Testamento novíssimo. Eu era uma testemunha inédita da Paixão. Tornava-me S. Teodorico Evangelista!

965 Então, com uma desesperada ansiedade que espantou aqueles Orientais de maneiras mesuradas, eu gritei:

— Onde o posso ver? Onde está Jesus de Nazaré, meu Senhor?

Nesse momento um escravo, correndo na ponta leve das sandálias, veio cair de bruços nas lajes, diante de Gamaliel; beijava-lhe
 970 as franjas da túnica, as suas costelas magras arquejavam; por fim murmurou, exausto:

— Amo, o Rabi está no Pretório!

Gad emergiu da sua oração com um salto de fera, apertou em torno dos rins a corda de nós, e correu arrebatadamente, com o
 975 capuz solto, espalhando em redor o sulco louro dos seus cabelos revoltos. Topsius traçara a sua capa branca, com essas pregas de toga latina que lhe davam a solenidade dum mármore; e tendo comparado a hospitalidade de Gamaliel à de Abraão, bradou-me triunfantemente:

980 — Ao Pretório!

Muito tempo segui Topsius através da antiga Jerusalém, numa caminhada ofegante, todo perdido no tumulto dos meus pensamentos. Passámos junto a um jardim de rosas, do tempo dos Profetas, esplêndido e silencioso, que dois levitas guardavam
 985 com lanças douradas. Depois foi uma rua fresca, toda aromatizada pelas lojas dos perfumistas, ornadas de tabuletas em forma de flores e de almofarizes: um toldo de esteiras finas assombreada as

portas, o chão estava regado e juncado de erva-doce e de folhas
 de anémonas: e pela sombra preguiçavam moços lânguidos, de
 990 cabelos frisados em cachos, de olheiras pintadas, mal podendo
 erguer, nas mãos pesadas de anéis, as sedas roçagantes das túnicas
 cor de cereja e cor de ouro. Além dessa rua indolente abria-se
 uma praça, que escaldava ao Sol, com uma poeira grossa e branca,
 onde os pés se enterravam: solitária, no meio, uma vetusta palmeira
 995 arqueava o seu penacho, imóvel e como de bronze: e ao fundo,
 negrejavam na luz as colunatas de granito do velho palácio de
 Herodes. Aí era o Pretório.

Defronte do arco de entrada, onde rondavam, com plu-
 mas pretas no elmo reluzente, dois legionários da Síria — um
 1000 bando de raparigas, tendo detrás da orelha uma rosa e no
 regaço coifas de esparto, apregoavam os pães ázimos. Sob um
 enorme guarda-sol de penas, cravado no chão, homens de mitra
 de feltro, com tábuas sobre os joelhos e balanças, trocavam a
 moeda romana. E os vendedores de água, com os seus odres
 1005 felpudos, lançavam um grito trémulo. Entrámos: e logo um
 terror me envolveu.

Era um claro pátio, aberto sob o azul, lajeado de mármore,
 tendo de cada lado uma arcada, elevada em terraço, com para-
 peito, fresca e sonora como um claustro de mosteiro. Da arcaria
 1010 ao fundo, encimada pela frontaria austera do palácio, estendia-
 -se um velário, dum estofado escarlate franjado de ouro, fazendo
 uma sombra quadrada e dura: dois mastros de pau de sicômoro
 sustentavam-no, rematados por uma flor de lótus.

Aí apertava-se um magote de gente — onde se confundiam as
 1015 túnicas dos Fariseus orladas de azul, o rude saião de estamena dos
 obreiros apertado com um cinto de couro, os vastos albornozes
 listrados de cinzento e branco dos homens de Galileia, e a capa
 carmesim de grande capuz dos mercadores de Tiberíade; algumas
 1020 mulheres, já fora do abrigo do velário, alçavam-se na ponta das
 chinelas amarelas, estendendo por cima do rosto, contra o sol,
 uma dobra do manto ligeiro: e daquela multidão saía um cheiro
 morno de suor e de mirra. Para além, por cima dos turbantes
 alvos apinhados, brilhavam pontas de lança. E ao fundo, sobre
 um sólio, um homem, um magistrado, envolto nas pregas nobres
 1025 duma toga pretexta, e mais imóvel que um mármore, apoiava sobre

o punho forte a barba densa e grisalha: os seus olhos encovados pareciam indolentemente adormecidos: uma fita escarlate prendia-lhe os cabelos: e por trás, sobre um pedestal que fazia espaldar à sua Cadeira Curul, a figura de bronze da Loba Romana abria
 1030 de través a goela voraz. Perguntei a Topsius quem era aquele magistrado melancólico.

— Um certo Poncius, chamado Pilatos, que foi prefeito em Batávia.

Lentamente caminhei pelo pátio, procurando, como num
 1035 templo, fazer mais subtil e respeitoso o ruído das minhas solas. Um grave silêncio caía do céu rutilante: só, por vezes, rompia do lado dos jardins, áspero e triste, o gritar dos pavões. Estendidos no chão, junto à balaustrada do claustro, negros dormitavam com a barriga ao sol. Uma velha contava moedas de cobre, acorada
 1040 diante do seu gigo de fruta. Em andaimes, postos contra uma coluna, havia trabalhadores compondo o telhado. E crianças, a um canto, jogavam com discos de ferro que tiniam de leve nas lajes.

Subitamente, alguém familiar tocou no ombro do Historiador dos Herodes. Era o formoso Manassés; e com ele vinha um
 1045 velho magnífico, duma nobreza de Pontífice, a quem Topsius beijou filialmente a manga da simarra branca, bordada de verdes folhas de parra. Uma barba de neve, lustrosa de óleo, caía-lhe até à faixa que o cingia; e os ombros largos desapareciam sob a esparsa abundância dos cabelos alvos, saindo do turbante como
 1050 uma pura romeira de arminhos reais. Uma das mãos, cheia de anéis, apoiava-se a um forte bastão de marfim; e a outra conduzia uma criança pálida, que tinha os olhos mais belos que estrelas, e semelhava junto ao ancião um lírio à sombra dum cedro.

— Subi à galeria, disse-nos Manassés. Tereis lá repouso e
 1055 frescura...

Seguimos o Patriota; e eu perguntei cautelosamente a Topsius quem era o outro tão velho, tão agosto.

— Rabi Robam, murmurou com veneração o meu douto amigo. Uma luz do Sanhedrin, facundo e subtil entre todos, e
 1060 confidente de Kaipha...

1046: simarra: *conforme o texto-base. O mesmo que samarra.*

Reverente, saudei três vezes Rabi Robam — que se sentara num banco de mármore, pensativo, aconchegando sobre o seu vasto peito ancestral a cabeça da criança mais loura que os milhos de Joppé. Depois continuámos devagar pela galeria sonora e clara: na sua extremidade brilhava uma porta sumptuosa de cedro com chapas de prata lavradas: um Pretoriano de Cesareia guardava-a, sonolento, encostado ao seu alto escudo de vime. Aí, comovido, caminhei para o parapeito: e logo meus olhos mortais encontraram lá em baixo a forma encarnada do meu Deus!

Mas, oh rara surpresa da alma variável, não senti êxtases nem terror! Era como se de repente me tivessem fugido da memória longos, laboriosos séculos de História e de Religião. Nem pensei que aquele homem seco e moreno fosse o Remidor da Humanidade... Achei-me inexplicavelmente anterior nos tempos. Eu já não era Teodorico Raposo, cristão e bacharel: a minha individualidade como que a perdera, à maneira dum manto que escorrega, nessa carreira ansiosa desde a casa de Gamaliel. Toda a antiguidade das coisas ambientes me penetrara, me refizera um *ser*; eu era também um antigo. Era Teodoricus, um Lusitano, que viera numa galera das praias ressoantes do Promontório Magno, e viajava, sendo Tibério imperador, em terras tributárias de Roma. E aquele homem não era Jesus, nem Cristo, nem Messias, — mas apenas um moço de Galileia que, cheio dum grande sonho, desce da sua verde aldeia para transfigurar todo um mundo e renovar todo um céu, e encontra a uma esquina um Nethenim do Templo que o amarra e o traz ao Pretor, numa manhã de audiência, entre um ladrão que roubara na estrada de Sichem e outro que atirara facadas numa rixa em Emath!

Num espaço ladrilhado de mosaico, em face do sólio onde se erguia o Assento Curul do Pretor sob a Loba Romana — Jesus estava de pé, com as mãos cruzadas e frouxamente ligadas por uma corda que rojava no chão. Um largo albornoz de lã grossa, em riscas pardas, orlado de franjas azuis, cobria-o até aos pés, calçados de sandálias já gastas pelos caminhos do deserto e atadas com correias. Não lhe ensanguentava a cabeça essa coroa inumana de espinhos, de que eu lera nos Evangelhos; tinha um turbante branco, feito duma longa faixa de linho enrolada, cujas pontas lhe pendiam de cada lado sobre os ombros; um cordel amarrava-lho

1100 por baixo da barba encaracolada e aguda. Os cabelos secos, pas-
sados por trás das orelhas, caíam-lhe em anéis pelas costas; e no
rosto magro, requemado, sob sobrancelhas densas, unidas num
só traço, negrejava com uma profundidade infinita o resplendor
dos seus olhos. Não se movia, forte e sereno diante do Pretor.
1105 Só algum estremecimento das mãos presas traía o tumulto do seu
coração; e às vezes respirava longamente, como se o seu peito,
acostumado aos livres e claros ares dos montes e dos lagos de
Galileia, sufocasse entre aqueles mármore, sob o pesado velário
romano, na estreiteza formalista da Lei.

A um lado, Sareias, o vogal do Sanhedrin, tendo deposto
1110 no chão o seu manto e o seu báculo dourado, ia desenrolando
e lendo uma tira escura de pergaminho, num murmúrio cantado
e dormente. Sentado num escabelo, o Assessor romano, sufo-
cado pelo calor já áspero do mês de Nizam, refrescava com um
leque de folhas de heras secas a face rapada e branca como um
1115 gesso: um escriba, velho e nédio, numa mesa de pedra cheia
de tabulários e de regras de chumbo, aguçava miudamente os
seus cálamos: e entre ambos o intérprete, um fenício imberbe,
sorria com a face no ar, com as mãos na cinta, arqueando o
peito onde trazia pintado sobre a jaqueta de linho um papagaio
1120 vermelho. Em torno ao velário, constantemente voavam pombas.
E foi assim que eu vi Jesus de Galileia preso, diante do Pretor
de Roma...

No entanto Sareias, tendo enrolado em torno à haste de ferro
o pergaminho escuro, saudou Pilatos, beijou um sinete sobre o
1125 dedo para marcar nos seus lábios o selo da verdade, — e ime-
diatamente encetou uma arenga em grego, com textos, verbosa e
aduladora. Falava do Tretarca de Galileia, o nobre Antipas; louvava
a sua prudência; celebrava seu pai Herodes o Grande, restaurador
do Templo... A glória de Herodes enchia a Terra; fora terrível,
1130 sempre fiel aos Césares; seu filho Antipas era engenhoso e forte!...
Mas reconhecendo a sua sabedoria ele estranhava que o Tetrarca
se recusasse a confirmar a sentença do Sanhedrin que condenava
Jesus à morte... Não fora essa sentença fundada nas Leis que dera
o Senhor? O justo Hannan interrogara o Rabi, que emudecera,
1135 num silêncio ultrajante. Era essa a maneira de responder ao sábio,
ao puro, ao piedoso Hannan? Por isso um zeloso, sem se conter,

atirara a mão violenta à face do Rabi... Onde estava o respeito dos antigos tempos, e a veneração do Pontificado?

1140 A sua voz cava e larga rolava, infundavelmente. Eu, cansado, bocejava. Por baixo de nós dois homens encruzados nas lajes comiam tâmaras de Bethabara que traziam no saião, bebendo duma cabaca. Pilatos, com o punho sob a barba, olhava sonolentemente os seus borzeguins escarlates picados de estrelas de ouro.

1145 E Sareias agora proclamava os direitos do Templo. Ele era o orgulho da nação, a morada eleita do Senhor! César Augusto ofertara-lhe escudos e vasos de ouro... E esse Templo, como o respeitara o Rabi? Ameaçando destruí-lo! «Eu derrocarei o Templo de Jeová e edificá-lo-ei em três dias!» Testemunhas puras ouvindo esta rude impiedade tinham coberto a cabeça de cinza para afastar a cólera do Senhor... Ora a blasfêmia atirada
1150 ao Santuário ressaltava até ao seio de Deus!...

Sob o velário, os Fariseus, os Escribas, os Nethenins do Templo, escravos sórdidos, sussurravam como arbustos agrestes que um vento começa a agitar. E Jesus permanecia imóvel, abstraidamente indiferente, com os olhos cerrados, como para isolar
1155 melhor o seu sonho contínuo e formoso, longe das coisas duras e vãs que o maculavam. Então o Assessor romano ergueu-se, depôs no escabelo o seu leque de folhas, traçou com arte o manto forense, orlado de azul, saudou três vezes o Pretor, — e a sua
1160 mão delicada começou a ondear no ar, fazendo cintilar uma joia.

— Que diz ele?...

— Coisas infinitamente hábeis, murmurou Topsisus. É um pedante, mas tem razão. Diz que o Pretor não é um judeu; que nada sabe de Jeová, nem lhe importam os Profetas que se erguem
1165 contra Jeová; e que a espada de César não vinga Deuses que não protegem César!... O Romano é engenhoso!

Ofegando, o Assessor recaiu languidamente no escabelo. E logo Sareias voltou a arengar, sacudindo os braços para a multi-
1170 dão dos Fariseus, como a evocar os seus protestos, e refugiando-se na sua força. Agora, mais retumbante, acusava Jesus, não da sua revolta contra Jeová e o Templo, mas das suas pretensões como

1148: *No texto-base: templo*

príncipe da casa de David! Toda a gente em Jerusalém o tinha visto, havia quatro dias, entrar pela Porta de Ouro, num falso triunfo, entre palmas verdes, cercado duma multidão de galileus, que gritavam — «Hossana ao filho de David, Hossana ao rei de Israel!...»

1175 — Ele é o filho de David, que vem para nos tornar melhores! Gritou ao longe a voz de Gad, cheia de persuasão e de amor.

Mas de repente Sareias colou ao corpo as mangas franjadas, mudo e mais teso que um conto de lança: o escriba romano, de pé, com os punhos fincados na mesa, vergava o cachaço reverente e nédio: o

1180 Assessor sorria, atento. Era o Pretor que ia interrogar o Rabi: e eu, tremendo, vi um legionário empurrar Jesus, que ergueu a face...
Debruçado de leve para o Rabi, com as mãos abertas que pareciam soltar, deixar cair todo o interesse por esse pleito ritual

1185 de sectários arguciosos, Poncius murmurou, enfasiado e incerto:
— És tu então o Rei dos Judeus?... Os da tua nação trazem-te aqui!... Que fizeste tu?... Onde é o teu reino?

O intérprete, enfatuado, perfilado junto ao sólio de mármore, repetiu muito alto estas coisas na antiga língua hebraica dos Livros Santos: e, como o Rabi permanecia silencioso, gritou-as na fala caldaica que se usa em Galileia.

1190 Então Jesus deu um passo. Eu ouvi a sua voz. Era clara, segura, dominadora e serena:

— O meu reino não é daqui! Se por vontade de meu Pai eu fosse rei de Israel, não estaria diante de ti com esta corda nas mãos... Mas o meu reino não é deste mundo!

Um grito estrugiu, desesperado:

— Tirai-o então deste mundo!

E logo, como lenha preparada que uma faísca inflama, o furor dos Fariseus e dos serventes do Templo irrompeu, crepitando, em clamores impacientes:

— Crucificai-o! Crucificai-o!

Pomposamente o intérprete redizia em grego ao Pretor os brados tumultuosos, lançados na língua siríaca que fala o povo em Judeia...
1205 Poncius bateu o borzeguim sobre o mármore. Os dois lictores ergueram ao ar as varas rematadas numa figura de águia: o escriba

1182: *No texto-base:* Jesus que

gritou o nome de Caio Tibério: e logo os braços frementes se abaixaram, e foi como um terror diante da majestade do povo romano.

De novo Poncius falou, lento e vago:

1210 — Dizes então que és rei... E que vens tu fazer aqui?

Jesus deu outro passo para o Pretor. A sua sandália pousou fortemente sobre as lajes como se tomasse posse suprema da Terra. E o que saiu dos seus lábios trémulos pareceu-me fulgurar, vivo no ar, como o resplendor que dos seus olhos negros saiu.

1215 — Eu vim a este mundo testemunhar a verdade! Quem desejar a verdade, quem quiser pertencer à verdade, tem de escutar a minha voz!

Pilatos considerou-o um momento, pensativo; depois encolhendo os ombros:

1220 — Mas, homem, o que é a verdade?

Jesus de Nazaré emudeceu — e no Pretório espalhou-se um silêncio como se todos os corações tivessem parado, cheios subitamente de incerteza...

1225 Então, apanhando devagar a sua vasta toga, Pilatos desceu os quatro degraus de bronze; — e precedido dos lictores, seguido do Assessor, penetrou no palácio, por entre o rumor de armas dos legionários que o saudavam batendo o ferro das lanças sobre o bronze dos escudos.

1230 Imediatamente elevou-se por todo o pátio um áspero e ardente sussurro como de abelhas irritadas. Sareias perorava, brandindo o báculo, entre os Fariseus que apertavam as mãos num terror. Outros, afastados, cochichavam sombriamente. Um grande velho, com um manto negro que esvoaçava, corria numa ânsia o Pretório, por entre os que dormiam ao sol, por entre os vendedores de pães ázimos, gritando: «Israel está perdido!» E eu vi levitas fanáticos arrancarem as borlas das túnicas, como numa calamidade pública.

Gad surgiu diante de nós, erguendo os braços triunfantes:

— O Pretor é justo e liberta o Rabi!...

1240 E, com a face cheia de brilho, revelava-nos a doçura da sua esperança! O Rabi, apenas solto, deixaria Jerusalém — onde as pedras eram menos duras que os corações. Os seus amigos

1216: *No texto-base*: verdade tem

armados esperavam-no em Bethania: e partiriam ao romper da Lua para o oásis de Engaddi! Lá estavam aqueles que o amavam. Não era Jesus o irmão dos Essênios? Como eles o Rabi pregava o desprezo dos bens terrestres, a ternura pelos que são pobres, a incomparável beleza do Reino de Deus...

Eu, crédulo, regozijava-me — quando um tumulto invadiu a galeria que um escravo viera regar. Era o bando escuro dos Fariseus, em marcha para o banco de pedra, onde Rabi Robam conversava com Manassés, enrolando docemente nos dedos os cabelos da criança, mais louros que os milhos. Topsisius e eu corremos para a turba intolerante. Já Sareias, no meio, curvado, mas com a firmeza de quem intima, dizia:

— Rabi Robam, é necessário que vás falar ao Pretor e salvar a nossa Lei!

E logo, de todos os lados, foi um suplicar ansioso:

— Rabi, fala ao Pretor! Rabi, salva Israel!

Lentamente o velho erguia-se, majestoso como um grande Moisés. E diante dele um levita, muito pálido, vergava os joelhos, murmurava a tremer:

— Rabi, tu és justo, sábio, perfeito e forte diante do Senhor!

Rabi Robam levantou as duas mãos abertas para o Céu: e todos se curvaram como se o espírito de Jeová, obedecendo à muda invocação, tivesse descido para encher aquele coração justo. Depois, com a mão da criança na sua, pôs-se a caminhar em silêncio; atrás a turba fazia um rumor de sandálias lassas sobre as lajes de mármore.

Parámos, amontoados, diante da porta de cedro — onde o Pretoriano cruzara a lança, depois de bater as argolas de prata. Os pesados gonzos rangeram; um tribuno do palácio acudiu tendo na mão um longo galho de vide. Dentro era uma fria sala, mal alumada, severa, com os muros forrados de estuques escuros. Ao centro erguia-se palidamente uma estátua de Augusto, com o pedestal juncado de coroas de louro e de ramos votivos: dois grandes tocheiros de bronze dourado reluziam aos cantos, na sombra.

Nenhum dos judeus entrou — porque pisar em dia Pascal um solo pagão era coisa impura diante do Senhor. Sareias anunciou altivamente ao tribuno que «alguns da nação de Israel, à porta do palácio de seus pais, estavam esperando o Pretor». Depois pesou um silêncio, cheio de ansiedade...

1280 Mas dois lictores avançaram: e logo atrás, caminhando a passos largos, com a vasta toga apanhada contra o peito, Pilatos apareceu.

Todos os turbantes se curvaram, saudando o procurador da Judeia. Ele parara junto à estátua de Augusto. E, como repetindo o gesto nobre da figura de mármore, estendeu a mão que segurava um pergaminho enrolado, e disse:

— Que a paz seja convosco e com as vossas palavras... Falai!

1285 Sareias, vogal do Sanhedrin, adiantando-se, declarou que os seus corações vinham em verdade cheios de paz... Mas, tendo o Pretor deixado o Pretório sem confirmar nem anular a sentença do Sanhedrin que condenava Jesus ben José — eles se achavam como o homem que vê a uva na vinha, suspensa, sem secar e sem amadurecer!

Poncius pareceu-me penetrado de equidade e clemência.

1290 — Eu interroguei o vosso preso, disse ele; e não lhe achei culpa que deva punir o Procurador da Judeia... Antipas Herodes, que é prudente e forte, que pratica a vossa Lei e ora no vosso Templo, interrogou-o também e nenhuma culpa nele encontrou... Esse homem diz apenas coisas incoerentes como os que falam em sonhos... Mas as suas mãos estão puras de sangue; nem ouvi que ele escalasse o muro do seu vizinho... César não é um amo inexorável... Esse homem é apenas um visionário.

1300 Então, com um sombrio murmúrio, todos recuaram, deixando Rabi Robam só no limiar da sala romana. Um brilho de joia tremia na ponta da sua tiara: as suas cãs caindo sobre os vastos ombros coroavam-no de majestade como a neve faz aos montes: as franjas azuis do seu manto solto rojavam nas lajes, em redor. Devagar, sereno, como se explicasse a Lei aos seus discípulos, ergueu a mão e disse:

1305 — Oficial de César, Poncius, muito justo e muito sábio! O homem que tu chamas visionário, há anos que ofende todas as nossas Leis e blasfema o nosso Deus. Mas quando o prendemos nós, quando to trouxemos nós? Somente quando o vimos entrar em triunfo pela Porta de Ouro, aclamado como rei da Judeia. Porque a Judeia não tem outro rei senão Tibério: e apenas um sedicioso se proclama em revolta contra César, apressamo-nos a castigá-lo. Assim fazemos nós, que não temos mandado de César, nem cobramos do seu erário: e tu, oficial de César, não queres que seja castigado o rebelde a teu amo?...
1315

A face larga de Poncius, que uma sonolência amolecia, relampeou, raiada vivamente de sangue. Aquela tortuosidade de judeus que, execrando Roma, apregoavam agora um zelo ruidoso por César para poderem, em nome da sua autoridade, saciar um ódio sacerdotal — revoltou a retidão do romano: e a audaciosa admoestação foi intolerável ao seu orgulho. Desabridamente exclamou, com um gesto que os sacudia:

— Cessai! Os procuradores de César não vêm aprender a uma colónia bárbara da Ásia os seus deveres para com César!

Manassés que ao meu lado, já impaciente, puxava a barba, afastou-se com indignação. Eu tremi. Mas o soberbo Rabi prosseguiu, mais indiferente à ira de Poncius do que ao balar dum anho que arrastasse às Aras:

— Que faria o procurador de César em Alexandria se um visionário descesse de Bubastes proclamando-se rei do Egito? O que tu não queres fazer nesta terra bárbara da Ásia! Teu amo dá-te a guardar uma vinha, e tu deixas que entrem nela e que a vindimem? Para que estás então na Judeia, para que está a sexta Legião na Torre Antónia? Mas o nosso espírito é claro, e a nossa voz é clara e alta bastante, Poncius, para que César a ouça!...

Poncius deu um passo lento para a porta. E com os olhos faiscantes, cravados naqueles judeus que astutamente o iam enlaçando na trama subtil dos seus rancores religiosos:

— Eu não receio as vossas intrigas! Murmurou surdamente. Elius Lamma é meu amigo!... E César conhece-me bem!

— Tu vês o que não está nos nossos corações! Disse Rabi Robam, calmo como se conversasse à sombra do seu vergel. Mas nós vemos bem o que está no teu, Poncius! Que te importa a ti a vida ou a morte dum vagabundo de Galileia?... Se tu não queres, como dizes, vingar Deuses cuja divindade não respeitas, como podes querer salvar um Profeta cujas profecias não crês?... A tua malícia é outra, romano! Tu queres a destruição de Judá!

Um estremeamento de cólera, de paixão devota, passou entre os Fariseus: alguns palpavam o seio da túnica como procurando uma arma. E Rabi Robam continuava, denunciando o Pretor, com serenidade e lentidão:

— Tu queres deixar impune o homem que pregou a insurreição, declarando-se rei numa província de César, para tentar, pela

impunidade, outras ambições mais fortes e levar outro Judas de Gamala a atacar as guarnições de Samaria! Assim preparas um pretexto para abater sobre nós a espada imperial, e inteiramente apagar a vida nacional da Judeia. Tu queres uma revolta para a

1360 afogares em sangue, e apresentar-te depois a César como soldado vitorioso, administrador sábio, digno dum proconsulado ou dum governo na Itália! É isso que chamas a Fé romana? Eu não estive em Roma, mas sei que a isso se chama lá a Fé púnica... Não nos suponhas porém tão simples como um pastor de Idumeia! Nós

1365 estamos em paz com César, e cumprimos o nosso dever condenando o homem que se revoltou contra César... Tu não queres cumprir o teu, confirmando essa condenação? Bem! Mandaremos emissários a Roma, levando a nossa sentença e a tua recusa, e, tendo salvaguardado perante César a nossa responsabilidade,

1370 mostraremos a César como procede na Judeia aquele que representa a Lei do Império!... E agora, Pretor, podes voltar ao Pretório.

— E lembra-te dos Escudos Votivos, gritou Sareias. Talvez novamente vejas a quem César dá razão!

Poncius baixara a face, perturbado. Decerto imaginava já

1375 ver além, num claro terraço junto ao mar de Capreia, Sejanus, Cesonius, todos os seus inimigos, falando ao ouvido de Tibério e mostrando-lhe os emissários do Templo... César, desconfiado e sempre inquieto, suspeitaria logo um pacto dele com esse «Rei dos Judeus» para sublevarem uma rica província imperial... E assim a sua justiça e o orgulho em a manter podiam custar-lhe

1380 o proconsulado da Judeia! Orgulho e justiça foram então na sua alma frouxa como ondas um momento altas que uma sobre outra se abatem, se desfazem. Veio até ao limiar da porta, devagar, abrindo os braços, como trazido por um impulso magnânimo de conciliação — e começou a dizer, mais branco que a sua toga:

1385

— Há sete anos que governo a Judeia. Encontrastes-me jamais injusto, ou infiel às promessas juradas?... Decerto as vossas ameaças não me movem... César conhece-me bem... Mas entre nós, para proveito de César, não deve haver desacordo. Sempre vos fiz concessões! Mais que nenhum outro Procurador desde Coponius

1390

1369: *No texto-base: e tendo*

tenho respeitado as vossas Leis... Quando vieram os dois homens de Samaria poluir o vosso Templo, não os fiz eu supliciar? Entre nós não deve haver dissensões, nem palavras amargas...

Um momento hesitou; depois, esfregando lentamente as mãos, e sacudindo-as, como molhadas numa água impura:

— Quereis a vida desse visionário? Que me importa? Tomai-a... Não vos basta a flagelação? Quereis a cruz? Crucificai-o... Mas não sou eu que derramo esse sangue!

O levita macilento bradou com paixão:

— Somos nós, e que esse sangue caia sobre as nossas cabeças!

E alguns estremeceram — crentes de que todas as palavras têm um poder sobrenatural e tornam vivas as coisas pensadas.

Poncius deixara a sala: o Decurião, saudando, cerrou a porta de cedro. Então Rabi Robam voltou-se, sereno, resplandecente como um justo: e adiantando-se por entre os Fariseus, que se baixaram a beijar-lhe as franjas da túnica — murmurava com uma grave doçura:

— Antes sofra um só homem do que sofra um povo inteiro!

Limpando as bagas de suor de que a emoção me alagara a testa, caí, trémulo, sobre um banco. E, através da minha lassidão, confusamente distinguia no Pretório dois legionários, de cinturão desapertado, bebendo numa grande malga de ferro que um negro ia enchendo com o odre suspenso aos ombros; adiante uma mulher bela e forte, sentada ao sol, com os filhos pendurados dos dois peitos nus; mais longe um pegureiro envolto em peles, rindo e mostrando o braço manchado de sangue. Depois cerrei os olhos; um momento pensei na vela que deixara na tenda, ardendo junto ao meu catre, fumarenta e vermelha; por fim roçou-me um sono ligeiro... Quando despertei a Cadeira Curul permanecia vazia — com a almofada de púrpura em frente, sobre o mármore, gasta, cavada pelos pés do Pretor; e uma multidão mais densa enchia, num longo rumor de arraial, o velho Átrio de Herodes. Eram homens rudes, com capas curtas de estamemha, sujas de pó, como se tivessem servido de tapetes sobre as lajes duma praça. Alguns traziam balanças na mão, gaiolas de rolas; e as mulheres que os seguiam, sórdidas e macilentas, atiravam de longe com o braço fremente maldições ao Rabi. Outros no entanto, caminhando na ponta das sandálias, apregoavam baixo coisas ínfimas

1430 e ricas, metidas no seio entre as dobras dos saíões — grãos de aveia torrada, potes de unguentos, corais, braceletes de filigrana de Sídon. Interroguei Topsisus: e o meu douto amigo, limpando os óculos, explicou-me que eram decerto os mercadores contra quem Jesus, na véspera de Páscoa, erguendo um bastão, reclamara a estreita aplicação da Lei que interdiz tráficos profanos no Tem-
1435 plo, fora dos Pórticos de Salomão...

— Outra imprudência do Rabi, D. Raposo! Murmurou com ironia o fino Historiador.

Entretanto, como caíra a sexta hora judaica e findara o trabalho, vinham entrando obreiros das tinturarias vizinhas, eno-
1440 doados de escarlata ou azul; escribas das sinagogas apertando debaixo dos braços os seus tabulários; jardineiros com a fouce a tiracolo, o ramo de murta no turbante; alfaiates com uma longa agulha de ferro pendendo da orelha... Tocadores fenícios a um canto afinavam as harpas, tiravam suspiros das flautas de barro: e
1445 diante de nós rondavam duas prostitutas gregas de Tiberíade, com perucas amarelas, mostrando a ponta da língua e sacudindo a roda da túnica donde voava um cheiro de manjerona. Os legionários, com as lanças atravessadas no peito, apertavam uma cercadura de ferro em torno de Jesus: e eu, agora, mal podia distinguir o
1450 Rabi através dessa multidão sussurrante, em que as consoantes ásperas de Moab e do deserto se chocavam por sobre a moleza grave da fala caldaica...

Por baixo da galeria veio tilintando uma sineta triste. Era um hortelão que oferecia num cabaz de esparto, acamados sobre folhas
1455 de parra, figos rachados de Betphagé. Debilitado pelas emoções, perguntei-lhe, debruçado no parapeito, o preço daquele mimo dos vergéis que os Evangelhos tanto louvam. E o homem, rindo, alargou os braços como se encontrasse o esperado do seu coração:

— Entre mim e ti, ó criatura de abundância que vens de além
1460 do mar, que são estes poucos figos? Jeová manda que os irmãos troquem presentes e bênçãos! Estes frutos colhi-os no horto, um a um, à hora em que o dia nasce no Hébron; são suculentos e consoladores; poderiam ser postos na mesa de Hannan!...

1435: *No texto-base: pórticos*

1465 Mas que valem vãs palavras entre mim e ti se os nossos peitos se entendem? Toma estes figos, os melhores da Síria, e que o Senhor cubra de bens aquela que te criou!

1470 Eu sabia que esta oferta era uma cortesia consagrada, em compras e vendas, desde o tempo dos Patriarcas. Cumpri também o cerimonial: declarei que Jeová, o muito forte, me ordenava que com o dinheiro cunhado pelos Príncipes eu pagasse os frutos da terra... Então o hortelão abaixou a cabeça, cedeu ao mandamento divino; e pousando o cesto nas lajes, tomando um figo em cada uma das mãos negras e cheias de terra:

1475 — Em verdade, exclamou, Jeová é o mais forte! Se ele o manda, eu devo pôr um preço a estes frutos da sua bondade, mais doces que os lábios da esposa! Justo é pois, ó homem abundante, que por estes dois que me enchem as palmas, tão perfumados e frescos, tu me dês um bom *traphik*.

1480 Oh Deus magnífico de Judá! O facundo hebreu reclamava por cada figo um tostão da moeda real da minha pátria! Bradei-lhe: «Irra, ladrão!» Depois, guloso e tentado, ofereci-lhe um dracma por todos os figos que coubessem no forro largo dum turbante. O homem levou as mãos ao seio da túnica, para a despedaçar na imensidade da sua humilhação. E ia invocar Jeová, Elias, todos os Profetas seus patronos — quando o sapiente Topsisus, enojado, interveio secamente, mostrando-lhe uma miúda rodela de ferro que tinha por cunho um lírio aberto:

1490 — Na verdade Jeová é grande! E tu és ruidoso e vazio como o odre cheio de vento! Pois pelos figos do cesto inteiro te dou eu este *meab*. E se não queres, conheço o caminho dos hortos tão bem como o do Templo, e sei onde as águas doces do Enrogel banham os melhores pomares... Vai-te!

1495 O homem logo, trepando ansiosamente até ao parapeito de mármore, atulhou de figos a ponta do albornoz que eu lhe estendera, carrancudo e digno. Depois, descobrindo os dentes brancos, murmurou risonhamente que nós éramos mais benéficos que o orvalho do Carmelo!

1500 Saborosa e rara me parecia aquela merenda de figos de Betphagé, no palácio de Herodes. Mas apenas nos acomodáramos com a fruta no regaço, reparei em baixo num velhito magro, que cravava em nós humildemente uns olhos enevoados, queixosos,

cheios de cansaço. Compadecido ia arremessar-lhe figos e uma moeda de prata dos Ptolomeus — quando ele, mergulhando a mão trêmula nos farrapos que mal lhe velavam o peito cabeludo, estendeu-me, com um sorriso macerado, uma pedra que reluzia. Era uma placa oval de alabastro tendo gravada uma imagem do Templo. E enquanto Topsius doutamente a examinava, o velho foi tirando do seio outras pedras de mármore, de ónix, de jaspe, com representações do Tabernáculo no deserto, os nomes das tribos entalhados, e figuras confusas em relevo simulando as batalhas dos Macabeus... Depois ficou com os braços cruzados; e no seu pobre rosto escavado pelos cuidados luzia uma ansiedade, como se de nós somente esperasse misericórdia e descanso.

Topsius deduziu que ele era um desses Guebros, adoradores do fogo e hábeis nas artes, que vão descalços até ao Egito, com fachos acesos, salpicar sobre a Esfinge o sangue dum galo negro. Mas o velho negro, horrorizado — e tristemente murmurou a sua história. Era um pedreiro de Naim, que trabalhara no Templo e nas construções que Antipas Herodes erguia em Bezetha. O açoite dos intendentés rasgara-lhe a carne; depois a doença levava-lhe a força como a geada seca a macieira. E agora, sem trabalho, com os filhos de sua filha a alimentar, procurava pedras raras nos montes — e gravava nelas nomes santos, sítios santos, para as vender no Templo aos fiéis. Em véspera de Páscoa, porém, viera um Rabi de Galileia cheio de cólera que lhe arrancara o seu pão!...

— Aquele! Balbuciu sufocado, sacudindo a mão para o lado de Jesus.

Eu protestei. Como lhe poderia ter vindo a injustiça e a dor desse Rabi, de coração divino, que era o melhor amigo dos pobres?

— Então vendias no Templo? Perguntou o terso Historiador dos Herodes.

— Sim, suspirou o velho, era lá, pelas festas, que eu ganhava o pão do longo ano! Nesses dias subia ao Templo, ofertava a minha prece ao Senhor, e junto à Porta de Susa, diante do Pórtico do Rei, estendia a minha esteira e dispunha as minhas pedras que brilhavam ao sol... Decerto, eu não tinha direito de pôr ali tenda: mas como poderia eu pagar ao Templo o aluguer dum côvado de lajedo para vender o trabalho das minhas mãos! Todos os que apregoam à sombra, debaixo do pórtico, sobre tabuleiros

1540 de cedro, são mercadores ricos que podem satisfazer a licença: alguns pagam um ciclo de ouro. Eu não podia com crianças em casa sem pão... Por isso ficava a um canto, fora do pórtico, no pior sítio. Ali estava bem encolhido, bem calado; nem mesmo me queixava quando homens duros me empurravam ou me davam

1545 com os bastões na cabeça. E ao pé de mim havia outros, pobres como eu: Eboim, de Joppé, que oferecia um óleo para fazer crescer os cabelos, e Oseias, de Ramah, que vendia flautas de barro... Os soldados da Torre Antónia que fazem a ronda passavam por nós e desviavam os olhos. Até Menahem, que estava quasi sempre

1550 de guarda pela Páscoa, nos dizia: «Está bem, ficai, contanto que não apregoeis alto.» Porque todos sabiam que éramos pobres, não podíamos pagar o côvado de laje, e tínhamos nas nossas moradas crianças com fome... Na Páscoa e nos Tabernáculos vêm da terra distante peregrinos a Jerusalém; e todos me compravam

1555 uma imagem do Templo para mostrar na sua aldeia, ou uma das pedras da Lua que afugentam o Demónio... Às vezes, ao fim do dia, tinha feito três dracmas; enchia o saião de lentilha e descia ao meu casebre, alegre, cantando os louvores do Senhor!...

Eu, de enternecido, esquecera a merenda. E o velho desafogava o seu longo queixume:

1560

— Mas eis que há dias esse Rabi de Galileia aparece no Templo, cheio de palavras de cólera, ergue o bastão e arremessa-se sobre nós, bradando que aquela «era a casa de seu pai, e que nós a poluíamos!...» E dispersou todas as minhas pedras, que nunca

1565 mais vi, que eram o meu pão! Quebrou nas lajes os vasos de óleo de Eboim, de Joppé, que nem gritava, espantado. Acudiram os guardas do Templo. Menahem acudiu também; até, indignado, disse ao Rabi: «És bem duro com os pobres. Que autoridade tens tu?» E o Rabi falou «de seu pai», e reclamou contra nós a Lei severa

1570 do Templo. Menahem baixou a cabeça... E nós tivemos de fugir, apupados pelos mercadores ricos, que bem encruzados nos seus tapetes de Babilónia, e com o seu lajedo bem pago, batiam palmas ao Rabi... Ah! Contra esses o Rabi nada podia dizer: eram ricos, tinham pago!... E agora aqui ando! Minha filha, viúva e doente,

1575 não pode trabalhar, embrulhada a um canto nos seus trapos: e os filhos de minha filha, pequeninos, têm fome, olham para mim, veem-me tão triste e nem choram. E que fiz eu? Sempre

fui humilde, cumpro o Sabat, vou à sinagoga de Naim que é a minha, e as raras migalhas que sobravam do meu pão juntava-as para aqueles que nem migalhas têm na Terra... Que mal fazia eu vendendo? Em que ofendia o Senhor? Sempre, antes de estender a esteira, beijava as lajes do Templo: cada pedra era purificada pelas águas lustrais... Em verdade Jeová é grande, e sabe... Mas eu fui expulso pelo Rabi, somente porque sou pobre!

Calou-se — e as suas mãos magras, tatuadas de linhas mágicas, tremiam, limpando as longas lágrimas que o alagavam.

Bati no peito, desesperado. E a minha angústia toda era por Jesus ignorar esta desgraça, que, na violência do seu espiritualismo, suas mãos misericordiosas tinham involuntariamente criado, como a chuva benéfica por vezes, fazendo nascer a sementeira, quebra e mata uma flor isolada. Então para que não houvesse nada imperfeito na sua vida, nem dela ficasse uma queixa na Terra — paguei a dívida de Jesus (assim seu Pai perdoe a minha!) atirando para o saião do velho moedas consideráveis, dracmas, crisos gregos de Filipe, áureos romanos de Augusto, até uma grossa peça da Cirenaica que eu estimava por ter uma cabeça de Zeus Amnon que parecia a minha imagem. Topsius juntou a este tesouro um lepta de cobre — que tem em Judeia o valor dum grão de milho...

O velho pedreiro de Naim empalidecia, sufocado. Depois, com o dinheiro numa dobra do saião, bem apertado contra o peito, murmurou tímida e religiosamente, erguendo os olhos ainda molhados para as alturas:

— Pai, que estás nos Céus, lembra-te da face deste homem, que me deu o pão de longos dias!...

E soluçando sumiu-se entre a turba — que agora de todo o átrio rumorosamente afluía, se apinhava em torno aos mastros altos do velário. O escriba aparecera, mais vermelho e limpando os beiços. Ao lado do Rabi e dos guardas do Templo, Sareias viera perfilar-se encostado ao seu báculo. Depois, entre um brilho de armas, surgiram as varas brancas dos lictores: e novamente Poncius, pálido e pesado, na sua vasta toga, subiu os degraus de bronze, retomou o Assento Curul.

Um silêncio caiu, tão atento, que se ouviam as buzinas tocando ao longe na Torre Mariana. Sareias desenrolou o seu escuro pergaminho, estendeu-o sobre a mesa de pedra entre os

tabulários: e eu vi as mãos gordas e morosas do escriba traçarem uma rubrica, estamparem um selo sob as linhas vermelhas que condenavam à morte Jesus de Galileia, meu Senhor... Depois Poncius Pilatos, com uma dignidade indolente, erguendo apenas
 1620 de leve o braço nu, confirmou em nome de César a «sentença do Sanhedrin, que julga em Jerusalém...»

Imediatamente Sareias atirou sobre o turbante uma ponta do manto, ficou orando, com as mãos abertas para o Céu. E os Fariseus triunfavam: junto a nós, dois muito velhos beijavam-se
 1625 em silêncio nas barbas brancas: outros sacudiam no ar os bastões, ou lançavam sarcasticamente a aclamação forense dos Romanos: «*Bene et belle! Non potest melius!*»

Mas de súbito o intérprete apareceu em cima dum escabelo, alteando sobre o peito o seu papagaio flamante. A turba emudecera, surpreendida. E o fenício, depois de ter consultado com o
 1630 escriba, sorriu, gritou em caldaico, alargando os braços cercados de manilhas de coral:

— Escutai! Nesta vossa festa de Páscoa, o Pretor de Jerusalém costuma, desde que Valerius Gratus assim o determinou, e com assenso de César, perdoar a um criminoso... O Pretor
 1635 propõe-vos o perdão deste... Escutai ainda! Vós tendes também o direito de escolher, vós mesmos, entre os condenados... O Pretor tem em seu poder, nos ergástulos de Herodes, outro sentenciado à morte...

Hesitou, — e debruçado do escabelo interrogava de novo o escriba que remexia numa atarantação os papiros e os tabulários. Sareias, sacudindo a ponta do manto que escondia a sua oração, ficara assombrado para o Pretor, com as mãos abertas no ar. Mas já o intérprete bradava, erguendo mais a face risonha:

— Um dos condenados é Rabi Jeschoua, que aí tendes, e que se disse filho de David... É esse que propõe o Pretor. O outro, endurecido no mal, foi preso por ter morto um legiãoário traiçoeiramente, numa rixa, ao pé do Xistus. O seu nome é Bar-Abbás... Escolhei!

Um grito brusco e roufenho partiu de entre os Fariseus:
 1650 — Bar-Abbás!

Aqui e além, pelo átrio, confusamente ressoou o nome de Bar-Abbás. E um escravo do Templo, de saião amarelo, pulando

até aos degraus do sólio, rompeu a berrar, em face de Poncius,
1655 com palmadas furiosas nas coxas:

— Bar-Abbás! Ouve bem! Bar-Abbás! O povo só quer Bar-Abbás!

A haste dum legionário fê-lo rolar nas lajes. Mas já toda a
multidão, mais leve e fácil de inflamar do que a palha na meda,
clamava por Bar-Abbás: uns com furor, batendo as sandálias e
1660 os cajados ferrados como para aluir o Pretório; outros de longe,
encruzados ao sol, indolentes e erguendo um dedo. Os vendilhões
do Templo, rancorosos, sacudindo as balanças de ferro e repicando
sinetas, berravam, por entre maldições ao Rabi: «Bar-Abbás é o
melhor!» E até as prostitutas de Tiberíade, pintadas de vermelho
1665 como ídolos, feriam o ar de gritos silvantes:

— Bar-Abbás! Bar-Abbás!

Raros ali conheciam Bar-Abbás; muitos, decerto, não odiavam
o Rabi — mas todos engrossavam o tumulto prontamente, sentindo,
nessa reclamação do preso que atacara legionários, um ultraje ao
1670 Pretor romano, togado e augusto no seu tribunal. Poncius no
entanto, indiferente, traçava letras numa vasta lauda de pergaminho
pousada sobre os joelhos. E em torno os clamores disciplinados
retumbavam em cadência, como malhos numa eira:

— Bar-Abbás! Bar-Abbás! Bar-Abbás!

Então Jesus, vagarosamente, voltou-se para aquele mundo
duro e revoltoso que o condenava: e nos seus refulgentes olhos
humedecidos, no fugitivo tremor dos seus lábios, só transpareceu
nesses instantes uma mágoa misericordiosa pela opaca inconsciência
dos homens, que assim empurravam para a morte o melhor amigo
1680 dos homens... Com os pulsos presos, limpou uma gota de suor:
depois ficou diante do Pretor, tão imperturbado e quedo, como
se já não pertencesse à Terra.

O escriba, batendo com uma regra de ferro na pedra da
mesa, três vezes bradara o nome de César. O tumulto ardente
1685 esmorecia. Poncius ergueu-se: e grave, sem trair impaciência ou
cólera, lançou, sacudindo a mão, o mandado final:

— Ide e crucificai-o!

Desceu o estrado; a turba batia ferozmente as palmas.

1683: regra: *conforme o texto-base. O mesmo que régua.*

1690 Oito soldados da coorte siríaca apareceram, apetrechados em marcha, com os escudos revestidos de lona, as ferramentas entrouxadas, e o largo cantil da *posca*. Sareias, vogal do Sanhedrin, tocando no ombro de Jesus, entregou-o ao Decurião: um soldado desapertou-lhe as cordas, outro tirou-lhe o albornoz de lã: e eu vi o doce Rabi de Galileia dar o seu primeiro passo para a morte.

1695 Apressados, enrolando o cigarro, deixámos logo o palácio de Herodes por uma passagem que o douto Topsisius conhecia, lóbrega e húmida, com fendas gradeadas donde vinha um canto triste de escravos encarcerados... Saímos a um terreiro, abrigado pelo muro dum jardim todo plantado de ciprestes. Dois dromedários
1700 deitados no pó ruminavam, junto dum montão de ervas cortadas. E o alto Historiador tomava já o caminho do Templo, quando, sob as ruínas dum arco que a hera cobria, vimos povo apinhado em torno dum essénio, cujas mangas de alvo linho batiam o ar como as asas dum pássaro irritado.

1705 Era Gad, rouco de indignação, clamando contra um homem esgrouviado, de barba rala e ruiva, com grossas argolas de ouro nas orelhas, que tremia e balbuciava:

— Não fui eu, não fui eu...

1710 — Foste tu! Bradava o essénio, estampando a sandália na terra. Conheço-te bem. Tua mãe é cardadeira em Capárnaum, e maldita seja pelo leite que te deul...

O homem recuava, baixando a cabeça, como um animal encurralado à força:

1715 — Não fui eu! Eu sou Rephrain, filho de Eliezer, de Ramah! Sempre todos me conheceram são e forte como a palmeira nova!

1720 — Torto e inútil eras tu como um sarmento velho de vide, cão e filho dum cão! Gritou Gad. Vi-te bem... Foi em Capárnaum, na viela onde está a fonte, ao pé da sinagoga, que tu apareceste a Jesus, Rabi de Nazaré! Beijavas-lhe as sandálias, dizias: «Rabi, cura-me! Rabi, vê esta mão que não pode trabalhar!» E mostravas-lhe a mão, essa, a direita, seca, mirrada e negra, como o ramo que definhou sobre o tronco! Era no Sabat: estavam os três chefes da Sinagoga, e Elzear, e Simeon. E todos olhavam Jesus para ver se ele ousaria curar no dia do Senhor... Tu choravas, de
1725 rojo no chão. E por acaso o Rabi repeliu-te? Mandou-te procurar a raiz do baraz? Ah cão, filho dum cão! O Rabi, indiferente às

acusações da Sinagoga, e só escutando a sua misericórdia, disse-te: «Estende a mão!» Tocou-a, e ela reverdeceu logo como a planta regada pelo orvalho do céu! Estava sã, forte, firme; e tu movias ora um dedo, ora outro, espantado e tremendo.

Um murmúrio de enlevo correu entre a multidão, maravilhada pelo doce milagre. E o essénio exclamava, com os braços trémulos no ar:

— Assim foi a caridade do Rabi! E estendeu-te ele a ponta do manto, como fazem os Rabis de Jerusalém, para que lhe deitasses dentro um ciclo de prata? Não. Disse aos seus amigos que te dessem da provisão de lentilha... E tu largaste a correr pelo caminho, refeito e ágil, gritando para o lado da tua casa: «Oh mãe, oh mãe, estou curado!...» E foste tu, porco e filho de porco, que há pouco no Pretório pedias a cruz para o Rabi e gritavas por Bar-Abbás! Não negues, boca imunda; eu ouvi-te; estava por trás de ti, e via incharem-te as cordoveias do pescoço com o furor da tua ingratidão!

Alguns, escandalizados, gritavam: «Maldito! Maldito!» Um velho, com justiceira gravidade, apanhara duas grossas pedras. E o homem de Capárnaum, encolhido, esmagado, ainda rosnou surdamente:

— Não fui eu, não fui eu... Eu sou de Ramah!

Gad, furioso, agarrou-o pelas barbas:

— Nesse braço, quando o arregaçaste diante do Rabi, todos te viram duas cicatrizes curvas como de dois golpes de foice!... E tu vais mostrá-las agora, cão e filho dum cão!

Despedaçou-lhe a manga da túnica nova; arrastou-o em redor, apertado nas suas mãos de bronze, como um bode teimoso; mostrou bem as duas cicatrizes, lívidas no pelo ruivo; e assim o arremessou desprezivelmente para entre o povo — que, levantando o pó do caminho, perseguiu o homem de Capárnaum com apupos e com pedradas...

Acercámo-nos de Gad sorrindo, louvando a sua fidelidade a Jesus. Ele, acalmado, estendera as mãos a um vendedor de água,

1759: *No texto-base: Acercamo-nos*

que lhas purificava com um largo jorro do seu odre felpudo; depois limpando-as à toalha de linho que lhe pendia do cinto:

— Escutai! José de Ramatha reclamou o corpo do Rabi, o Pretor concedeu-lho... Esperai-me à nona hora romana no Pátio de Gamaliel... Onde ides?

Topsius confessou que íamos ao Templo, por motivos intellectuais de arte, de arqueologia...

— Vão é aquele que admira pedras! Rosnou o altivo idealista.

E afastou-se puxando o capuz sobre a face, por entre as bênçãos do povo que crê e ama os Essénios.

Para poupar, até ao Templo, a rude caminhada pelo Tyropêo e pela ponte do Xistus, tomámos duas liteiras — das que um liberto de Poncius ultimamente alugava, junto ao Pretório, «à moda de Roma».

Cansado, estirei-me, com as mãos sob a nuca, no colchão de folhas secas que cheirava a murta: e lentamente começou a invadir-me a alma uma inquietação estranha, temerosa, que já no Pretório me roçara de leve como a asa arrepiada duma ave agourenta... Ia eu ficar para sempre nesta cidade forte dos Judeus? Perdera eu irremediavelmente a minha individualidade de Raposo, de católico, de bacharel, contemporâneo do *Times* e do gás — para me tornar um homem da Antiguidade Clássica, coevo de Tibério? E, dado este mirífico retrogresso nos tempos, se voltasse à minha pátria, que iria eu encontrar à beira do rio claro?...

Decerto encontraria uma colónia romana: na encosta da colina mais fresca uma edificação de pedra onde vive o Procônsul; ao lado um Templo pequeno de Apolo ou de Marte coberto de lousa; nos altos um campo entrincheirado onde estão os legionários; e em redor a vila lusitana, esparsa, com os seus caminhos agrestes, cabanas de pedra solta, alpendres para recolher o gado, e estacadas no lodo onde se amarram jangadas... Assim encontraria a minha pátria. E que faria lá, pobre, solitário? Seria pastor nos montes? Varreria as escadarias do Templo, racharia a lenha das coortes para ganhar um salário romano?... Miséria incomparável!

Mas se ficasse em Jerusalém? Que carreira tomaria nesta sombria, devota cidade da Ásia? Tornar-me-ia um judeu, rezando o Schema, cumprindo o Sabat, perfumando a barba de nardo,

1800 indo preguiçar nos átrios do Templo, seguindo as lições dum
 Rabi e passeando às tardes, com um bastão dourado, nos jardins
 de Gareb entre os túmulos?... E esta existência igualmente me
 parecia pavorosa!... Não! A ficar encarcerado no mundo antigo
 com o doutíssimo Topsius, então deveríamos galopar nessa mesma
 1805 noite, ao erguer da Lua, para Joppé; de lá embarcar em qualquer
 trirreme fenícia que partisse para Itália; e ir habitar Roma, ainda
 que fosse numa das escuras vielas do Velabro, numa dessas altas,
 fumarentas trapéiras, com duzentas escadas a subir, empestadas
 pelos guisados de alho e tripa, que escassamente atravessam duas
 calendas sem desabar ou arder.

Assim me inquietava quando a liteira parou; descerrei as
 1810 cortinas; vi ante mim os vastos granitos da muralha do Tem-
 plo. Penetrámos sob a abóbada da Porta de Huldah; e fomos
 logo detidos enquanto os guardas do Templo arrancavam a um
 pegureiro, teimoso e rude, a clava armada de pregos com que
 ele queria atravessar o Santuário. O rolante rumor que vinha de
 1815 longe, dos átrios, já me atemorizava, semelhante ao duma selva
 ou dum grande mar irritado...

E ao emergir enfim da abóbada estreita agarrei o braço magro
 do Historiador dos Herodes, no deslumbramento que me tomou,
 intenso e repassado de terror! Um brilho de neve e ouro vibrava
 1820 profusamente no ar mole, irradiado dos claros mármore, dos
 granitos brunidos, dos recamos preciosos banhados pelo divino
 sol de Nizam. Os lisos pátios que eu de manhã vira desertos,
 alvejando como a água quieta dum lago, desapareciam agora sob o
 povo que os atulhava, adornado e festivo. Os cheiros estonteavam,
 1825 acres, emanados dos estofos tingidos, das resinas aromáticas, da
 gordura frigindo em brasas. Sobre o denso ruído passavam roucos
 mugidos de bois. E perenemente os fumos votivos se sumiam na
 refulgência do céu...

— Caramba! Murmurei, enfiado. Isto são magnificências de
 1830 entupir!

Fomos penetrando sob os Pórticos de Salomão, onde res-
 soava o profano tumulto dum mercado. Por trás de grossas

1818: tomou,; *no texto-base lê-se* tornou,

caixas gradeadas encruzavam-se os cambistas, com uma moeda de ouro pendente da orelha entre as melenas sórdidas, trocando
 1835 o dinheiro sacerdotal do Templo pelas moedas pagãs de todas as regiões, de todas as idades, desde as maciças rodela do velho Lácio mais pesadas que broquéis, até aos tijolos gravados que circulam como «notas» nas feiras da Assíria. Adiante, brilhava a frescura e abundância dum pomar: as romãs, estaladas de maduras,
 1840 trasbordavam dos gigos: hortelões com um ramo de amendoeira preso ao carapuço apregoavam grinaldas de anémons ou ervas amargas de Páscoa: jarras de leite puro pousavam sobre sacos de lentilha; e os cordeiros, deitados nas lajes, amarrados pelas patas às colunas, balavam tristemente de sede.

1845 Mas a multidão sobretudo apinhava-se, com suspiros de cobiça, em torno aos tecidos e às joias. Mercadores das colónias fenícias, das ilhas gregas, de Tardis, da Mesopotâmia, de Tadmor, uns com soberbas simarras de lã bordada, outros com toscos tabardos de couro pintado, desdobravam os panos azuis de Tiro
 1850 que reproduzem o brilho ardente dos céus do Oriente, as sedas impudicas de Sheba duma transparência verde que voa na aragem, e esses estofos solenes de Babilónia que sempre me extasiavam, negros com largas flores cor de sangue... Dentro de cofres de cedro, espalhados sobre tapetes da Galácia, reluziam espelhos de
 1855 prata simulando a Lua e os seus raios, sinetes de turmalina que os hebreus usam no peito, manilhas de pedrarias enfiadas em cornos de antílopes, diademas de sal-gema com que se enfeitam os noivos; e, resguardados mais preciosamente, talismãs e amuletos que me pareciam pueris, pedaços de raízes, pedregulhos negros,
 1860 couros tismados e ossos com letras.

Topsius ainda parou entre as tendas dos perfumistas apreçando um esplêndido bastão de Tylos, duma rara madeira mosqueada como a pele do tigre, mas logo fugimos ao ardente cheiro que ali sufocava, vindo das resinas, das gomas dos países dos Negros, dos
 1865 molhos de plumas de avestruz, da mirra de Oronte, das ceras de Cirenaica, dos óleos rosados de Cízico, e das grandes coifas de pele de hipopótamo cheias de violetas secas e de folhas de bácaris...

1867: bácaris: *conforme o texto-base. O mesmo que bácaro.*

Entrámos então na galeria chamada *Real*, toda votada à Doutrina e à Lei. Aí, cada dia, tumultuam rancorosamente as controvérsias entre Saduceus, Escribas, Soforins, Fariseus, sectários de Schemaia, sectários de Hillel, Juristas, Gramáticos, fanáticos de toda a terra judaica. Junto às colunas de mármore instalavam-se os Mestres da Lei, sobre altos escabelos, tendo ao lado um prato de metal onde caíam os óbolos dos fiéis: e em torno, encruzados no chão, com as sandálias ao pescoço, as pelicas cobertas de letras vermelhas desdobradas nos joelhos, os discípulos, imberbes ou decrépitos, resmoneavam os ditames balançando os ombros lentos. Aqui e além, no meio de devotos embebidos, dois doutores disputavam, com as faces assanhadas, sobre temerosos pontos da Doutrina. «Pode-se comer um ovo de galinha posto no dia de Sabat? Por que osso da espinha dorsal começa a Ressurreição?» O filósofico Topsisius ria, disfarçado numa prega da capa: mas eu tremia quando os doutores, escaveirados e barbudos, se ameaçavam, gritavam *racca! racca!*, mergulhando a mão no seio da túnica à procura dum ferro escondido.

A cada momento cruzávamos esses Fariseus, ressoantes e vazios como tambores, que vêm ao Templo assoalhar a sua piedade — uns com as costas vergadas, esmagadas pela vastidão do pecado humano; outros, tropeçando e apalpando o ar, de olhos fechados, para não ver as formas impuras das mulheres; alguns mascarrados de cinza, gemendo, com as mãos apertadas sobre o estômago — em testemunho dos seus duros jejuns! Depois Topsisius mostrou-me um Rabi, interpretador de sonhos: num carão lívido e chupado os seus olhos fundos luziam com a tristeza de lâmpadas de sepulcro: e, sentado sobre sacos de lã, estendia por cima de cada devoto, que vinha ajoelhar aos seus pés nus, a ponta dum vasto manto negro com signos brancos pintados. Eu, curioso, pensava em o consultar — quando de repente gritos aflitos ressoaram no átrio. Corremos. Eram levitas, com cordas e vergas, chibatando furiosamente um leproso que, em estado de impureza, penetrara no Pátio de Israel. O sangue salpicava as lajes. Em torno crianças riam.

Ia caindo a sexta hora judaica, a mais grata ao Senhor, quando o Sol, na sua marcha para o mar, para sobre Jerusalém a contemplá-la com paixão: e, para nos acercarmos do Átrio de Israel, fomos penosamente fendendo a multidão que ali remoinhava

vinda de toda a Terra culta e bárbara... O rude saião de peles dos pegureiros das Idumeias roçava a clâmide curta dos gregos de face rapada e mais brancos que mármore. Havia homens solenes da planície de Babilónia, com as barbas metidas dentro
 1910 de sacos azuis que uma corrente de prata lhes prendia às mitras de couro pintado: e havia gauleses ruivos, de bigodes pendentes como as ervas das suas lagoas, que riam e parolavam, devorando com a casca os limões doces da Síria. Por vezes um romano togado passava, tão grave como se descesse dum pedestal. Gente
 1915 da Dácia e da Mísia, com as pernas enfaixadas em ligaduras de feltro, tropeçava deslumbrada pelo claro esplendor dos mármore. E não era menos estranho ir eu, Teodorico Raposo, arrastando ali as minhas botas de montar, atrás dum Sacerdote de Moloch, enorme e sensual na sua simarra de púrpura, que, em meio dum
 1920 bando de mercadores de Serepta, desdenhava daquele templo sem imagens, sem bosques, e mais ruidoso que uma feira fenícia.

Assim lentamente nos fomos chegando à porta chamada «A Bela», que dava acesso para o Átrio sagrado de Israel. Bela em verdade, preciosa e triunfal, sobre os catorze degraus de mármore verde de Numídia, mosqueado de amarelo: os seus largos batentes, revestidos de chapas de prata, faiscavam como os dum relicário: e os dois umbrais, semelhantes a grossos molhos de palmas, sustentavam uma torre, redonda e branca, guarnecida de escudos tomados aos inimigos de Judá, brilhantes no sol como
 1925 um colar de glória sobre o pescoço forte dum herói! Mas diante deste ádito maravilhoso erguia-se severamente um pilar, encimado por uma placa negra com letras de ouro, onde se desenrolava esta ameaça em grego, em latim, em aramaico, em caldaico: *que*
 1930 *nenum estrangeiro aqui penetre sob pena de morrer!*

Fortunadamente avistámos o magro Gamaliel que se encaminhava ao Santo Pátio, descalço, apertando ao peito um molho de espigas votivas: com ele vinha um homem nédio e risonho, de face cor de papoula, coroado por uma enorme mitra de lã negra enfeitada de fios de coral... Curvados até às lajes, saudámos o austero Doutor da Lei. Ele salmodiou logo, de pálpebras cerradas:
 1940

1935: Fortunadamente: *conforme o texto-base.*

— Sede bem-vindos... Esta é a hora melhor para receber a bênção do Senhor. O Senhor disse: «Saí das vossas habitações, vinde a mim com as primícias dos vossos frutos, eu vos abençoarei em todas as obras das vossas mãos...» Vós hoje pertenceis miraculosamente a Israel. Subi à morada do Eterno! Este que vem a meu lado é

1945 Eliezer de Silo, benéfico e sábio entre todos nas coisas da Natureza.

Deu-nos duas espigas de milho: e atrás dele pisámos com as nossas solas gentílicas o adro interdito de Judá.

Caminhando ao meu lado, Eliezer de Silo, cortês e suave,

1950 perguntou-me se era remota a minha pátria e perigosos os seus caminhos...

Eu rosnei, vaga e recatadamente:

— Sim... Chegámos de Jericó.

— Boa, por lá, a colheita do bálsamo?

1955 — Rica! Afiancei, com calor. Louvado seja o Eterno, que neste seu ano de graça estamos lá abarrotadinhos de bálsamos!

Ele pareceu regozijado. E revelou-me então que era um dos Médicos que residem no Templo — onde os Sacerdotes e os Sacrificadores sofrem perenemente «dissabores intestinais», por pisarem suados e descalços as lajes frias dos adros.

1960

— Por isso, murmurou ele com uma faísca alegre no olho benigno, o povo em Sião nos chama *Doutores da Tripa!*

Torci-me de riso, de gozo, com aquela jocosidade assim sussurrada na austera morada do Eterno... Depois, recordando os meus dissabores intestinais em Jericó, por muito amar os divinos e pérfidos melões da Síria — perguntei ao amável físico se nessas ocorrências ele preconizava o bismuto...

1965

O homem magistral abanou cautamente a sua mitra bojuda. Depois, espetando um dedo no ar, segredou-me esta receita incomparável:

1970

— Tomai goma de Alexandria, açafão de jardim, uma cebola da Pérsia e vinho negro de Emaús... Misturai, cozei... Deixai esfriar num vaso de prata... Colocai-vos numa encruzilhada, ao nascer do Sol...

Mas emudeceu subitamente, com os braços abertos e a face pendida para as lajes. Penetráramos no soberbo adro chamado Pátio das Mulheres: e nesse instante terminavam as bênçãos que à sexta hora um sacerdote vem ali derramar do alto da Porta de Nicanor.

1975

Severa, toda de bronze — ela deixava entrever, lá ao fundo,
 1980 os ouros, a neve, as pedrarias do Santuário refulgindo com
 serenidade... Nos largos degraus, mais lustrosos que alabastro,
 desenrolavam-se duas colegiadas de levitas, ajoelhados e vestidos
 de branco — uns com uma trompa recurva, outros pousando os
 1985 dedos sobre as cordas mudas de liras. E, por entre estas alas de
 homens prostrados, um grande velho emaciado vinha descendo
 devagar os degraus, com um incensador de ouro na mão...

A sua túnica justa de bissos tinha a fimbria orlada de pinhas
 de esmeralda, alternando com guizos que tiniam finamente; os
 pés sem sandálias e tingidos de heneh pareciam de coral; e ao
 1990 meio da faixa que lhe cingia as costelas magras brilhava, bordado
 a ouro, um grande sol. Os fiéis ajoelhados, quedos, sem um
 murmúrio, quási pousavam nas lajes a cabeça escondida sob os
 mantos e sob os véus: e com as cores festivas, onde dominava o
 vermelho da anémona e o verde da figueira, era como se o adro
 1995 estivesse juncado de flores e folhagens, numa manhã de triunfo,
 para passar Salomão!

Com a barba aguda e dura levantada aos Céus — o velho
 incensou o lado do Oriente e das areias, depois o lado do Ocidente
 e dos mares; e o recolhimento era tão enlevado que se ouviam
 2000 no fundo do Santuário os mugidos lentos dos bois. Desceu ainda,
 alçou mais a mitra salpicada de joias, atirou o incensador que
 rangeu faiscando ao sol — e com o fumo branco veio rolando
 ténue e cheirosa, sobre Israel, a bênção do Muito Forte. Então os
 levitas, unissonamente, feriram as cordas das liras: das trombetas
 2005 curvas subiu um grito de bronze: e todo o povo erguido, com os
 braços ao céu, entoou um salmo celebrando a eternidade de Judá...
 E subitamente tudo cessou: os levitas recolhiam pela escadaria de
 mármore sem um rumor dos pés nus; Eliezer de Silo e o rígido
 Gamaliel tinham desaparecido sob os Pórticos: e o claro pátio
 2010 em redor resplandecia sumptuoso e cheio de mulheres.

Os revestimentos de alabastro eram tão lustrosos que Topsius
 mirava neles como num espelho as pregas nobres da sua capa:
 todos os frutos da Ásia e as flores dos vergéis se entrelaçavam,
 em copiosos labores de prata, nas portas das câmaras rituais
 2015 onde se perfuma o óleo, se consagra a lenha, se purifica a lepra:
 entre as colunas pendiam em festões fios grossos de pérolas e de

2020 contas de ónix, mais numerosos que no peito duma noiva: e nos mealheiros de bronze, semelhantes a trombetas de guerra colossais, pousadas nas lajes, enrolavam-se, cintilando e reclamando as dádivas, inscrições em relevo de ouro, graciosas como versos de cânticos — *Queimai incensos e nardos, ofertai pombas e rolas...*

2025 Mas o santo adro resplandecia de mulheres: e meus olhos bem depressa deixaram metais e mármore, para cativamente se prenderem àquelas filhas de Jerusalém, cheias de graça e morenas como as tendas do Cedar! Todas traziam no Templo o rosto descoberto: ou apenas um fofô véu, duma musselina leve como o ar, à moda romana, enrodilhado finamente no turbante, punha em torno das faces uma alvura de espuma, onde os olhos negros tomavam um quebranto mais húmido, enlanguescidos pelas densas
2030 pestanas, alongados pela tintura de cipro. A abundância bárbara dos ouros, das pedrarias, envolvia-as numa radiância trémula desde os peitos fortes até aos cabelos mais crespos que a lã das cabras de Galaad. As sandálias, ornadas de guizos e de correntes, arrastavam sobre as lajes uma melodia argentina, tanta era a graça
2035 concertada dos seus movimentos ondulados e graves: e os tecidos bordados, os algodões de Galácia, os finos linhos de cores que as cingiam, ensopados nas essências ardentes de âmbar, de malóbatro e de bácaris, enchiam o ar de fragância e de moleza a alma dos homens. As mais ricas caminhavam solenemente entre escravas
2040 vestidas de panos amarelos, que lhes traziam o para-sol de penas de pavão, os rolos devotos em que está escrita a Lei, sacos de tâmaras doces, espelhos ligeiros de prata. As mais pobres, com uma simples camisa de algodão de riscadinho multicolor, e sem mais joias que um rude talismã de coral, corriam, chalravam, mostrando
2045 nus os braços e o colo cor de medronho mal maduro... E sobre todas o meu desejo zumbia — como uma abelha que hesita entre flores de igual doçura!

— Ai Topsius, Topsius! Rosnava eu. Que mulheres! Que mulheres! Eu estoiro, esclarecido amigo!

2050 O sábio afirmava com desdém que elas não tinham mais intelectualidade que os pavões dos jardins de Antipas; e que nenhuma decerto ali lera Aristóteles ou Sófocles!... Eu encolhia os ombros. Oh esplendor dos céus! Por qual destas mulheres que não lera Sófocles não daria eu, se fosse César, uma cidade de Itália

2055 e toda a Ibéria! Umas entonteciam-me pela sua graça dolente e
 macerada de virgens de devoção, vivendo na penumbra constante
 dos quartos de cedro, com o corpo saturado de perfumes, a alma
 esmagada de orações. Outras deslumbravam-me pela sumptuosidade
 2060 sólida e succulenta da sua beleza. Que largos, escuros olhos de
 ídolos! Que claros, macios membros de mármore! Que sombria
 moleza! Que nudezes magníficas, quando à beira do leito baixo
 se lhes desenrolassem os cabelos pesados, e fossem docemente
 escorregando os véus e os linhos de Galácia!...

Foi necessário que Topsius me arrastasse pelo albornoz para
 2065 a escadaria de Nicanor. E ainda estacava a cada degrau, alongando
 para trás os olhos esbraseados, resfolgando como um touro em
 maio nas lezírias.

— Ai, filhinas de Sião! Que sois de vos deixar aqui os miolos!

Ao voltar-me, puxado pelo douto Historiador, bati no focinho
 2070 dum cordeiro branco que um velho conduzia às costas, amarrado
 pelas patas e enfeitado de rosas. Em frente corria uma longa
 balaustrada de cedro lavrado — onde uma cancela toda de prata,
 aberta e lassa nos seus gonzos, se movia em silêncio, faiscando.

— É aqui, disse o erudito Topsius, que se dão a beber as
 2075 águas amargas às mulheres adúlteras... E agora, D. Raposo, aí
 tem Israel adorando o seu Deus.

Era enfim o Adro Sacerdotal! E eu estremei diante daquele
 Santuário entre todos monstruoso e deslumbrante. Ao meio do
 vasto e claro terrado erguia-se, feito de enormes pedras negras,
 2080 o altar dos Holocaustos: aos seus cantos enristavam-se quatro
 cornos de bronze; dum pendiam grinaldas de lírios; doutros fios
 de corais; o outro pingava sangue. Da imensa grelha do altar subia
 uma fumaça avermelhada e lenta: e em redor apinhavam-se os
 Sacrificadores, descalços, todos de branco — com forquilhas de
 2085 bronze nas mãos pálidas, espetos de prata, facas passadas nos
 cintos cor de céu... No afanoso, severo rumor do cerimonial
 sacrossanto confundia-se o balar de cordeiros, o som argentino
 de pratos, o crepitar das lenhas, as pancadas surdas de malho,
 o cantar lento da água em bacias de mármore, e o estridor das
 2090 buzinas. Apesar dos aromáticos que ardiam em caçoulas, das
 longas ventarolas de folhas de palmeira com que os serventes
 agitavam o ar, eu pus o lenço na face, enjoado com esse cheiro

2095 mole de carne crua, de sangue, de gordura frita e de açafrão, que o Senhor reclamou a Moisés como o dom melhor a receber da Terra...

2100 Ao fundo, bois enfeitados de flores, vitelas brancas com os cornos dourados, sacudiam, mugindo e marrando, as cordas que os prendiam a fortes argolas de bronze: mais longe, sobre mesas de mármore, entre pedaços de gelo, pousavam, vermelhas e sangrentas, grossas peças de carne, sobre que os levitas balançavam leques de penas para afugentar os moscardos. De colunas rematadas por faiscantes globos de cristal, pendiam cordeiros mortos, que os Nethenins, resguardados por aventais de couro cobertos de textos sagrados, esfolavam com cutelos de prata: enquanto os vitimários de saião azul, retesando os braços, conduziam baldes donde trasbordavam e iam arrastando entranhas. Coroados por uma mitra redonda de metal, escravos idumeus constantemente limpavam as lajes com esponjas: alguns vergavam sob molhos de lenha; outros, agachados, sopravam fogueiros de pedra.

2110

A cada momento algum velho Sacrificador, descalço, marchava para o altar, trazendo ao colo um anho tenro que não balava, contente e quente entre os dois braços nus: um tocador de lira precedia-o: levitas atrás transportavam os jarros de óleos aromáticos.

2115 Em frente à ara, rodeado de acólitos, o Sacrificador lançava sobre o cordeiro um punhado de sal; depois, salmodiando, cortava-lhe uma pouca de lâ entre os cornos. As buzinas ressoavam; um grito de animal ferido perdia-se no tumulto sacro; por cima das tiaras brancas duas mãos vermelhas erguiam-se ao ar sacudindo sangue; da grelha do altar ressaltava, avivada pelos óleos e pela gordura, uma chama de alegria e de oferta; e o fumo avermelhado e lento ascendia serenamente ao azul, levando nos seus rolos o cheiro que deleita o Eterno.

2120

— É um talho! Murmurei eu, aturdido. É um talho! Topsius, doutor, vamos outra vez lá baixo às mulherinhas...

2125

O sábio olhou para o Sol. Depois, gravemente, pousando-me no ombro a mão amiga:

— É quási a nona hora, D. Raposo!... E temos de ir fora da Porta Judiciária, para além do Gareb, a um sítio agreste que se chama o *Calvário*.

2130

Empalideci. E pareceu-me que nenhuma vantagem espiritual obteria minha alma, nenhuma inesperada aquisição enriqueceria o saber de Topsisus — por irmos contemplar no alto dum morro, entre urzes, Jesus atado a um madeiro e sofrendo: era apenas um tormento
 2135 para a nossa sensibilidade! Mas, submisso, segui o meu sábio amigo pela escadaria das Águas, que leva ao largo lajeado de basalto onde começam as primeiras casas de Acra. Vizinhas do Santuário, habitadas por sacerdotes, elas ostentavam uma profusa devoção Pas-
 2140 cal, em palmas, lâmpadas, alcatifas penduradas dos eirados: e algumas tinham os umbrais salpicados com o sangue fresco dum anho.

Antes de penetrar numa sórdida, andrajosa rua que se ia torcendo sob velhos toldos de esparto, voltei-me para o Templo: agora só via a imensa muralha de granito, com bastiões no alto, sombria e inderrubável: e a arrogância da sua força e da sua eternidade
 2145 encheu de cólera o meu coração. Enquanto sobre uma colina de morte, destinada aos escravos, o homem de Galileia, incomparável amigo dos homens, arrefecia na sua cruz, e para sempre se apagava aquela pura voz de amor e de espiritualidade — ali ficava o Templo que o matava, rutilante e triunfal, com o balar dos seus gados,
 2150 o estridor dos seus sofismas, a usura sob os Pórticos, o sangue sobre as Aras, a iniquidade do seu duro orgulho, a importunidade do seu perene incenso... Então, com os dentes cerrados, mostrei o punho a Jeová e à sua cidadela, e bradei:

— Arrasados sejais!

2155 Não descerrei mais os lábios secos até chegarmos à estreita porta nas muralhas de Ezekiah, que os Romanos denominavam a *Judiciária*. E logo aí estremeci, vendo colado num pilar de pedra um pergaminho com três sentenças transcritas — «a dum ladrão de Bettebara, a dum assassino de Emath, e a de Jesus de Galileia!»
 2160 O escriba do Sanhedrin, que conforme à Lei ali vigiara para recolher, até que os condenados passassem, algum inesperado testemunho de inculpabilidade, ia partir, com os seus tabulários debaixo do braço, depois de traçar sobre cada sentença um grosso risco vermelho. E aquele corte final, cor de sangue, passado à
 2165 pressa por um escriturário que recolhia contente à sua morada, a comer o seu anho, comoveu-me mais que a melancolia dos Livros Santos.

Sebes de catos em flor bordavam a estrada; e para além eram
 2170 verdes outeiros onde os muros baixos de pedra solta, vestidos de
 rosas bravas, delimitavam os hortos. Tudo ali resplandecia, festivo e
 pacífico. À sombra das figueiras, debaixo dos pilares das parreiras,
 as mulheres, encruzadas em tapetes, fiavam o linho ou atavam
 os ramos de alfazema e manjerona que se oferecem na Páscoa:
 2175 e crianças em redor, com o pescoço carregado de amuletos de
 coral, balouçavam-se em cordas, atiravam à seta... Pela estrada
 descia uma fila de lentos dromedários levando mercadorias para
 Joppé: dois homens robustos recolhiam da caça, com altos cotur-
 nos vermelhos cobertos de pó, a aljava batendo-lhes a coxa, uma
 rede atirada para as costas, e os braços carregados de perdizes
 2180 e de abutres amarrados pelas patas: e diante de nós caminhava
 devagar, apoiado ao ombro duma criança que o conduzia, um
 velho pobre, de longas barbas, trazendo presa ao cinto como um
 bardo a lira grega de cinco cordas, e sobre a fronte uma coroa
 de louro...

2185 Ao fundo dum muro, coberto de ramos de amendoeiras,
 diante duma cancela pintada de vermelho, dois servos esperavam,
 sentados num tronco caído, com os olhos baixos e as mãos sobre
 os joelhos. Topsius parou, puxou-me o albornoz: — É este o horto
 de José de Ramatha, um amigo de Jesus, membro do Sanhedrin,
 2190 homem de espírito inquieto, que se inclina para os Essénios...
 E justamente, aí vem Gad!

Do fundo do horto, com efeito, por uma rua de murta e
 rosas, Gad descia correndo com uma trouxa de linho e um cabaz
 de vime enfiados num pau. Parámos.

2195 — O Rabi? Gritou-lhe o alto Historiador, transpondo a
 cancela.

O essénio entregou a um dos escravos a trouxa, e o cesto
 que estava cheio de mirra e de ervas aromáticas; e ficou diante
 de nós um momento, trémulo, sufocado, com a mão fortemente
 2200 pousada sobre o coração para lhe serenar a ansiedade.

— Sofreu muito! Murmurou, por fim. Sofreu quando lhe
 trespassaram as mãos... Mais ainda ao erguer da cruz... E repeliu
 primeiro o vinho de misericórdia, que lhe daria a inconsciência...
 O Rabi queria entrar com a alma clara na morte por que chamara!...
 2205 Mas José de Ramatha, Nicodemus, estavam lá vigiando. Ambos

lhe lembraram as coisas prometidas uma noite em Bethania... O Rabi então tomou a malga das mãos da mulher de Rosmophim, e bebeu.

2210 E o essênio, pregados em Topsius os olhos reluzentes, como para cravar bem seguramente na sua alma uma recomendação suprema, recuou um passo e disse com uma grave lentidão: — À noite, depois da ceia, no eirado de Gamaliel...

2215 E outra vez desapareceu na rua fresca do horto, entre a murta e as roseiras. Topsius deixou logo a estrada de Joppé: e estugando o passo por um atalho agreste, onde o meu largo albornoz se prendia aos espinhos das piteiras, explicava-me que a bebida de misericórdia era um vinho forte de Tharses, com suco de papoulas e especiarias, fornecido por uma confraria de mulheres devotas para insensibilizar os supliciados... Mas eu mal
2220 escutava aquele copioso espírito. No alto dum áspero outeiro, todo de rocha e urze, avistara, destacando duramente no claro azul do céu liso, um montão de gente parada: e em meio dela sobrelevavam-se três pontas grossas de madeiros e moviam-se, faiscando ao sol, elmos polidos de legionários. Turbado, encostei-
2225 -me à beira do caminho, num penedo branco que escaldava. Mas vendo Topsius marchar, com a sábia serenidade de quem considera a Morte uma purificadora libertação das formas imperfeitas — não quis ser menos forte, nem menos espiritual: arranquei o albornoz que me abafava, galguei intrepidamente a colina temerosa.

2230 Dum lado cavava-se o vale de Hinnon, abrasado e lívido, sem uma erva, sem uma sombra, juncado de ossos, de carcaças, de cinzas. E diante de nós o morro ascendia, com manchas leprosas de tojo negro, e a espaços furado por uma ponta de rocha polida e branca como um osso. O córrego, onde os nossos passos
2235 espantavam os lagartos, ia perder-se entre as ruínas dum casebre de adobe: duas amendoeiras, mais tristes que plantas crescidas na fenda dum sepulcro, erguiam ao lado a sua rama rala e sem flor, onde cantavam asperamente cigarras. E na sombra ténue, quatro mulheres descalças, desgrenhadas, com rasgões de luto nas
2240 túnicas pobres, choravam como num funeral.

2217: *No texto-base:* a bebida de misericórdia — era

Uma, sem se mover, hirta contra um tronco, gemia surdamente sob a ponta do manto negro: outra, exausta de lágrimas, jazia numa pedra, com a cabeça caída nos joelhos, e os esplêndidos cabelos louros desmanchados, alastrados até ao chão. Mas as outras duas deliravam, arranhadas, ensanguentadas, batendo desesperadamente nos peitos, cobrindo a face de terra; depois, lançando ao céu os braços nus, abalavam o morro com gritos: «Oh meu encanto, oh meu tesouro, oh meu Sol!» E um cão, que farejava entre as ruínas, abria a goela, uivava também, sinistramente.

Espavorido, puxei a capa do douto Topsisus — e cortámos pelas urzes até ao alto, onde se apinhavam, olhando e galrando, obreiros das oficinas de Gareb, serventes do Templo, vendilhões, e alguns desses sacerdotes miseráveis e em farrapos, que vivem de nigromancia e de esmolas. Diante da branca capa em que Topsisus se togava, dois cambistas, com moedas de ouro pendentes das orelhas, arredaram-se, murmurando bênçãos servis. Uma corda de esparto deteve-nos, presa a postes cravados no chão para isolar o alto do morro, e, no sítio em que ficáramos, enrolada a uma velha oliveira que tinha pendurados dos ramos escudos de legionários e um manto vermelho.

Então, ansioso, ergui os olhos... Ergui os olhos para a cruz mais alta, cravada com cunhas numa fenda de rocha. O Rabi agonizava. E aquele corpo que não era de marfim nem de prata, e que arquejava, vivo, quente, atado e pregado a um madeiro, com um pano velho na cinta, um travessão passado entre as pernas — encheu-me de terror e de espanto... O sangue que manchara a madeira nova enegrecia-lhe as mãos, coalhado em torno aos cravos: os pés quási tocavam o chão, amarrados numa grossa corda, roxos e torcidos de dor. A cabeça, ora escurecida por uma onda de sangue, ora mais lívida que um mármore, rolava dum ombro a outro docemente; e por entre os cabelos emaranhados, que o suor empastara, os olhos esmoreciam, sumidos, apagados — parecendo levar com a sua luz para sempre toda a luz e toda a esperança da Terra...

O Centurião, sem manto, com os braços cruzados sobre a couraça de escamas, rondava gravemente junto à cruz do Rabi, cravando por vezes os olhos duros na gente do Templo, cheia de rumores e de risos. E Topsisus mostrou-me defronte, rente à

2280 corda, um homem cuja face amarela e triste quasi desaparecia entre as duas longas mechas negras de cabelo que lhe desciam sobre o peito — e que abria e enrolava com impaciência um pergaminho, ora espiando a marcha lenta do Sol, ora falando baixo a um escravo ao seu lado.

— É José de Ramatha, segredou-me o douto Historiador.
2285 Vamos ter com ele, ouvir as coisas que convém saber...

Mas nesse instante, de entre o bando sórdido dos servos do Templo e dos sacerdotes miseráveis que são nutridos pelos sobejos dos holocaustos, rompeu um ruído mais forte como o grasnar de corvos num alto. E um deles, colossal, esquálido, com
2290 costuras de facadas através da barba rala, atirou os braços para a cruz do Rabi, e gritou numa baforada de vinho:

— Tu que és forte, e querias destruir o Templo e as suas muralhas, porque não quebras ao menos o pau dessa cruz?

Em torno estalaram risadas alvares. E outro, espalmando as
2295 mãos sobre o peito, curvado com infinito escárnio, saudava o Rabi:

— Herdeiro de David, oh meu príncipe, que te parece esse trono?

— Filho de Deus! Chama teu pai, vê se teu pai te vem salvar! Rouquejava a meu lado um magro velho, que tremia e sacudia a
2300 barba, apoiado ao seu bordão.

Alguns vendilhões bestiais apanhavam torrões secos a que misturavam cuspo, para arremessar ao Rabi: uma pedra por fim passou, ressoou cavamente no madeiro. Então o Centurião correu, indignado; a folha da sua larga espada lampejou no ar; e o bando
2305 recuou blasfemando — enquanto alguns embrulhavam na ponta do saião os dedos que escorriam sangue.

Nós acercámo-nos de José de Ramatha. Mas o sombrio homem abalou bruscamente, esquivando a importância do sábio
2310 Topsius. E, magoados com a sua rudeza, ali ficámos junto dum tronco de oliveira seca, defronte das outras cruces.

Os dois condenados tinham acordado do primeiro desmaio, sob a frescura da aragem da tarde. Um, grosso, peludo, com os olhos esbugalhados, o peito atirado para diante e as costelas a estalar, como se num esforço desesperado quisesse arrancar-se
2315 do madeiro — urrava sem descontinuar, medonhamente: o sangue pingava-lhe em gotas lentas dos pés negros, das mãos

esgaçadas: e abandonado, sem afeição ou piedade que o assistissem, era como um lobo ferido que uiva e morre num brejo. O outro, delgado e louro, pendia sem um gemido, como uma haste de
 2320 planta meio quebrada. Defronte dele uma mulher macilenta e em farrapos, passando a cada instante o joelho sobre a corda, estendia-lhe nos braços uma criancinha nua, e gritava, já rouca: «Olha ainda, olha ainda!» As pálpebras lívidas não se moviam: um negro, que entrouxava as ferramentas da crucificação, ia empurrá-la
 2325 com brandura: ela emudecia, apertava desesperadamente o filho para que lho não levassem também, batendo os dentes, tremendo toda: e a criancinha entre os farrapos procurava o seio magro.

Soldados, sentados no chão, desdobravam as túnicas dos supliciados: outros, com o elmo enfiado no braço, limpavam o suor — ou por uma malga de ferro, a goles lentos, bebiam a *posca*.
 2330 E em baixo, na poeira da estrada, sob o sol mais doce, passava gente recolhendo pacificamente dos campos e dos hortos. Um velho picava as suas vacas para o lado da Porta de Genath: mulheres, cantando, carregavam lenha: um cavaleiro trotava, embrulhado num manto branco. Às vezes os que atravessavam o caminho ou
 2335 voltavam dos pomares de Gareb avistavam as três cruzes erguidas: arregaçavam a túnica, subiam a colina devagar através das urzes. O rótulo da cruz do Rabi, escrito em grego e em latim, causava logo assombro. «Rei dos Judeus!» Quem era esse? Dois
 2340 moços, patricios e saduceus, com brincos de pérolas nas orelhas e bordaduras de ouro nos borzeguins, interpelaram o Centurião, escandalizados. Porque escrevera o Pretor — «Rei dos Judeus»? Era aquele, ali pregado na cruz, Caio Tibério? Só Tibério era rei da Judeia! O Pretor quisera ofender Israel! Mas em verdade só
 2345 ultrajava César!...

Impassível, o Centurião falava a dois legionários que remexiam no chão em grossas barras de ferro. E a mulher que acompanhava os Saduceus, uma romana miudinha e morena, com fitas de púrpura nos cabelos empoados de azul, contemplava suavemente o Rabi e
 2350 aspirava o seu frasco de essências — lamentando decerto aquele moço, rei vencido, rei bárbaro, que morria no poste dos escravos.

Cansado, fui sentar-me com Topsius numa pedra. Era perto da oitava hora judaica: o Sol, sereno como um herói que envelhece, descia para o mar por sobre as palmeiras de Bethania. Diante de

2355 nós o Gareb verdejava, coberto de jardins. Junto às muralhas, no
bairro novo de Bezetha, grandes panos vermelhos e azuis seca-
vam em cordas às portas das tinturarias; um lume vermelhejava
no fundo duma forja; crianças corriam brincando sobre a borda
2360 duma piscina. Adiante, no alto da Torre Hípica, que estendia já a
sua sombra sobre o vale de Hinnon, soldados de pé na amurada
apontavam a seta aos abutres voando no azul. E para além, entre
arvoredos, surgiam, frescos e rosados pela tarde, os eirados do
palácio de Herodes.

Triste, com o espírito disperso, eu pensava no Egito, nas
2365 nossas tendas, na vela que lá me esquecera ardendo, fumarenta e
vermelha — quando avistei, subindo a colina devagar, apoiado ao
ombro da criança que o conduzia, o velho que já cruzáramos na
estrada de Joppé, com uma lira presa à cintura. Os seus passos
arrastavam-se mais incertos, na fadiga duma jornada penosa; uma
2370 tristeza abatia-lhe sobre o peito a clara barba ondeante; e debaixo
do manto cor de vinho, que lhe cobria a cabeça, as folhas da
coroa de louro pendiam raras e murchas.

Topsius gritou-lhe: «Eh, rapsodo!» E quando ele, tentando as
urzes do caminho, se acercou — o douto Historiador perguntou-lhe
2375 se das doces ilhas do mar trazia algum canto novo. O velho
ergueu a face entristecida; e muito nobremente murmurou que
uma mocidade imperecível sorri nos mais antigos cantos da
Helénia. Depois, tendo assentado a sandália sobre uma pedra,
tomou a lira entre as mãos vagarosas; a criança, direita, com as
2380 pestanas baixas, pôs à boca uma flauta de cana; e, no resplendor
da tarde que envolvia e dourava Sião, o rapsodo soltou um canto
já trémulo, mas glorioso e repassado de adoração, como ante a
Ara dum templo, numa praia da Iónia... E eu percebi que ele
cantava os Deuses, a sua beleza, a sua atividade heroica. Dizia o
2385 Dêlfico, imberbe e cor de ouro, afinando os pensamentos humanos
pelo ritmo da sua cítara; Ateneia, armada e industriosa, guiando
as mãos dos homens sobre os teares; Zeus, ancestral e sereno,
dando a beleza às raças, a ordem às cidades; e acima de todos,
sem forma e esparso, o Fado, mais forte que todos!

2390 Mas subitamente um grito varou o céu no alto da colina,
supremo e arrebatado como o duma libertação! Os dedos frouxos
do velho emudeceram entre as cordas de metal: com a cabeça

descaída, a coroa do louro épico meio desfolhada, parecia cho-
 rar sobre a lira helénica, de ora em diante e para longas idades
 2395 silenciosa e inútil. E ao lado a criança, tirando a flauta dos lábios,
 erguia para as cruces negras os olhos claros — onde subia a
 curiosidade e a paixão dum mundo novo.

Topsius pediu ao velho a sua história. Ele contou-a, com
 amargura. Viera de Samnos a Cesareia, e tocava o konnor junto ao
 2400 Templo de Hércules. Mas a gente abandonava o puro culto dos
 heróis; e só havia festas e oferendas para a Boa Deusa da Síria!
 Acompanhara depois uns mercadores a Tiberíade: os homens aí
 não respeitavam a velhice, e tinham corações interesseiros como
 escravos. Seguiu então pelas longas estradas, parando nos postos
 2405 romanos onde os soldados o escutavam; nas aldeias de Samaria
 batia às portas dos lagares; e para ganhar o pão duro tocara a
 cítara grega nos funerais dos bárbaros. Agora errava ali, nessa
 cidade onde havia um grande Templo, e um Deus feroz e sem
 forma que detestava as gentes. E o seu desejo era voltar a Mileto,
 2410 sua pátria, sentir o fino murmúrio das águas do Meandro, poder
 palpar os mármorem santos do Templo de Phebo Dydimeo — onde
 ele em criança levava num cesto e cantando os primeiros anéis
 dos seus cabelos...

As lágrimas rolavam pela sua face, tristes como a chuva por
 2415 um muro em ruínas. E a minha piedade foi grande por aquele
 rapsodo das ilhas da Grécia, perdido também na dura cidade dos
 Judeus, envolto pela influência sinistra dum Deus alheio! Dei-lhe
 a minha derradeira moeda de prata. Ele desceu a colina, apoiado
 ao ombro da criança, lento e curvado, com a orla esfarrapada do
 2420 manto trapejando nas pernas nuas, e muda e mal segura do cinto
 a lira heroica de cinco cordas.

No entanto, em torno às cruces, no alto, crescera um rumor
 de revolta. E fomos encontrar a gente do Templo, com as mãos
 no ar, mostrando o Sol que descia como um escudo de ouro para
 2425 o lado do mar de Tiro, intimando o Centurião a que baixasse os
 condenados da cruz antes de soar a hora santa da Páscoa! Os mais
 devotos reclamavam que se applicasse aos crucificados, se ainda
 viviam, o *crurifrágio* romano, quebrando-lhes os ossos com barras
 de ferro, arrojando-os ao despenhadeiro de Hinom. E a indiferença
 2430 do Centurião exasperava o zelo piedoso. Ousaria ele macular o

Sabat, deixando um corpo morto no ar? Alguns enrolavam a ponta do manto para correr, e ir a Acra avisar o Pretor.

— O Sol declina! O Sol vai deixar o Hébron! Gritou de cima dum a pedra um levita, aterrado.

2435 — Acabai-os, acabai-os!

E ao nosso lado, um formoso moço exclamava, requebrando os olhos lânguidos, movendo os braços cheios de manilhas de ouro:

— Atirai o Rabi aos corvos! Dai às aves de rapina a sua Páscoa!

2440 O Centurião, que espreitava o alto da Torre Mariana onde os escudos suspensos luziam batidos pelo sol derradeiro — acenou devagar com a espada. Dois legionários, lançando pesadamente ao ombro as barras de ferro, marcharam com ele para as cruces. Eu, arrepiado, agarrei o braço de Topsisus. Mas diante do madeiro

2445 de Jesus o Centurião parou, erguendo a mão...

O corpo branco e forte do Rabi tinha a serenidade dum adormecimento: os pés empoeirados, que há pouco a dor torcia dentro das cordas, pendiam agora direitos para o chão como se o fossem em breve pisar: e a face não se via, tombada para trás molemente por sobre um dos braços da cruz, toda voltada para o céu onde ele pusera o seu desejo e o seu reino... Eu olhei também o céu: rebrilhava, sem uma sombra, sem uma nuvem, liso, claro, mudo, muito alto, e cheio de impassibilidade...

2455 — Quem reclamou o corpo deste homem? Gritou, procurando para os lados, o Centurião.

— Eu, que o amei em vida! Acudiu José de Ramatha, estendendo por cima da corda o seu pergaminho.

2460 O escravo que esperava junto dele depôs logo no chão a trouxa de linho e correu para as ruínas do casebre onde as mulheres choravam entre as amendoeiras.

E por trás de nós, Fariseus e Saduceus que se tinham juntado estranhavam com azedume que José de Ramatha, um membro do Sanhedrin, assim solicitasse o corpo do Rabi para o perfumar e lhe fazer soar em torno as flautas e os prantos dum funeral... Um deles, corcovado, com esfiadas melenas luzidias de óleo, afirmava que sempre conhecera José de Ramatha inclinado para todos os inovadores, todos os sediciosos... Mais dum a vez o vira falar com esse Rabi junto ao campo dos Tintureiros...

2470 E com eles estava Nicodemus, homem rico que tem gados, que tem vinhas, e todas as casas que estão de ambos os lados da sinagoga de Cirenaica...

Outro, rubicundo e mole, gemeu:

— Que será da nação, se os mais considerados se juntam aos que adulam o pobre, e lhe ensinam que os frutos da terra devem ser igualmente para todos!...

— Raça de Messias! Bradou o mais moço com furor, atirando o bastão contra as urzes. Raça de Messias, perdição de Israel!

Mas o saduceu de melenas oleosas ergueu devagar a mão, ligada em tiras sagradas:

2480 — Sossegai: Jeová é grande: e tudo em verdade determina para melhor... No Templo e no Conselho não faltarão jamais homens fortes que mantenham a velha Ordem; e em cima dos calvários, felizmente, hão de sempre erguer-se as cruzes!...

E todos sussurraram:

2485 — *Âmen!*

No entanto o Centurião, com os soldados atrás levando ao ombro as barras de ferro, marchava para os outros madeiros onde os condenados, vivos e cheios de agonia, pediam água — um pendido e gemendo, outro torcido, com as mãos rasgadas, rugindo terrivelmente. Topsius, que sorria friamente, murmurou: «É tempo, vamos.»

2495 Com os olhos alagados de água amarga, tropeçando nas pedras, desci ao lado do facundo crítico a colina de Imolação. E sentia uma densa melancolia entenebrecer a minha alma pensando nessas cruzes vindouras, anunciadas pelo conservador de guedelha oleosa... Assim seria, oh dura miséria! Sim! Doravante, por todos os séculos a vir, iria sempre recomeçando em torno à lenha das fogueiras, sob a frialdade das masmorras, junto às escadas das forcas — este afrontoso escândalo de se juntarem sacerdotes, patrícios, magistrados, soldados, doutores e mercadores para
2500 matarem ferozmente no alto dum morro o justo que penetrado

2488: *No texto-base:* agonia pediam

2493: *No texto-base:* fecundo / de Imolação: *conforme o texto-base.*

do esplendor de Deus ensine a Adoração em Espírito, ou cheio do amor dos homens proclame o Reino da Igualdade!

2505 Com estes pensamentos recolhi a Jerusalém — enquanto as aves, mais felizes que os homens, cantavam nos cedros do Gareb...

Escurecera e era a hora da ceia Pascal, quando chegámos a casa de Gamaliel: no pátio, preso a uma argola, estava o burro, albardado de panos pretos, que trouxera o amável físico Eliezer de Silo.

2510 Na sala azul, de teto de cedro, perfumada de malóbatro, o austero doutor já nos aguardava estendido no divan de correias brancas, com os pés nus, as largas mangas arregaçadas e pregadas no ombro — e ao lado um bordão de viagem, uma cabaça de água e uma trouxa, emblemas rituais da saída do Egito. Defronte dele, numa mesa incrustada de madreperla, entre vasos de barro
2515 com flores pintadas, açafates de filigrana de prata trasbordando de fruta e pedaços cintilantes de gelo, erguia-se um candelabro em forma de arbusto, tendo na ponta de cada galho uma pálida chama azul: e, com os olhos perdidos no seu brilho trémulo, as mãos cruzadas no ventre, Eliezer, o benigno *Doutor da Tripa*, sorria
2520 beatificamente encostado a almofadas de couro vermelho. Junto dele dois escabelos, recobertos com tapetes da Assíria, esperavam por mim e pelo sagaz Historiador.

— Sede bem-vindos, rosnou Gamaliel. Grandes são as maravilhas de São, deveis vir esfomeados...

2525 Bateu de leve as palmas. Os escravos, caminhando sem ruído nas sandálias de feltro, e precedidos majestosamente pelo homem obeso de túnica amarela, entraram, erguendo muito alto largos pratos de cobre que fumegavam.

A um lado tínhamos, para limpar os dedos, um bolo de farinha branco, fino e mole como um pano de linho; do outro um
2530 prato largo, com cercadura de pérolas, onde negrejava entre ramos de salsa um montão de cigarras fritas; no chão jarros com água de rosa. Cumprimos as abluções: e Gamaliel, tendo purificado a boca com um pedaço de gelo, murmurou a oração ritual sobre a
2535 vasta travessa de prata, onde o cabrito assado fazia transbordar o molho de açafão e saumura.

Topsius, bom sabedor das maneiras orientais, arrotou fortemente, por cortesia, demonstrando fartura e deleite: depois, com

2540 uma febra de anho entre os dedos, afirmou sorrindo aos doutores que Jerusalém lhe parecera magnífica, formosa de claridade, e bendita entre as cidades...

Eliezer de Silo acudiu, com os olhos cerrados de gozo, como se o acariciassem:

2545 — Ela é uma joia melhor que o diamante, e o Senhor engastou-a no centro da Terra para que irradiasse igualmente o seu brilho em redor...

— No centro da Terra!... Murmurou o Historiador, com douto espanto.

2550 Sim! E, ensopando um pedaço de bolo no molho de açafão, o profundo físico explicou a Terra. Ela é chata e mais redonda que um disco; no meio está Jerusalém a santa, como um coração cheio de amor do Altíssimo; em redor a Judeia, rica em bálsamos e palmeiras, cerca-a de sombra e de aromas; para além ficam os pagãos, em regiões duras onde nem o mel nem o leite abundam; depois
2555 são os mares tenebrosos... E por cima o céu, sonoro e sólido.

— Sólido!... Balbuciu o meu sapiente amigo, esgazeado.

2560 Os escravos serviam em taças de prata cerveja amarela da Média. Com solicitude Gamaliel aconselhou-me que, para lhe avivar o sabor, trincasse uma cigarra frita. E Rabi Eliezer, sábio entre todos nas coisas da Natureza, revelava a Topsius a divina construção do céu.

2565 Ele é feito de sete duras, maravilhosas, rutilantes camadas de cristal; por cima delas constantemente rolam as grandes águas; sobre as águas flutua num fulgor o espírito de Jeová... Estas lâminas de cristal, furadas como um crivo, resvalam umas sobre as outras com uma música doce e lenta que os Profetas mais queridos por vezes ouviam... Ele mesmo, uma noite que orava no eirado da sua casa em Silo, sentira por um raro favor do Altíssimo essa harmonia, tão penetrante e suave que as lágrimas uma a uma lhe
2570 caíam nas mãos abertas... Ora nos meses de Kisleu e de Tebeth os furos das lâminas coincidem, e por eles caem sobre a Terra as gotas das águas eternas que fazem crescer as searas!

— A chuva? Perguntou Topsius, com acatamento.

— A chuva! Respondeu Eliezer, com serenidade.

2575 Topsius, mordendo um sorriso, ergueu para Gamaliel os seus óculos de ouro que faiscavam de sábia ironia: mas o piedoso filho

de Simeon conservava sobre a face, emagrecida no estudo da Lei, uma seriedade impenetrável. Então o Historiador, remexendo as azeitonas, desejou saber do esclarecido físico por que tinham os cristais do céu essa cor azul que enleva a alma...

2580 Eliezer de Silo elucidou-o:

— Uma grande montanha azul, invisível até hoje aos homens, ergue-se a Ocidente: ora, quando o sol a bate, a sua reverberação banha o cristal do céu e anila-o. É talvez nessa montanha que vivem as almas dos justos!...

2585 Gamaliel tossiu brandamente e murmurou: «Bebamos, louvando o Senhor!»

Ergueu uma taça cheia de vinho de Sicheim, pronunciou sobre ela uma bênção — e passou-ma, chamando a paz sobre o meu coração. Eu rosnei: «À sua, muitos e felizes!» E Topsius, recebendo a taça com veneração, bebeu — «à prosperidade de Israel, à sua força, ao seu saber!»

2590 Depois os servos, precedidos pelo homem obeso de túnica amarela, que fazia ressoar sobre as lajes com pompa a sua vara de marfim, trouxeram a mais devota comida Pascal — as ervas amargas.

Era uma travessa repleta de alface, agriões, chicória, macela, com vinagre e grossas pedras de sal. Gamaliel mastigava-as solenemente, como cumprindo um rito. Elas representavam as amarguras de Israel no cativeiro do Egito. E Eliezer, chupando os dedos, declarou-as deliciosas, fortificadoras e repassadas de alta lição espiritual.

2600 Mas Topsius lembrou, fundado nos autores gregos, que todos os legumes amolecem no homem a virilidade, lhe descoram a eloquência, lhe enervam o heroísmo: e com torrencial erudição citou logo Teofrasto, Eubulo, Nicandro na segunda parte do seu *Dicionário*, Féneas no seu *Tratado das Plantas*, Défilo e Epicarmo!...

2610 Gamaliel, secamente, condenou a inanidade dessa ciência — porque Hecateus de Mileto, só no primeiro livro da sua *Descrição da Ásia*, encerra cinquenta e três erros, catorze blasfêmias e cento e nove omissões... Assim dizia o leviano grego que a tâmara, maravilhoso dom do Altíssimo, enfraquece o intelecto!...

— Mas, exclamou Topsius com ardor, a mesma Doutrina estabelece Xenofonte no livro segundo do *Anabasis*! E Xenofonte...

2615 Gamaliel rejeitou a autoridade de Xenofonte. Então Tópsius, vermelho, batendo com uma colher de ouro na borda da mesa, exaltou a eloquência de Xenofonte, a forte nobreza do seu sentimento, a sua terna reverência por Sócrates!... E enquanto eu partia um empadão de Commagenia, os dois facundos doutores, asperamente, 2620 romperam debatendo Sócrates. Gamaliel afirmava que as *vozes secretas* ouvidas por Sócrates, e que tão divina e puramente o governavam, eram murmúrios distantes que lhe chegavam da Judeia, repercussões miraculosas da voz do Senhor... Tópsius pulava, encolhia os ombros, com desesperado sarcasmo. Sócrates inspirado por Jeová! Ora lérias!

2625 No entanto era certo (insistia Gamaliel, já lívido) que os Gentílicos iam emergindo da sua treva, atraídos pela luz forte e pura que derramava Jerusalém: — porque a reverência pelos Deuses aparecia em Ésquilo, profunda e cheia de terror; em Sófocles, amável e cheia de serenidade; em Eurípidés, superficial e cheia 2630 de dúvida... E cada um dos trágicos dava assim, largamente, um passo para o Deus verdadeiro!

— Oh Gamaliel, filho de Simeon, murmurou Eliezer de Silo, tu, que possuis a verdade, para que dás acesso no teu espírito aos pagãos?

2635 Gamaliel respondeu:

— Para os desprezar melhor dentro em mim!

Farto de tão clássica controvérsia, achei-me a Eliezer um covillete de mel do Hébron — e contei-lhe quanto me agradara o caminho do Gareb entre jardins. Ele concordou que Jerusalém, cercada de vergéis, era doce à vista como a fronte da noiva toucada de anémons. Depois estranhou que eu escolhesse, para me 2640 recrear, esses arredores de Gihon, cheios de açougues, junto ao morro escaldado onde se erguem as cruzes. Mais suave me teria sido a fragrância de Siloeh...

2645 — Fui ver Jesus, atalhei severamente. Fui ver Jesus, crucificado esta tarde por mandado do Sanhedrin...

Eliezer, com oriental cortesia, bateu no peito demonstrando mágoa. E quis saber se pertencia ao meu sangue, ou partilhara comigo o pão de aliança, esse Jesus que eu fora assistir na sua 2650 morte de escravo.

Eu considerei-o, assombrado:

— É o Messias!

E ele considerou-me mais assombrado ainda, com um fio de mel a escorrer-lhe na barba.

2655 Oh raridade! Eliezer, doutor do Templo, físico do Sanhedrin, não conhecia Jesus de Galileia! Atarefado com os enfermos que pela Páscoa atulham Jerusalém (confessou ele) não fora ao Xistus, nem à loja do perfumista Cleos, nem aos eirados de Hannan, onde as novas voam mais numerosas que as pombas: por isso
2660 nada ouvira da aparição dum Messias...

De resto, acrescentou, não podia ser o Messias! Esse deveria chamar-se Menahem o Consolador, porque traria a consolação a Israel. E haveria dois Messias: o primeiro, da tribo de José, seria vencido por Gog; o segundo, filho de David e cheio de força,
2665 venceria Magog. Antes de ele nascer começariam sete anos de maravilhas: haveria mares evaporados, estrelas despregadas do céu, fomes e tais farturas que até as rochas dariam fruto: no último ano correria sangue entre as nações: enfim ressoaria uma voz portentosa: e, sobre o Hébron, com uma espada de fogo,
2670 surgiria o Messias!...

Dizia estas coisas peregrinas fendendo a casca dum figo. Depois com um suspiro:

— Ora ainda nenhuma dessas maravilhas, meu filho, anunciou a consolação!...

2675 E atolou os dentes no figo.

Então fui eu, Teodorico, ibero, dum remoto município romano, que contei a um físico de Jerusalém, criado entre os mármorees do Templo, a vida do Senhor! Disse as coisas doces e as coisas fortes: as três claras estrelas sobre o seu berço; a sua
2680 palavra amansando as águas de Galileia; o coração dos simples palpitando por ele; o Reino do Céu que prometia; e a sua face augusta brilhando diante do Pretor de Roma...

— Depois os padres, os patrícios e os ricos crucificaram-no!

Doutor Eliezer, volvendo a remexer o açafate de figos, murmurou pensativamente:
2685

— Triste, triste!... Todavia, meu filho, o Sanhedrin é misericordioso. Em sete anos, desde que o sirvo, apenas tem lançado três sentenças de morte... Sim, decerto o mundo necessita bem escutar uma palavra de amor e de justiça: mas Israel tem sofrido
2690 tanto com inovadores, com Profetas!... Enfim, nunca se deveria

derramar o sangue do homem... E a verdade é que estes figos, de Betphagé, não valem os meus de Silo!

Calado, enrolei um cigarro. E nesse instante o douto Top-sius, debatendo ainda com Gamaliel o Helenismo e as escolas
2695 Sócráticas, empinado, de óculos na ponta do bico, soltava este resumo forte:

— Sócrates é a semente; Platão a flor; Aristóteles o fruto... E desta árvore, assim completa, se tem nutrido o espírito humano!

Mas Gamaliel subitamente ergueu-se: doutor Eliezer também,
2700 arrotando com efusão. Ambos tomaram os cajados, ambos gritaram:

— Aleluia! Louvai o Senhor que nos tirou da terra do Egito!

Findara a ceia Pascal. O esclarecido Historiador, que limpava o suor da controvérsia, olhou logo vivamente o relógio e rogou a Gamaliel permissão de subir ao terraço, a refrescar a sua emo-
2705 ção no ar macio de Ophel... O Doutor da Lei conduziu-nos à varanda alumiada palidamente por lâmpadas de mica, mostrou-nos a íngreme escada de ébano que levava aos eirados; e chamando sobre nós a graça do Senhor, penetrou com Eliezer num aposento cerrado por cortinas de Mesopotâmia — donde saiu um aroma,
2710 um fino rumor de risos e sons lentos de lira.

Que doce ar no terraço! E que alegre essa noite de Páscoa em Jerusalém! No céu, mudo e fechado como um palácio onde há luto, nenhum astro brilhava: mas o burgo de David e a colina de Acra, com as suas iluminações rituais, pareciam salpicadas de
2715 ouro. Em cada eirado, vasos com estopa ardendo em óleo lançavam uma chama ondeante e vermelha. Aqui e além, nalguma casa mais alta os fios de luzes, na parede escura, reluziam como um colar de joias no pescoço duma negra. O ar estava docemente cortado dos gemidos de flauta, da dolente vibração das cordas
2720 do konnor: e em ruas alumiadas por grandes fogueiras de lenha, víamos esvoaçar, claras e curtas, as túnicas de Gregos dançando a *callabida*. Só as torres, mais vastas na noite, a Hípica, a Mariana, a Farsala, se conservavam escuras: e o mugido das suas buzinas passava por vezes, rouco e rude, como uma ameaça, sobre a santa
2725 cidade em festa.

Mas para além das muralhas recomeçava a alegria da noite Pascal. Havia luzes em Siloeh. Nos acampamentos, sobre o Monte das Oliveiras, ardiam fogos claros: e como as portas ficavam

abertas, filas de tochas fumegavam pelos caminhos, por entre um
2730 rumor de cantares.

Só uma colina, além do Gareb, permanecera em treva. Nessa
hora, por baixo dela, numa ravina entre rochas, alvejavam dois cor-
pos despedaçados, onde os bicos dos abutres com um ruído seco
de ferros entrechocados faziam a sua ceia Pascal. Ao menos outro
2735 corpo, precioso invólucro dum espírito perfeito, jazia resguardado
num túmulo novo, envolto em linho fino, ungido, perfumado de
canela e de nardo. Assim o tinham deixado nessa noite, a mais
santa de Israel, aqueles que o amavam — e que desde então para
todo o sempre mais entranhadamente o amariam... Assim o tinham
2740 deixado com uma pedra lisa por cima: e agora entre as casas de
Jerusalém, cheias de luzes e cheias de cantos — alguma havia,
escura e fechada, onde corriam lágrimas sem consolação. Aí o lar
esfriara, apagado: a lâmpada triste esmorecia sobre o alqueire: na
bilha não havia água, porque ninguém fora à fonte; e sentadas
2745 na esteira, com os cabelos caídos, aquelas que o tinham seguido
de Galileia falavam dele, das primeiras esperanças, das parábolas
contadas por entre os trigais, dos tempos suaves à beira do lago...

Assim eu pensava, debruçado sobre o muro, olhando
Jerusalém — quando no terraço surgiu, sem rumor, uma forma
2750 envolta em linhos brancos, espalhando um aroma de canela e de
nardo. Pareceu-me que dela irradiava um clarão, que os seus pés
não pisavam as lajes — e o meu coração tremeu! Mas de entre
os pálidos panos uma bênção saiu, grave e familiar:

— Que a paz seja convosco!

2755 Ah! Que alívio! Era Gad.

— Que a paz seja contigo!

O essénio parou diante de nós, calado; e eu sentia os seus
olhos procurarem o fundo da minha alma, para lhe sondar bem a
grandeza e a força. Por fim murmurou, imóvel como uma imagem
2760 tumular nas suas grandes vestes brancas:

— A Lua vai nascer... Todas as coisas esperadas se estão
cumprindo... Agora, dizei! Sentis o coração forte para acompanhar
Jesus, e guardá-lo até ao oásis de Engaddi?

Ergui-me, atirando os braços ao ar, num terror!... Acompanhar
2765 o Rabi! Ele não jazia pois morto, ligado e perfumado, sob uma
pedra, num horto do Gareb?... Viví! Ao nascer da Lua, entre os

seus amigos, ia partir para Engaddi! Agarrei ansiosamente o ombro de Topsius, amparando-me ao seu saber forte e à sua autoridade...

O meu douto amigo parecia enleado numa pesada incerteza:
2770 — Sim, talvez... O nosso coração é forte, mas... Além disso não temos armas!

— Vinde comigo! Acudiu Gad, ardentemente. Passaremos por casa de alguém que nos dirá as coisas que convém saber, e que vos dará armas!...

2775 Ainda trémulo, sem me desamparar do sábio Historiador, ousei balbuciar:

— E Jesus?... Onde está?

— Em casa de José de Ramatha, segredou o essénio espreitando em roda como o avaro que fala dum tesouro. Para que
2780 nada suspeitasse a gente do Templo, mesmo na presença deles depositámos o Rabi no túmulo novo que está no horto de José. Três vezes as mulheres choraram sobre a pedra que segundo os ritos, como sabeis, não fechava inteiramente o túmulo, deixando uma larga fenda por onde se via o rosto do Rabi. Alguns ser-
2785 ventes do Templo olharam, e disseram: «Está bem». Cada um recolheu à sua morada... Eu entrei pela Porta de Genath, nada mais vi. Mas, apenas anoitecesse, José e outro, fiel inteiramente, deviam ir buscar o corpo de Jesus, e com as receitas que vêm no livro de Salomão fazê-lo reviver do desmaio em que o deixou o
2790 vinho narcotizado e o sofrimento... Vinde pois, vós que o amais também e credes nele!...

Impressionado, decidido, Topsius traçou a sua farta capa: e descemos, num cauto silêncio, pela escada que do terraço levava a um caminho de pedra miúda colado à muralha nova de Herodes.

2795 Longo tempo marchámos na escuridão, guiados pelas roupagens brancas do essénio. De entre casebres em ruínas, por vezes um cão saltava uivando. Sobre as altas ameias passavam mortijas lanternas de ronda. Depois uma sombra que tossia ergueu-se de sob uma árvore, triste e mole como se saísse da sua sepultura;
2800 e roçando o meu braço, puxando a capa de Topsius, rogava-nos através de gemidos e baforadas de alho que fôssemos dormir ao seu leito que ela perfumara de nardo.

Parámos finalmente diante dum muro, a que uma esteira grossa de esparto cerrava a entrada. Um corredor que ressumbrava

2805 água levou-nos a um pátio rodeado por uma varanda, assente sobre rudes vigas de madeira: o chão mole como lodo abafava o rumor das nossas solas.

Gad, três vezes espaçadas, soltou o grito dos chacais. Nós esperávamos no meio do pátio, à borda dum poço, coberto com
2810 tábuas: o céu, por cima, guardava a escuridão dura e impenetrável dum bronze. A um canto, enfim, sob a varanda, um clarão vivo de lâmpada surgiu — alumando a barba negra do homem que a trazia e que lançara sobre a cabeça a ponta dum albornoz pardo de galileu. Mas a luz morreu sob um sopro forte. E o homem,
2815 lentamente, na treva, caminhou para nós.

Gad cortou a desolada mudez:

— Que a paz seja contigo, irmão! Estamos prontos.

O homem pousou devagar a lâmpada sobre a tampa do poço, e disse:

2820 — Tudo está consumado.

Gad, estremecendo, gritou:

— O Rabi?

O homem atirou a mão para abafar o grito do essénio. Depois, tendo sondado a sombra em redor com olhos inquietos
2825 que reluziam como os dum animal do deserto:

— São coisas mais altas do que podemos entender. Tudo parecia certo. O vinho narcotizado fora bem preparado pela mulher de Rosmophim, que é hábil e conhece os simples... Eu tinha falado ao Centurião, um camarada a quem salvei a vida na Ger-
2830 mânia, na campanha de Públio. E, quando rolámos a pedra sobre o túmulo de José de Ramatha, o corpo do Rabi estava quente!

Mas calou-se: e, como se o pátio fechado sob o céu negro não fosse bastante secreto e seguro, tocou no ombro de Gad, e sem um rumor dos pés nus recolheu à escuridão mais densa
2835 sob a varanda, até às pedras do muro. Nós, rente a ele e mudos, tremíamos de ansiedade: — e eu senti que uma revelação ia passar, suprema e prodigiosa, alumando os Mistérios.

— Ao anoitecer, segredou o homem por fim com um murmúrio triste de água correndo na sombra, voltámos ao túmulo.
2840 Olhámos pela fenda: a face do Rabi estava serena e cheia de majestade. Levantámos a pedra, tirámos o corpo. Parecia adormecido, tão belo, como divino, nos panos que o envolviam...

José tinha uma lanterna: e levámo-lo pelo Gareb, correndo através do arvoredado. Ao pé da fonte encontrámos uma ronda da
 2845 coorte auxiliar. Dissemos: «É um homem de Joppé que adoeceu, e que nós levamos à sua sinagoga». A ronda disse: «Passai». Em casa de José estava Simeon o Essénio, que viveu em Alexandria e sabe a natureza das plantas: e tudo fora preparado, até a raiz do baraz... Estendemos Jesus na esteira. Demos-lhe a beber os
 2850 cordiais, chamámo-lo, esperámos, orámos... Mas ai! Sentíamos, sob as nossas mãos, arrefecer-lhe o corpo!... Um instante abriu lentamente os olhos, uma palavra saiu-lhe dos lábios. Era vaga, não a compreendemos... Parecia que invocava seu pai, e que se queixava dum abandono... Depois estremeceu: um pouco de
 2855 sangue apareceu-lhe ao canto da boca... E, com a cabeça sobre o peito de Nicodemus, o Rabi ficou morto!

Gad caiu pesadamente de joelhos, soluçando: e o homem, como se todas as coisas tivessem sido ditas, deu um passo para buscar a sua lâmpada ao poço. Topsisius deteve-o, com avidez:

2860 — Escuta! Preciso toda a verdade. Que fizestes depois?

O homem parou junto a um dos pilares de madeira. Depois, alargando os braços na escuridão, e tão perto das nossas faces que eu sentia o seu bafo quente:

— Era necessário, para bem da Terra, que se cumprissem as
 2865 profecias! Durante duas horas José de Ramatha orou, prostrado. Não sei se o Senhor lhe falou em segredo; mas, quando se ergueu, resplandecia todo e gritou: «Elias veio! Elias veio! Os tempos chegaram!» Depois, por sua ordem, enterrámos o Rabi numa caverna que ele tem, talhada na rocha, por trás do moinho...

2870 Atravessou o pátio, tomou a sua lâmpada. E recolhia lentamente, sem um rumor, quando Gad, erguendo a face, o chamou através dos seus soluços:

— Escuta ainda! Grande é o Senhor, na verdade!... E o outro túmulo, onde as mulheres de Galileia o deixaram, ligado e envolto em panos, com aloés e com nardo?

O homem, sem parar, murmurou, já sumido na treva:

— Lá ficou aberto, lá ficou vazio!...

Então Topsisius arrastou-me pelo braço tão arreatadamente que tropeçávamos no escuro contra os pilares da varanda. Uma
 2880 porta ao fundo abriu-se, com um brusco estrondo de ferros

caídos... E vi uma praça, rodeada de pálidos arcos, triste e fria, com erva entre as fendas das lajes dessoldadas, como numa cidade abandonada. Topsius estacou, os seus óculos faiscavam:

— Teodorico, a noite termina, vamos partir de Jerusalém!...
2885 A nossa jornada ao Passado acabou... A lenda inicial do cristianismo está feita, vai findar o mundo antigo!

Eu considerei, assombrado e arrepiado, o douto Historiador. Os seus cabelos ondeavam agitados por um vento de inspiração. E o que levemente saía dos seus finos lábios retumbava, terrível
2890 e enorme, caindo sobre o meu coração:

— Depois de amanhã, quando acabar o Sabat, as mulheres de Galileia voltarão ao Sepulcro de José de Ramatha onde deixaram Jesus sepultado... E encontram-no aberto, encontram-no vazio!... «Desapareceu, não está aqui!...» Então Maria de Magdala, crente
2895 e apaixonada, irá gritar por Jerusalém: «Ressuscitou, ressuscitou!» E assim o amor duma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!

E, atirando os braços ao ar, correu através da praça — onde os pilares de mármore começavam a tombar, sem ruído e
2900 molemente. Arquejando, parámos no portão de Gamaliel. Um escravo, tendo ainda nos pulsos pedaços de cadeias partidas, segurava os nossos cavalos. Montámos. Com um fragor de pedras levadas numa torrente, varámos a Porta de Ouro: e galopámos para Jericó, pela estrada romana de Sichem, tão
2905 vertiginosamente que não sentíamos as ferraduras ferir as lajes negras de basalto. Adiante, a capa branca de Topsius torcia-se açoitada por uma rajada furiosa. Os montes corriam aos lados, como fardos sobre dorsos de camelos na debandada dum povo. As ventas da minha égua dardejavam jatos de fumo
2910 avermelhado: — e eu agarrava-me às clinas, tonto, como se rolasse entre nuvens...

De repente avistámos, alargada, cavada até às serras de Moab, a planície de Canaã. O nosso acampamento alvejava junto às
2915 brasas dormentes da fogueira. Os cavalos estacaram, tremendo. Corremos às tendas: sobre a mesa, a vela que Topsius acendera para se vestir, havia 1800 anos, morria num fogacho lívido... E derreado da infinita jornada atirei-me para o catre, sem mesmo descalçar as botas brancas de pó...

2920 Imediatamente me pareceu que uma tocha fumegante penetrara na tenda, espargindo um brilho de ouro... Ergui-me, assustado. Num largo raio de sol, vindo dos montes de Moab, o jucundo Potte entrava, em mangas de camisa, com as minhas botas na mão!

2925 Arrojé a manta, arredei os cabelos, para verificar melhor a mudança terrível que desde a véspera se fizera no Universo! Sobre a mesa jaziam as garrafas do champagne com que brindáramos à Ciência e à Religião. O embrulho da Coroa de Espinhos pousava à minha cabeceira. Topsisius, no seu catre, em camisola e com um lenço amarrado na testa, bocejava, pondo os óculos de ouro no bico. E o risonho Potte, censurando a nossa preguiça, queria saber 2930 se apetecíamos nessa manhã — «tapioca ou café».

Deixei sair deliciosamente do peito um ruidoso, consolado suspiro. E no júbilo triunfal de me sentir reentrado na minha individualidade e no meu século pulei sobre o colchão, com a fralda ao vento, bradei:

2935 — Tapioca, meu Potte! Uma tapioca bem docinha e molezinha, que saiba bem ao meu Portugall!...

IV

Ao outro dia, que fora um radioso domingo, levantámos de Jericó as nossas tendas; e caminhando com o Sol para Ocidente, pelo vale de Cherith, começámos a romagem de Galileia.

5 Mas ou fosse que a consoladora fonte da admiração houvesse secado dentro em mim, ou que a minha alma, arrebatada um momento aos cimos da História e batida aí por ásperas rajadas de emoção, não se pudesse já aprazer nestes quietos e ermos caminhos da Síria — senti sempre indiferença e cansaço, do país
10 de Ephraim ao país de Zebelon.

Quando nessa noite acampámos em Betel, vinha a Lua cheia saindo por trás dos montes negros de Gilead... O festivo Potte mostrou-me logo o chão sagrado em que Jacob, pastor de Bersabé, tendo adormecido sobre uma rocha, vira uma escada que faiscava,
15 fincada a seus pés e arrimada às estrelas, por onde ascendiam e baixavam, entre Terra e Céu, anjos calados, com as asas fechadas... Eu bocejei formidavelmente e rosnei: «Tem seu chiel!...»

E assim rosnando e bocejando, atravessei a terra dos prodígios. A graça dos vales foi-me tão fastidiosa como a santidade
20 das ruínas. No poço de Jacob, sentado nas mesmas pedras em que Jesus, cansado como eu da calma destas estradas e como eu bebendo do cântaro duma samaritana, ensinara a nova e pura maneira de adorar; nas encostas do Carmelo, numa cela de mosteiro, ouvindo de noite ramalhar os cedros que abrigaram Elias,
25 e gemerem em baixo as ondas, vassalas de Hiram rei de Tiro; galopando com o albornoz ao vento pela planície de Esdrelon; remando docemente no lago de Genesareth, coberto de silêncio e

de luz — sempre o tédio marchou a meu lado como companheiro
 fiel, que a cada passo me apertava ao seu peito mole, debaixo do
 seu manto pardo...

Às vezes, porém, uma saudade fina e gostosa, vinda do remoto
 passado, levantava de leve a minha alma, como uma aragem lenta
 faz a uma cortina muito pesada... E então, fumando diante das
 tendas, trotando pelo leito seco das torrentes, eu *revia*, com deleite,
 pedaços soltos dessa Antiguidade que me apaixonara: — a terma
 romana onde uma criatura maravilhosa de mitra amarela se ofer-
 tava, lasciva e pontifical; o formoso Manassés levando a mão à
 espada cheia de pedrarias; mercadores, no Templo, desdobrando
 os brocados de Babilónia; a sentença do Rabi com um traço
 vermelho, num pilar de pedra, à Porta Judiciária; ruas iluminadas,
 Gregos dançando a *callabida*... E era logo um desejo angustioso
 de remergulhar nesse mundo irrecuperável. Coisa risível! Eu,
 Raposo e bacharel, no farto gozo de todos os confortos da civi-
 lização — tinha saudade dessa bárbara Jerusalém que habitara num
 dia do mês de Nizam, sendo Poncius Pilatos procurador da Judeia!

Depois estas memórias esmoreciam como fogos a que falta
 a lenha. Na minha alma só restavam cinzas — e, diante das ruí-
 nas do monte Ebal ou sob os pomares que perfumam Sicheim a
 Levítica, recomeçava a bocejar.

Quando chegámos a Nazaré, que aparece na desolação da
 Palestina como um ramalhete pousado na pedra duma sepul-
 tura — nem me interessaram as lindas judias por quem se banhou
 de ternura o coração de Santo Antonino. Com a sua cântara
 vermelha ao ombro, elas subiam por entre os sicômoros à fonte
 onde Maria, mãe de Jesus, ia todas as tardes, cantando como estas
 e como estas vestida de branco... O jucundo Potte, torcendo
 os bigodes, murmurava-lhes madrigais; elas sorriam, baixando
 as pestanas pesadas e meigas. Era diante desta suave modéstia
 que Santo Antonino, apoiado ao seu bordão, sacudindo a sua
 longa barba, suspirava: «Oh virtudes claras, herdadas de Maria
 cheia de graça!» Eu, por mim, rosnava secamente: «lambisgoias!»

Através de vielas onde a vinha e a figueira abrigam casas
 humildes, como convém à doce aldeia daquele que ensinou a
 humildade, trepámos ao cimo de Nazaré, batido sempre do largo
 vento que sopra das Idumeias. Aí Topsius tirou o barrete saudando

essas planícies, esses longes, que decerto Jesus vinha contemplar, concebendo diante da sua luz e da sua graça as incomparáveis belezas do Reino de Deus... O dedo do douto Historiador ia-me apontando todos os lugares religiosos — cujos nomes sonoros caem na alma com uma solenidade de profecia ou com um fragor de batalha: Esdrelon, Endor, Sulem, Thabor... Eu olhava, enrolando um cigarro. Sobre o Carmelo sorria uma brancura de neve; as planícies da Pereia fulguravam, rolando uma poeira de ouro; o golfo de Kaipha era todo azul; uma tristeza cobria ao longe as montanhas de Samaria; grandes águias torneavam sobre os vales... Bocejando, rosnei:

— Vistazinha catita!

Uma madrugada, enfim, recomeçámos a descer para Jerusalém. Desde Samaria a Ramah fomos alagados por esses vastos e negros chuveiros da Síria que armam logo torrentes rugindo entre as rochas, sob os aloendros em flor: depois, junto à colina de Gibeah onde outrora no seu jardim, entre o louro e o cipreste, David tangia harpa olhando Sião — tudo se vestiu de serenidade e de azul. E uma inquietação engolfou-se em minha alma como um vento triste numa ruína... Eu ia avistar Jerusalém! Mas — *qual?* Seria a mesma que vira um dia, resplandecendo sumptuosamente ao sol de Nizam, com as torres formidáveis, o Templo cor de ouro e cor de neve, Acra cheia de palácios, Bezetha regada pelas águas do Enrogel?...

— El-Kurds! El-Kurds! Gritou o velho beduíno, com a lança no ar, anunciando pela sua alcunha muçulmana a cidade do Senhor.

Galopei, a tremer... E logo a vi, lá em baixo, junto à ravina do Cédron, sombria, atulhada de conventos e agachada nas suas muralhas caducas — como uma pobre, coberta de piolhos, que para morrer se embrulha a um canto nos farrapos do seu mantéu.

Bem depressa, transpassada a Porta de Damasco, as patas dos nossos cavalos atroaram o lajedo da rua cristã: rente ao muro um frade gordo, com o Breviário e o guarda-sol de paninho entalados sob o braço, ia sorvendo uma pitada estrondosa. Apeámos no *Hotel do Mediterrâneo*: no esguio pátio, sob um anúncio das «Pímulas

96: *O mesmo que* traspassada.

Holloway» um inglês, com um quadrado de vidro colado ao olho claro, os sapatões atirados para cima do divã de chita, lia o *Times*; por trás duma varanda aberta, onde secavam ceroulas brancas com nódos de café, uma goela roufenha vozeava: *C'est le beau Nicolas, bolá!*... Ah! Era esta, era esta, a Jerusalém Católica!... Depois ao
 105 penetrar no nosso quarto, claro e alegrado pelo tabique de ramagens azuis, ainda um instante me rebrilhou na memória certa sala, com candelabros de ouro e uma estátua de Augusto, onde um homem togado estendia o braço e dizia: «César conhece-me bem!»

110 Corri logo à janela a sorver o ar vivo da moderna Sião. Lá estava o convento com as suas persianas verdes fechadas, e as goteiras agora mudas nesta tarde de sol e doçura... Entre socalcos de jardins, lá se torciam as escadinhas, cruzadas por franciscanos de alpercatas, por judeus magros de sujas melenas... E que repouso
 115 na frescura destas paredes de cela depois das estradas abrasadas de Samaria! Fui apalpar a cama fofa. Abri o guarda-roupa de mogno. Fiz uma carícia leve ao embrulhinho da camisa da Mary, redondo e gracioso com o seu nastro vermelho, aninhado entre peúgas.

Neste instante o jucundo Potte entrou a trazer-me o precioso
 120 embrulho da Coroa de Espinhos, redondo e nítido com o seu nastro vermelho; e alegremente deu-me as novas de Jerusalém. Colhera-as do barbeiro da Via Dolorosa e eram consideráveis. De Constantinopla viera um *firman* exilando o Patriarca grego, pobre velho evangélico, com uma doença de fígado, que socorria os
 125 pobres. O senhor cônsul Damiani afirmara na loja de relíquias da rua Arménia, batendo o pé, que antes do Dia de Reis, por causa da birra do murro entre os Franciscanos e a Missão Protestante, a Itália tomaria armas contra a Alemanha. Em Belém, na igreja da Natividade, um padre latino numa bulha, ao benzer hóstias,
 130 rachara a cabeça dum padre copta com uma tocha de cera... E enfim, novidade mais jubilosa, abriu-se para alegria de Sião, ao pé da Porta de Herodes, deitando sobre o vale de Josaphat, um café com bilhares, chamado o *Retiro do Sinal*!

Subitamente, saudades dolentes do passado, cinzas que me
 135 cobriam a alma foram varridas por um fresco vento de mocidade e de modernidade... Pulei sobre o ladrilho sonoro:

— Viva o belo *Retiro*! A ele! Às iscas! À carambola! Irra! Que estava morto por me refestelar! E depois às mulherinhas!...

140 Põe aí o embrulho da Coroa, belo Potte... Isso significa muito bago! Jesus, o que aí a titi se vai babar!... Planta-o em cima da cómoda, entre os castiçais... E logo, depois da comidinha, Pottezinho, para o *Retiro do Sinai!*

145 Justamente o sábio Topsius entrava esbaforido, com uma formosa nova histórica! Durante a nossa romagem a Galileia, a *Comissão de Escavações Bíblicas* encontrara, sob lixos seculares, uma das lápides de mármore que, segundo Josepho e Philon e os Talmuds, se erguiam no Templo, junto à Porta Bela, com uma inscrição proibindo a entrada aos Gentílicos... E ele instava que marchássemos, engolida a sopa, a pasmar para essa maravilha...
150 Um momento ainda me rebrilhou na memória uma Porta, bela em verdade, preciosa e triunfal, sobre os seus catorze degraus de mármore verde de Numídia...

Mas sacudi desabridamente os braços, numa revolta:

155 — Não quero! Gritei. Estou farto!... Irra! E aqui lho declaro, Topsius, solenemente: de hoje em diante não torno a ver nem mais um pedregulho, nem mais um sítio de religião... Irra! Tenho a minha dose: e forte, muito forte, doutor!

O sábio, enfiado, abalou com a rabona colada às nádegas!

160 Nessa semana ocupei-me em documentar e empacotar as Relíquias Menores que destinava à tia Patrocínio. Copiosas e bem preciosas eram elas — e com devotíssimo lustre brilhariam no tesouro da mais orgulhosa Sé! Além das que Sião importa de Marselha em caixotes — rosários, bentinhos, medalhas, escapulários; além das que fornecem no Santo Sepulcro os vendilhões — frascos
165 de água do Jordão, pedrinhas da Via Dolorosa, azeitonas do Monte Olivete, conchas do lago de Genesareth — eu levava-lhe outras raras, peregrinas, inéditas... Era uma tabuinha aplainada por S. José; duas palhinhas do curral onde nasceu o Senhor; um bocadinho do cântaro com que a Virgem ia à fonte; uma ferradura do burrinho
170 em que fugiu a Santa Família para a terra do Egito; e um prego torto e ferrugento...

175 Estas preciosidades, embrulhadas em papéis de cor, atadas com fitinhas de seda, guarneçadas de tocantes dísticos — foram acondicionadas num forte caixote, que a minha prudência fez revestir de chapas de ferro. Depois cuidei da Relíquia Maior, a

Coroa de Espinhos, fonte de celestiais mercês para a titi — e de sonora pecúnia para mim, seu cavaleiro e seu romeiro.

Para a encaixotar, ambicionei uma madeira preclara e santa. Topsius aconselhava o cedro do Líbano — tão belo que por ele
180 Salomão fez aliança com Hiram rei de Tiro. O jucundo Potte porém, menos arqueológico, lembrou o honesto pinho de Flandres benzido pelo Patriarca de Jerusalém. Eu diria à titi que os pregos para o pregar tinham pertencido à Arca de Noé: que um Ermitão os achara miraculosamente no monte Ararat; que a
185 ferrugem que neles deixara o lodo primitivo, dissolvida em água benta, curava catarros... Tramámos estas coisas consideráveis, cervejando no *Sinai*.

Durante esta atarefada semana, o embrulho da Coroa de Espinhos permanecera na cómoda entre os dois castiçais de vidro:
190 foi só na véspera de deixarmos Jerusalém que o encaixotei com carinho. Forrei a madeira de chita azul comprada na Via Dolorosa; fiz fofo e doce o fundo do caixote com uma camada de algodão mais branco que a neve do Carmelo; e coloquei dentro o adorável embrulho, sem o remexer, como Potte o arranjava,
195 no seu papel pardo e no seu nastro vermelho — porque estas mesmas dobras do papel vincadas em Jericó, este mesmo nó do nastro atado junto ao Jordão, teriam para a Sr.^a D. Patrocínio um insubstituível sabor de devoção... O esguio Topsius considerava estes piedosos aprestes, fumando o seu cachimbo de louça.

— Oh Topsius, que chelpa isto me vai render! E diga lá, amiguinho, diga lá! Então acha que eu posso afirmar à titi que
200 *esta Coroa de Espinhos foi a mesma que...*

O doutíssimo homem, por entre o fumo leve, soltou uma solidíssima máxima:

— As relíquias, D. Raposo, não valem pela autenticidade
205 que possuem, mas pela Fé que inspiram. Pode dizer à titi que foi a mesma!

— Bendito sejas, doutor!

Nessa tarde, o erudito homem acompanhara aos Túmulos
210 dos Reis a *Comissão de Escavações*. Eu parti, só, para o Horto das

194: Potte: *no texto-base, por lapso, lê-se* Topsius.

Oliveiras — porque não havia, em torno a Jerusalém, lugar de sombra onde mais gratamente em tardes serenas gozasse um pachorrento cachimbo.

215 Saí pela Porta de Santo Estêvão; trotei pela ponte do Cédron; galguei o atalho entre piteiras até ao murozinho, caiado e aldeão, que cerra o jardim de Gethsemani. Empurrei a portinha verde, pintada de fresco, com a sua aldraba de cobre: e penetrei no pomar onde Jesus ajoelhou e gemeu sob a folhagem das Oliveiras. Ali vivem ainda essas árvores santas
220 que ramalharam embaladoramente sobre a sua cabeça fatigada do mundo! São oito, negras, carcomidas pela decrepitude, escoradas com estacas de madeira, amodorradas, já esquecidas dessa noite de Nizam em que os anjos, voando sem rumor, espreitavam através dos seus ramos as desconsoações humanas
225 do filho de Deus... Nos buracos dos seus troncos estão guardados enxós e podões: nas pontas dos galhos raras e ténues folhinhas, dum verde sem seiva, tremem e mal vivem como os sorrisos dum moribundo.

230 E em redor que hortazinha caridosamente regada, estrumada com devoção! Em canteiros, com sebes de alfena, verdejam frescas alfaces: as ruazinhas areadas não têm uma folha murcha que lhes macule o asseio de capela: rente aos muros, onde rebrilham em nichos doze Apóstolos de louça, correm alfobres de cebolinho e cenoura fechados por cheirosa alfazema... Porque não floria aqui,
235 em tempos de Jesus, tão suave quintal? Talvez a plácida ordem destes úteis legumes calmasse a tormenta do seu coração!

240 Sentei-me debaixo da mais velha oliveira. O frade guardião, risonho santo de barbas sem fim, regava com o hábito arregaçado os seus vasos de rainúnculos. A tarde caía com melancólico esplendor.

E, enchendo o cachimbo, eu sorria aos meus pensamentos. Sim! Ao outro dia deixaria essa cinzenta cidade, que lá em baixo se agachava entre os seus muros fúnebres como viúva que não quer ser consolada... Depois uma manhã, cortando
245 a vaga azul, avistaria a serra fresca de Sintra: as gaivotas da pátria vinham dar-me o grito de boa acolhida, esvoaçando em torno aos mastros; Lisboa pouco a pouco surgia, com as suas brancas caliças, a erva nos seus telhados, indolente e

doce aos meus olhos... Berrando: «Oh titi, oh titil!», eu trepava
 250 as escadas de pedra da nossa casa em Santana: e a titi, com
 fios de baba no queixo, punha-se a tremer diante da Grande
 Relíquia que eu lhe oferecia, modesto. Então, na presença
 de testemunhas celestes, de S. Pedro, de Nossa Senhora do
 Patrocínio, de S. Casimiro e de S. José, ela chamava-me «Seu
 255 filho, seu herdeiro!» E ao outro dia começava a amarelecer, a
 definhar, a gemer... Oh delícia!

De leve, sobre o muro, entre as madressilvas um pássaro
 cantou: e mais alegre que ele cantou uma esperança no meu
 coração! Era a titi na cama, com o lenço negro amarrado na
 260 cabeça, apalpando angustiosamente as dobras do lençol suado,
 arquejando com terror do Diabo... Era a titi a espichar, rete-
 sando as canelas. Num dia macio de maio metiam-na já fria e
 cheirando mal, dentro dum caixão bem pregado e bem seguro.
 Com tipoias atrás, lá marchava D. Patrocínio para a sua cova,
 265 para os bichos. Depois quebrava-se o lacre do testamento na sala
 dos damascos, onde eu preparara para o tabelião Justino pastéis
 e vinho do Porto: carregado de luto, amparado ao mármore
 da mesa, eu afogava num lenço amarfanhado o escandaloso
 brilho da minha face: e dentre as folhas de papel selado sentia,
 270 rolando com um tinir de ouro, rolando com um sussurro de
 searas, rolando, rolando para mim os contos de G. Godinho!...
 Oh êxtase!

O santo frade pousara o regador, e passeava com o Breviário
 aberto numa ruazinha de murta. Que faria eu, na minha casa em
 275 Santana, apenas levassem a fétida velha, amortalhada num hábito
 de Nossa Senhora? Uma alta justiça: correr ao oratório, apagar as
 luzes, desfolhar os ramos, abandonar os santos à escuridão e ao
 bolor! Sim, todo eu, Raposo e liberal, necessitava a desforra de me
 ter prostrado diante das suas figuras pintadas como um sórdido
 280 sacrista, de me ter recomendado à sua influência de calendário
 como um escravo crédulo! Eu servira os santos para servir a titi.
 Mas agora, inefável deleite, ela na sua cova apodrecia: naqueles
 olhos, onde nunca escorrera uma lágrima caridosa, fervilhavam
 gulosamente os vermes: sob aqueles beijos, desfeitos em lodo,
 285 surgiam enfim sorrindo os seus velhos dentes furados que jamais
 tinham sorrido... Os contos de G. Godinho eram meus; e libertado

da ascorosa senhora, eu já não devia aos seus santos nem rezas nem rosas! Depois, cumprida esta obra de justiça filosófica, corria a Paris, às mulherinhas!

290 O bom frade, risonho na sua barba de neve, bateu-me no ombro, chamou-me seu filho, lembrou-me que se fechava o Santo Horto e que lhe seria grata a minha esmola... Dei-lhe uma placa: e recolhi regalado a Jerusalém, devagar, pelo vale de Josaphat, cantarolando um *fado* meigo.

295 Ao outro dia de tarde, tocava o sino a novena na igreja da Flagelação quando a nossa caravana se formou à porta do *Hotel do Mediterrâneo*, para partirmos de Jerusalém. Os caixões das Relíquias iam sobre o macho, entre os fardos. O beduíno, mais encatarroado, abafara-se num ignóbil *cache-nez* de sacristão. Topsius
300 montava outra égua, séria e pachorrenta. E eu, que por alegria pusera uma rosa vermelha ao peito, resmunguei, ao pisarmos pela vez derradeira a Via Dolorosa: «Fica-te, pocilga de Sião!»

Já chegávamos à Porta de Damasco quando um grito esbaforido ressoou, no alto da rua, à esquina do Convento dos
305 Abissínios:

— Amigo Potte, doutor, cavalheiros!... Um embrulho! Esqueceu um embrulho...

Era o negro do hotel, em cabelo, agitando um embrulho que logo reconhecí pelo papel pardo e pelo nastro vermelho. A camisinha de dormir da Mary! E recordei que com efeito, ao emalar,
310 eu não o vira no guarda-roupa, no seu ninho de peúgas.

Esfalfado, o servo contou que depois de partirmos, varrendo o quarto, descobrira o embrulhinho entre pó e aranhas, detrás da cómoda; limpou-o carinhosamente; e como fora sempre seu afã
315 servir o fidalgo lusitano, abalara, mesmo sem a jaleca...

— Basta! Rosnei eu, seco e carrancudo.

Dei-lhe as moedas de cobre que me atulhavam as algibeiras. E pensava: «Como rolou ele para trás da cómoda?» Talvez o negro atabalhoado que, arrumando, o tirara do seu ninho de
320 peúgas... Pois antes lá permanecesse para sempre, entre o pó e as aranhas! Porque em verdade este pacote era agora audazmente impertinente.

Decerto! Eu amava a Mary. A esperança que em breve na terra do Egipto seria apertado pelos seus braços gordinhos ainda

325 me fazia espreguiçar com langor. Mas guardando fielmente a
sua imagem no coração, não necessitava trazer perenemente à
garupa a sua camisinha de dormir. Com que direito pois corria
esta bretanha atrás de mim, pelas ruas de Jerusalém, querendo
330 instalar-se violentamente nas minhas malas e acompanhar-me à
minha pátria?

E era essa ideia de pátria que me torturava, enquanto nos
afastávamos das muralhas da Cidade Santa... Como poderia eu
jamais penetrar com este pacote lúbrico na casa eclesiástica da
tia Patrocínio? Constantemente a titi se encafuava no meu quarto,
335 munida de chaves falsas, áspera e ávida, rebuscando pelos cantos,
nas minhas cartas e nas minhas ceroulas... Que cólera a esver-
dearia se numa noite de pesquisas ela encontrasse estas rendas
babujadas pelos meus lábios, fedendo a pecado, com a oferta em
letra cursiva «*Ao meu portuguesinho valente!*».

340 «Se soubesse que nesta santa viagem te tinhas metido com
saías, escorraçava-te como um cão!» Assim o dissera a titi, em
vésperas da minha romagem, diante da Magistratura e da Igreja.
E iria eu, pelo luxo sentimental de conservar a relíquia duma
luveira, perder a amizade da velha que tão caramente conqui-
345 tara com terços, pingos de água benta e humilhações da razão
liberal? Jamais!... E, se não afoguei logo o embrulho funesto
na água dum charco, ao atravessarmos as choças de Kolonieh,
foi para não revelar ao penetrante Topsisius as cobardias do meu
coração. Mas decidi que mal penetrássemos com a noite nas
350 montanhas de Judá, retardaria o passo à égua, e longe dos óculos
do Historiador, longe das solitudes de Potte, arrojaria a um
barranco a terrível camisa da Mary, evidência do meu pecado
e dano da minha fortuna. E que bem depressa os dentes dos
chacais a rasgassem! Bem depressa os chuveiros do Senhor a
355 apodrecessem!

Já passáramos o túmulo de Samuel por trás dos rochedos de
Emaús, já para sempre Jerusalém desaparecera aos meus olhos,
quando a égua de Topsisius, avistando uma fonte, num vale cavado
junto à estrada, deixou a caravana, deixou o dever — e trotou para
360 a água, com impudência e com alacridade. Estaquei, indignado:

— Puxe-lhe a rédea, doutor! Olha que descarado de égua! Ainda
agora bebeu... Não lhe ceda! Puxe mais! Não lhe toque, homem!

365 Mas debalde o filósofo, com os cotovelos saídos, as pernas esticadas, lhe repuxava bridões e clinas. A cavalgada abalou com o filósofo.

370 Corri também à fonte, para não abandonar naquele ermo o precioso homem. Era um fio de água turva, escorrendo duma quelha, sobre um tanque escavado na rocha. Ao pé branquejava, já partida, a grande carcaça dum dromedário. Os ramos duma mimosa, ali solitária, tinham sido queimados por um fogo de caravana. Longe, na espinha escarnada duma colina, um pastor, negro no céu opalino, ia caminhando devagar entre as suas ovelhas com a lança pousada ao ombro. E na sombria mudez de tudo a fonte chorava.

375 Aquela quebrada era tão deserta que me lembrou deixar ali a desfazer-se, como a ossada do dromedário, o embrulhinho da Mary... A égua do Historiador beberava com pachorra. E eu procurava aqui, além, um barranco ou um charco — quando me pareceu que junto da fonte, e misturado ao pranto dela, corria também um pranto humano.

380 Tornei um penedo que avançava soberbamente como a proa duma galera — e descobri, agachada e refugiada entre as pedras e os cardos, uma mulher que chorava, com uma criancinha no regaço: os seus cabelos crespos espalhavam-se pelos ombros e pelos braços, que os trapos negros mal cobriam: e sobre o
385 filho, que dormia no calor do colo, o seu choro corria, mais contínuo, mais triste que o da fonte, e como se não devesse findar jamais.

390 Gritei pelo jucundo Potte. Quando ele trotou para nós, agarrando a coronha prateada da sua pistola, supliquei que perguntasse à mulher a causa dessas longas lágrimas. Mas ela parecia entontecida pela miséria: falou surdamente dum casebre queimado, de cavaleiros turcos que tinham passado, do leite que lhe secava... Depois apertou a criança contra a face — e sufocada, sob os
395 cabelos esguedelhados, recomeçou a chorar.

400 O festivo Potte deitou-lhe uma moeda de prata; Topsius tomou, para a sua severa conferência sobre a Judeia Muçulmana, um apontamento daquele infortúnio. E eu, comovido, procurava na algibeira o meu cobre — quando me recordei que o dera num punhado ao negro do *Hotel do Mediterrâneo*. Mas tive uma útil

inspiração. Atirei-lhe o perigoso embrulho da camisinha da Mary; e a meu pedido o risonho Potte explicou à desventurada que qualquer das pecadoras que habitam junto à Torre de David, a gorda Fatmé ou Palmira a Samaritana, lhe daria duas piastras de
 405 ouro por esse vestido de luxo, de amor e de civilização.

Trotámos para a estrada. Atrás de nós a mulher lançava-nos, por entre soluços e beijos ao filho, todas as bênçãos do seu coração: e a nossa caravana retomou a marcha — enquanto o arriero adiante, escarranchado sobre as bagagens, cantava à estrela
 410 de Vénus que se erguera esse canto da Síria, áspero, alongado e dolente, em que se fala de amor, de Alá, duma batalha com lanças, e dos rosais de Damasco...

Ao aparmos de manhã no *Hotel de Josaphat*, na vetusta Jafa — prodigiosa foi a minha surpresa vendo, pensativamente
 415 sentado no pátio, com um bojudo turbante branco, o mofino Alpedrinha!... Fiz-lhe ranger os ossos num abraço voraz. E quando Topsius e o jucundo Potte partiram, debaixo do guarda-sol de paninho, a colher novas do pacote que nos devia levar à terra do Egito — Alpedrinha contou-me a sua história, escovando o
 420 meu albornoz.

Fora por tristeza que deixara a «Alexandriazinha». O *Hotel das Pirâmides*, as malas carregadas, tinham já saturado a sua alma dum tédio insondável: e o nosso embarque no *Caimão* para Jerusalém dera-lhe a saudade dos mares, das cidades cheias de história, das
 425 multidões desconhecidas... Um judeu de Keshan, que ia fundar uma estalagem em Bagdad com bilhar, aliciara-o para «marcador». E ele, metendo num saco as piastras juntas nas amarguras do Egito, ia tentar essa aventura do Progresso junto às águas lentas do Eufrates, na terra de Babilónia. Mas, cansado de acarretar fardos alheios, buscava primeiro Jerusalém, insensivelmente, levado
 430 talvez pelo Espírito como o Apóstolo, para descansar com as mãos quietas a uma esquina da Via Dolorosa...

— E o cavalheiro recebeu alguns jornais da nossa Lisboa? Gostava de saber como vai por lá a rapaziada...

435 Enquanto ele assim balbuciava, triste e com o turbante à banda, eu revia risonhamente a terra quente do Egito, a rua clara das Duas Irmãs, a capelinha entre plátanos, as papoilas

do chapéu da Mary... E mais agudo me picava outra vez o
 desejo da minha loura luveira. Que doce grito de paixão nos
 440 seus beiços gordinhos, quando uma tarde, queimado pelo sol
 da Síria e mais forte, eu surgisse diante do seu balcão espan-
 tando o gato branco! E a camisinha?... Bem! Contaria que uma
 noite, junto duma fonte, ma tinham roubado cavaleiros turcos
 com lanças.

445 — Dize lá, Alpedrinha! Tem-la visto, a Maricoquinhas? Que
 tal está? Hein? Rechonchudinha?

Ele baixou o rosto murcho, onde um estranho rubor lhe
 avivara duas rosas.

— Já não está... Foi para Tebas!

450 — Para Tebas? Onde há umas ruínas?... Mas isso é no
 Alto Egito! Isso é em cascos de Núbia! Ora essa!... Que foi ela
 lá fazer?

— Alindar as vistas, murmurou Alpedrinha com desolação.

Alindar as vistas! Só compreendi quando o patricio me contou
 455 que a ingrata rosa de York, adorno de Alexandria, fora levada
 por um italiano de cabelos compridos, que ia a Tebas fotografar
 as ruínas desses palácios onde viviam face a face Ramsés, rei dos
 homens, e Amnon, rei dos Deuses... E Maricoquinhas ia ameni-
 zar «as vistas», aparecendo nelas, à sombra austera dos granitos
 460 sacerdotais, com a graça moderna do seu guarda-solinho fechado
 e do seu chapéu de papoilas...

— Que descarada! Gritei eu, varado. Então com um italiano?
 E gostando dele? Ou só negócio?... Hein, gostando?

— Babadinha, balbuciou Alpedrinha.

465 E, com um suspiro, atroou o *Hotel de Josaphat*. Perante este
ai, repassado de tormento e de paixão, relampejou-me na alma
 uma suspeita abominável.

— Alpedrinha, tu suspiraste! Aqui há perfídia, Alpedrinha!

470 Ele baixou a fronte tão contritamente que o turbante lasso
 rolou nos ladrilhos. E antes que ele o levantasse já eu lhe empol-
 gara com sanha o braço mole.

— Alpedrinha, escarra a verdade! A Maricoquinhas, hein?
 Também petiscaste?

475 A minha face barbuda chamejava... Mas Alpedrinha era
 meridional, das nossas terras palmeiras da vanglória e do vinho.

O medo cedeu à vaidade, — e revirando para mim o bugalho branco do olho:

— Também petisquei!

Sacudi-lhe o braço para longe, cheio de furor e de nojo.
480 Também aquela — com aquele! Oh, a Terra! A Terra! Que é ela senão um montão de coisas podres, rolando pelos céus com bazófitas de astro?

— E diz lá, Alpedrinha, diz lá, também te deu uma camisa?

— A mim um chambrezinho...

485 Também a ele — roupa branca! Ri, acerbamente, com as mãos nas ilhargas.

— E ouve lá... Também te chamava «seu portuguesinho valente»?

490 — Como eu servia com turcos, chamava-me seu «moirozinhos catita».

Ia rebolar-me no divã, rasgá-lo com as unhas, rir sempre, num desesperado desprezo de tudo... Mas Topsisius e o risonho Potte apareceram alvoroçados.

— Então?...

495 Sim, chegara de Esmirna um pacote que levantava nessa tarde ferro para o Egito, e que era o nosso diletto *Caimão!*

— Ainda bem! Gritei, atirando patadas ao ladrilho. Ainda bem, que estava farto de Oriente!... Irra! Que não apanhei aqui senão soalheiras, traições, sonhos medonhos e botas pelos quadris!
500 Estava farto!

Assim eu bramava, sanhudo. Mas nessa tarde, na praia, diante da barcaça negra que nos devia levar ao *Caimão*, entrou-me na alma uma longa saudade da Palestina, e das nossas tendas erguidas sob o esplendor das estrelas, e da caravana marchando e cantando
505 por entre as ruínas de nomes sonoros.

O lábio tremeu-me, quando Potte comovido me estendeu a sua bolsa de tabaco de Alepo:

— D. Raposo, é o último cigarro que lhe dá o alegre Potte.

E a lágrima rolou por fim quando Alpedrinha, em silêncio,
510 me estendeu os braços magros.

Da barcaça, acorçado sobre os caixões das Relíquias, ainda o vi na praia, sacudindo para mim um lenço triste de quadrados — ao lado de Potte que nos atirava beijos, com as grossas botas metidas

na água. E já no *Caimão*, debruçado na amurada, ainda o avistei
515 imóvel sobre as pedras do molhe, segurando com as mãos, contra
a brisa salgada, o seu vasto turbante branco.

Desventuroso Alpedrinha! Só eu, em verdade, compreendi a
tua grandeza! Tu eras o derradeiro Lusíada, da raça dos Albuquer-
ques, dos Castros, dos varões fortes que iam nas armadas à Índia!
520 A mesma sede divina do desconhecido te levava, como eles, para
essa terra de Oriente, donde sobem ao céu os astros que espa-
lham a luz e os deuses que ensinam a Lei. Somente não tendo já,
como os velhos Lusíadas, crenças heroicas concebendo empresas
heroicas, tu não vais como eles, com um grande rosário e com
525 uma grande espada, impor às gentes estranhas o teu rei e o teu
Deus. Já não tens Deus por quem se combata, Alpedrinha! Nem
rei por quem se navegue, Alpedrinha!... Por isso, entre os povos
do Oriente, te gastas nas ocupações únicas que comportam a Fé,
o ideal, o valor dos modernos Lusíadas — descansar encostado
530 às esquinas, ou tristemente carregar fardos alheios...

As rodas do *Caimão* bateram a água. Topsius ergueu o seu
boné de seda — e gravemente gritou para o lado de Jafa, que
escurecia na palidez da tarde, sobre os seus tristes rochedos, entre
os seus pomares verde-negros:

535 — Adeus, adeus para sempre, terra da Palestina!

Eu acenei também com o capacete:

— Adeusinho, adeusinho, coisas de religião!

Afastava-me devagar da amurada quando roçou por mim a
longa capa de lustrina duma Religiosa; e dentre a sombra pudica
540 do capuz, que se voltou de leve, um fulgor de olhos negros
procurou as minhas barbas potentes. Oh maravilha! Era a mesma
santa irmã que levava nos seus castos joelhos, através destas águas
da Escritura, a camisa imunda da Mary!

Era a mesma! Porque colocava novamente o destino junto
545 a mim, no estreito tombadilho do *Caimão*, este lírio de capela,
ainda fechado e já murcho? Quem sabe! Talvez para que ao calor
do meu desejo ele reverdescesse, desse flor, e não ficasse para
sempre estéril e inútil, tombado aos pés do cadáver dum Deus!...
E não vinha agora guardada pela outra Religiosa, rechonchuda e
550 de luneta! A sorte abandonava-ma indefesa, como a pombinha
no ermo.

Rompeu-me então na alma a fulgurante esperança dum amor de monja mais forte que o medo de Deus, dum seio magoado pela estamenha de penitência caindo, todo a tremer e vencido, entre os meus braços valentes!... Decidi segredar-lhe logo ali: 555 «Oh minha irmãzinha, estou todo lamecha por si!» E inflamado, torcendo os bigodes, caminhei para a doce Religiosa, que se refugiara num banco, passando os dedos pálidos pelas contas do seu rosário...

Mas, bruscamente, o tabuado do *Caimão* fugiu sob meus 560 pés ovantes. Estaquei, enfiado. Oh miséria! Humilhação! Era a vaga enjoadora... Corri à borda; sujei imundamente o azul do mar de Tiro; depois rolei para o beliche — e só ergui do travesseiro a face mortal quando senti as correntes do *Caimão* 565 mergulharem nas calmas águas onde outrora, fugindo de Áccio, caíram à pressa as âncoras douradas das galeras de Cleópatra! E outra vez, estremunhado e esguedelhado, te avistei, terra baixa do Egito, quente e da cor dum leão! Em torno aos finos minarettes voavam as pombas serenas. O lânguido palácio dormia à beira da água entre palmeiras. Topsisius sobraçava a minha chapeleira, serrazinando coisas doutíssimas sobre o antigo Farol. E a 570 pálida Religiosa já deixara o *Caimão*, pomba do ermo escapada ao milhafre — porque o milhafre no seu voo fechara a asa, sordidamente enjoado!

Nessa mesma tarde, no *Hotel das Pirâmides*, soube com júbilo que um vapor de gado, *El Cid Campeador*, partia de madrugada para as terras benditas de Portugal! Na caleche de riscadinho, só com o douto Topsisius, dei o derradeiro passeio nas sombras olorosas de Mamoudieh. E passei a curta noite numa rua deleitosa. Oh meus 580 concidadãos, ide lá, se apeteceis conhecer os deleites ásperos do Oriente... Os bicos de gás sem globo assobiam largamente, torcidos ao vento: as casas baixas, de pau, são apenas fechadas por uma cortina branca, atravessada de claridade: tudo cheira a sândalo e alho: e mulheres sentadas sobre esteiras, em camisa, com flores nas tranças, murmuram suavemente: «*Eh môssiú! Eh milord!...*» 585 Recolhi tarde, exausto. Ao passar na rua das Duas Irmãs avistei sobre a porta duma loja cerrada a mão de pau, pintada de roxo, que empolgara o meu coração. Atirei-lhe uma bengalada. Este foi o último feito das minhas longas jornadas.

590 De manhã, o fiel e douto Topsisius veio, de galochas, acompanhar-me ao barracão da alfândega. Enlacei-o longamente nos braços trémulos:

— Adeus, companheiro, adeus! Escreva... Campo de Santana, 47...

595 Ele murmurou, estreitado comigo:

— Aqueles trinta mil réis, lá mandarei...

Apertei-o generosamente, para abafar essa explicação de pecúnia. Depois, já com a bota na proa do bote que me ia levar ao *Cid Campeador*:

600 — Então, posso dizer à titi que a corozinha de espinhos é a mesma...

Ele ergueu as mãos, solene como um Pontífice do saber:

— Pode dizer-lhe em meu nome que foi a *mesmíssima*, espinho por espinho...

605 Baixou o bico de cegonha ornado de óculos — e beijámo-nos na face como dois irmãos.

Os negros remaram. Eu levava, pousado sobre os joelhos, o caixote da Suprema Relíquia. Mas quando o meu bote, à vela, fendia a água azul — passou rente doutro bote lento, levado a remos para o lado do palácio que dormia entre palmeiras. E num relance vi o hábito negro, o capuz descido... Um largo, sequioso olhar, pela vez derradeira, procurou as minhas barbas. De pé, ainda gritei: «Oh filhinha, oh magana!» Mas já o vento me levava. Ela, no seu bote, sumia a face contrita — e sobre o delicado peito que ousara arfar decerto a cruz pesou mais forte, ciumenta e de ferro!

615 Fiquei mono... Quem sabe? Era aquele talvez em toda a vasta Terra o único coração em que o meu poderia repousar, como num asilo seguro... Mas quê! Ela era só monja, eu só sobrinho. Ela ia para o seu Deus, eu ia para a minha tia. E quando nestas 620 águas os nossos peitos se cruzavam, e sentindo a sua concordância batiam mudamente um para o outro — o meu barco corria com vela alegre para Ocidente, e o barco que a levava, lento e negro, ia a remos para Oriente... Desencontro contínuo das almas con- géneres — neste mundo de eterno esforço e de eterna imperfeição!

608: No texto-base: suprema Relíquia. Opta-se pela maiúscula, como em Grande Relíquia.

V

5 Duas semanas depois, rolando na tipoia do *Pingalho* pelo Campo de Santana, com a portinhola entreaberta e a bota estendida para o estribo, avistei entre as árvores sem folhas o portão negro da casa da titi! E, dentro desse duro calhambeque, eu resplandecia mais que um gordo César, coroado de folhagens de ouro, sobre o seu vasto carro, voltando de domar povos e deuses.

10 Era decerto em mim o deleite de rever, sob aquele céu de janeiro tão azul e tão fino, a minha Lisboa, com as suas quietas ruas cor de calíça suja, e aqui e além as tabuinhas verdes descidas nas janelas como pálpebras pesadas de langor e de sono. Mas era sobretudo a certeza da gloriosa mudança que se fizera na minha fortuna doméstica e na minha influência social.

15 Até aí, que fora eu em casa da Sr.^a D. Patrocínio? O menino Teodorico que, apesar da sua carta de doutor e das suas barbas de Raposão, não podia mandar selar a égua para ir espontar o cabelo à Baixa, sem implorar licença à titi... E agora? O nosso Dr. Teodorico, que ganhara no contacto santo com os lugares do Evangelho uma autoridade quási pontifical! Que fora eu até aí, no Chiado, entre os meus concidadãos? O Raposito, que tinha um cavalo. E agora? O grande Raposo, que peregrinara poeticamente na Terra Santa, como Chateaubriand, e que, pelas remotas esta-
20 lagens em que pousara, pelas roliças circassianas que beijocara,

23: *No texto-base:* que pelas

25 podia parolar com superioridade na Sociedade de Geografia ou em casa da Benta Bexigosa...

O *Pingalho* estacou as pilecas. Saltei, com o caixote da Relíquia estreitado ao coração... E, ao fundo do pátio triste, lajeado de pedrinha, vi a Sr.^a D. Patrocínio das Neves, vestida de sedas
30 negras, toucada de rendas negras, arreganhando no carão lívido, sob os óculos defumados, as dentuças risonhas para mim!

— Oh, titi!

— Oh, menino!

Larguei o caixote santo, caí no seu peito seco; e o cheirinho
35 que vinha dela a rapé, a capela e a formiga era como a alma esparsa das coisas domésticas que me envolvia, para me fazer reentrar na piedosa rotina do lar.

— Ai filho, que queimadinho que vens!...

— Titi, trago-lhe muitas saudades do Senhor...

40 — Dá-mas todas, dá-mas todas!...

E retendo-me, cingido à dura tábua do seu peito, roçou os beijos frios pelas minhas barbas — tão respeitosa-mente como se fossem as barbas de pau da imagem de S. Teodorico.

Ao lado, a Vicência limpava o olho com a ponta do avental
45 novo. O *Pingalho* descarregara a minha mala de couro. Então, erguendo o precioso caixote de pinho de Flandres benzido, murmurei, com uma modéstia cheia de unção:

— Aqui está ela, titi, aqui está ela! Aqui a tem, aí lha dou, a sua divina Relíquia, que pertenceu ao Senhor!

50 As emaciadas, lívidas mãos da hedionda senhora tremeram ao tocar aquelas tábuas que continham o princípio miraculoso da sua saúde e o amparo das suas aflições. Muda, tesa, estreitando sofregamente o caixote, galgou os degraus de pedra, atravessou a sala de Nossa Senhora das Sete Dores, enfiou para o oratório.
55 Eu atrás, magnífico, de capacete, ia rosnando: «Ora vivam! Ora vivam!» — à cozinheira, à desdentada Eusébia, que se curvavam no corredor como à passagem do Santíssimo.

Depois, no oratório, diante do altar juncado de camélias brancas, fui perfeito. Não ajoelhei, não me persignei: de longe,

35: *No texto-base*: formiga, era

60 com dois dedos, fiz ao Jesus de ouro, pregado na sua cruz, um aceno familiar — e atirei-lhe um olhar, muito risonho e muito fino, como a um velho amigo com quem se tem velhos segredos. A titi surpreendeu esta intimidade com o Senhor: — e quando se rojou sobre o tapete (deixando-me a almofada de veludo verde)

65 foi tanto para o seu Salvador como para o seu sobrinho que levantou as mãos adorabundas.

Findos os Padre-Nossos de graças pelo meu regresso, ela, ainda prostrada, lembrou com humildade:

— Filho, seria bom que eu soubesse que Relíquia é, para as

70 velas, para o respeito...

Acudi, sacudindo os joelhos:

— Logo se verá. À noite é que se desencaixotam as relíquias... Foi o que me recomendou o Patriarca de Jerusalém... Em todo o caso acenda a titi mais quatro luzes, que até a

75 madeirinha é santa!

Acendeu-as, submissa: colocou, com beato cuidado, o caixote sobre o altar: depôs-lhe um beijo chilreado e longo: estendeu-lhe por cima uma esplêndida toalha de rendas... Eu então, episcopalmente, tracei sobre a toalha com dois dedos

80 uma bênção em cruz.

Ela esperava, com os óculos negros postos em mim, embaçados de ternura:

— E agora, filho, agora?

— Agora o jantarinho, titi, que tenho a tripa a tinir...

85 A Sr.^a D. Patrocínio logo, apanhando as saias, correu a apressar a Vicência. Eu fui desafivelar a maleta para o meu quarto — que a titi esteirara de novo: as cortinas de cassa tufavam, tesas de goma; um ramo de violetas perfumava a cómoda.

Longas horas nos detivemos à mesa — onde a travessa de

90 arroz-doce ostentava as minhas iniciais, debaixo dum coração e duma cruz, desenhadas a canela pela titi. E, inesgotavelmente, narrei a minha santa jornada. Disse os devotos dias do Egito, passados a beijar uma por uma as pegadas que lá deixara a Santa Família na sua fuga; disse o desembarque em Jafa com

95 o meu amigo Topsius, um sábio alemão, doutor em teologia, e a deliciosa missa que lá saboreáramos; disse as colinas de Judá cobertas de Presepes onde eu, com a minha égua pela

rédea, ia ajoelhar, transmitindo às Imagens e às Custódias os recados da tia Patrocínio... Disse Jerusalém, pedra a pedra!
 100 E a titi, sem comer, apertando as mãos, suspirava com devotíssimo pasmo:

— Ai que santo! Ai que santo ouvir estas coisas! Jesus! Até dá uns gostinhos por dentro!...

Eu sorria, humilde. E cada vez que a considerava de soslaio,
 105 ela me parecia outra Patrocínio das Neves. Os seus fundos óculos negros, que outrora reluziam tão asperamente, conservavam um contínuo embaciamento de ternura húmida. Na voz, que perdera a rispidez silvante, errava, amolecendo-a, um suspiro acariciador e fanhoso. Emagrecera: mas nos seus secos ossos parecia correr
 110 enfim um calor de medula humana! Eu pensava — «Ainda a hei de pôr como um veludo».

E, sem moderação, prodigalizava as provas da minha intimidade com o Céu.

Dizia: «Uma tarde, no Monte das Oliveiras, estando a
 115 rezar, passou de repente um anjo...» Dizia: «Tirei-me dos meus cuidados, fui ao túmulo de Nosso Senhor, abri a tampa, gritei para dentro...»

Ela pendia a cabeça, esmagada, ante estes privilégios prodigiosos, só comparáveis aos de Santo Antão ou de S. Brás.

Depois enumerava as minhas tremendas rezas, os meus ter-
 120 ríficos jejuns. Em Nazaré, ao pé da fonte onde Nossa Senhora enchia o cântaro, rezara mil Ave-Marias, de joelhos, à chuva... No deserto, onde vivera S. João sustentara-me como ele de gafanhotos...

125 E a titi, com baba no queixo:

— Ai que ternura, ai que ternura, os gafanhotos!... E que gosto para o nosso rico S. João!... Como ele havia de ficar! E olha, filho, não te fizeram mal?

— Se até engordei, titi! Nada, era o que eu dizia ao meu
 130 amigo alemão: «Já que a gente veio a uma pechincha destas, é aproveitar, e salvar a nossa alminha...»

122: *No texto-base:* de joelhos à chuva...

Ela virava-se para a Vicência — que sorria, pasmada, no seu pouso tradicional entre as duas janelas, sob o retrato de Pio IX e o velho óculo do comendador G. Godinho:

135 — Ai Vicência, que ele vem cheinho de virtude! Ai que vem mesmo atochadinho dela!

— Parece-me que Nosso Senhor Jesus Cristo não ficou descontente comigo! Murmurava eu, estendendo a colher para o doce de marmelo.

140 E todos os meus movimentos (até o lamber da calda) os contemplava a odiosa senhora, venerandamente, como preciosas ações de santidade.

Depois, com um suspiro:

145 — E outra coisa, filho... Trazes de lá algumas orações, das boas, das que te ensinasse por lá os Patriarcas, os fradezinhos?...

— Trago-as de chupeta, titi!

E numerosas, copiadas das carteiras dos santos, eficazes para todos os achaques! Tinha-as para tosses, para quando os gavetões das cómodas emperram, para vésperas de lotaria...

150 — E terás alguma para câibras? Que eu às vezes, de noite, filho...

— Trago uma que não falha em câibras. Deu-ma um monge meu amigo a quem costuma aparecer o Menino Jesus...

Disse — e acendi um cigarro.

155 Nunca eu ousara fumar diante da titi! Ela detestara sempre o tabaco, mais que nenhuma outra emanção do pecado. Mas agora arrastou gulosamente a sua cadeira para mim — como para um milagroso cofre, repleto dessas rezas que dominam a hostilidade das coisas, vencem toda a enfermidade, eternizam as velhas sobre a Terra.

160 — Hás de ma dar, filho... É uma caridade que fazes!

— Oh, titi, ora essa! Todas! E diga, diga lá... Como vai a titi dos seus padecimentos?

165 Ela deu um ai, de infinito desalento. Ia mal, ia mal... Cada dia se sentia mais fraca, como se se fosse a desfazer... Enfim já não morria sem aquele gostinho de me ter mandado a Jerusalém visitar o Senhor; e esperava que Ele lho levasse em conta, e as despesas que fizera, e o que lhe custara a separação... Mas ia mal, ia mal!

Eu desviara a face, a esconder o vivo e escandaloso lampejo de júbilo que a iluminara. Depois animei-a, com generosidade.

170 Que podia a titi reccar? Não tinha ela agora, «para se apegar»,
vencer as leis da decomposição natural, aquela Relíquia de Nosso
Senhor?...

— E outra coisa, titi... Os amiguinhos, como vão?

175 Ela anunciou-me a desconsoladora nova. O melhor e mais
grato, o delicioso Casimiro, recolhera à cama no domingo com
as «perninhas inchadas...» Os doutores afirmavam que era uma
anasarca... Ela desconfiava duma praga que lhe rogara um
galego...

180 — Seja como for, o santinho lá está! Tem-me feito uma falta,
uma falta... Ai filho, nem tu imaginas!... O que me tem valido
é o sobrinho, o padre Negrão...

— O Negrão? Murmurei, estranho ao nome.

185 Ah! Eu não conhecia... Padre Negrão vivia ao pé de Torres.
Nunca vinha a Lisboa, que lhe fazia nojo, com tanta relaxação...
Só por ela, e para a ajudar nos seus negócios, é que o santinho
condescendera em deixar a sua aldeia. E tão delicado, tão servi-
çal... Ai! Era uma perfeição!

190 — Tem-me feito uma virtude que nem calculas, filho...
Só o que ele tem rezado por ti, para que Deus te protegesse
nessas terras de turcos... E a companhia que me faz! Que
todos os dias o tenho cá a jantar... Hoje não quis ele vir. Até
me disse uma coisa muito linda: «Não quero, minha senhora,
atalhar expansões.» Que lá isso, falar bem, e assim coisas que
tocam... Ai, não há outro... Nem imaginas, até regala... É de
195 apetite!

Sacudi o cigarro, secado. Porque vinha aquele padre de Torres,
contra os costumes domésticos, comer *todos os dias* o cozido da
titi? Resmunguei com autoridade:

200 — Lá em Jerusalém os padres e os Patriarcas só vêm jantar
aos domingos... Faz mais virtude.

Escurecera. A Vicência acendeu o gás no corredor: e como
breve chegariam os diletos amigos, avisados pela titi para saudar
o Peregrino, recolhi ao meu quarto a enfiar a sobrecasaca preta.

205 Aí, considerando ao espelho a face requeimada, sorri glorio-
samente e pensei: «Ah Teodorico, venceste!»

Sim, vencera! Como a titi me tinha acolhido! Com que vene-
ração! Com que devoção!... — E ia mal, ia mal!... Bem depressa

eu sentiria, com o coração sufocado de gozo, as marteladas sobre o seu caixão. E nada podia desalojar-me do testamento da Sr.^a D. Patrocínio! Eu tornara-me para ela S. Teodorico! A hedionda velha estava enfim convencida que deixar-me o seu ouro — era como doá-lo a Jesus e aos Apóstolos e a toda a Santa Madre Igreja!

Mas a porta rangeu — a titi entrou, com o seu antigo xale de Tonkin pelos ombros. E, caso estranho, pareceu-me ser a D. Patrocínio das Neves doutro tempo, hirta, agreste, esverdeada, odiando o amor como coisa suja, e sacudindo de si para sempre os homens que se tinham metido com saias! Com efeito! Os seus óculos, outra vez secos, reluziam, cravavam-se desconfiadamente na minha mala... Justos Céus! Era a antiga D. Patrocínio. Lá vinham as suas lívidas, aduncas mãos, cruzadas sobre o xale, arrepanhando-lhe as franjas, sôfregas de esquadrinhar a minha roupa branca! Lá se cavava, aos cantos dos seus lábios sumidos, um rígido sulco de azedume!... Tremi: mas visitou-me logo uma inspiração do Senhor. Diante da mala, abri os braços, com candura:

— Pois é verdade!... Aqui tem a titi a maleta que lá andou por Jerusalém... Aqui está, bem aberta, para todo o mundo ver que é a mala dum homem de religião! Que é o que dizia o meu amigo alemão, pessoa que sabia tudo: «Lá isso, Raposo, meu santinho, quando numa viagem se pecou, e se fizeram relaxações, e se andou atrás de saias, trazem-se sempre provas na mala. Por mais que se escondam, que se deitem fora, sempre lá esquece coisa que cheire a pecado!...» Assim mo disse muitas vezes, até uma ocasião diante dum Patriarca... E o Patriarca aprovou. Por isso, eu cá, é malinha aberta, sem receio... Pode-se esquadrinhar, pode-se cheirar... A que cheira é a religião! Olhe, titi, olhe... Aqui estão as ceroulinhas e as peuguinhas. Isso não pode deixar de ser, porque é pecado andar nu... Mas o resto, tudo santo! O meu rosário, o livrinho de missa, os bentinhos, tudo do melhor, tudo do Santo Sepulcro...

— Tens ali uns embrulhos! Rosnou a asquerosa senhora, estendendo um grande dedo descarnado.

Abri-os logo, com alacridade. Eram dois frascos lacrados de água do Jordão! E muito sério, muito digno, fiquei diante da Sr.^a D. Patrocínio com uma garrafinha do líquido divino na palma de cada mão... Então ela, com os óculos de novo embaciados, beijou

penitentemente os frascos: uma pouca da baba do beijo escorreu nas minhas unhas. Depois, à porta, suspirando, já rendida:

— Olha, filho, até estou a tremer... E é destes gostinhos todos!

250 Saiu. Eu fiquei coçando o queixo. Sim, ainda havia uma circunstância que me escorraçaria do testamento da titi! Seria aparecer diante dela, material e tangível, uma evidência das minhas relaxações... Mas como surgiria ela jamais neste lógico Universo? Todas as passadas fragilidades da minha carne eram como os fun-
255 dos esparsos duma fogueira apagada que nenhum esforço pode novamente condensar. E o meu derradeiro pecado — saboreado tão longe, no velho Egito, como chegaria jamais à notícia da titi? Nenhuma combinação humana lograria trazer ao Campo de Santana as duas únicas testemunhas dele — uma luveira ocupada agora a
260 encostar as papoilas do seu chapéu aos granitos de Ramsés em Tebas, e um doutor encafuado numa rua escolástica, à sombra duma vetusta Universidade da Alemanha, escarafunchando o cisco histórico dos Herodes... E, a não ser essa flor de deboche e essa coluna de ciência, ninguém mais na Terra conhecia os meus
265 culpados delírios na cidade amorosa dos Lágidas.

Demais, o terrível documento da minha junção com a sórdida Mary, a camisa de dormir aromatizada de violeta, lá cobria agora em Sião uma lânguida cinta de circassiana ou os seios cor de bronze duma núbia de Koskoro: a comprometedora
270 oferta *ao meu portuguesinho valente* fora despregada, queimada no braseiro: já as rendas se iriam esgaçando no serviço forte do amor; e rota, suja, gasta, ela bem depressa seria arremessada ao lixo secular de Jerusalém! Sim, nada se poderia interpor entre a minha justa sofreguidão e a bolsa verde da titi. Nada, a não
275 ser a carne mesma da velha, a sua carcaça rangente, habitada por uma teimosa chama vital, que se não quisesse extinguir!... Oh fado horrível! Se a titi, obstinada, renitente, vivesse ainda quando abrissem os cravos do outro ano! E então não me con-
tinue. Atirei a alma para as alturas, gritei desesperadamente, em
280 toda a ânsia do meu desejo:

— Oh Santa Virgem Maria, faz que ela rebente depressa!

Nesse momento soou a grossa sineta do pátio. E foi-me grato reconhecer, depois da longa separação, as duas badaladas curtas e

285 tímidas do nosso modesto Justino: mais grato ainda sentir, logo após, o repique majestoso do Dr. Margaride. Imediatamente a titi escancarou a porta do meu quarto, numa penosa atarantação:

— Teodorico, filho, ouve! Tem-me estado a lembrar... Parece-me que para destapar a Relíquia é melhor esperar até que se vão logo embora o Justino e o Margaride! Ai, eu sou muito
290 amiga deles, são pessoas de muita virtude... Mas acho que para uma cerimónia destas é melhor que estejam só pessoas de Igreja...

Ela, pela sua devoção, considerava-se pessoa de Igreja. Eu, pela minha jornada, era quási pessoa do Céu.

— Não, titi... O Patriarca de Jerusalém recomendou-me que
295 fosse diante de todos os amigos da casa, na capela, com velas... É mais eficaz... E olhe, diga à Vicência que me venha buscar as botas para limpar.

— Ai eu lhas dou!... São estas? Estão sujinhas, estão! Já cá te vêm, filho, já cá te vêm!

300 E a Sr.^a D. Patrocínio das Neves agarrou as botas! E a Sr.^a D. Patrocínio das Neves levou as botas!

Ah, estava mudada, estava bem mudada!... E ao espelho, cravando no cetim da gravata uma cruz de coral de Malta, eu pensava que desde esse dia ia reinar ali, no Campo de Santana,
305 de cima da minha santidade, e que para apressar a obra lenta da morte — talvez viesse a espancar aquela velha.

Foi-me doce, ao penetrar na sala, encontrar os diletos amigos, com casacos sérios, de pé, alargando para mim os braços extremos. A titi pousava no sofá, tesa, desvanecida, com cetins de
310 festa e com joias. E ao lado, um padre muito magro vergava a espinha com os dedos enclavinhados no peito — mostrando numa face chupada dentes afiados e famintos. Era o Negrão. Dei-lhe dois dedos, secamente:

— Estimo vê-lo por cá...

315 — Grandíssima honra para este seu servo! Ciciou ele, puxando os meus dedos para o coração.

E, mais vergado o dorso servil, correu a erguer o *abat-jour* do candeeiro — para que a luz me banhasse, e se pudesse ver na
320 maturidade do meu semblante a eficácia da minha peregrinação.

Padre Pinheiro decidiu, com um sorriso de doente:

— Mais magro!

Justino hesitou, fez estalar os dedos:

— Mais queimado!

E o Margaride, carinhosamente:

325 — Mais homem!

O onduloso padre Negrão revirou-se, arqueado para a titi como para um Sacramento entre os seus molhos de luzes:

— E com um todo de inspirar respeito! Inteiramente digno de ser o sobrinho da virtuosíssima D. Patrocínio!...

330 No entanto em torno tumultuavam as curiosidades amigas: «E a saudinha?» «Então, Jerusalém?» «Que tal, as comidas?...»

Mas a titi bateu com o leque no joelho, num receio que tão familiar alvoroço importunasse S. Teodorico. E o Negrão acudiu, com zelo melífluo:

335 — Método, meus senhores, método!... Assim todos à uma não se goza... É melhor deixarmos falar o nosso interessante Teodorico!...

340 Detestei aquele *nosso*, odiei aquele padre. Porque corria tanto mel no seu falar? Porque se privilegiava ele no sofá, roçando a sórdida joelheira da calça pelos castos cetins da titi?

Mas o Dr. Margaride, abrindo a caixa de rapé, concordou que o método seria mais profícuo...

— Aqui nos sentamos todos, fazemos roda, e o nosso Teodorico conta por ordem todas as maravilhas que viu!

345 O esgalgado Negrão, com uma escandalosa privança, correu dentro a colher um copo de água e açúcar para me lubrificar as vias. Estendi o lenço sobre o joelho. Tossi — e comecei a esboçar a soberba jornada. Disse o luxo do *Málaga*; Gibraltar e o seu morro encarapuçado de nuvens; a abundância das «mesas redondas» com puddings e águas gasosas...

350 — Tudo à grande, à francesa! Suspirou padre Pinheiro, com um brilho de gula no olho amortecido. Mas naturalmente, tudo muito indigesto...

355 — Eu lhe digo, padre Pinheiro... Sim, tudo à grande, tudo à francesa: mas coisas saudáveis, que não esquentavam os intestinos... Belo rosbeef, belo carneiro...

356: rosbeef: *conforme o texto-base.*

— Que não valiam decerto o seu franguinho de cabidela, excelentíssima senhora! Atalhou untuosamente o Negrão, junto do ombro agudo da titi.

360 Excecrei aquele padre! E, remexendo a água com açúcar, decidi em meu espírito que, mal eu começasse a governar ferreamente o Campo de Santana — não mais a cabidela da minha família escorregaria na goela aduladora daquele servo de Deus.

No entanto o bom Justino, repuxando o colarinho, sorria para mim, embevecido. E como passava eu as noites em Alexandria? Havia uma assembleia, onde espairecesse? Conhecia eu alguma família considerada, com quem tomasse uma chávena de chá?...

— Eu lhe digo, Justino... Conhecia. Mas, a falar verdade, tinha repugnância em frequentar casas de turcos... Sempre é gente que não acredita senão em Mafoma!... Olhe, sabe o que fazia à noite? Depois de jantar ia a uma igreja cá da nossa bela religião, sem estrangeirices, onde havia sempre um Santíssimo de apetite... Fazia as minhas devoções: depois ia-me encontrar com o alemão, o meu amigo, o lente, numa grande praça que dizem lá os de Alexandria que é muito melhor que o Rossio... Maior e mais abrutada talvez seja. Mas não é esta lindeza do nosso Rossio, o ladrilhinho, as árvores, a estátua, o teatro... Enfim, para meu gosto, e para um regalinho de verão prefiro o Rossio... E lá o disse aos turcos!

380 — E fica-lhe bem ter levantado assim as coisas portuguesas! Observou o Dr. Margaride, contente e rufando na tabaqueira. Direi mais... É ato de patriota... Nem doutra maneira procediam os Gamas e os Albuquerque!

385 — Pois é verdade... Ia-me encontrar com o alemão; e então para espairecer um bocado, porque enfim uma distração sempre é necessária quando se anda a viajar, íamos tomar um café... Que lá isso, sim! Lá café fazem-no os Turcos que é uma perfeição!

— Bom cafezinho, hein? Acudiu padre Pinheiro, chegando a cadeira para mim com interesse sôfrego. E forte, forte? Bom aroma?

390 — Sim, padre Pinheiro, de consolar!... Pois tomávamos o nosso cafezinho, depois vínhamos para o hotel, e aí no quarto, com os Santos Evangelhos, púnhamo-nos a estudar todos aqueles divinos lugares na Judeia onde tínhamos de ir rezar... E como o alemão era lente e sabia tudo, eu era instruir-me, instruir-me!...

395 Até ele às vezes dizia: «Você, Raposo, com estas noitadas, vai daqui um chavão...» E lá isso, o que é de coisas santas e de Cristo, sei tudo... Pois, senhores, assim passávamos à luz do candeeiro até às dez, onze horas... Depois, chazinho, terço, e cama...

— Sim senhor, noites muito bem gozadas, noites muito frutuosas! Declarou, sorrindo para a titi, o estimável Dr. Margaride.

400 — Ai, isso fez-lhe muita virtude! Suspirava a horrenda senhora. Foi como se subisse um bocadinho ao Céu... Até o que ele diz cheira bem... Cheira a santo.

Modestissimamente, baixei a pálpebra lenta.

405 Mas Negrão, com sinuosa perfídia, notou que mais proveitoso seria, e de maior unção repassaria as almas — escutar coisas de festas, de milagres, de penitências...

— Estou seguindo o meu itinerário, Sr. Padre Negrão, repliquei asperamente.

410 — Como fez Chateaubriand, como fazem todos os famosos autores! Confirmou Margaride, aprovando.

E foi com os olhos nele, como no mais douto, que eu disse a partida de Alexandria numa tarde de tormenta: o tocante momento em que uma santa Irmã da Caridade (que estivera já em Lisboa e que ouvira falar da virtude da titi) me salvara das águas salgadas um embrulho em que eu trazia terra do Egito, da que pisara a Santa Família: a nossa chegada a Jafa, que, por um prodígio, apenas eu subira ao tombadilho, de chapéu alto e pensando na titi, se coroara de raios de sol...

420 — Magnífico! Exclamou o Dr. Margaride. E diga, meu Teodorico... Não tinham consigo um sábio guia, que lhes fosse apontando as ruínas, lhes fosse comentando...

— Ora essa, Dr. Margaride! Tínhamos um grande latinista, o padre Potte!

425 Remolhei o lábio. E disse as emoções da gloriosa noite em que acampáramos junto a Ramleh, com a Lua no céu alumando coisas da religião, beduínos velando de lança ao ombro, e em redor leões a rugir...

430 — Que cena! Bradou o Dr. Margaride, erguendo-se arrebatadamente. Que enorme cena! Não estar eu lá! Parece uma destas coisas grandiosas da Bíblia, do *Eurico*! É de inspirar! Eu por mim, se tal visse, não me continha!... Não me continha, fazia uma ode sublime!

O Negrão puxou a aba do casaco ao facundo magistrado:
 — É melhor deixar falar o nosso Teodorico, para podermos
 435 todos saborear...

Margaride, abespinhado, franziu as sobrancelhas temerosas e
 mais negras que o ébano:

— Ninguém nesta sala, melhor que eu, Sr. Padre Negrão,
 saboreia o grandioso!

440 E a titi, insaciável, batendo com o leque:

— Está bem, está bem... Conta, filho, não te fartes! Olha,
 conta assim uma coisa que te acontecesse com Nosso Senhor,
 que nos faça ternura...

Todos emudeceram, reverentes. Eu então disse a marcha para
 445 Jerusalém com duas estrelas na frente a guiar-nos, como acontece
 sempre aos peregrinos mais finos e de boa família: as lágrimas
 que derramara, ao avistar, numa manhã de chuva, as muralhas de
 Jerusalém: e na minha visita ao Santo Sepulcro, de casaca, com
 padre Potte, as palavras que balbuciara diante do Túmulo, por
 450 entre soluços e no meio de acólitos: «Oh meu Jesus, oh meu
 Senhor, aqui estou, aqui venho da parte da titi!...»

E a medonha senhora, sufocada:

— Que ternura que faz!... Diante do tumultozinho!...

Então passei o lenço pela face excitada, e disse:

455 — Nessa noite recolhi ao hotel para rezar... E agora, meus
 senhores, há aqui um pontozinho desagradável...

E contritamente confessei que, forçado pela religião, pelo
 nome honrado de Raposo e pela dignidade de Portugal — tivera
 um conflito no hotel com um grande inglês de barbas.

460 — Uma bulha! Acudiu com perversidade o vil Negrão, ansioso
 por empanar o brilho de santidade com que eu deslumbrava a titi.
 Uma bulha, na cidade de Jesus Cristo! Ora essa! Que desacato!

Com os dentes cerrados encarei o torpíssimo padre:

465 — Sim senhor! Um chinfrim!... Mas fique V. S.^a sabendo que
 o Sr. Patriarca de Jerusalém me deu toda a razão, até me bateu
 no ombro e me disse: «Pois Teodorico, parabéns, você portou-se
 como um pimpão!» Que tem agora V. S.^a a piar?

Negrão curvou a cabeça, onde a coroa punha uma lividez
 azulada de lua em tempo de peste:

470 — Se Sua Eminência aprovou...

— Sim, senhor! E aqui tem a titi porque foi a bulha!... No quarto ao lado do meu havia uma inglesa, uma herege, que mal eu me punha a rezar, aí começava ela a tocar piano, e a cantar fados e tolices e coisas imorais do *Barba-Azul*, dos teatros...
 475 Ora imagine a titi, estar uma pessoa a dizer com todo o fervor e de joelhos: «Oh Santa Maria do Patrocínio, faz que a minha boa titi tenha muitos anos de vida» — e vir lá de trás do tabique uma voz de excomungada a ganir: «*Sou o Barba-Azul, olé! ser viúvo é o meu filé!...*» É de encavacar!... De modo que uma noite, desesperado,
 480 não me tenho em mim, saio ao corredor, atiro-lhe um murro à porta, e grito-lhe para dentro: «Faz favor de estar calada, que está aqui um cristão que quer rezar!...»

— E com todo o direito, afirmou o Dr. Margaride. Você tinha por si a lei!

— Assim me disse o Patriarca! Pois senhores, como ia contando, grito isto para dentro à mulher, e ia recolher muito sério ao meu quarto, quando me sai de lá o pai, um grande barbaças, de bengalório na mão... Eu fui muito prudente: cruzei os braços e, com bons modos, disse-lhe que não queria ali escândalos ao pé do túmulo de Nosso Senhor, e o que desejava era rezar em sossego... E vai que me há de ele responder? Que se estava a...
 490 Enfim, nem eu posso repetir! Uma coisa indecente contra o túmulo de Nosso Senhor... E eu, titi, passa-me uma oura pela cabeça, agarro-o pelo cachaço...

— E magoaste-o, filho?

— Escavaquei-o, titi!

Todos aclamaram a minha ferocidade. Padre Pinheiro citou Leis canónicas autorizando a Fé a desancar a Impiedade. Justino, aos pulos, celebrou esse John Bull desmantelando a sólida muraça lusitana. E eu, excitado pelos louvores como por clarins de ataque, bradava de pé, medonho:
 500

— Lá impiedades diante de mim, não! Arrombo tudo, esborracho tudo... Em coisas de religião sou uma fera!

E aproveitei esta santa cólera para brandir, como um aviso,
 505 diante do queixo sumido do Negrão, o meu punho cabeludo e

480: *No texto-base*: saio do corredor,

pavoroso. O macilento e esgrouviado servo de Deus encolheu. Mas nesse instante a Vicência entrava com o chá, nas pratas ricas de G. Godinho.

Então os diletos amigos, com a torrada na mão, romperam em ardentes encómios:

— Que instrutiva viagem! É como ter um curso!

— E que belo bocadinho de noite aqui se tem passado!... Qual S. Carlos! Isto é que é gozar!

— E como ele conta! Que fervor! Que memória!...

Lentamente o bom Justino, com a sua chávena fornecida de bolos, acercara-se da janela, como a espreitar o céu estrelado: e de entre as franjas das cortinas os seus olhinhos luzidios e gulosos chamavam-me confidencialmente. Fui, trauteando o *Bendito*; ambos mergulhámos na sombra dos damascos; e o virtuoso tabelião, roçando o lábio pelas minhas barbas:

— Oh amiguinho, e de mulheres?

Eu confiava no Justino. Segredei para dentro do seu colarinho:

— De se deixarem lá os miolos, Justininho!

As suas pupilas faiscaram como as dum gato em janeiro; a xícara ficou-lhe tremelicando na mão.

E eu, pensativo, repenetrando na luz:

— Sim, bonita noite... Mas não são aquelas estrelinhas santinhas que nós víamos lá no Jordão!...

Então padre Pinheiro, tomando aos goles cautelosos a sua chalada, veio timidamente bater-me no ombro... Lembrara-me eu, nessas Santas Terras, com tantas distrações, do seu frasquinho de água do Jordão?...

— Oh padre Pinheiro, pois está claro!... Trago tudo! E o raminho do Monte Olivete para o nosso Justino... E a fotografia para o nosso Margaride... Tudo!

Corri ao quarto, a buscar essas doces «lembrancinhas» da Palestina. E ao regressar sustentando pelas pontas um lenço repleto de devotas preciosidades, estaquei por trás do reposteiro ao sentir dentro o meu nome... Suave gozo! Era o inestimável Dr. Margaride que afiançava à titi, com a sua tremenda autoridade:

— D. Patrocínio, eu não lho quis dizer diante dele... Mas isto agora é mais do que ter um sobrinho e um cavalheiro! Isto é ter, de casa e pucarinho, um amigo íntimo de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

545 Tossi, entrei. Mas a Sr.^a D. Patrocínio ruminava um escrúpulo-
ciumento. Não lhe parecia delicado para Nosso Senhor (nem para
ela) que se repartissem estas Relíquias mínimas antes de lhe ser entre-
gue a ela, como senhora e como tia, na capela, a Grande Relíquia...

550 — Porque saibam os meus amigos, anunciou ela com o seu
chatíssimo peito impando de satisfação, que o meu Teodorico
trouxe-me uma Santa Relíquia, com que eu me vou apegar nas
minhas aflições, e que me vai curar dos meus males!

— Bravíssimo! Gritou o impetuoso Dr. Margaride. Com quê,
Teodorico, seguiu-se o meu conselho? Esgaravataram-se esses
sepulcros?... Bravíssimo! É de generoso romeiro!

555 — É de sobrinho, como já o não há no nosso Portugal!
Acudiu o padre Pinheiro junto ao espelho, onde estudava a língua
saburrienta...

— É de filho, é de filho! Proclamava o Justino, alçado na
ponta dos botins.

560 Então o Negrão, mostrando os dentes famintos, babujou
esta coisa vilíssima:

— Resta saber, cavalheiros, de que Relíquia se trata.

Tive sede, ardente sede do sangue daquele padre! Trespassei-o
com dois olhares mais agudos e faiscantes do que espetos em brasa:

565 — Talvez V. S.^a, se é um verdadeiro sacerdote, se atire de
focinho para baixo a rezar, quando aparecer aquela maravilha!...

E voltei-me para a Sr.^a D. Patrocínio, com a impaciência
duma nobre alma ofendida que carece de reparação:

570 — É já, titi! Vamos ao oratório! Quero que fique tudo aqui
assombrado! Foi o que disse o meu amigo alemão: «Essa relíquia,
ao destapar-se, é de ficar uma família inteira azabumbada!...»

575 Deslumbrada, a titi ergueu-se de mãos postas. Eu corri a
prover-me dum martelo. Quando voltei, o Dr. Margaride, grave,
calçava as suas luvas pretas... E atrás da Sr.^a D. Patrocínio, cujos
cetins faziam no sobrado um ruge-ruge de vestes de prelado, pene-
trámos no corredor onde o grande bico de gás silvava dentro do
seu vidro fosco. Ao fundo a Vicência e a cozinheira espreitavam
com os seus rosários na mão.

580 O oratório resplandecia. As velhas salvas de prata, batidas pelas
chamas das velas de cera, punham no fundo do altar um brilho
branco de Glória. Sobre a candidez das rendas lavadas, entre a neve

fresca das camélias — as túnicas dos Santos, azuis e vermelhas, com o seu lustre de seda, pareciam novas, especialmente talhadas nos guarda-roupas do Céu para aquela rara noite de festa... Por vezes o raio duma auréola tremia, despedia um fulgor, como se na madeira das imagens corresse estremeamentos de júbilo. E na sua cruz de pau-preto, o Cristo, riquíssimo, maciço, todo de ouro, suando ouro, sangrando ouro, reluzia preciosamente.

— Tudo com muito gosto! Que divina cena! Murmurou o Dr. Margaride, deliciado na sua paixão do grandioso.

Com piedosos cuidados coloquei o caixote na almofada de veludo: vergado, rosnei sobre ele uma *Ave*; depois, ergui a toalha que o cobria, e com ela no braço, tendo escarrado solenemente, falei:

— Titi, meus senhores... Eu não quis revelar ainda a Relíquia que vem aqui no caixotinho, porque assim mo recomendou o Sr. Patriarca de Jerusalém... Agora é que vou dizer... Mas antes de tudo, parece-me bem a pelo explicar que tudo cá nesta Relíquia, papel, nastro, caixotinho, pregos, tudo é santo! Assim por exemplo os preguinhos... são da Arca de Noé... Pode ver, Sr. Padre Negrão, pode apalpar! São os da Arca, até ainda enferrujados... É tudo do melhor, tudo a escorrer virtude! Além disso quero declarar diante de todos que esta Relíquia pertence aqui à titi, e que lha trago para lhe provar que em Jerusalém não pensei senão nela, e no que Nosso Senhor padeceu, e em lhe arranjar esta pechincha...

— Comigo te hás de ver sempre, filho! Tartamudeou a horrenda senhora, enlevada.

Beijei-lhe a mão, selando este pacto de que a Magistratura e a Igreja eram verídicas testemunhas. Depois, retomando o martelo:

— E agora, para que cada um esteja prevenido e possa fazer as orações que mais lhe calharem, devo dizer o que é a Relíquia...

Tossi, cerrei os olhos:

— É a Coroa de Espinhos!

Esmagada, com um rouco gemido, a titi aluiu sobre o caixote, enlaçando-o nos braços trémulos... Mas o Margaride coçava pensativamente o queixo austero; Justino sumira-se na

590: *No texto-base*: de grandioso.

profundidade dos seus colarinhos; e o ladino Negrão escancarava para mim uma bocaça negra, donde saía assombro e indignação! Justos Céus! Magistrado e sacerdotes evidenciavam uma
620 incredulidade — terrível para a minha fortuna!

Eu tremia, com suores — quando padre Pinheiro, muito sério, convicto, se debruçou, apertou a mão da titi a felicitá-la pela posição religiosa a que a elevava a posse daquela Relíquia. Então, cedendo à forte autoridade litúrgica de padre Pinheiro,
625 todos, em fila, numa muda congratulação, estreitaram os dedos da babosa senhora.

Estava salvo! Rapidamente, ajoelhei à beira do caixote, cravei o formão na fenda da tampa, alcei o martelo em triunfo...

— Teodorico! Filho! Berrou a titi, arrepiada, como se eu fosse martelar a carne viva do Senhor.
630

— Não há receio, titi! Aprendi em Jerusalém a manejar estas coisinhas de Deus!...

Despregada a tábua fina, alvejou a camada de algodão. Ergui-a com terna reverência: e ante os olhos extáticos surgiu o sacratíssimo
635 embrulho de papel pardo, com o seu nastrinho vermelho.

— Ai que perfume! Ai! Ai, que eu morro! Suspirou a titi a esvaír-se de gosto beato, com o branco do olho aparecendo por sobre o negro dos óculos.

Ergui-me, rubro de orgulho:

— É à minha querida titi, só a ela, que compete, pela sua
640 muita virtude, desembrulhar o pacotinho!...

Acordando do seu langor, trémula e pálida, mas com a gravidade dum Pontífice, a titi tomou o embrulho, fez mesura aos santos, colocou-o sobre o altar; devotamente desatou o nó do nastro
645 vermelho; depois, com o cuidado de quem teme magoar um corpo divino, foi desfazendo uma a uma as dobras do papel pardo... Uma brancura de linho apareceu... A titi segurou-a nas pontas dos dedos, repuxou-a bruscamente — e sobre a ara, por entre os santos, em cima das camélias, aos pés da Cruz — espalhou-se,
650 com laços e rendas, a camisa de dormir da Mary!

619 *Por lapsos, talvez por influência do plural sacerdotes, no texto-base lê-se: Magistrados.*

A camisa de dormir da Mary! Em todo o seu luxo, todo o seu impudor, enxovalhada pelos meus abraços, com cada prega fedendo a pecado! A camisa de dormir da Mary! E pregado nela por um alfinete, bem evidente ao clarão das velas, o cartão com a oferta em letra encorpada: «*Ao meu Teodorico, meu portuguêsinho* 655 *possante, em lembrança do muito que gozámos!»* Assinado M. M... A camisa de dormir da Mary!

Mal sei o que ocorreu no florido oratório! Achei-me à porta, enrodilhado na cortina verde, com as pernas a vergar, num des- 660 maio. Estalando, como achas atiradas a uma fogueira, eu sentia as acusações do Negrão bradadas contra mim junto à touca da titi: «Deboche! Escárnio! Camisa de prostituta! Achincalho à Sr.^a D. Patrocínio! Profanação do oratório!» Distingui a sua bota arrojando furiosamente para o corredor o trapo branco. Um a 665 um, entrevi os amigos perpassarem, como longas sombras levadas por um vento de terror. As luzes das velas arquejavam, aflitas. E, ensopado em suor, entre as pregas da cortina, percebi a titi caminhando para mim, lenta, lívida, hirta, medonha... Estacou. Os seus frios e ferozes óculos trespassaram-me. E através dos 670 dentes cerrados cuspiu esta palavra:

— Porcalhão!

E saiu.

Rolei para o quarto, tombei no leito, esbarrondado. Um rumor de escândalo acordara o casarão severo. E a Vicência surgiu diante 675 de mim, enfiada, com o seu avental branco na mão:

— Menino! Menino! A senhora manda dizer que saia imediatamente para o meio da rua, que o não quer nem mais um instante em casa... E diz que pode levar a sua roupa branca e todas as suas porcarias!

680 Despedido!

Ergui a face mole da travesseira de rendas. E a Vicência, atontada, torcendo o avental:

— Ai, menino! Ai, menino! Se não sai já para a rua, a senhora diz que manda chamar um polícia!

685 Escorraçado!

Atirei os pés incertos para o soalho. Mergulhei na algibeira uma escova de dentes: topando nos móveis, procurei as chinelas que embrulhei num número da *Nação*. Sem reparo, agarrei de

entre as malas um caixote com bandas de ferro: — e em ponta
690 de botins descí a escada da titi, encolhido e rasteiro, como um
cão tihoso vexado da sua tihna.

Mal transpus o pátio, a Vicência, cumprindo as ordens
sanhudas da titi, bateu-me nas costas com o portão chapeado de
ferro — desprezivelmente e para sempre!

695 Estava só na rua e na vida! À luz dos frios astros contei na
palma o meu dinheiro. Tinha duas libras, dezoito tostões, um duro
espanhol e cobres... E então descobri que a caixa, apanhada ton-
tamente entre as malas, era a das Relíquias Menores. Complicado
sarcasmo do Destino! Para cobrir meu corpo desabrigado — nada
700 mais tinha que tabuinhas aplainadas por S. José, e cacos de barro
do cântaro da Virgem! Meti no bolso o embrulho das chinelas;
e, sem voltar os olhos turvos à casa de minha tia, marcheí a pé,
com o caixote às costas, na noite cheia de silêncio e de estrelas,
para a Baixa, para o *Hotel da Pomba de Ouro*.

705 Ao outro dia, descorado e misérrimo à mesa da *Pomba*, remexia
uma sombria sopa de grão e nabo — quando um cavalheiro, de
colete de veludo negro, veio ocupar o talher fronteiro, junto duma
garrafa de água de Vidago, duma caixa de pílulas e dum número
da *Nação*. Na sua testa, imensa e arqueada como um frontão de
710 capela, torciam-se duas veias grossas: e sob as ventas largas, ene-
grecidas de rapé, o bigode era um tufo curto de pelos grisalhos,
duros como cerdas de escova. O galego, ao servir-lhe o nabo e
grão, rosnou com estima: «Ora seja bem aparecidinho o Sr. Lino!»

715 Ao cozido este cavalheiro, abandonando a *Nação* onde
percorrera miudamente os anúncios, pousou em mim os olhos
amarelentos de bÍlis e baços, e observou que estávamos gozando
desde os Reis um tempinho de apetite...

— De rosas, murmurei com reserva.

720 O Sr. Lino entalou mais o guardanapo para dentro do cola-
rinho lasso:

— E V. S.^a, se não é curiosidade, vem das provÍncias do Norte?
Passei vagarosamente a mão pelos cabelos:

— Não, senhor... Venho de Jerusalém!

725 De assombrado o Sr. Lino perdeu a garfada de arroz. E, depois
de ter ruminado mudamente a sua emoção, confessou que lhe

interessavam muito todos esses lugares santos porque tinha religião, graças a Deus! E tinha um emprego, graças também a Deus, na Câmara Patriarcal...

730 — Ah, na Câmara Patriarcal! Acudi eu. Sim, muito respeitável... Eu conheci muito um Patriarca... Conheci muito o Sr. Patriarca de Jerusalém. Cavalheiro muito santo, muito catita... Até nos ficámos tratando de *tu!*

O Sr. Lino ofereceu-me da sua água de Vidago — e conversámos das terras da Escritura.

735 — Que tal Jerusalém, como lojas?...

— Como lojas?... Lojas de modas?

— Não, não! Atalhou o Sr. Lino. Quero dizer lojas de santidade, de reliquiarias, de coisinhas divinas...

740 — Sim... Menos mau. Há o Damiani na Via Dolorosa que tem tudo, até ossos de Mártires... Mas o melhor é cada um esquadrinhar, escavar... Eu nessas coisas trouxe maravilhas!

Uma chama de singular cobiça avivou as pupilas amareladas do Sr. Lino, da Câmara Patriarcal. E de repente, com uma decisão de inspirado:

745 — Andrezinho, a pinguinha de Porto... Hoje é bródio!

Quando o galego pousou a garrafa, com a sua data traçada à mão num velho rótulo de papel almaço — o Sr. Lino ofertou-me um cálice cheio.

— À sua!

750 — Com a ajuda do Senhor!... À sua!

Por cortesia, rilhado o queijo, convidei aquele homem que graças a Deus tinha religião, a entrar no meu quarto e admirar as fotografias de Jerusalém. Ele aceitou, com alvoroço: mas, apenas transpôs a porta, correu sem etiqueta e gulosamente ao meu leito — onde jaziam espalhadas algumas das relíquias que eu desencaixotara essa manhã.

755 — O cavalheiro aprecia? Indaguei, desenrolando uma vista do Monte Olivete, e pensando em lhe ofertar um rosário.

760 Ele revirava em silêncio, nas mãos gordas e de unhas roídas, um frasco de água do Jordão. Cheirou-o, pesou-o, chocalhou-o. Depois, muito sério, com as veias entumecidas na vastíssima frente:

— Tem atestado?

Estendi-lhe a certidão do frade franciscano, garantindo como autêntica e sem mistura a água do rio batismal. Ele saboreou o venerando papel. E entusiasmado:

— Dou quinze tostões pelo frasquinho!

Foi, no meu intelecto de bacharel, como se uma janela se abrisse e por ela entrasse o sol! Vi inesperadamente, ao seu clarão forte, a natureza real dessas medalhas, bentinhos, águas, lascas, pedrinhas, palhas, que eu considerara até então um lixo eclesiástico esquecido pela vassoura da Filosofia! As relíquias eram *valores!* Tinham a qualidade onipotente de *valores!* Dava-se um caco de barro — e recebia-se uma rodela de ouro!... E, iluminado, comeci insensivelmente a sorrir, com as mãos encostadas à mesa como a um balcão de armazém:

— Quinze tostões por água pura do Jordão! Boa! Em pouca conta tem V. S.^a o nosso S. João Baptista... Quinze tostões! Chega a ser impiedade!... V. S.^a imagina que a água do Jordão é como a água do Arsenal? Ora essa!... Três mil réis recusei eu a um padre de Santa Justa, esta manhã, aí, ao pé dessa cama...

Ele fez saltar o frasco na palma gorda, considerou, calculou:

— Dou quatro mil réis.

— Vá lá, por sermos companheiros na *Pomba!*

E quando o Sr. Lino saiu do meu quarto, com o frasco do Jordão embrulhado na *Nação*, eu, Teodorico Raposo, achava-me fatalmente, providencialmente, estabelecido vendilhão de relíquias!

Delas comi, delas fumei, delas amei, durante dois meses, quieto e aprazido na *Pomba de Ouro*. Quási sempre o Sr. Lino surdia de manhã no meu quarto, de chinelos, escolhia um caco do cântaro da Virgem ou uma palhinha do Presépio, empacotava na *Nação*, largava a pecúnia e abalava assobiando o *De Profundis*. E evidentemente o digno homem revendia as minhas preciosidades com gordo provento — porque bem depressa, sobre o seu colete de veludo preto, rebrilhou uma corrente de ouro.

No entanto, muito hábil e fino, eu não tentara (nem com súplicas, nem com explicações, nem com patrocínios) amansar as beatas iras da titi e repenetrar na sua estima. Contentava-me em ir à igreja de Santana, todo de negro, com um ripanço. Não encontrava a titi, que tinha agora de manhã no oratório missa do torpíssimo Negrão. Mas lá me prostrava, batendo contritamente

no peito, suspirando para o sacrário — certo que, pelo Melchior sacristão, as novas da minha devoção inalterável chegariam à hedionda senhora.

805 Muito manhoso, também não procurara os amigos da titi — que deviam prudentemente partilhar as paixões da sua alma para lograrem os favores do seu testamento: assim poupava embaraços angustiosos a esses beneméritos da Magistratura e da Igreja. Sempre que encontrava padre Pinheiro ou Dr. Margaride, 810 cruzava as mãos dentro das mangas, baixava os olhos, evidenciando humildade e compunção. E este retraimento era decerto grato aos amigos, porque uma noite, topando o Justino perto da casa da Benta Bexigosa, o digno homem segredou junto da minha barba, depois de se ter assegurado da solidão da rua:

815 — Ande-me assim, amiguinho!... Tudo se há de arranjar... Que ela por ora está uma fera... Oh diabo, aí vem gente!

E abalou.

No entanto, por intermédio do Lino, eu vendilhava relíquias. Bem depressa, porém, recordado dos compêndios de 820 *Economia Política*, refleti que os meus proventos engordariam se, eliminando o Lino, eu mesmo me dirigisse ousadamente ao consumidor pio.

Escrevi então a fidalgas, servas do Senhor dos Passos da Graça, cartas com listas e preços de relíquias. Mandei propostas 825 de ossos de Mártires a igrejas de província. Paguei copinhos de aguardente a sacristães para que eles segredassem a velhas com achaques: «Pra coisas de santidade não há como o Sr. Dr. Raposo, que vem fresquinho de Jerusalém!...» E bafejou-me a sorte. A minha especialidade foi a água do Jordão, em frascos de zinco, 830 lacrados e carimbados com um coração em chamas: vendi desta água para batizados, para comidas, para banhos: e durante um momento houve um outro Jordão, mais caudaloso e límpido que o da Palestina, correndo por Lisboa, com a sua nascente num quarto da *Pomba de Ouro*. Imaginativo, introduzi *novidades* rendosas e poéticas: lancei no comércio com eficácia «o pedacinho da 835 bilha com que Nossa Senhora ia à fonte»: fui eu que acreditei na piedade nacional «uma das ferraduras do burrinho em que fugira a Santa Família». Agora quando o Lino de chinelos batia à porta do meu quarto, onde as medas de palhinhas do Presépio

840 alternavam com as pilhas de tabuinhas de S. José, eu entreabria uma fenda avara e ciciava:

— Foi-se... Esgotadinho!... Só para a semana... Vem-me aí um caixotinho da Terra Santa...

845 As veias frontais do capacíssimo homem inchavam numa indignação de intermediário espoliado.

850 Todas as minhas relíquias eram acolhidas com o mais forte fervor — porque provinham «do Raposo, fresquinho de Jerusalém». Os outros reliquistas não tinham esta esplêndida garantia duma jornada à Terra Santa. Só eu, Raposo, percorrera esse vastíssimo depósito de santidade. Só eu de resto sabia lançar na folha sebácea de papel que autenticava a relíquia a firma floreada do Sr. Patriarca de Jerusalém.

855 Mas bem cedo reconheci que esta profusão de reliquilharia saturara a devoção do meu país! Atochado, empanturrado de relíquias, este católico Portugal já não tinha capacidade — nem para receber um desses raminhos secos de flores de Nazaré, que eu cedia a cinco tostões!

860 Inquieto, baixei melancolicamente os preços. Prodigalizei, no *Diário de Notícias*, anúncios tentadores — «*Preciosidades da Terra Santa, em conta, na Tabacaria Rego, se diz...*» Muitas manhãs, com um casacão eclesiástico e um *cache-nez* de seda disfarçando a minha barba, assaltei à porta das igrejas velhas beatas: oferecia pedaços da túnica da Virgem Maria, cordéis das sandálias de S. Pedro: e rosnava com ânsia, roçando-me pelos manteletes e pelas toucas: «Baratinhos, minha senhora, baratinhos... Excelentes para catarros!...»

870 Já devia uma carregada conta na *Pomba de Ouro*; descia as escadas sorrateiramente, para não encontrar o patrão; chamava com sabujice ao galego: «meu André, meu catinha...» E punha toda a minha esperança num renovamento da Fé! A menor notícia de festa de igreja me regozijava como um acréscimo de devoção no povo. Odiava ferozmente os republicanos e os filósofos que abalam o Catolicismo — e portanto diminuem o valor das relíquias que ele instituiu. Escrevi artigos para a *Nação*, em que bradava: 875 «Se vos não apeçais aos ossos dos Mártires, como quereis que prospere este país?» No café do Montanha dava murros sobre as mesas: «É necessário religião, caramba! Sem religião nem o bife-

zinho sabe!» Em casa da Benta Bexigosa ameaçava as raparigas, se elas não usassem os seus bentinhos e os seus escapulários, de não voltar ali, de ir a casa da D. Adelaide!... A minha inquietação pelo «pão de cada dia» foi mesmo tão áspera que de novo solicitei a intervenção do Lino — homem de vastas relações eclesiásticas, parente de capelães de convento. Outra vez lhe mostrei o meu leite juncado de relíquias. Outra vez lhe disse, esfregando as mãos: «Vamos a mais negócio, amiguinho! Aqui tenho sortimento fresco, chegado de Sião!»

Mas, do digno homem da Câmara Patriarcal, só colhi recriminações acerbas...

— Essa léria não pega, senhor! Gritou ele, com as veias a estalar de cólera na fronte esbraseada. Foi V. S.^a que estragou o comércio!... Está o mercado abarrotado, já não há maneira de vender nem um cueirinho do Menino Jesus, uma relíquia que se vendia tão bem! O seu negócio com as ferraduras é perfeitamente indecente... Perfeitamente indecente! É o que me dizia noutro dia um capelão, primo meu: «São ferraduras de mais para um país tão pequeno!...» Catorze ferraduras, senhor! É abusar! Sabe V. S.^a quantos pregos, dos que pregaram Cristo na cruz, V. S.^a tem impingido, todos com documentos? Setenta e cinco, senhor!... Não lhe digo mais nada... Setenta e cinco!

E saiu, atirando a porta com furor, deixando-me aniquilado.

Venturosamente, nessa noite, encontrei o Rinchão em casa da Benta Bexigosa, e recebi dele uma considerável encomenda de relíquias. O Rinchão ia desposar uma menina Nogueira, filha da Sr.^a Nogueira, rica beata de Beja e rica proprietária de porcos: e ele «queria dar um presente catita à carola da velha, tudo coisinhas da Cartilha e do Santo Sepulcro». Arranjei-lhe um lindo cofre de relíquias (aí coloquei o meu septuagésimo sexto prego) ornado das minhas graciosas flores secas de Galileia. Com a generosa pecúnia que me deu o Rinchão paguei à *Pomba de Ouro*; e tomei prudentemente um quarto na casa de hóspedes do Pita, à travessa da Palha.

Assim diminuía a minha prosperidade. O meu quarto agora era nos altos, no quinto andar, com um catre de ferro, e uma poltrona vetusta cujo miolo de estopa fétida rompia entre a chita esgaçada. Como único ornato pendia sobre a cómoda, num cai-

xilho enfeitado de borlas, uma litografia de Cristo crucificado, a cores; nuvens negras de tormenta rolavam-lhe aos pés; e os seus olhos claros, arregalados, seguiam e miravam todos os meus atos, os mais íntimos, mesmo o delicado aparar dos calos.

920 Havia uma semana que, assim instalado, farejava Lisboa à busca do pão incerto, com botas a que se começava a romper a sola, quando uma manhã o André da *Pomba de Ouro* me trouxe uma carta que lá fora deixada na véspera, com a marca «urgente». O papel tinha tarja preta: o sinete era de lacre negro. Abri, tremendo. E vi a assinatura do Justino.

925 «Meu querido amigo. É meu penoso dever, que cumpro com lágrimas, participar-lhe que sua respeitável tia e minha senhora inesperadamente sucumbiu...»

Caramba! A velha rebentara!

930 Ansiosamente saltei através das linhas, tropeçando sobre os detalhes — «Congestão dos pulmões... Sacramentos recebidos... Todos a chorar... O nosso Negrão!...» E empalidecendo, num suor que me alagava, avistei, ao fim da lauda, a nova medonha: «do testamento da virtuosa senhora, consta que deixa a seu sobrinho Teodorico o óculo que se acha pendurado na sala de jantar...»

Deserdado!

940 Agarrei o chapéu, corri aos encontrões pelas ruas até ao cartório do Justino, a S. Paulo. Achei-o à banca, com uma gravata de luto e a pena atrás da orelha, comendo fatias de vitela sobre um velho *Diário de Notícias*.

— Com que, o óculo...? Balbuciei, esfalfado, arrimado à esquina duma estante.

— É verdade. O óculo! Murmurou ele, com a boca atulhada.

945 Fui tombar, quási desmaiado, sobre o canapé de couro. Ele ofereceu-me vinho de Bucelas. Bebi um cálice. E passando a mão trémula sobre a face lívida:

— Então diz lá, conta lá tudo, Justininho...

950 O Justino suspirou. A santa senhora, coitadinha, deixara-lhe duas inscrições de conto... E de resto dispersara no seu testamento as riquezas de G. Godinho do modo mais incoerente e mais perverso. O prédio do Campo de Santana e quarenta contos de inscrições para o Senhor dos Passos da Graça. As ações da Companhia do Gás, as melhores pratas, a casa de Linda-a-Pastora

955 para o Casimiro, que já se não mexia, moribundo. Padre Pinheiro
 recebia um prédio na rua do Arsenal. A deliciosa quinta do *Mosteiro*,
 com o seu pitoresco portão de entrada onde se viam ainda as
 armas dos condes de Landoso, as inscrições de Crédito Público,
 a mobília do Campo de Santana, o Cristo de ouro — para o
 padre Negrão. Três contos de réis e o relógio para o Margaride.
 960 A Vicência tivera as roupas de cama. Eu — o óculo.

— Para ver o resto de longe! Considerou filosoficamente o
 Justino, dando estalinhos nos dedos.

Recolhi à travessa da Palha. E durante horas, em chinelas, com
 os olhos chamejantes, revolvi o desejo desesperado de ultrajar o
 965 cadáver da titi — cuspiendo-lhe sobre o carão lívido, esfuracando
 com uma bengala a podridão do seu ventre. Chamei contra ela
 todas as cóleras da Natureza. Pedi às árvores que recusassem
 sombra à sua sepultura! Pedi aos ventos que sobre ela soprassem
 todos os lixos da Terra! Invoquei o Demónio: «Dou-te a minha
 970 alma se torturares incansavelmente a velha!» Gritei com os braços
 para as alturas: «Deus, se tens um Céu, escorraça-a de lá!» Planeei
 quebrar a pedradas o mausoléu que lhe erguessem... E decidi
 escrever comunicados nos jornais contando que ela se prostituía a
 um galego, todas as tardes, no sótão, de óculos negros e em fralda!

975 Esfaldado de a odiar — adormeci densamente.

Foi o Pita que me acordou, ao anoitecer, entrando com um
 longo embrulho. Era o óculo. Mandava-mo o Justino, com estas
 palavras amigas: «Aí vai a modesta herança!»

Acendi uma vela. Com áspera amargura tomei o óculo, abri a
 980 vidraça — e *olhei por ele*, como da borda duma nau que vai perdida
 nas águas. Sim, muito sagazmente o afirmara Justino, a asquerosa
 Patrocínio deixava-me o óculo com rancoroso sarcasmo — para *eu*
ver através dele o resto da herança! E eu *via*, apesar da escura noite,
 nitidamente *via* o Senhor dos Passos sumindo os maços de ins-
 985 crições dentro da sua túnica roxa; o Casimiro tocando com as
 mãos moribundas os labores das pratas, espalhadas sobre o seu
 leito; e o vilíssimo Negrão, de casaco de cotim e galochas, pas-
 seando regalado à beira da água, sob os olmos do *Mosteiro!* E eu
 ali, com o óculo!

990 Eu ali para sempre, na travessa da Palha, possuindo na algi-
 beira de umas calças com fundilhos setecentos e vinte — para

me debater através da cidade e da vida! Com um urro atirei o
 óculo, que foi rolando até junto da chapeleira onde eu guardava
 o capacete de cortiça da minha jornada em Terra Santa. Ali
 995 estavam, esse capacete e esse óculo, emblemas das minhas duas
 existências — a de esplendor e a de penúria! Havia meses, com
 aquele capacete na nuca, eu era o triunfante Raposo, herdeiro da
 Sr.^a D. Patrocínio das Neves, remexendo ouro nas algibeiras, e
 sentindo em torno, perfumadas e à espera de que eu as colhesse,
 1000 todas as flores da Civilização! E agora, com o óculo, eu era o
 pelintríssimo Raposo de botas cambadas, sentindo em roda, negros
 e prontos a ferirem-me, todos os cardos da vida... E tudo isto,
 porquê? Porque um dia, na estalagem duma cidade da Ásia, se
 tinham trocado dois embrulhos de papel pardo!

1005 Não houvera jamais zombaria igual da Sorte! A uma tia beata,
 que odiava o amor como coisa suja e só esperava, para me deixar
 prédios e pratas, que eu, desdenhando saías, lhe rebuscasse em
 Jerusalém uma relíquia — trazia a camisa de dormir duma luveira!
 E num impulso de caridade, destinado a cativar o Céu, atirava
 1010 como pingue esmola a uma pobre em farrapos, com o filho
 faminto chorando ao colo — um galho cheio de espinhos!... Oh
 Deus, dize-me tu! Dize-me tu, oh Demónio! Como se fez, como
 se fez esta troca de embrulhos — que é a tragédia da minha vida?

Eles eram semelhantes no papel, no formato, no nastro!...
 1015 O da camisa jazia no fundo escuro do guarda-fato; o da relíquia
 campeava sobre a cómoda, glorioso, entre dois castiçais. E ninguém
 lhes tocara: nem o jucundo Potte; nem o erudito Topsius; nem eu!
 Ninguém com mãos humanas, mãos mortais, ousara mover os dois
 embrulhos. Quem os movera então? Só alguém, com mãos *invisíveis*!

1020 Sim, havia alguém, incorpóreo, todo-poderoso — que por
 ódio trocara miraculosamente os espinhos em rendas, para que
 a titi me deserdasse e eu fosse precipitado para sempre nas Pro-
 fundas Sociais!

E quando assim esbravejava, esguedelhado — encontrei frígida-
 1025 mente cravados em mim e mais abertos, como gozando a derrota
 da minha vida, os olhos claros do Cristo crucificado, dentro do
 seu caixilho com borlas...

— Foste tu! Gritei, de repente iluminado e compreendendo
 o prodígio. Foste tu! Foste tu!

1030 E, com os punhos fechados para ele, desafoguei fartamente os queixumes, os agravos do meu coração:

— Sim, foste tu, que transformaste ante os olhos devotos da titi a coroa de dor da tua Lenda na camisa suja da Mary!... E porquê? Que te fiz eu? Deus ingrato e variável! Onde, quando, 1035 gozaste tu devoção mais perfeita? Não acudia eu todos os domingos, vestido de preto, a ouvir as missas melhores que te oferta Lisboa? Não me atochava eu todas as sextas-feiras, para te agradar, de bacalhau e de azeite? Não gastava eu dias, no oratório da titi, com os joelhos doridos, rosnando os terços da tua predileção? 1040 Em que cartilhas houve rezas que eu não decorasse para ti? Em que jardins desabrocharam flores com que eu não enfeitasse os teus altares?

E arrebatado, arrepiando os cabelos, repuxando as barbas, eu clamava ainda, tão perto da imagem que as baforadas da minha 1045 cólera lhe embaciavam o vidro:

— Olha bem para mim!... Não te recordas de ter visto este rosto, estes pelos, há séculos, num átrio de mármore, sob um velário, onde julgava um pretor de Roma? Talvez te não lembres! Tanto dista dum deus vitorioso sobre o seu andor a 1050 um Rabi de província amarrado com cordas!... Pois bem! Nesse dia de Nizam, em que não tinhas ainda confortáveis lugares no Céu e na Bem-Aventura a distribuir aos teus fiéis; nesse dia, em que ainda te não tornaras para ninguém fonte de riqueza e esteio de poder; nesse dia, em que a titi, e todos os que hoje se prostram a teus pés, te teriam apupado como os vendilhões 1055 do Templo, os Fariseus e a população de Acra; nesse dia, em que os soldados que hoje te escoltam com charangas, os magistrados que hoje encarceram quem te desacate ou te renegue, os proprietários que hoje te prodigalizam ouro e festas de igreja — se teriam juntado com as suas armas e os seus códigos e as suas 1060 bolsas, para obterem a tua morte como revolucionário, inimigo da ordem, terror da propriedade: nesse dia, em que tu eras apenas uma inteligência criadora e uma bondade ativa, e portanto considerado pelos homens sérios como um perigo social — houve em 1065 Jerusalém um coração que espontaneamente, sem engodo no Céu, nem terror do Inferno, estremeceu por ti. Foi o meu!... E agora persegues-me. Porquê?...

1070 Subitamente, oh maravilha! Do tosco caixilho com borlas
irradiaram trémulos raios, cor de neve e cor de ouro. O vidro
abriu-se ao meio com o fragor faiscante duma porta do Céu.
E de dentro o Cristo no seu madeiro, sem despregar os braços,
deslizou para mim serenamente, crescendo até ao estuque do
teto, mais belo em majestade e brilho que o sol ao sair dos
montes.

1075 Com um berro caí sobre os joelhos; bati a fronte apavorado,
no soalho. E então senti esparsamente pelo quarto, com um
rumor manso de brisa entre jasmins, uma Voz repousada e suave:

— Quando tu ias ao Alto da Graça beijar no pé uma
imagem — era para contar servilmente à titi a piedade com
1080 que deras o beijo: porque jamais houve oração nos teus lábios,
humildade no teu olhar — que não fosse para que a titi ficasse
agradada no seu fervor de beata. O Deus a que te prostravas
era o dinheiro de G. Godinho; e o Céu para que teus braços
trementes se erguiam — o testamento da titi... Para lograres
1085 nele o lugar melhor, fingiste-te devoto sendo incrédulo; casto
sendo devasso; caridoso sendo mesquinho; e simulaste a ternura
de filho tendo só a rapacidade de herdeiro... Tu foste ilimi-
tadamente o *Hipócrita!* Tinhas duas existências: uma ostentada
diante dos olhos da titi, toda de rosários, de jejuns, de novenas;
1090 e longe da titi, sorrateiramente, outra, toda de gula, cheia da
Adélia e da Benta... Mentiste sempre: — e só eras verdadeiro
para o Céu, verdadeiro para o mundo, quando rogavas a Jesus
e à Virgem que rebentassem depressa a titi. Depois resumiste
esse laborioso dolo duma vida inteira num embrulho — onde
1095 acomodaras um galho, tão falso como o teu coração; e com
ele contavas empolgar definitivamente as pratas e os prédios
de D. Patrocínio! Mas noutro embrulho parecido trazias pela
Palestina, com rendas e laços, a irrecusável evidência do teu
fingimento... Ora justiceiramente aconteceu que o embrulho que
1100 ofertaste à titi e que a titi abriu — foi aquele que lhe revelava
a tua perversidade! E isto prova-te, Teodorico, a *inutilidade da
hipocrisia.*

1096: *No texto-base:* e prédios

Eu gemia sobre as tábuas. A Voz sussurrou, mais larga, como o vento da tarde entre as ramas:

1105 — Eu não sei quem fez essa troca dos teus embrulhos, picaresca e terrível; talvez ninguém; talvez tu mesmo! Os teus tédios de deserdado não provêm dessa mudança de espinhos em rendas: — mas de viveres duas vidas, uma verdadeira e de iniquidade, outra fingida e de santidade. Desde que contraditoriamente
1110 eras do lado direito o devoto Raposo e do lado esquerdo o obsceno Raposo — não poderias seguir muito tempo, junto da titi, mostrando só o lado, vestido de casimiras de domingo, onde resplandecia a virtude; um dia fatalmente chegaria em que ela, espantada, visse o lado despido e natural onde negrejavam as máculas do vício...
1115 E aí está porque eu aludo, Teodorico, à *inutilidade da hipocrisia*.

De rojo eu estendia abjetamente os lábios para os pés do Cristo, transparentes, suspensos no ar, com pregos que despediam trémulas radiâncias de joia. E a Voz passou sobre mim, cheia e rumorosa, como a rajada que curva os ciprestes:

1120 — Tu dizes que eu te persigo! Não. O óculo, isso a que chamas Profundas Sociais, são obra das tuas mãos — não obra minha. Eu não construo os episódios da tua vida; assisto a eles e julgo-os placidamente... Sem que eu me mova, nem intervenha influência sobrenatural — tu podes ainda descer a misérias mais
1125 torvas, ou elevar-te aos rendosos paraísos da Terra e ser diretor dum banco... Isso depende meramente de ti, e do teu esforço de homem... Escuta ainda! Perguntavas-me, há pouco, se eu me não lembrava do teu rosto... Eu pergunto-te agora se não te lembras da minha voz... Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro Deus
1130 criado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitórios: eles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam; dentro em mim se dissolvem: e eternamente permaneço em torno deles e superior a eles, concebendo-os e desfazendo-os, no perpétuo esforço de realizar fora de mim o
1135 Deus absoluto que em mim sinto. Chamo-me a Consciência; sou neste instante a tua própria Consciência refletida fora de ti, no ar e na luz, e tomando ante teus olhos a forma familiar, sob a qual, tu, mal-educado e pouco filosófico, estás habituado a compreender-me... Mas basta que te ergas e me fites, para que
1140 esta imagem resplandecente de todo se desvaneça.

E ainda eu não levantara os olhos — já tudo desaparecera!
Então, transportado como perante uma evidência do Sobrenatural, atirei as mãos ao Céu e bradei:

— Oh meu Senhor Jesus, Deus e filho de Deus, que te encarnaste e padeceste por nós...

Mas emudeci... Aquela inefável Voz ressoava ainda em minha alma, mostrando-me a *inutilidade da hipocrisia*. Consultei a minha consciência, que reentrara dentro de mim — e bem certo de não acreditar que Jesus fosse filho de Deus e duma mulher casada de Galileia (como Hércules era filho de Júpiter e duma mulher casada da Argólida) — cuspi dos meus lábios, tornados para sempre verdadeiros, o resto inútil da oração.

Ao outro dia, casualmente, entrei no jardim de S. Pedro de Alcântara — sítio que não pisara desde os meus anos de Latim. E mal dera alguns passos, entre os canteiros, encontrei o meu antigo Crispim, filho de Teles, Crispim & C.^a, com fábrica de fiação à Pampulha — camarada que não avistara desde o meu grau de bacharel. Era este o louro Crispim, que outrora no Colégio dos Isidoros me dava beijos vorazes no corredor e me escrevia à noite bilhetinhos prometendo-me caixas com penas de aço. Crispim velho morrera: Teles, rico e obeso, passara a Visconde de S. Teles: e este meu Crispim agora era a Firma.

Trocado um ruidoso abraço, Crispim & C.^a notou pensativamente que eu estava «muitíssimo feio». Depois invejou a minha jornada à Terra Santa (que ele soubera pelo *Jornal das Novidades*) e aludiu, com amigável regozijo, à «grossa maquia que me devia ter deixado a Sr.^a D. Patrocínio das Neves...»

Amargamente mostrei-lhe as minhas botas cambadas. Parámos num banco, junto duma trepadeira de rosas; e aí, no silêncio e no perfume, narrei a camisa funesta da Mary, a Relíquia no seu embrulho, o desastre no oratório, o óculo, o meu quarto miserável na travessa da Palha...

— De modo, Crispinzinho da minha alma, que aqui me encontro sem pão!

1156: *No texto-base*: Teles Crispim & C.^a,

1175 Crispim & C.^a, impressionado, torcendo os bigodes louros, murmurou que em Portugal, graças à Carta e à Religião, todo o mundo tinha uma fatia de pão: o que a alguns faltava era o queijo.

— Ora o queijo dou-to eu, meu velho! Ajuntou alegremente a Firma, atirando-me uma palmada ao joelho. Um dos empregados do escritório lá na Pampulha começou a fazer versos, a meter-se com atrizes... E muito republicano, achincalhando as coisas santas... Enfim, um horror, desembarcei-me dele! Ora tu tinhas boa letra. Uma conta de somar sempre saberás fazer... Lá está a carteira do homem, vai lá, são vinte e cinco mil réis, sempre é o queijo!...

1185 Com duas lágrimas a tremerem-me nas pestanas, abracei a Firma. Crispim & C.^a murmurou outra vez, com uma careta de quem sente um gosto azedo:

— Irra! Que estás muitíssimo feio!

1190 Comecei então a servir com desvelo a fábrica de fiação à Pampulha: e todos os dias à carteira, com mangas de lustrina, copiava cartas na minha letra de belas curvas e alinhava algarismos num vasto *Livro de Caixa*... A Firma ensinara-me a «regra de três», e outras habilidades. E, como de sementes trazidas por um vento casual a um torrão desaproveitado, rompem inesperadamente plantas úteis que prosperam — das lições da Firma brotaram, na minha inculta natureza de bacharel em Leis, aptidões consideráveis para o negócio da fiação. Já a Firma dizia, compenetrada, na Assembleia do Carmo:

1200 — Lá o meu Raposo, apesar de Coimbra e dos compêndios que lhe meteram no caco, tem dedo para as coisas sérias!

Ora num sábado de agosto, à tarde, quando eu ia fechar o *Livro de Caixa*, Crispim & C.^a parou diante da minha carteira, risonho e acendendo o charuto:

1205 — Ouve lá, ó Raposão, tu a que missa costumias ir?

Silenciosamente, tirei a minha manga de lustrina.

— Eu pergunto isto, ajuntou logo a Firma, porque amanhã vou com minha irmã à Outra Banda, a uma quinta nossa, à Ribeira. Ora se tu não estás muito apegado a outra missa, vinhas à de Santos, às nove, íamos almoçar ao *Hotel Central*, e embarcávamos de lá para Cacilhas. Estou com vontade que conheças minha irmã!...

1215 Crispim & C.^a era um cavalheiro religioso que considerava a religião indispensável à sua saúde, à sua prosperidade comercial, e à boa ordem do país. Visitava com sinceridade o Senhor dos Passos da Graça, e pertencia à Irmandade de S. José. O empregado, cuja carteira eu ocupava, tornara-se-lhe sobretudo intolerável por escrever no *Futuro*, gazeta republicana, folhetins louvando Renan e ultrajando a Eucaristia. Eu ia dizer a Crispim & C.^a que
1220 estava tão apegado à missa da Conceição Nova, que outra não me podia saber bem... Mas lembrei a Voz austera e salutar da travessa da Palha! Recalquei a mentira beata que já me sujava os lábios — e disse, muito pálido e muito firme:

— Olha, Crispim, eu nunca vou à missa... Tudo isso são
1225 patranhas... Eu não posso acreditar que o corpo de Deus esteja todos os domingos num pedaço de hóstia feita de farinha. Deus não tem corpo, nunca teve... Tudo isso são idolatrias, são carolices... Digo-te isto rasgadamente... Podes fazer agora comigo o que quiseres. Paciência!

1230 A Firma considerou-me um momento mordendo o beijo:
— Pois olha, Raposo, calha-me essa franqueza!... Eu gosto de gente lisa... O outro velhaco, que estava aí a essa carteira, diante de mim dizia: «Grande homem, o Papa!» E depois ia para os botequins e punha o Santo Padre de rastos... Pois acabou-se!
1235 Não tens religião, mas tens cavalheirismo... Em todo o caso, às dez no *Central* para o almocinho, e à vela depois para a Ribeira!

Assim eu conheci a irmã da Firma. Chamava-se D. Jesuína, tinha 32 anos e era zarolha. Mas, desde esse domingo de rio e de campo, a riqueza dos seus cabelos ruivos como os de Eva, o
1240 seu peito sólido e suculento, a sua pele cor de maçã madura, o riso são dos seus dentes claros — tornavam-me pensativo, quando à tardinha, com o meu charuto, eu recolhia à Baixa pelo Aterro, olhando os mastros das faluas...

Fora educada nas Salésias: sabia Geografia e todos os rios da
1245 China, sabia História e todos os Reis de França; e chamava-me Teodorico-Coração-de-Leão, por eu ter ido à Palestina. Aos domingos agora eu jantava na Pampulha: D. Jesuína fazia um prato de ovos queimados: e o seu olho vesgo pousava, com incessante agrado, na minha face potente e barbuda de Raposo. Uma tarde
1250 ao café, Crispim & C.^a louvou a Família Real, a sua moderação

constitucional, a graça caridosa da Rainha. Depois descemos ao jardim: e andando D. Jesuína a regar, e eu ao lado enrolando um cigarro, suspirei e murmurei junto ao seu ombro: «V. Ex.^a, D. Jesuína, é que estava a calhar para Rainha, se cá o Raposinho fosse Rei!» Ela, corando, deu-me a última rosa do verão.

Em véspera de Natal, Crispim & C.^a chegou à minha carteira, pousou galhofeiramente o chapéu sobre a página do *Livro de Caixa* que eu enegrecia de cifras, e cruzando os braços, com um riso de lealdade e de estima:

— Então com que, Rainha, se o Raposinho fosse Rei?... Ora diga lá o Sr. Raposo. Há aí dentro desse peito amor verdadeiro à mana Jesuína?

Crispim & C.^a admirava a paixão e o ideal. Eu ia já dizer que adorava a Sr.^a D. Jesuína como a uma estrela remota... Mas recordei a Voz altiva e pura da travessa da Palha! Recalquei a mentira sentimental que já me enlanguescia o lábio — e disse corajosamente:

— Amor, amor, não... Mas acho-a um belo mulherão: gosto-lhe muito do dote; e havia de ser um bom marido.

— Dá cá essa mão honrada! Gritou a Firma.

Casei. Sou pai. Tenho carruagem, a consideração do meu bairro, a Comenda de Cristo. E o Dr. Margaride, que janta comigo todos os domingos, de casaca, afirma que o Estado, pela minha ilustração, as minhas consideráveis viagens e o meu patriotismo — me deve o título de Barão do *Mosteiro*. Porque eu comprei o *Mosteiro*. O digno magistrado uma tarde, à mesa, anunciou que o horrendo Negrão, desejando arredondar as suas propriedades em Torres, decidira vender o velho solar dos condes de Landoso.

— Ora aquelas árvores, Teodorico — lembrou o benemérito homem — deram sombra à senhora sua mamã. Direi mais: as mesmas sombras cobriram seu respeitabilíssimo pai, Teodorico!... Eu por mim, se tivesse a honra de ser um Raposo, não me continha, comprava o *Mosteiro*, erguia lá um torreão com ameias!

1273: *No texto-base: domingos de*

1285 Crispim & C.^a disse, pousando o copo:

— Compra, é coisa de família, fica-te bem.

E, numa véspera de Páscoa, assinei no cartório do Justino, com o procurador do Negrão, a escritura que me tornava enfim, depois de tantas esperanças e de tantos desalentos, o senhor do *Mosteiro!*

1290 — Que faz agora esse maroto desse Negrão? Indaguei eu do bom Justino, apenas saiu o agente do sórdido sacerdote.

O dileto e fiel amigo deu estalinhos nos dedos. O Negrão pechinchava! Herdara tudo do padre Casimiro, que lá tinha o seu corpo no Alto de S. João e a sua alma no seio de Deus. E agora
1295 era o íntimo do padre Pinheiro que não tinha herdeiros, e que ele levava para Torres, «para o curar». O pobre Pinheiro lá andava, mais chupado, empanturrando-se com os tremendos jantares do Negrão, deitando a língua de fora diante de cada espelho. E não durava, coitado! De sorte que o Negrão vinha a reunir (com
1300 exceção do que fora para o Senhor dos Passos, que não podia tornar a morrer, esse!) o melhor da fortuna de G. Godinho.

Eu rosnei, pálido:

— Que besta!

1305 — Chame-lhe besta, amiguinho!... Tem carruagem, tem casa em Lisboa, tomou a Adélia por conta...

— Que Adélia?

— Uma de boas carnes, que esteve com o Eleutério... Depois esteve muito em segredo com um basbaque, um bacharel, não sei quem...

1310 — Sei eu.

— Pois essa! Tem-na por conta o Negrão, com luxo, tapete na escada, cortinas de damasco, tudo... E está mais gordo. Vi-o ontem, vinha de pregar... Pelo menos disse-me que «saía de S. Roque esfalfado de dizer amabilidades a um diabo dum Santo!»
1315 Que o Negrão às vezes é engraçado. E tem bons amigos, lábia, influência em Torres... Ainda o vemos Bispo!

Recolhi à minha família, pensativo. Tudo o que eu esperara e amara (até a Adélia!) o possuía agora legitimamente o horrendo Negrão!... Perda pavorosa! E que não proviera da troca dos meus
1320 embrulhos, nem dos erros da minha hipocrisia.

Agora, pai, comendador, proprietário, eu tinha uma compreensão mais positiva da vida: e sentia bem que fora esbulhado

dos contos de G. Godinho simplesmente por me ter faltado no oratório da titi a coragem de afirmar!

1325 Sim! Quando em vez duma Coroa de Martúrio aparecera, sobre o altar da titi, uma camisa de pecado — eu deveria ter gritado, com segurança: «Eis aí a Relíquia! Quis fazer a surpresa... Não é a Coroa de Espinhos. É melhor! É a camisa de Santa Maria Madalena!... Deu-ma ela no deserto...»

1330 E logo o provava com esse papel, escrito em letra perfeita: *Ao meu portuguesinho valente, pelo muito que gozámos...* Era essa a carta em que a Santa me ofertava a sua camisa. Lá brilhavam as suas iniciais — *M. M.*! Lá destacava essa clara, evidente confissão — *o muito que gozámos*: o muito que eu gozara em mandar à
1335 Santa as minhas orações para o Céu, o muito que a santa gozara no Céu em receber as minhas orações!

E quem o duvidaria? Não mostram os santos Missionários de Braga, nos seus sermões, bilhetes remetidos do Céu pela Virgem Maria, sem selo? E não garante a *Nação* a divina autenticidade dessas missivas, que têm nas dobras a fragrância do
1340 paraíso? Os dois sacerdotes, Negrão e Pinheiro, cônscios do seu dever, e na sua natural sofreguidão de procurar esteios para a Fé oscilante — aclamariam logo na camisa, na carta e nas iniciais um miraculoso triunfo da Igreja! A tia Patrocínio cairia sobre o meu
1345 peito, chamando-me «seu filho e seu herdeiro». E eis-me rico! Eis-me beatificado! O meu retrato seria pendurado na sacristia da Sé. O Papa enviar-me-ia uma Bênção Apostólica, pelos fios do telégrafo.

Assim ficavam saciadas as minhas ambições sociais. E quem sabe? Bem poderiam ficar também satisfeitas as ambições inte-
1350 lectuais que me pegara o douto Topsisus. Porque talvez a Ciência, invejosa do triunfo da Fé, reclamasse para si esta camisa de Maria de Magdala como documento arqueológico... Ela poderia alumiar escuros pontos na História dos Costumes contemporâneos do Novo Testamento — o feitio das camisas na Judeia no primeiro
1355 século, o estado industrial das rendas da Síria sob a administração romana, a maneira de abainhar entre as raças semíticas... Eu surgiria, na consideração da Europa, igual aos Champollions, aos Topsisus, aos Lepsius, e outros sagazes ressuscitadores de Passado. A Academia logo gritaria: «A mim, o Raposol!» Renan, esse here-
1360 siarca sentimental, murmuraria: «Que suave colega, o Raposol!» Sem

demora se escreveriam sobre a camisa da Mary sábios, ponderosos livros em alemão, com mapas da minha romagem em Galileia... E eis-me aí benquisto pela Igreja, celebrado pelas Universidades, com o meu cantinho certo na Bem-Aventura, a minha página
1365 retida na História, começando a engordar pacificamente dentro dos contos de G. Godinho!

E tudo isto perdera! Porquê? Porque houve um momento em que me faltou esse *descarado heroísmo de afirmar*, que, batendo na Terra com pé forte, ou palidamente elevando os olhos ao Céu — cria,
1370 através da universal ilusão, Ciências e Religiões.

Notas bibliográficas

Eça de Queirós (1845-1900)

- 1845 25 de novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de dezembro: é batizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).
- 1867 Diretor do *Distrito de Évora*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*.
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egito e à Palestina, com abundante recolha de notas de viagem, posteriormente publicadas no *Diário de Notícias* (1870), em *O Egito. Notas de viagem* (1926), no *Almanaque das Senhoras para 1872* (1871) e nas *Folhas Soltas* (1966).
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'O *Mistério da Estrada de Sintra* (em coautoria com Ramalho Ortigão), onde reaparece Carlos Fradique Mendes. «Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» em *República — Jornal da Democracia Portuguesa*.
- 1871 Início da publicação d'*As Farpas* (em coautoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*.
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas Espanholas (Cuba).
- 1874 Publica o conto «Singularidades de Uma Rapariga Loura», no *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Parte para Newcastle (dezembro).
- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.ª versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.

- 1876 Publica a 2.^a versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*.
- 1877 Concede e comunica ao editor o projeto das «Cenas da Vida Real», também designadas «Crónica do Vício», «Crónicas da Vida Sentimental», «Cenas Portuguesas» e «Cenas da Vida Portuguesa».
- 1878 Publicação d'*O Primo Basílio* (1.^a e 2.^a edições). Possível redação d'«A Batalha do Caia» e de «Um Dia de Chuva». Publica «Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)» n'*A Renascença*. Transferência para o consulado de Bristol.
- 1880 Inicia-se a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de julho) do Rio de Janeiro. Publicação da terceira versão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.^a edição em livro), com uma nota introdutória, d'*O Mandarim* e dos contos «Um Poeta Lírico» e «No Moinho» (ambos em *O Atlântico*).
- 1882 Interrompe a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de outubro).
- 1883 Escreve [«Testamento de Mecenas»], que não conclui. Em julho, vende a edição d'*Os Maias* a Chardron por um conto de réis.
- 1884 Publicação d'«A Inglaterra e a França Julgadas por Um Inglês» na revista *A Ilustração*. Carta de Eça ao conde de Ficalho, a 4 de setembro, em que afirma estar a trabalhar n'*A Relíquia*.
- 1885 Contribui com «Festa de Crianças» para *Beja-Creche*. Publicação de «Outro Amável Milagre» (in *Um Feixe de Penas*) de «Uma Carta sobre Victor Hugo (carta ao diretor da *Ilustração*)». Cartas sobre a escrita d'*A Relíquia*: a 15 de junho, ao conde de Ficalho; a 18 de julho, a Mariano Pina.
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona. Carta-prefácio a *O Brasileiro Soares* de Luís de Magalhães, carta ao diretor do jornal *A Província*, a 20 de maio de 1886, e carta-prefácio a *Azulejos* do conde de Arnoso.
- 1887 Início da publicação d'*A Relíquia*, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, a 24 de abril (termina a 10 de junho); alguns dias depois, o romance é posto à venda em Portugal. O *Almanaque das Senhoras Portuenses* inclui «A Vida». «Mr. Cumberland» sai no jornal *A Província*. Data provável de [«O Francesismo»], que ficou inédito.
- 1888 Publicação d'*Os Maias* em livro, antecedida e seguida por excertos em jornais e revistas, e ainda nos jornais *Cidade do Rio* e *A Província de São Paulo*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Notícias* e começa a publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (na *Gazeta de Notícias* e n'*O Repórter*). Publica «A Europa» n'*O Repórter* e [«A Partilha da Dor»] em *Lisboa-Porto*. Carta de Eça a Mariano

- Pina, n.º *Repórter* de 27 de abril (depois transcrita n.º *A Ilustração*, a 20 de maio), sobre o prémio da Academia, não concedido ao romance *A Relíquia*. Eça muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a *Revista de Portugal*. Reinicia-se, nessa revista, a publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes*. Sai o volume *Aquarelas* de João Dinis, com um prefácio de Eça. Publica n.º *O Tempo*, anonimamente, «Os Vencidos da Vida».
- 1890 Carta de Fradique Mendes a Ramalho Ortigão n.º *A Ilustração*, vol. VII, 7.º ano, n.º 16, de 20 de agosto.
- 1890-1891 Publicação (dois volumes) d'*Uma Campanha Alegre*, com a colaboração d'*As Farpas*.
- 1891 Segunda edição d'*A Relíquia*. No volume de solidariedade *Anátema* é publicado «Fraternidade».
- 1892 Termina a *Revista de Portugal*. Início da última fase da colaboração na *Gazeta de Notícias* (18 de janeiro); aí publica «Colombo e o seu centenário» e «O Caminho de Ferro de Jerusalém», sob o pseudónimo «João Gomes».
- 1893 Publicação de «Positivismo e Idealismo» e de «Tema para Versos I e II» (ambos na *Gazeta de Notícias*); o segundo será postumamente intitulado «A Aia» (*Contos*).
- 1894 Publicação d'«As Histórias»: «O Tesouro» e «Frei Genebro» (ambos na *Gazeta de Notícias*). Terceira edição d'*O Mistério da Estrada de Sintra*, com carta-prefácio da segunda edição.
- 1895 Publica um texto sem título na homenagem *Os de Paris a João de Deus*. Escreve «Um Novo Plano de Almanques» e o prefácio ao *Almanaque Enciclopédico para 1896*. Possível redação de «Engelberto». Publicação do conto «O Defunto» (na *Gazeta de Notícias*).
- 1896 «Um Génio Que Era Um Santo», em *Antero de Quental: In Memoriam*. Conto: «Adão e Eva no Paraíso» (no *Almanaque Enciclopédico para 1897*).
- 1897 Termina a colaboração na *Gazeta de Notícias* (20 de setembro). Contos: «A Perfeição» e «José Matias» (ambos na *Revista Moderna*). Início (novembro) da publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires*, na *Revista Moderna*. É publicada a «Crónica. Carta a Bento», também na *Revista Moderna* (Paris, 1897, ano 1.º, vol. I, n.º 3).
- 1898 O número de homenagem *A Duse* insere um texto de Eça, sem título. Publicação do conto «O Suave Milagre» na *Revista Moderna*.

- 1899 Fim (março) da publicação da *Revista Moderna* e interrupção d'*A Ilustre Casa de Ramires*.
- 1900 16 de agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e d'*A Ilustre Casa de Ramires*.
- 1901 Publicação d'*A Cidade e as Serras*.
- 1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).
- 1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e de *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1925 Publicação de *Correspondência*, de *Alves & C.^a*, d'*O Conde de Abranbos. Notas Biográficas por Z. Zagallo e A Catástrofe* e d'*A Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1926 Publicação d'*O Egipto. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho), incluindo «Um Dia de Chuva» e «Enghelberto».
- 1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria d'Eça de Queirós).
- 1973 Publicação de *Versos* de Carlos Fradique Mendes (recolha, prefácio e notas de Pedro da Silveira. Lisboa: Edições 70).
- 1980 Publicação d'*A Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).
- 1982 Publicação de *Philidor* (ed. de Pedro da Silveira), de Joseph Bouchardy, em tradução de Eça.

- 1983 Publicação de *Correspondência* (2 vols., ed. de Guilherme de Castilho).
- 1985 Publicação de textos de Carlos Fradique Mendes por Joel Serrão (*O Primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985).
- 1989 Publicação de materiais do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*, por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro.
- 1992 Publicação d'*A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).
- 1993 Publicação d'*O Mandarin* (ed. crítica por Beatriz Berrini).
- 1994 Publicação de *Alves & C.^a* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).
- 1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI (da «Revista de Portugal»)* (ed. crítica por Maria Helena Santana).
- 1999 Publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2000 Publicação d'*O Crime do Padre Amaro* (2.^a e 3.^a versões; ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2002 Publicação de *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)* (ed. crítica por Elza Miné e Neuma Cavalcante).
- 2003 Publicação de *Contos II* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik).
- 2004 Publicação de *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)* (ed. crítica por Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho).
- 2005 Publicação de *Textos de Imprensa V (da «Revista Moderna»)* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2007 Publicação d'*As Minas de Salomão* (ed. crítica por Alan Freeland).
- 2009 Publicação de *Contos I* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik) e de *Cartas Públicas* (ed. crítica por Ana Teresa Peixinho).
- 2011 Publicação de *Almanaques e Outros Dispersos* (ed. crítica por Irene Fialho).
- 2014 Publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (ed. crítica por Carlos Reis, Irene Fialho e Maria João Simões).
- 2015 Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra. Cartas ao «Diário de Notícias»* (ed. crítica por Ana Luísa Vilela).

- 2017 Publicação d'*Os Maias. Episódios da Vida Romântica* (ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2019 Publicação de *Textos de Imprensa II (do «Distrito de Évora»)* (ed. crítica por Ana Teresa Peixinho).
- 2021 Publicação de *Philidor* (ed. crítica por Kathryn Bishop-Sanchez).

Carlos Reis (Angra do Heroísmo, 1950) é professor catedrático jubilado da Universidade de Coimbra e autor d’*O Discurso Ideológico do Neorealismo Português* (1983; tese de doutoramento), bem como de vários livros, com destaque, no domínio dos estudos queirosianos, para os seguintes: *Estatuto e Perspetivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós* (1975), *Introdução à Leitura d’Os Maias* (1978), *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* (1989, com Maria do Rosário Milheiro), *Eça de Queirós Consul de Portugal à Paris (1888-1900)* (1997), *Estudos Queirosianos. Ensaio sobre Eça de Queirós e a Sua Obra* (1999), *O Essencial sobre Eça de Queirós* (2000) e *Eça de Queirós* (2009). Preparou, com Maria do Rosário Cunha, a edição crítica d’*O Crime do Padre Amaro* (2000) e a d’*Os Maias* (2017), com Ana Teresa Peixinho, a edição crítica de *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)* (2004) e com Irene Fialho e Maria João Simões a edição crítica d’*A Correspondência de Fradique Mendes* (2014). Presidiu à Comissão Nacional do Centenário da Morte de Eça de Queirós, foi diretor da Biblioteca Nacional (1998-2002), presidente da Associação Internacional de Lusitanistas (1999-2002), reitor da Universidade Aberta (2006-2011) e presidente da European Association of Distance Teaching Universities (2010-2011). Dirigiu a *História Crítica da Literatura Portuguesa* (9 vols.; 1994-2015); coordena o *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa* (<http://dp.uc.pt/>) e a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Em 2019 foi-lhe atribuído o Prémio Eduardo Lourenço e em 2020 o Prémio Vergílio Ferreira.

Maria Eduarda Borges dos Santos (Lourenço Marques, 1959) concluiu o doutoramento em Literatura Portuguesa na Faculdade de Filologia Moderna da Universidade de Salamanca, com a tese *Da Identidade Feminina na Ficção Portuguesa de Oitocentos: Voz(es) de Mulher, Perspetiva(s) de Autor* (2012). É professora coordenadora do Instituto Politécnico de Castelo Branco — Escola Superior de Educação, onde tem lecionado, entre outras, unidades curriculares de Literatura Portuguesa, Português Língua Estrangeira, Temas de Cultura dos Países Lusófonos e Língua e Cultura Francesas. Integra o Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 2013. Autora do livro *Do Diálogo ao Dialogismo na Obra de Camilo Castelo Branco* (1999), colaborou na *História da Literatura Portuguesa* (Alfa, vol. 5) e na *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (Verbo). Tem apresentado comunicações em encontros e em congressos nacionais e internacionais e publicado artigos em diversas revistas de especialidade e em atas de congressos.

O romance *A Relíquia*, publicado pela primeira vez em 1887, ocupa um lugar singular na produção literária queirosiana. Estamos perante uma obra que se situa na linha da literatura e do pensamento anticlericais, muito férteis no século XIX, e que diretamente se relaciona com as resistências e com as contradições que a laicização da vida pública portuguesa enfrentou, desde o advento do Liberalismo. Por isso, a história do texto, no caso d' *A Relíquia*, não pode deixar de contemplar esta que é uma questão com larga tradição na cultura portuguesa.

O relato em que Eça quis pôr «o manto diáfano da Fantasia» sobre «a nudez forte da Verdade» tem uma outra história, esta de carácter pessoal. Liga-se ela à experiência do escritor como viajante e à digressão que, ainda jovem, fez por terras do Egito e da Palestina. Muito do que ficou dessa jornada está projetado no texto d' *A Relíquia* e em abundantes e quase sempre saborosas notas de viagem, muitas delas deixadas inéditas. Na época, estava ainda bem viva uma sensibilidade romântica que não resistia ao forte apelo das origens do Cristianismo, nos lugares exóticos que foram o seu berço. Eça não desprezou esse apelo.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

